



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

ROBERTA RANGEL BATISTA

**COMUNIDADE BRASILEIRA EM BERLIM:
ANÁLISE DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS ENTRE IMIGRANTES**

VITÓRIA, ES

2019

ROBERTA RANGEL BATISTA

COMUNIDADE BRASILEIRA EM BERLIM:
ANÁLISE DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS ENTRE IMIGRANTES

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mariana Bonomo.

VITÓRIA, ES

2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

R196c Rangel Batista, Roberta, 1989-
Comunidade brasileira em Berlim : análise dos processos
identitários entre imigrantes / Roberta Rangel Batista. - 2019.
300 f. : il.

Orientadora: Mariana Bonomo.
Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Berlim. 2. Brasil. 3. Brasileiros. 4. Brasilidade. 5.
Identidade Social. 6. Migração. I. Bonomo, Mariana. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

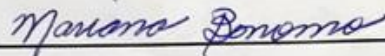
CDU: 159.9

**COMUNIDADE BRASILEIRA EM BERLIM:
ANÁLISE DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS ENTRE IMIGRANTES
BRASILEIROS**

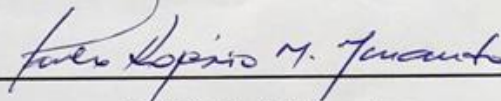
ROBERTA RANGEL BATISTA

Tese submetida ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

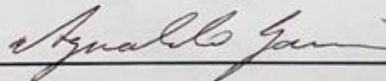
Tese defendida e aprovada em: 29 de maio de 2019, por:



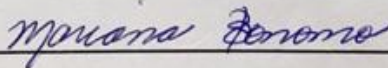
Prof. Dra. Mariana Bonomo
Orientadora
Universidade Federal do Espírito Santo



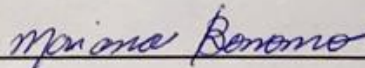
Prof. Dr. Paulo Menandro
Membro interno
Universidade Federal do Espírito Santo



Prof. Dr. Agnaldo Garcia
Membro interno
Universidade Federal do Espírito Santo



Prof. Dra. Fatima Maria Leite Cruz
Membro externo
Universidade Federal do Pernambuco



Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento
Membro externo
Universidade Federal de Minas Gerais

A todas e todos aqueles que
acreditam em seus sonhos

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À minha orientadora, mentora e amiga, Prof^a Mariana Bonomo, agradeço pela confiança, paciência e dedicação à minha formação como pesquisadora e docente. Agradeço pela presença sempre cuidadosa, gentil e sensível que fizeram de mim uma grande privilegiada durante os anos de Mestrado e Doutorado.

À melhor orientadora que eu poderia ter, agradeço por todo investimento de tempo e cuidado em viabilizar a construção deste trabalho exatamente nos moldes que sempre desejei. Obrigada por segurar a minha mão nos vários momentos de luta e obrigada por também celebrar comigo nos momentos de alegria.

Obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditei. Tenho muito carinho por toda a nossa história, Mari.

Agradeço ainda, de maneira especial, ao NEPIS, grupo que tenho muito orgulho em pertencer e que com toda a sua singularidade, presteza e carinho me acolhe, dividindo as angustias e as alegrias de ser pesquisadora. À *Isabele Eleotério, Lorena Schettino, Greycy Andrade, Pedro Souza e Julia Brasil* o meu muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

À minha família tão amada, que sempre esteve presente em todos os momentos, me dando o suporte e o carinho sempre que mais precisei. *Mãe, Isa, Artur, vó, vô e Twingue*, vocês são tudo para mim. Sem vocês, eu não conseguiria nada nessa vida.

Special gratitude to my supervisor in *Humboldt Universität zu Berlin*, *Professor Magdalena Nowicka*, for welcomed me in the city. Thank you really much for the ideas and many references that also construct this Thesis.

An *Stefan Lindemann* für die Geduld, die theoretischen Diskussionen und die Sorgfalt in Berlin. Vielen Dank für alles, was du getan haben, damit ich mich an der *Humboldt Uni* wie zu Hause fühle, insbesondere an der Bibliothek. Vielen Dank für die vielen Tage, an denen du das Gefühl hatten, ich könnte der beste Wissenschaftlerin an der Welt sein. Vielen Dank, dass du mein bester Tander Partner bist!

Ao *Login Berlin*, minha família berlinense de alma e coração. *Lou, Nastja, Alê, Nana, Vitinho, Thi, Fê, Ju, Gi, Tha, Gisela, Adri, Pa e Guto* obrigada, muito obrigada, por terem feito de Berlin a minha casa. Vocês fizeram o melhor ano da minha vida. Mesmo! Nenhuma descrição seria suficiente para expressar toda a minha felicidade por ter tido vocês durante aquele ano. Meus melhores amigos berlinenses, amo vocês demais! Demais!

Many thanks to my little ‘*horsies*’ from Berlin. *Nastja & Meli*, you are the best roommates I could ever have. Thank you so much for all the support, for all the fun, and especially for all the friendship we’ve built since then. I love you guys really much.

Às minhas *manas* berlinenses baianas, gaúchas e paulistas: *Lici, Leti, Fê e Bianca*. Obrigada por tudo o que vivemos juntas. Por todas as vezes que choramos e rimos da nossa vida berlinense. Ter vocês comigo fez toda a diferença.

À minha amiga *Mariane - Total Deutsch*. Minha parceira pra tudo na Alemanha, desde os primeiros dias em que cheguei. Obrigada pelo cuidado, por todas as ajudas diretas e indiretas com o visto e burocracias alemãs, pelos ensinamentos de alemão, pelos passeios, pelas festas e, acima de tudo, pela amizade. Você e *Pedro* estão guardados no meu coração para todo o sempre.

Às queridas *Livia Roberta* e *Naira Streb*, obrigada por todo o companheirismo e amizade em Berlin. Que bonito acompanhar vocês crescerem durante a minha estada na cidade. Vocês são mulheres fortes, que admiro demais.

À *Adriano* e *Marina* por dividirem comigo as inquietações de ser Doutoranda CAPES PDSE em Berlin. Obrigada pelos cafezinhos tão necessários nas cantinas da *Humboldt*.

À *GoEasy Berlin* pelo suporte com o registro de *Anmeldung*.

Vielen Dank an meine Freunde *Laru* und *Martu*, meine *boludas* von *Adalbertstraße*. *Aber natürlich!* Für all die tägliche Freude und für alle Zuneigung. Ich liebe euch.

Ao meu eterno vizinho capixaba-berlinense, *Andrezinho Duarte*, e à minha *Laurinha*, companheiros de sala de aula no IIK e de vida berlinense, obrigada pelas risadas de fazer a barriga doer. O frio de Berlin não era nada comparado à nossa felicidade.

À *Isa* e *Rafa*, meus amores IIK / DAAD. Vocês foram um suporte inestimável durante aquele inverno. Obrigada por todo o companheirismo diário e por termos formado nossa pequena familinha quando o IIK inteiro já tinha ido embora de Berlin. Guardo com muito carinho todas as memórias dos nossos dias juntos – *Unissono!*

À galera DAAD Brasil do Winterkurs 2017: *Aurea*, *Alisson*, *Carol*, *Jacque*, *Victor*, *Lucas* e *Marcelo*. Agradeço por toda a parceria nos momentos mais difíceis (de provas e mais provas) e nos momentos de alegria também. Valeu por tudo!

An *Alheem* und *Jordan* für the Freundschaft und für koreanischen Mittagessen. Das war immer super Toll!

An *Serena* für die beste Theaterprojekt der Welt.

To *Ferdi* and *Nayden* thank you for the caring friendship while I was living in Wedding.
We're the best!

A todas as instituições voltadas aos brasileiros em Berlin, em especial, à „*Brasilianische Musik in der City West*“, ao Café do Brasil, à *T-Korbefantasie*, ao Café Mori, ao Conselho de Cidadãos de Berlim, à ACIBRA, ao Fórum Brasil, ao SAJA e à *Bilingua e.V.* pela acolhida amorosa em todos os dias de coleta de dados e por ter aberto as portas para que pudesse mergulhar no universo da brasilidade em Berlim.

De volta ao Brasil, não poderia deixar de mencionar aqueles que sempre estiveram ao meu lado, fazendo da caminhada mais leve...

A *Artur* por sempre estar presente bem de perto e por me acolher nos diversos momentos em que não acreditei que seria possível. Obrigada por tudo, por sempre me incentivar e por sempre me dizer que eu seria capaz. Obrigada por não me deixar sozinha nessa e em outras caminhadas. Eu te amo.

Aos meus amigos-irmãos da Rua 8: *Alana, Dani, Hary, Zeca e Erasmo*. Obrigada por todos os anos de amizade e companheirismo e por entender todas as vezes que precisei me ausentar para me dedicar ao Doutorado. Eu amo vocês. Para sempre.

Às minhas amigas-irmãs RPG: *Thais, Amanda, Layce, Lud, Lygia e Carla*. Muito obrigada por serem ombros amigos quando precisei desabafar e por serem minha fonte de felicidade quando precisei chorar de tanto rir para espantar o stress.

Aos amigos *Rafael, Lucas, Eliza, Caíque e Fernando* minha eterna gratidão por todos os momentos juntos, que fizeram o percurso destes anos serem mais alegre.

Aos queridos amigos do *Deutsch Stammtisch Vitória*, especialmente, nas figuras de *Cristiano* e *Ricardo*. Muito obrigada por toda a parceria e por dividir comigo os amores pela língua alemã. Me orgulho muito do nosso grupo.

Aos meus alunos e à equipe querida da *Faculdade Multivix Serra* que me oportunizam a realização profissional como docente e pesquisadora, acolhendo, por muitas vezes, as demandas referentes às angustias de finalização da tese.

Ao professor *Paulo Menandro* pelas pontuações na banca de qualificação e pela presença sempre sábia e criativa.

Ao professor *Agnaldo Garcia* pelo respeito, valorização do tema e pelas contribuições na discussão sobre relacionamento interpessoal e amizade entre estrangeiros pelos corredores e salas de aula do PPGP.

A *Antônio, Carmen* e *Arin* por todo carinho em me auxiliar nas diversas documentações para a realização do Doutorado Sanduíche e por todo companheirismo diário. O nosso PPGP tem muita sorte em tê-los.

À agência brasileira de fomento CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela bolsa de Doutorado concedida.

À agência de fomento alemã DAAD (*Deutscher Akademischer Austauschdienst*), pela bolsa de Winterkurs concedida.

**„du hast gelernt was freiheit heisst
und das vergiss nie mehr“**

LISTA DE FIGURAS

ESTUDO 1: Comunidade Brasileira em Berlim: notas de uma etnografia urbana	67
Figura 1. Espaço interno da <i>Musik Schule</i>	76
Figura 2. Imagem da parede do café e sua decoração	80
Figura 3. Flyer de divulgação da bateria disponível no Café	82
Figura 4. Entrada	86
Figura 5. Porta bolsas	87
Figura 6. Pastéis, caldo de cana e coxinha	88
Figura 7. Alguns dos produtos expostos nas prateleiras do mercadinho	89
Figura 8. Venda de chinelos	90
Figura 9. Espaço onde funciona o salão de beleza, aos fundos do Mercadinho	91
Figura 10. Porta de entrada do Café Mori	92
Figura 11. Feijoada servida com farofa e freezer com bebidas servidas no café	93
Figura 12. Exemplares da “ <i>Brazine Berlin</i> ”	101
Figura 13. Cartaz de apresentação do Fórum Brasil disponível no Café do Brasil	103
Figura 14. Movimento „ <i>Berlin gegen den Putsch in Brasilien</i> “ em manifestação	104
Figura 15. Detalhes do palco, no salão principal do Fórum Brasil, onde ocorreu a palestra	106
Figura 16. <i>Pestalozzi-Fröbel-Haus</i>	114
Figura 17. Quadro de giz na sala da Turma “Pardais” com saudação de “Bom dia”	116

Figura 18. Quadro de giz demonstrando o tema da discussão na Turma “Corujas”	120
Figura 19. Cartilha informativa da Bilingua é ilustrada com bandeiras de países falantes de português	124
Figura 20. Placa indicando a entrada da biblioteca Philipp Schaeffer	127
Figura 21. Entrada da Biblioteca Philipp Schaeffer	128
Figura 22. Informativo da biblioteca sobre o projeto de leitura. A faixa preta preserva o nome da participante	129
Figura 23. A professora Ana lê para as crianças	130
Figura 24. Criança desenhando bandeira do Brasil	131
Figura 25. Cartazes de divulgação da festa disponível nas redes sociais e em estabelecimentos brasileiros	133
Figura 26. Cartão de visitas de Paula	135
Figura 27. Venda de comidas típicas	135
Figura 28. Obra de arte exposta durante a festa	136
Figura 29. Cantora brasileira Karina Buhr durante sua apresentação	137
Figura 30. Cartaz de divulgação da Festa Junina	138
Figura 31. Decoração com bandeirinhas	139
Figura 32. Localização de uma das barraquinhas de comida	140
Figura 33. Barraca do Beijo	141
Figura 34. Esquema relacional entre as categorias e os territórios, atividades e relacionamentos entre os indivíduos	154

ESTUDO 2: Imigração e dimensões identitárias entre migrantes brasileiros em Berlim	157
.....	
Figura 1. Gráfico referente ao estado civil dos participantes	161
Figura 2. Gráfico referente à escolaridade dos participantes	161
Figura 3. Descrição das autoatribuições, referentes à dimensão dos estereótipos, associadas em cada cluster relativos ao brasileiro e ao alemão	176
Figura 4. Descrição das autoatribuições, referentes à dimensão afetiva, associadas em cada cluster relativos ao brasileiro e ao alemão	179
Figura 5. Descrição das autoatribuições, referentes à dimensão dos valores psicossociais, associadas em cada cluster relativos ao brasileiro e ao alemão	181
DISCUSSÃO INTEGRADA	230
Figura 1. Esquema síntese do jogo identitário	241

LISTA DE TABELAS

Introdução	31
Tabela 01. Número de estrangeiros e de alemães de origem imigrante dentre os bairros de Berlim – (Adaptada de <i>Statistik Berlin Brandenburg</i> , 2016)	34
Tabela 2. Esquema adaptado que demonstra comportamentos para manutenção de uma autoimagem positiva a partir de diferentes crenças no sistema social	49
ESTUDO 1: Comunidade Brasileira em Berlim: notas de uma etnografia urbana	67
Tabela 1. Categorias de análise da dinâmica social vivenciada na comunidade brasileira em Berlim, segundo etnografia realizada	143
ESTUDO 2: Imigração e dimensões identitárias entre migrantes brasileiros em Berlim	157
Tabela 1. Descrição dos elementos positivos e negativos em cada dimensão, associados ao <i>brasileiro</i> e ao <i>alemão</i>	168
Tabela 2. Clusters de sujeitos em função dos estereótipos associados	171
Tabela 3. Clusters de sujeitos em função do campo afetivo associado	172
Tabela 4. Clusters de sujeitos em função dos valores psicossociais associados	173
Tabela 5. Comparação entre as autoatribuições associadas ao <i>brasileiro</i> e ao <i>alemão</i> em cada cluster na dimensão dos estereótipos	176
Tabela 6. Comparação entre as autoatribuições associadas ao <i>brasileiro</i> e ao <i>alemão</i> em cada cluster na dimensão afetiva	178
Tabela 7. Comparação entre as autoatribuições associadas ao <i>brasileiro</i> e ao <i>alemão</i> em cada cluster na dimensão dos valores psicossociais	181

Tabela 8. Comparação entre os clusters de cada dimensão para cada um dos objetos	184
Tabela 9. Comparação entre as dimensões de cada cluster com os objetos <i>brasileiro</i> e <i>alemão</i>	185
Tabela 10. Comparação entre <i>brasileiro</i> e <i>alemão</i> para cada cluster e dimensão	186
ESTUDO 3: Aquarela do Brasil: mapas mentais entre filhos de imigrantes brasileiros em Berlim	195
Tabela 1. Caracterização geral dos participantes	197
Tabela 2. Instrumento e procedimentos de coleta dos dados	198
Tabela 3. Dimensões retratadas pelas crianças associadas aos territórios Brasil e Berlim	201
Tabela 4. Imagens do brasileiro típico, segundo as crianças	210
Tabela 5. Contação de estórias sobre o Brasil e a Alemanha entre as crianças	216

SUMÁRIO

RESUMO	18
ABSTRACT	20
ZUSAMMENFASSUNG	22
APRESENTAÇÃO	24
INTRODUÇÃO	31
O fenômeno da migração e o território de Berlim	32
A cidade de Berlim	33
A comunidade brasileira em Berlim	35
Os processos culturais no fenômeno da migração	38
Referencial Teórico	43
Os níveis de análise em Psicologia Social	44
Da diferenciação intergrupala à diferenciação categorial: A Teoria da Identidade Social em sua dimensão societal	45
Da constituição do objeto de estudo	53
Brasilidade e identidade nacional	54
OBJETIVOS	61
Objetivo geral	61
Objetivos específicos	61
APRESENTAÇÃO DOS ESTUDOS	63
Análise dos riscos	66
ESTUDO 1: Comunidade Brasileira em Berlim: notas de uma etnografia urbana	67
Apresentação	68
Objetivos	68
ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	68

Fonte de dados, instrumentos e procedimentos de coleta dos dados	69
Tratamento dos dados	71
TERRITÓRIOS E VIVÊNCIAS DA BRASILIDADE EM BERLIM	72
Território 1. Escola de música: „Musik Schule” e o projeto „Brazilianische Musik in der City West“	75
Território 2: Café do Brasil	80
Território 3: T-Korbefantasie (Lanchonete e mercadinho brasileiro)	87
Território 4. Café Mori	93
Território 5. Conselho de cidadãos de Berlim	95
Território 6. Encontro de Brasileiros promovido pelo Conselho de Cidadãos de Berlim, no Café Mori	96
Território 7. Agência para Cultura e Informação Brasil-Alemanha (ACIBRA)	101
Território 8. Fórum Brasil	103
Território 9. Saja – Comunidade Espírita: (SAJA e.V. – Die Studien - und Arbeitsgruppe Joanna de Angelis)	108
Território 10. Bilingua e.V. (Verein für zwei Sprache) – Associação intercultural e escolinha de português	112
Território 11. Projeto de leitura para brasileirinhos – Biblioteca Philipp Schaeffer (Bundesweiter Vorlesetag in der Philipp-Schaeffer-Bibliothek)	127
Território 12. Festa “Mash-Brazew” (“Chega de Saudade” na Noise Fabrik Berlin)	132
Território 13. Festa junina	137
DISCUTINDO OS PILARES DA BRASILIDADE EM BERLIM	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155

ESTUDO 2: Imigração e dimensões identitárias entre migrantes brasileiros em Berlim	157
.....	
Apresentação	158
Objetivos	159
ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	160
Participantes	160
Instrumento e procedimento de coleta dos dados	162
Tratamento dos dados	164
RESULTADOS	166
Seção 1. Descrição dos campos estereotípico, afetivo e valorativo associados ao brasileiro e ao alemão	166
Seção 2. Clusterização dos campos estereotípico, afetivo e valorativo associados ao brasileiro e ao alemão	171
Seção 3. Análise dos campos afetivo, valorativo e estereotípico associados ao brasileiro e ao alemão, segundo a autoatribuição dos sujeitos	175
Seção 4. Análise comparativa entre as dimensões identitárias	183
DISCUSSÃO	187
CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
ESTUDO 3: Aquarela do Brasil: mapas mentais entre filhos de imigrantes brasileiros em Berlim	195
Apresentação	196
ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	196
Participantes	196
Instrumento e procedimento de coleta dos dados	197

Tratamento dos dados	199
RESULTADOS	200
1) Territórios e pertenças	200
2) Retratos do brasileiro	205
3) Narrativas sobre o Brasil e a Alemanha: uma viagem entre os dois territórios	215
DISCUSSÃO	220
CONSIDERAÇÕES FINAIS	228
DISCUSSÃO INTEGRADA	230
CONSIDERAÇÕES FINAIS	247
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	250
APÊNDICES	277

RESUMO

Batista, R. R. (2019). Comunidade brasileira em Berlim: análise dos processos identitários entre imigrantes brasileiros. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES.

A discussão a respeito do fenômeno identidade possibilita a compreensão sobre o modo como os indivíduos se organizam em função da estrutura social vigente e de sua pertença aos grupos sociais. Nesse contexto, o processo de migração pode ser considerado relevante ao estudo dos grupos sociais, uma vez que, possivelmente, orienta-se pela crença de mobilidade no sistema e ascensão de status dentre as categorias sociais. Entretanto, mesmo diante da crença na mobilidade social, a manutenção de uma comunidade nacional fora do país pode ser considerada uma rede de apoio importante e que visa à sustentação da pertença ao grupo nacional de origem. Como exemplo desta conjuntura, Berlim, a capital da Alemanha, é notável pela quantidade de brasileiros que lá residem e preservam a cultura do país. Considerando a definição de grupo e pertença social da Teoria da Identidade Social, a presente tese teve como objetivo analisar os processos identitários entre imigrantes pertencentes à comunidade brasileira em Berlim. Para a realização dessa tarefa, três estudos complementares foram propostos: (E1) Um primeiro estudo, de natureza etnográfica, objetivou conhecer a organização social da comunidade brasileira em Berlim, a partir da discussão de suas dimensões territoriais, sociais e de relacionamento entre os pares. Os dados foram tratados pela Análise de Conteúdo Categorical–Temática; (E2) Em um segundo estudo, pretendeu-se analisar as dimensões identitárias (cognitiva, valorativa e afetiva) entre os indivíduos pertencentes à comunidade brasileira, a partir de suas referências aos grupos *brasileiro* e *alemão*. Para tanto, foram realizadas entrevistas individuais, a partir da aplicação de um questionário estruturado, com 100 imigrantes que viviam no território. O questionário foi composto pela escala de sentimentos PANAS, pelo Questionário de Valores Psicossociais (QVP 24) e pela técnica de associação de palavras aos termos *brasileiro* e *alemão*. Os dados foram tratados pela Análise de Conteúdo Categorical, pela análise de *cluster* (com o auxílio do *software* SPAD-T), pelos testes de Kruskal-Wallis, Mann-Whitney e qui-quadrado (realizados com o recurso do Programa *Statistical Package for the Social Sciences*); E, por fim, um terceiro estudo (E3) possuiu como objetivo investigar e discutir a dinâmica de pertencimento aos grupos sociais *brasileiro* e *alemão*, através da análise de *mapas mentais* elaborados por crianças, filhas de migrantes brasileiros em Berlim. Participaram desse último estudo 12 crianças, com idades entre 06 e 12 anos. Os dados foram tratados pela Análise de Conteúdo Categorical-Temática. Os resultados encontrados demonstraram que os brasileiros entrevistados investem em uma organização de ordem comunitária, a partir de práticas que resgatam a brasilidade em diferentes dimensões, como *cultura*, *política*, *educação*, *religiosidade*, *gastronomia*, *música*, *relações de amizade* e *língua portuguesa*, configurando um esquema de relações vivenciadas dentro do próprio grupo. Neste sentido, a dimensão *afetiva* mostra-se como saliente para a manutenção da pertença ao grupo social de origem, de maneira positiva, apesar de

os indivíduos reconhecerem os *status* das diferentes posições sociais. A reafirmação da memória intergrupar manifesta-se nos *mapas* mentais elaborados pelos filhos dos imigrantes, os quais reproduzem algumas das estratégias utilizadas por seus pais para a posituação da autoimagem social do grupo de origem. Discute-se que os processos identitários entre os migrantes brasileiros em Berlim é vivenciado, inicialmente, devido a expectativas geradas por meio de representações ideológicas, regidas pelo fluxo dos padrões econômicos. Contudo, embora a busca por uma situação material mais horizontalizada no país alemão, as relações sociais com os membros do grupo do país de destino se mostram distantes, preconceituosas e frias. Diante desta dificuldade, e a partir da necessidade de proteção social, os processos identitários entre os indivíduos fortalecem-se na criatividade social e no sentido de *comunidade*. A possibilidade de resgatar suas memórias afetivas e culturais no interior da *comunidade* ressignifica os estereótipos que os posiciona em situação de minoria, oportunizando a redefinição de valores sociais, um status modificado e uma identidade social positiva.

Palavras chave: Berlim, Brasil, Brasileiros, Brasilidade, Identidade social, Migração, Psicologia Social, Teoria da Identidade Social

ABSTRACT

Batista, R.R. (2019). Brazilian community in Berlin: identity processes analysis among Brazilian immigrants. PhD Thesis, Post Graduation Psychology Program, Federal University of Espírito Santo, Vitória / ES.

The discussion about the identity phenomenon makes it possible to understand how individuals organize themselves based on the current social structure and their belonging to social groups. In this context, the migration process can be considered relevant to the study of social groups, since, it is possibly oriented by the mobility system belief and the status' rise among the social categories. However, even believing in social mobility, the maintenance of a national community outside the country can be considered as an important network support aimed at sustaining the belonging to the national group of origin. As an example of this situation, Berlin, the capital of Germany, is notable for the number of Brazilians who live there and preserve the country's culture. Considering the definition of group and social belonging at the Social Identity Theory, this thesis aimed to analyze the identity processes among immigrants belonging to the Brazilian community in Berlin. To accomplish this task, three complementary studies were proposed: (E1) A first ethnographic study aimed the description about the social organization of the Brazilian community in Berlin, based on the discussion of its territorial, social and peers relationship dimensions. The data were treated by Categorical-Thematic Content Analysis; (E2) In a second study, it was intended to analyze the identity dimensions (cognitive, evaluative and affective) among the individuals belonging to the Brazilian community, based on their references to *Brazilian* and *German* groups. In this study, individual interviews with 100 immigrants living in the territory were carried out, based on a structured questionnaire. The questionnaire contained the PANAS feelings scale, the Psychosocial Values Questionnaire (QVP 24) and the word association technique to *Brazilian* and *German* terms. The data were treated by the Categorical Content Analysis, by the cluster analysis (using the SPAD-T software), by the Kruskal-Wallis, Mann-Whitney and chi-square tests (performed using the Statistical Package for the Social Sciences); Finally, a third study (E3) aimed to investigate and discuss the dynamics of belonging to Brazilian and German social groups, through the analysis of mental maps elaborated by Brazilian migrants' children. Twelve children, aged between 6 and 12 years, participated in this last study. The data were treated by Categorical-Thematic Content Analysis. The results showed that the interviewed Brazilians invest in an organization of a community order, based on practices that rescue Brazilian culture in different dimensions, such as *culture, politics, education, religiosity, gastronomy, music, friendship* and *Portuguese language* within the group itself. The affective dimension shows itself as salient to the maintenance of belonging to the social group of origin, in a positive way, although the individuals recognize the different social positions status. The reaffirmation of the intergroup memory manifests itself in the mental maps elaborated by the immigrants' children, who reproduce some of the strategies used by their parents to maintain a positive social self-image. It is argued that identity processes among Brazilian migrants in Berlin are experienced initially due to expectations generated through ideological representations governed by the flow of economic patterns. However, although the search for a more horizontal materialist situation in the German country, the Brazilians face distant, biased and cold social relations with the destination country group members'. Faced with this difficulty, and based on the need for social protection, the identity processes among individuals are strengthened in social creativity and in the sense of community. Their affective

and cultural memories are resignified within the community practices, allowing the redefinition of social values, a modified status and a positive social identity.

Keywords: Berlin, Brazil, Brazilians, Brazilianness, Social identity, Migration, Social Psychology, Social Identity Theory

ZUSAMMENFASSUNG

Batista, R. R. (2019). *Brasilianische Gemeinde in Berlin: Analyse der Identitätsprozesse zwischen brasilianischen Einwanderern*. Doktorarbeit, Postgraduierten-Psychologie-Programm, Bundesuniversität von Espírito Santo, Vitória / ES.

Die Diskussion über das Identitätsphänomen ermöglicht es zu verstehen, wie sich Individuen auf der Grundlage der aktuellen sozialen Struktur und ihrer Zugehörigkeit zu sozialen Gruppen organisieren. In diesem Zusammenhang kann der Migrationsprozess als relevant für das Studium sozialer Gruppen betrachtet werden, da er möglicherweise an der Überzeugung des Mobilitätssystems und dem Statusanstieg unter den sozialen Kategorien orientiert ist. Selbst wenn man an soziale Mobilität glaubt, kann die Aufrechterhaltung einer nationalen Gemeinschaft außerhalb des Landes als eine wichtige Support-Netzwerk angesehen werden, die darauf abzielt, die Zugehörigkeit zu der nationalen Herkunftsgruppe aufrechtzuerhalten. Als Beispiel für diese Situation zeichnet sich Berlin, die Hauptstadt Deutschlands, durch die Zahl der Brasilianer aus, die dort leben und die Kultur des Landes erhalten. Im Hinblick auf die Definition von Gruppen- und sozialer Zugehörigkeit in der Social-Identity-Theorie sollte diese Thesis die Identitätsprozesse von Zuwanderern der brasilianischen Gemeinschaft in Berlin analysieren. Um diese Aufgabe zu erfüllen, wurden drei ergänzende Studien vorgeschlagen: (E1) Eine erste ethnographische Studie bezog sich auf die Beschreibung der sozialen Organisation der brasilianischen Gemeinde in Berlin, basierend auf der Diskussion ihrer territorialen, sozialen und Beziehungsdimensionen. Die Daten wurden durch kategorial-thematische Inhaltsanalyse behandelt. (E2) In einer zweiten Studie sollte die Identitätsdimension (kognitiv, evaluativ und affektiv) zwischen den Personen, die der brasilianischen Gemeinschaft angehören, anhand ihrer Bezüge zu *brasilianischen* und *deutschen* Gruppen analysiert werden. In dieser Studie wurden Einzelinterviews mit 100 im Gebiet lebenden Einwanderern auf der Grundlage eines strukturierten Fragebogens durchgeführt. Der Fragebogen enthielt die PANAS-Gefühlsskala, den Fragebogen für psychosoziale Werte (QVP 24) und die Wortassoziationsmethode zu *brasilianischen* und *deutschen* Begriffen. Die Daten wurden durch die kategoriale Inhaltsanalyse, durch die Clusteranalyse (unter Verwendung der SPAD-T-Software), durch die Tests Kruskal-Wallis, Mann-Whitney und Chi-Quadrat (durchgeführt unter Verwendung des *Statistical Package for Social Sciences*) behandelt. Schließlich zielte eine dritte Studie (E3) darauf ab, die Dynamik der Zugehörigkeit zu *brasilianischen* und *deutschen* sozialen Gruppen zu untersuchen und zu diskutieren, indem die von brasilianischen Migrantenkindern erarbeiteten mentalen Landkarten analysiert wurden. An dieser letzten Studie nahmen zwölf Kinder im Alter zwischen 6 und 12 Jahren teil. Die Daten wurden durch kategorial-thematische Inhaltsanalyse behandelt. Die brasilianischen Kultur in verschiedenen Dimensionen wie *Kultur*, *Politik*, *Bildung*, *Religiosität*, *Gastronomie*, *Musik*, *Freundschaft* und *Portugiesisch Sprache* ist in der Gruppe selbst erleben. Die affektive Dimension zeigt sich als positiv für die Aufrechterhaltung der Zugehörigkeit zu der sozialen Herkunftsgruppe, obwohl die Individuen den unterschiedlichen Status der sozialen Positionen erkennen. Die Bestätigung des Intergruppendenken manifestiert sich in den von den Kindern der Einwanderer ausgearbeiteten mentalen Karten, die einige der Strategien ihrer Eltern reproduzieren, um ein positives soziales Selbstbild zu erhalten. Es wird argumentiert, dass Identitätsprozesse zwischen brasilianischen Migranten in Berlin zunächst aufgrund von Erwartungen erlebt werden, die durch ideologische Repräsentationen hervorgerufen werden, die durch den Fluss wirtschaftlicher Muster bestimmt werden. Trotz der

Suche nach einer horizontaleren materialistischen Situation im deutschen Land stehen die Brasilianer mit distanzierten, voreingenommenen und kalten sozialen Beziehungen zu den Mitgliedern des deutschgruppe in Verbindung. Angesichts dieser Schwierigkeit und aufgrund des Bedarfs an sozialem Schutz werden die Identitätsprozesse zwischen Individuen in der sozialen Kreativität und im Gemeinschaftsgefühl gestärkt. Ihre affektiven und kulturellen Erinnerungen werden innerhalb der Gemeinschaftspraktiken resignifiziert und ermöglichen die Neudefinition sozialer Werte, einen veränderten Status und eine positive soziale Identität.

Schlüsselwörter: Berlin, Brasilien, Brasilianer, Brasilianisch, Soziale Identität, Migration, Sozialpsychologie, Theorie der sozialen Identität

Apresentação

A presente tese de Doutorado fundamenta-se no objetivo de discutir os processos de identidade entre imigrantes pertencentes à comunidade brasileira em Berlim, na Alemanha. Antes de introduzir o conjunto de estudos que compõem o presente trabalho, entendo ser pertinente apresentar ao leitor um panorama geral do momento em que se encontrava o Brasil no ano de 2016, período que concentrou a realização da coleta dos dados que são aqui analisados, tendo como eixo comum a reflexão sobre a vivência da brasilidade no contexto da migração internacional.

No ano de qualificação do projeto de pesquisa da presente tese, o Brasil se encontrava em um momento de tensão e conflitos de ordem política, econômica e social, que culminaram no impeachment da então Presidente da República, Dilma Rousseff. No dia 30 de agosto de 2016, aproximadamente um mês antes do início da coleta dos dados desta tese, o plenário do Senado Brasileiro aprovou o impeachment de Dilma Rousseff, por 61 votos a 20. A destituição da primeira mulher eleita presidente do Brasil, e posterior subida ao poder de seu vice, Michel Temer, polarizaram a sociedade brasileira de maneira marcante para a história do país.

Os dois lados do conflito - aqueles que defendiam a saída da então Presidente sob o argumento oficial de que ela teria cometido crime de “pedaladas fiscais” e aqueles que defendiam o argumento de que Dilma havia sofrido um golpe de Estado (em um grave crime à democracia) - eram vivenciados em um contexto de crise de diferentes ordens. Nesse contexto, a imagem do *Governo Dilma* ainda sofria várias retaliações, tendo em vista a crescente associação de sua base aliada a crimes e esquemas de corrupção investigados pela chamada “Operação Lava a Jato”.

O Brasil estava dividido ideologicamente e uma frente de oposição à ideia do golpe se fazia crescente neste momento. A crise econômica internacional que se iniciou no ano de 2015,

tornou-se ainda mais forte em 2016. Neste momento, se observa, a níveis nacionais e internacionais, um retorno de ideias conservadoras e de direita, o que levou, dentre outros conflitos, à popularização de lideranças conservadoras no país. O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro se mostrava retraído durante todo o ano, tendo encolhido 3,6%, configurando uma das mais longas recessões da história do Brasil (Banco Mundial, 2017). A retração econômica resultou no aumento do desemprego e as notícias a respeito da indignação popular tomavam as manchetes.

A desestabilização econômica, social e política no país culminaram em momentos de tensão e reflexões na sociedade a respeito do futuro do Brasil e a respeito do que seria a cultura da brasilidade, que sustenta esta instável conjuntura nacional (Da Silva & Rocha, 2018). A brasilidade se torna, então, tema relevante nas conversações cotidianas, especialmente, pelo fato de estar em pauta naquele momento, para uns, o debate sobre o que poderia ser feito para que *o país voltasse a crescer economicamente*, e, para outros, *não retroceder em relação às conquistas dos direitos fundamentais*, previstos na Constituição Brasileira.

Estudiosos da área econômica salientavam que não se via uma crise como esta desde os anos de transição entre as décadas de 1980 e 1990, época em que uma significativa parte da população brasileira emigrou. A década de 1980, na economia e história do Brasil, foi um período em que os brasileiros vivenciaram intensas transformações sócio-econômicas, resultantes de uma recessão que culminou em arrocho salarial, queda da moeda brasileira, impulsionando um intenso movimento migratório no país (Patarra, 2006; Piana, 2009). Verificou-se, nesta época, que mais de um milhão de brasileiros emigraram, especialmente para os Estados Unidos e países europeus, que se encontravam em momento de maior desenvolvimento econômico (Garcia, 2013; Soares & Rodrigues, 2005).

De volta à atualidade, embora a imagem de *território europeu desenvolvido* tenha sido afetada pela crise econômica que atingiu a Europa nos últimos 10 anos, os emigrantes nacionais continuaram a chegar em quantidade notável nestes países (*International Organization for Migration*, 2011). Dentre os principais destinos dos brasileiros na Europa, encontram-se Portugal, Reino Unido, Espanha e Alemanha (Ministério das Relações Exteriores do Brasil, 2011, 2014), este último território escolhido para o desenvolvimento dos três estudos que integram esta tese. Escolheu-se o território alemão, posto que, ao se comparar os países que mais possuem brasileiros na Europa, a Alemanha configurou-se como o território com maior taxa de crescimento em termos de recebimento de emigrantes brasileiros, apresentando aumento de 25% nos últimos 05 anos. Sua capital, Berlim, corresponde a uma das cidades mais populosas e com maior número de pessoas com nacionalidade estrangeira no país (*Statistik Berlin Brandenburg*, 2015).

Desde que estive em Berlim pela primeira vez, em 2009, pude perceber como o fenômeno migratório integrava de maneira saliente os contornos do território e do povo daquela cidade. Retornei a Berlim em 2015, desta vez para uma temporada mais longa (3 meses), e a vida aos arredores da *Karl-Marx-Straße*, no bairro *Neukölln*, ao sul de Berlim, era agitada e dava sinais da influência turca em vários dos seus estabelecimentos comerciais. Além dos vizinhos turcos, a casa em que vivia era envolta por comunidades sírias, norte-americanas, brasileiras e polonesas e, mergulhada neste caldeirão cultural, percebo que era possível dar a volta ao mundo em um só lugar.

Em cada esquina se notava um restaurante de comida estrangeira, se viam espalhados pela cidade centenas de cartazes de festas multiculturais e, em um único vagão de metrô (ou *U-Bahn*), por vezes, era possível ouvir mais de 05 idiomas ao mesmo tempo. Ao visitar estas

memórias, me recordo também da conversa de João Ubaldo Ribeiro¹ com seu amigo Dieter, a respeito da salada cultural que é Berlim, a qual nada se parece com aquela Alemanha dos chucrutes e danças típicas: “Berlim não é Alemanha. Isto aqui não tem nada a ver com Alemanha”. É, eu até concordo com Dieter, talvez Berlim não seja mesmo a Alemanha. Mas, de certo, está longe de ser Brasil, pelo menos à primeira vista.

Durante o ano de 2016, ano difícil para os brasileiros, fiz a primeira parada - a serviço desta tese - na cidade de Berlim. Era a primeira vez que via Berlim com um pouco de sol e, quiçá, com pessoas sorridentes pela rua. É engraçado ver como os alemães, *povo sombrio, sem graça, fechado*, nas palavras de João Ubaldo, parecem ser outro povo diante do sol. E assim, é também para os brasileiros que ali residem. O sol traz outra conjuntura à cidade e muitos ficam até mesmo um pouco mais no estilo *deixa a vida me levar*², deitados nas gramas dos inúmeros parques da cidade.

Entretanto, o sol passa, a pequenina sensação de *pá tropi*³ também, e logo Berlim se torna cinza de novo, com uma escuridão que se prolonga pela maior parte do ano. Os brasileiros que encontrei sempre me perguntavam sobre o que estava achando *do clima horroroso* e pontuavam não somente a frieza do vento frio e da neve, mas também a dos alemães.

Interessante notar que durante todas as vezes que estive em Berlim, a sensação era a mesma: Berlim pode não ser Alemanha, mas, também não é Brasil. Contudo, é aqui, independentemente do clima ou da confusão linguística diante da dificuldade em se aprender a língua alemã, que a brasilidade também é vivenciada, sentida e compartilhada. É aqui, neste pano de fundo frio e congelante, que o sangue quente brasileiro esbarra nas relações sociais mais

¹Escritor, autor do livro “Um brasileiro em Berlim”. Referência: Ribeiro, J. U. (2011). *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

² Referência à música de Zeca Pagodinho “Deixa a vida me levar”.

³ Referência à música de Jorge Bem “País Tropical”.

distantes e encontra abrigo, posteriormente, no café ou churrasco com os amigos compatriotas, no templo religioso que se reúne ao som apenas do português ou nas escolinhas dos filhos, onde se compartilha a angústia de ser mãe e pai de um brasileirinho fora do Brasil.

Para traçar um mapa da territorialidade de onde se encontram estes *abrigos da brasilidade*, o primeiro estudo que compõe esta tese possuía como objetivo a realização de uma etnografia urbana, na qual foi possível experienciar como os brasileiros em Berlim reinventam seu país de origem e constroem um *kleines Brasilien*⁴ em meio à cosmopolita capital alemã. Em seguida, um segundo estudo recupera os pressupostos da Teoria da Identidade Social e analisa as dimensões *cognitiva*, *afetiva* e *valorativa* da identidade, a partir da comparação social entre *brasileiros* e *alemães* para brasileiros imigrantes em Berlim. Neste segundo estudo, são evocados elementos que trazem uma diferenciação entre brasileiros e alemães, além de ideias que fazem referência à conjuntura política, econômica e social do ano de 2016. Os dados discutidos neste estudo demonstram que o brasileiro imigrante em Berlim recupera a ideia da existência de um brasileiro prototípico que *dá nó em pingo d'água* para sobreviver em meio às dificuldades e desigualdades sociais. Por fim, um último estudo visou à discussão dos processos identitários vivenciados pelos filhos e filhas de imigrantes brasileiros, que foi possibilitada pela análise de *mapas mentais* elaborados pelas crianças sobre os territórios Brasil e Berlim e sobre os próprios brasileiros.

Como veremos, os imigrantes brasileiros em Berlim dão vida aos seus afetos, de modo a possibilitar a continuidade da vivência da brasilidade em solo berlinense, resgatando elementos típicos e transmitindo uma herança cultural às novas gerações. A emigração de brasileiros pode orientar-se em função de um sistema de crenças, fundamentado por representações ideológicas, que hierarquizam países, legitimando desigualdades sociais e demarcando posições sociais bem

⁴Ou pequeno Brasil.

definidas (Barbosa, 1996, 2014; Brzozowski, 2012; Fazito & Rios-Neto, 2008). No entanto, para que se construa sua autoimagem social positiva, conforme princípios dos processos identitários (Tajfel, 1982, 1983), discute-se que o imigrante brasileiro se apropria de elementos que o favorece, criando uma dinâmica identitária mais positiva frente à comparação social.

O estudo dos grupos nacionais e culturais, com base na Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1983), confere à área da Psicologia Social contribuições que poderão possibilitar um avanço teórico no estudo das *identidades sociais*, uma vez que se entende a constituição dos indivíduos em função de suas inserções sociais e interações com os *outros*. O avanço teórico no estudo das *identidades sociais* possui também relevância para a Psicologia Social por conceber a importância do sistema de crenças dos indivíduos na estrutura da sociedade, cuja dinâmica pode favorecer a ação de migrar.

Acredita-se na contribuição deste trabalho para a elaboração de um conhecimento acadêmico-científico construído em uma comunidade expressiva de brasileiros, fundamentando discussões que sustentem o rearranjo de novas políticas públicas e sociais para esta população no exterior frente a situações de crise econômica, política e humanitária.

Introdução

O contexto sócio-político brasileiro

A discussão a respeito dos processos identitários entre membros de uma comunidade, que busca vivenciar a brasilidade em espaços que reproduzem e mantêm o Brasil deve ser, inicialmente, contextualizada a partir das diferentes formas de ser brasileiro. Imprescindível destacar que, ao se falar brasilidade, menciona-se um contexto composto por regionalidades e diferentes culturas que se desenvolveram a partir do próprio contexto histórico-brasileiro de acolhimento a diferentes povos imigrantes no passado.

Além de diferenças no próprio território e demografia dos Estados brasileiros, Pereira Spyrides e Andrade (2016) salientam distinções no que se refere às condições socioeconômicas e, até mesmo, nutricionais dentre as populações de cada região no Brasil. Haddad e Siqueira (2015) destacam, ainda, as diferenças existentes dentre os níveis educacionais e de alfabetização nos Estados advindos do peso das desigualdades socioeconômicas e raciais, historicamente presentes no país.

Este histórico abismo social é analisado por Barros (2019) como sendo resultado de investimentos políticos realizados em determinadas regiões em detrimento de outras, acarretada também por uma transferência de recursos, por exemplo, da região Nordeste para a Sudeste por décadas. O contexto de desigualdades, conseqüentemente, se desdobra também em diferenças político-ideológicas que são impressas nos discursos e nas escolhas partidárias que se colocam, a partir de um movimento fundamentado pelas prioridades levantadas pelas personalidades políticas (Maciel & Ventura, 2017).

Este contexto elucidada que, não apenas culturalmente, mas também social e ideologicamente, existem diversos *Brasis* que devem ser considerados ao se analisar a conjuntura dos brasileiros fora do país.

O fenômeno da migração e o território de Berlim

A cidade de Berlim

A cidade de Berlim, capital da Alemanha, é uma das 16 cidades-estados que constituem a formação deste país. Situada ao nordeste do território alemão, Berlim possui uma área de, aproximadamente, 892 mil km² e é o centro da região metropolitana Berlim-Brandenburgo (*Berlin-Brandenburg Landesredaktion*, 2014).

Berlim possui em sua composição 12 bairros (em alemão, *Bezirke*), com administração própria (*Bezirksamt*), porém vinculadas à prefeitura municipal. Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com a derrota da Alemanha nazista, e divisão de seu território dentre as forças aliadas, a Alemanha e a cidade de Berlim foram desmembradas em Leste (comunista – comandado pela antiga União Soviética) e Oeste (capitalista – comandado pelas forças aliadas entre Estados Unidos, França e Inglaterra) (Enciclopédia Britânica, 2016).

Durante a Guerra Fria, entre os anos de 1945 (com o fim da Segunda Guerra Mundial) e 1991 (com a extinção da antiga União Soviética), Berlim, que desde o império da Prússia, no século XVIII, constituía-se como a capital do território alemão, passou a ser apenas capital da então chamada Alemanha Oriental (Tscheschner, 1993). Neste período, a divisão da Alemanha compreendia de um lado a capitalista “República Federativa da Alemanha” (em alemão, *Bundesrepublik Deutschland*), ou Alemanha Ocidental, cuja capital era Bonn, e do outro, a comunista “República Democrática Alemã” (em alemão, *Deutsche Demokratische Republik*), cuja capital era Berlim.

Desde 1961 até o final da Guerra Fria em 1989, o Muro de Berlim (em alemão, *Berliner Mauer*) dividia a cidade marcando o momento pelo qual o seu território passou a pertencer aos dois países surgidos no pós-guerra (François, 2010). A sucessiva e intensa trajetória de guerras e

as divisões territoriais ocorridas em Berlim permanecem na cidade até a contemporaneidade reverberando-se, especialmente, ao se observar a maneira pela qual a cidade se organiza cultural e territorialmente (Engel, 1993).

Dados oficiais do Departamento de Estatística de Berlim (*Statistik Berlin Brandenburg*, 2015) estimam uma população total de, aproximadamente, 3,5 milhões de pessoas na cidade, o que a torna a mais populosa de toda Alemanha. Em 2015, dentre os 3,5 milhões de habitantes, Berlim possuía em sua constituição mais de 546 mil estrangeiros pertencentes a 180 nações diferentes (*Statistik Berlin Brandenburg*, 2015). Embora não se tenha o número exato de pessoas em cada uma das nacionalidades, em 2016, o Departamento de Estatística de Berlim estimava que o número de estrangeiros na cidade já ultrapassa 676 mil (*Statistik Berlin Brandenburg*, 2016).

A Tabela 1 demonstra, em números, a quantidade de estrangeiros presentes em cada um dos 12 bairros de Berlim, bem como o número de alemães que possuem outra nacionalidade em sua ascendência, compondo, possivelmente, uma segunda ou terceira geração de imigrantes.

Tabela 1. *Número de estrangeiros e de alemães de origem imigrante por bairro de Berlim – (Adaptada de Statistik Berlin Brandenburg, 2016)*

Região/Bairro	Número de estrangeiros	Número de alemães de origem estrangeira
01. Mitte (centro)	120.931	67.802
02. Friedrichshain- Kreuzberg	71.932	43.438
03. Pankow	47.683	25.761
04. Charlottenburg-Wilmersdorf	81.241	52.016
05. Spandau	43.144	38.067
06. Steglitz-Zehlendorf	41.163	36.043
07. Tempelhof-Schöneberg	66.014	55.275
08. Neukölln	79.896	63.725
09. Treptow-Köpenick	19.981	12.029
10. Marzahn-Hellersdorf	21.675	20.791
11. Lichtenberg	40.555	22.424
12. Reinickendorf	42.526	37.620
Total	676.741	474.991

Fonte: Amt für Statistik Berlin-Brandenburg (2016). Die Daten entstammen dem Einwohnerregister Berlins. Kleinere Abweichung zu den Angaben der Bevölkerungsstatistik sind methodisch bedingt: <https://www.statistik-berlin-brandenburg.de/webapi/jsf/tableView/tableView.xhtml>

Tendo em vista que mais de 10% da população de Berlim é composta por imigrantes (*Berlin-Brandenburg Landesredaktion*, 2014), observa-se que a configuração da cidade como uma metrópole organiza-se de maneira complexa e relacionada às culturas ali presentes. Lanz (2013) afirma que a cidade vivencia um processo de desenvolvimento ambíguo que, fundamentado em um histórico nacionalista, se encontra em meio à diversidade de nações, que, ao mesmo tempo em que trazem estruturas de guetização e isolamento, sustentam um suposto imaginário urbano de uma “cidade sem identidade”. É neste contexto de muitas nacionalidades, e diferentes formas de ver a cidade, que os brasileiros também vivenciam a sua cultura.

A comunidade brasileira em Berlim

O Departamento para assuntos econômicos e sociais da ONU (2013) (*United Nations – Department of Economics and Social Affairs*) informou que, no ano de 2013, o número de imigrantes internacionais chegou a cerca de 232 milhões, ou, aproximadamente, 3% da população mundial. Deste total, a maior parte (cerca de 72 milhões de imigrantes) está no continente europeu (*United Nations – Department of Economics and Social Affairs - ONU*, 2013).

Em relação aos compatriotas que deixaram o Brasil, o Ministério das Relações Exteriores (MRE), no ano de 2011, publicou um relatório denominado *Brasileiros no mundo*, no qual continham informações numéricas de que a maior parte dos brasileiros imigrantes também se encontrava na Europa (MRE, 2011). Neste relatório, nota-se que a Alemanha, Espanha, França, Itália, Portugal e Reino Unido se destacavam por serem os países europeus com maior número de brasileiros (MRE, 2011).

Com a emissão de um novo relatório pelo MRE no ano de 2014 (*Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no mundo*), observa-se que, dentre estes países, a Alemanha foi o único que continuou a obter número crescente de brasileiros imigrantes, nos últimos anos, possuindo um aumento de 25% no total de compatriotas em seu território entre os anos 2011 e 2014 (MRE, 2011, 2014). No relatório de 2014, é sinalizado que este país contabilizava, aproximadamente, 114 mil brasileiros, sendo que em torno de 32 mil residiam na capital, Berlim (MRE, 2014). Este número aproximado foi mantido no último relatório do Ministério, publicado no ano de 2016 (MRE, 2016).

Na década de 1990, Vogel (1996) sinalizava que os imigrantes brasileiros em Berlim dependiam de uma rede de apoio devido, principalmente, às políticas migratórias que possuíam grande controle interno. Entretanto, nos dias atuais, Bahia (2014) chama a atenção para a existência de muitos brasileiros ilegais na cidade de Berlim, que não são contabilizados nas estatísticas oficiais, além daqueles que possuem passaporte europeu ou que permanecem na cidade apenas com visto estudantil.

Apesar de serem controversas as opiniões a respeito dos grupos de imigrantes, nota-se que países europeus reconhecem a relevância dos imigrantes na constituição da população, principalmente no que se refere às contribuições no desenvolvimento econômico do país (Nowicka, 2014). Para Lidola (2014), a migração de brasileiros em Berlim diferencia-se de outros imigrantes pela importância que possui na cidade quando se tratam de estabelecimentos culturais e de beleza (como salões) e micro-empresas do ramo. Embora os brasileiros sejam categorizados como estrangeiros, assim como outros grupos de imigrantes, é sabido que para este grupo nacional, identifica-se uma exaltação de sua origem cultural brasileira, demarcando sua

‘brasilidade’ e sua posição social e étnica dentre as outras categorias migrantes (Lidola, 2014; Machado, 2015; Ribeiro, 2013).

A existência de um grande contingente de brasileiros em Berlim demandou a criação de organizações culturais e o surgimento de coletivos educacionais e religiosos voltados aos imigrantes do Brasil. Em estudo a respeito da prática do candomblé na cidade de Berlim, Bahia (2014) descreve que a religião atua como símbolo cultural importante para que os brasileiros afirmem seu grupo e sua identidade. A existência de religiões ligadas ao Brasil, ou Afro-Brasileiras, contribuem, no entanto, para a criação de estereótipos que relacionam o brasileiro ao místico, diferente e exótico, fato este que se conecta não apenas à religião, mas se estende também à concepção do que vem a ser *o brasileiro* (Coli, 2014; Ribeiro, 2015; Sacramento & Ribeiro, 2013).

Relacionando-se à imagem do *exótico*, Lidola (2011) discute que a migração brasileira para Berlim é especialmente constituída por mulheres e que esta conjuntura, atrelada a imagem de calor, carnaval e sensualidade da *morena* brasileira, sustenta experiências de discriminação. Embora seja visível a demarcação dos espaços e da cultura brasileira, é notória a presença de estereótipos de cunho negativo e dominante que sustentam a legitimação do preconceito (Braga, 2017; Chamon & Nascimento, 2018; Lidola, 2011; Piscitelli, 2007).

Menegazzo (2008) destaca o contingente insuficiente de estudos acadêmicos que discutam a imigração brasileira na Alemanha. Contudo, atualmente, nota-se um crescimento de organizações culturais, conselhos e instituições em geral dedicados a esta população. Dentre estas instituições, podem-se destacar: as escolinhas de ensino de português como língua de herança para os filhos de imigrantes (como a *Bilíngua e.V.*); as associações de informação (como a ACIBRA, o Gerenciamento intercultural *Suely Torres* para Brasileiros e Alemães e o Conselho

de Cidadãos de Berlim – vinculado à Embaixada Brasileira); além dos coletivos e organizações culturais (como o Capoeira Nagô, o Fórum Brasil, o *Tanzstudio* Dança Frevo, o Festa Junina Berlin e o Café do Brasil).

Considerando as informações apresentadas, acredita-se que os imigrantes brasileiros em Berlim possam se engajar na manutenção da vivência da brasilidade em solo alemão, em função da expressiva quantidade de brasileiros nesse território e da existência de instituições voltadas, principalmente, a este público. Apesar da grande concentração de imigrantes de diferentes nacionalidades e culturas na cidade de Berlim, considera-se que os imigrantes do Brasil encontrem espaço para a vivência de sua própria cultura (Santana, 2012).

Os processos culturais no fenômeno da migração

A história da cidade de Berlim é, há séculos, conectada à história das migrações e dos imigrantes (Gesemann, 2001). Assim como em toda a Alemanha, as imigrações na cidade de Berlim, inicialmente, foram estabelecidas por refugiados religiosos, poloneses, judeus e outros imigrantes que chegavam desde os anos de 1800 em busca de trabalho (Wenning, 1996). No entanto, foi apenas por volta dos anos de 1990 que a Alemanha, e a Europa como um todo, começou a discutir as possibilidades de novas estruturas e programas sociais que pudessem sustentar a nova dinâmica social estabelecida (Häußermann, 2001). A tentativa de voltar a se equilibrar o poder político na Alemanha, alterando a ideologia presente na Guerra Fria, se fazia urgente, especialmente, ao se discutir as fronteiras entre países (Weber, 2002).

Em Berlim, com a queda do muro em 1989 e a livre passagem das pessoas entre leste e oeste, uma nova distribuição populacional ocorreu, fundamentando maior escolha de moradia dentre os bairros e sustentando a construção de mais de 100.000 apartamentos entre os anos de 1990 e 2000 (Häußermann, 2001). Durante esta década, começavam a se diluir as segregações

espaciais e sociais que ocorriam desde os tempos da divisão entre Leste e Oeste Berlinense, momento no qual os imigrantes sem permissão de residência viviam de maneira mais isolada (Müller, 1996).

A década que sucedeu a queda do muro de Berlim (1990-2000) representou um momento no qual pessoas de diferentes nacionalidades imigraram para a Alemanha, auxiliando o começo de um novo processo político (Wenning, 1996). Além de imigrantes provenientes da própria Europa, como poloneses e romenos, Ahrens (2005) destaca a existência expressiva de latino-americanos no território alemão, evidenciando, especialmente, o fato de que, só no ano de 2001, mais de 7.800 pessoas provenientes da América Latina se registraram nos *Bürgeramts* (em tradução livre, “Conselho de Cidadãos) espalhados pelos bairros de Berlim⁵. Gruner-Domić (2005) destaca que, dentre os latino-americanos na Alemanha, é expressiva a quantidade de pessoas do sexo feminino, que enfrentam não apenas problemas burocráticos de inserção e integração, mas também o conflito de se manejar uma identidade híbrida, que prevê uma identificação com os grupos sociais a partir do contexto social de comparação estabelecido, visando sempre uma autoimagem positiva (Batista, Bonomo & Lucas, 2016; Macedo, 2016; Suda & Souza, 2006).

Dareiva (2005), ao discorrer a respeito da política migratória em Berlim, afirma, ainda, a existência de barreiras linguísticas que impossibilitam a total integração dos imigrantes na sociedade alemã. A língua alemã, que possui raízes linguísticas diferentes da língua portuguesa, por vezes, prejudica o estabelecimento de relacionamentos interpessoais entre os indivíduos de nacionalidades diferentes, dificultando a integração e a criação de certa familiaridade com a cultura (Souza, 2016).

⁵Todas as pessoas que se mudam para Berlim devem ser registradas em um dos *Bürgeramt* espalhados pelos bairros da cidade. O registro de residência se chama *Anmeldung* e é necessário para grande parte das formalidades realizadas na Alemanha.

Entende-se que a maneira como um indivíduo estrutura sua cognição, e sua perspectiva a respeito dos objetos sociais, é interdependente à linguagem (Mexias-Simon, 2012), compondo um dos modos nos quais a cultura se objetiva, transformando também as funções psicológicas dos indivíduos (Martins & Rabatini, 2011). Logo, a língua materna torna-se um fator de expressão e reconhecimento social e espaço de identificação (Santana, 2012). O aprendizado e manutenção de uma língua como ferramenta de sociabilidade se apresenta, neste ínterim, como um traço cultural adquirido em função do indivíduo pertencer à determinada sociedade (Mexias-Simon, 2012).

A preservação da língua materna pode ser fator fundamental para que os indivíduos imigrantes, e também seus descendentes, estruturam sua cognição e seus afetos, tendo como referência a cultura do país de origem (Gardner, 2012, Lisiak & Nowicka, 2017; Tajfel, 1983). Ter o suporte da língua do país de origem sustenta também a manutenção de sua cultura, uma vez que cada língua existe dentro de determinada matriz cultural (Lemos, 2017). Acredita-se que esta continuidade cultural fundamente os relacionamentos interpessoais entre indivíduos migrantes de um mesmo país, podendo corresponder a um fator que aumenta também as redes de proteção social entre os mesmos (Costa & Garcia, 2014).

A Psicologia Social entende que os grupos sociais formam-se a partir de inserções comuns e da necessidade dos membros de se relacionarem e afirmarem as suas identidades sociais (Capitão & Heloani, 2007; Speltini & Palmonari, 1999). A formação de um grupo, entretanto, é dependente da relação que estabelece com outros grupos e com a cultura na qual se insere (Fiske & Taylor, 2013; Trancoso & Oliveira, 2014).

A cultura pode ser definida de diversas formas e por diferentes dimensões na área da Psicologia Social (Chiu & Hong, 2006). Dentre estas dimensões, os valores, a coletividade e o

sistema de crenças de um grupo ou nação podem fazer parte dos descritores que contemplam o fenômeno *cultura* (Chiu & Hong, 2006; Norenzayan & Atran, 2004). Compreendendo que a cultura de origem possui função essencial na identificação dos indivíduos, é importante pontuar que, ao migrar, o sujeito carrega consigo atributos que fazem referência ao grupo e ao território de sua proveniência (Bahia, 2014; Hibarino & Kawachi, 2014). A vinculação a um grupo nacional diferente, a partir da migração, não implica, portanto, na apropriação direta de uma identidade associada ao país de destino, sendo esta constituída e dependente da atribuição de estereótipos e de práticas atuais e anteriores à saída do país de origem, que incluem hábitos e costumes próprios da cultura (Cuche, 2000).

A migração, concebida como deslocamento territorial e processo psicossocial, resulta em inserções dos indivíduos migrantes em novas realidades, que precisam ser consideradas ao se discutir, por exemplo, os mecanismos que conferem a continuidade da identificação e do sentimento de pertença ao grupo nacional e cultural de origem, ou com o qual possui associações familiares (Scott, 2010). Os deslocamentos intra-regionais e internacionais têm gerado impactos demográficos importantes ao qual se relacionam diferentes grupos, criando-se sociedades multiculturais (Mazza, 2015).

Bauman (2005), Miranda (2009) e Tedesco (2017) afirmam, até mesmo, a existência de um jogo identitário entre os indivíduos imigrantes, ou pessoas influenciadas por mais de uma cultura, tendo em vista os contatos com diversas nações. Entretanto, deve-se considerar que a chegada do *diferente*, especialmente quando em quantidade expressiva a um mesmo território, pode ocasionar relações conflituosas e de preconceito, as quais demandam o estabelecimento e a organização de redes sociais e comunitárias de apoio ao imigrante (Borges & Martins, 2004).

Em estudo sobre os bolivianos no Brasil, Silva (2012) argumenta que, incomodados com a imagem negativa que lhes é atribuída pela mídia local, algumas organizações sociais e culturais foram criadas pela comunidade migrante com o objetivo de mudar esta realidade desfavorável para o grupo. No entanto, nem sempre o esforço da comunidade é suficiente para modificar a relação intergrupual estabelecida ou resultam na integração das comunidades migrantes no país de destino (Fernandes-Jesus, Ribeiro, Ferreira, Cicognani & Menezes, 2011). Embora a vivência da cultura do país de origem pelos imigrantes constitua cenário favorável à criação de uma comunidade imaginada, que demarca e fortalece suas identidades frente ao contexto de comparação social, a mesma é balizada pelo sistema de crenças vigente que organiza e hierarquiza os grupos sociais (Anderson, 2008). O estudo dos grupos sociais tem sido fenômeno investigado pela Psicologia e, especialmente, pela Psicologia Social, conforme detalhado na seção a seguir.

Os níveis de análise em Psicologia Social

A discussão a respeito dos processos identitários vinculados aos grupos sociais encontra importante aporte teórico na Psicologia Social. A área pressupõe que os estudos sobre os processos identitários sejam desenvolvidos assumindo o princípio de que o indivíduo influencia e é influenciado pelo ambiente social em que vive (Lane, 2006). Contudo, esta articulação entre o individual e o social, segundo Tajfel (1982), encontrava-se de maneira deficiente nos primeiros estudos desenvolvidos na área, especialmente, em razão de as análises em Psicologia Social não considerarem, até então, uma compreensão do sistema social e ideológico vigente.

Doise (1986, 2002), considerando os escritos de estudiosos como Breakwell e Rowett (1982), propõe uma organização dos estudos em Psicologia Social em função de quatro níveis de análise, a saber: I) *nível intraindividual*, que considera a maneira pela qual os indivíduos organizam suas experiências no ambiente; II) *nível interindividual*, que conceitua explicações a respeito das interações entre indivíduos, típicos das dinâmicas sociais; III) *nível intergrupai*, que leva em conta as diferentes inserções dos indivíduos nas relações sociais em função de suas pertencas aos grupos; e IV) *nível societal*, que enfoca o sistema de crenças, avaliações, representações e normas sociais, bem como concebe que as produções culturais e ideológicas interferem no comportamento dos indivíduos, criando diferenciações sociais (Almeida, 2009; Doise, 1986, 2002; Sawaia, 2017).

As análises de Tajfel (1982; 1983), a respeito dos grupos sociais, estavam pautadas no terceiro nível de análise ao conceberem as relações intergrupais como organizadas em função da dimensão social, que estrutura e hierarquiza as categorias sociais. Contudo, não foi possível uma continuidade de seus escritos a respeito das relações sociais, uma vez que os autores

subsequentes da área percorreram um caminho teórico mais cognitivista, embora Doise (2002) argumentasse que Tajfel já sinaliza explicações de ordem societal em seu trabalho.

Baseando-se também nos estudos de Tajfel, Doise (1986, 1993, 2002) propõe a construção de uma Psicologia Societal para que se sustentem análises e explicações a respeito das ideologias subjacentes ao modo como se relacionam os grupos sociais e os indivíduos pertencentes a estes grupos (Camino, 1996; Doise, 1993; Pereira, Camino & Costa, 2005). A Psicologia Societal considera a necessidade de se articular explicações de ordem individual com aquelas de ordem social, demonstrando que os indivíduos possuem mecanismos que os permitem funcionar em sociedade (Doise, 2002).

Na abordagem societal, entende-se que os conteúdos ideológicos contidos na sociedade compõem a base para estruturação de sistemas de valores e crenças pertencentes aos grupos sociais, que, por sua vez, estão inseridos em disputas de poder travadas pela manutenção de hierarquias de ordem social (Pereira, Camino & Costa, 2005). Uma discussão que considere o quarto nível de análise pressupõe, portanto, uma análise posicional e ideológica em função das pertencas dos indivíduos aos grupos sociais (Doise, 2002). A discussão a respeito dos processos identitários entre indivíduos de um grupo minoritário, por exemplo, podem implicar na acentuação de contrastes em razão dos valores atribuídos a ele e às categorias mais valorizadas socialmente (Doise, 1985).

Da diferenciação intergrupala à diferenciação categorial: A Teoria da Identidade Social em sua dimensão societal

O estudo e análise de grupos sociais têm se constituído como tarefa importante na Psicologia Social, pois se entende que os indivíduos apreendem a cultura e os modos de interação ao serem pertencentes aos grupos e ao constatarem diferenças e semelhanças entre

“nós” e os “outros” (Lane, 2006). Tajfel e Fraser (1979), há quase quatro décadas, já afirmavam que a maior parte de nossas ações ocorre em situações de interação, nas quais se considera as expectativas dos outros com quem se interage.

O funcionamento de um grupo é considerado pela Psicologia Social como um processo não acabado, no qual os seus membros devem se esforçar para que a sua totalidade não se esmaça, ou seja, para que o grupo não deixe de ser reconhecido pela sociedade e pelos próprios indivíduos pertencentes a ele (Carlos, 2013). A organização e a preservação de um grupo social sugerem a instituição de normas e regras, o surgimento de posições e representantes, bem como o envolvimento de afetos e emoções, não estando seus membros em posição de neutralidade frente aos contextos de comparação social (Alfinito & Corradi, 2011). Tajfel (1978) já afirmava que a definição do que vem a ser a pertença intergrupala inclui três componentes: um *cognitivo* (que se refere ao reconhecimento da pertença), um *avaliativo* (que denota valor a esta pertença) e um *emocional*, sendo este último os mais importantes na definição da identidade social (Bonomo, Cardoso, Faria, Brasil & Souza, 2017).

Ao definir o que é um grupo social, Tajfel (1978) assume a definição de nação dada pelo historiador Emerson (1960, citado por Tajfel, 1978), pois considera que uma nação é *um corpo de pessoas que sente que é uma nação*. Do mesmo modo, compreende-se que o sentimento de pertença a um grupo, ou a identificação intergrupala, torna-se mais provável na medida em que o valor emocional atribuído a este grupo seja também mais forte (Gondim et al., 2013; Tajfel, 1978).

Na Teoria da Identidade Social, Tajfel (1982, 1983) discute que o processo identitário pode ser definido a partir do reconhecimento do indivíduo de sua pertença psicológica aos grupos sociais, da avaliação que faz destas pertenças e dos sentimentos a elas destinados.

Todavia, ressalta-se que estes três componentes de ordem psicológica (*cognitivo, avaliativo e emocional*) podem ser atribuídos tanto a pequenos grupos quanto a grandes categorias sociais (Tajfel, 1983).

De acordo com Tajfel (1983) e Deschamps (1984), a organização da percepção do ambiente social corresponde ao processo de categorização, que estrutura as relações sociais ao mesmo tempo em que diferencia os indivíduos como agentes sociais. Tajfel (1983) afirma, portanto, que a categorização social é um processo no qual “reúnem-se os objetos e acontecimentos sociais em grupos equivalentes em suas ações, intenções e sistema de crenças” (p. 290). A existência de uma categorização social, que hierarquiza os grupos, é determinante na maneira pela qual ocorrerá a comparação social entre o “nós” e o “eles” (Tajfel, 1983).

A categorização e a comparação social operam juntas e geram um comportamento de grupo pertinente ao entendimento das relações intergrupais e da atribuição de estereótipos endo e exgrupais (Hogg & Abrams, 1998). Entende-se que este comportamento pode ser modificado ou ratificado a depender da lógica vigente ao sistema de crenças dos indivíduos e dos estereótipos vinculados aos grupos (Tajfel, 1982, 1983). Compreendendo que a função das pertencas aos grupos sociais é a de manter uma autoimagem positiva, estas podem ser alteradas em função das crenças na estratificação social e dos atributos associados aos grupos (Santos & Amâncio, 2014; Tajfel, 1982).

Na Teoria da Identidade Social, Tajfel (1982) afirma, por exemplo, que a crença individual de que o sistema social é legítimo, justo e instável caracteriza o fato de os sujeitos sustentarem a ação de *mobilidade social*, apoiados na crença de que seria possível a sua ascensão dentre as categorias sociais (Diniz, Souza, Carrieri & Barreto, 2013; Santos & Amâncio, 2014; Tajfel, 1983). Tajfel (1983) afirma que a *mobilidade social* refere-se a uma ação individual na

qual o sujeito efetua um deslocamento de uma classe ou grupo social para outro com maior *status*. A ação de *mobilidade social* pode ser encontrada em função da ação migratória. É possível observar que muitos indivíduos, pertencentes às nações emergentes, podem possuir a crença de que a migração para nações mais desenvolvidas economicamente irá favorecer sua posição na hierarquia da estrutura social, a partir do momento que se sentirem pertencentes ao grupo de destino (Batista, Ciscon-Evangelista & Tesche, 2011; Costa, 2009).

A teoria explica, ainda, que a existência da crença na ilegitimidade e instabilidade da estrutura social, ou seja, a crença na rigidez do sistema e na impossibilidade de ascender dentre as categorias, caracteriza outra ação, a de *mudança social*. Segundo Tajfel (1983), a *mudança social*, diferentemente da *mobilidade social*, caracteriza-se por ser uma ação coletiva, de um grupo, que necessita alterar ou ressignificar os estereótipos de cunho negativo a ele atribuídos. Grupos minoritários, por exemplo, podem efetuar a ação de *mudança social* em função de preconceitos enfrentados (Bonomo & Souza, 2013; Tajfel, 1983). É importante explicar ainda que a *mudança social* ocorre quando os indivíduos de um grupo possuem a crença de que não seja possível ascender dentre as categorias sociais e, por esta razão, não podem deslocar-se para um grupo com *status* social superior (Prado, 2002; Tajfel, 1983).

Sobre o sistema de crenças na *mudança social*, a teoria (Tajfel, 1983) distingue quatro variantes de condições sociais, a saber: 1) a percepção de falhas no sistema, ou seja, a estrutura para mudança não se baseia apenas na crença de impossibilidade de mobilidade individual; 2) a ideia de que se pode estruturar um sistema de crenças para *mudança* que não impeça o deslocamento de um grupo para outro; 3) a condição de que alguns indivíduos sentem a necessidade de estruturar o seu meio social de maneira impenetrável; e 4) por fim, a estrutura de

crenças pode desenvolver-se em função dos conflitos diretos entre os grupos, independentemente de qualquer estratificação social estável (Tajfel, 1983).

Considerando a diferenciação existente nos sistemas de crenças que fundamentam os comportamentos de *mobilidade social* e de *mudança social*, Hogg e Abrams (1998) fornecem um esquema visual explicativo das duas condições. Este esquema está organizado abaixo, de maneira adaptada (Ver Tabela 1).

Tabela 2. *Esquema adaptado que demonstra comportamentos para manutenção de uma autoimagem positiva a partir de diferentes crenças no sistema social*

Sistema de crenças sociais do indivíduo	Sistema legítimo, porém instável	Sistema ilegítimo e instável
Estratégias para melhorar o <i>status</i> social	Ação individual de <i>mobilidade social</i>	Ação coletiva de <i>mudança social</i>
Táticas	Efetuar uma ação de transição para outro grupo com maior <i>status</i> social.	Quando não há alternativa cognitiva, o grupo se utiliza da criatividade social para: criar novas dimensões de comparação intergrupar; redefinir valores; ou comparar-se com um grupo social diferente.
Caso seja bem sucedido:	Identidade social positiva e dissolução da pertença ao grupo anterior.	Identidade social positiva e status modificado.
Caso seja mal sucedido:	Status social não modificado e identidade social marginalizada.	Status social e identidade social não modificados.
As ações realimentam o sistema de crença social e escolha de estratégias.		

A reflexão a respeito das crenças na estratificação social fomenta a discussão referente aos comportamentos intergrupais em função da mesma, sejam eles de *mobilidade* ou de *mudança sociais*. Um exemplo desta conjuntura pode ser encontrado na própria teoria quando se afirma a existência de grupos sociais que buscam engajar-se na manutenção e fortalecimento de uma cultura nacional (Tajfel, 1983). A existência de grupos comprometidos em valorizar uma cultura nacional, por exemplo, pode representar uma tentativa de se evitar o contato intergrupar, a partir de situações de conflitos discriminatórios enfrentados, o que, possivelmente, demonstra a crença

em um sistema inflexível (Huayhua, 2007; Tajfel, 1983) e pode refletir a estratégia de conter o processo de comparação social com os grupos de oposição na relação social estabelecida.

É importante pontuar que o comportamento dos indivíduos em relação aos seus grupos de pertença não representa uma única direção de influência. As identificações são estruturas cognitivas e, ao mesmo tempo, produtos sociais, sendo compartilhadas e definidas através de estereótipos que possuem conteúdos socioculturais relacionados aos membros do grupo, bem como por meio das explicações, justificativas e avaliações do contexto social (Turner, 1984). Este panorama pode ser estabelecido também pela compreensão da dicotomia “grupo de pertença (*ingroup*) x grupo de oposição (*outgroup*)” e, notadamente, pela atribuição de traços ou características aos grupos em associação ao significado emocional e avaliativo destas mesmas características (Tajfel, 1982, 1984).

Pensando a formação de grupos de brasileiros em Berlim, configurando-se como uma comunidade nacional no exterior, no contexto da análise psicossocial, a presente proposta de pesquisa fundamenta-se na investigação dos processos identitários destes imigrantes em função da organização social da comunidade, suas dimensões sociais de afeto, valor e cognição, bem como seus processos de pertencimento ao grupo nacional de origem e ao grupo de destino.

A atribuição de característica ao grupo com o qual se relaciona de forma intergrupar, pressupõe, segundo Tajfel (1984) e Doise (1976), a associação da relação intergrupar às posições dos grupos frente à diferenciação entre categorias sociais. A relação intergrupar é conferida, desse modo, por uma atribuição de *status* a depender do contexto social que *força* os indivíduos a se posicionarem perante a diferenciação entre os grupos (Tajfel, 1984).

Estes *status* são definidos pelo princípio de categorização social que estipula a noção de hierarquia entre os grupos, na qual a relação intergrupar é definida (Hogg, 2013; Tajfel, 1983).

Esta hierarquia pressupõe a superioridade da imagem de determinados grupos sociais em detrimento de outros, em função de concepções históricas, culturais e econômicas, que criam a noção de grupos sociais minoritários e inferiores na dinâmica da classificação social estabelecida (Moscovici, 2011).

Tajfel (1978) argumenta que a análise da pertença aos grupos sociais deve considerar aspectos da realidade social, que interage e é influenciada por aspectos históricos, políticos e econômicos. Estes aspectos determinam o presente e o futuro dos grupos e de suas relações (Tajfel, 1978), especialmente, ao se conceber que os indivíduos realizam um esforço para se auto afirmarem positivamente (Nascimento & Souza, 2017), diferenciando-se daquilo que não os favorece socialmente (Tajfel, 1983; Torres, Camargo & Bousfield, 2016).

Ao se discutir os processos identitários de um grupo pertencente a uma categoria minoritária como os imigrantes (Deschamps & Lemaine, 2004; Moscovici, 2011) em função de um contexto de relações sociais com um grupo considerado de maior *status*, deve-se conceber a existência de uma acentuação resultante das diferenças sociais entre os grupos (Doise, 1985). Brown (1978) discute que a diferenciação conflituosa em relação ao grupo do outro se relaciona à instabilidade e à falta de aceitação da existência de relações de *status*.

Considerando que a categorização social é o processo pelo qual se criam os estereótipos (Tajfel, 1983), pontua-se ainda que estes intervêm de maneira mais saliente quando membros de uma categoria se encontram com membros de outra categoria (Doise, 1985). O processo de categorização, ao reforçar as separações entre as categorias, estrutura a realidade social (Doise, 1985). A diferenciação categorial é, portanto, um processo que auxilia a estruturação do ambiente social, onde a posição dos indivíduos dentro da hierarquia social facilita o desenvolvimento de formas específicas de representações ideológicas (Doise, 1989). Acredita-se

que a compreensão da maneira pela qual o indivíduo constitui seus processos identitários por meio do contexto sociocultural de inserção, em função desta organização social, deve valorizar uma discussão de ordem psicossocial .

Da constituição do objeto de estudo

Brasilidade e identidade nacional

O preconceito e as relações de discriminação destinadas aos grupos sociais minoritários, em contextos de comparação, como no caso do fenômeno migratório, favorecem ações de favoritismo para fins de proteção grupal (Salatini, 2010; Vasconcelos, Zago, Machado & Ross, 2011). Tendo em vista o campo fenomênico em que se apóia a presente proposta de pesquisa, parece ser importante mencionar que a Psicologia Social, diferentemente de outras Ciências Humanas e Sociais, entende a manifestação da cultura nacional de origem e a formação de grupos nacionais em território estrangeiro de maneira distinta, incluindo particularidades próprias que a difere de outras perspectivas, tais como a Antropologia e a própria Psicologia Intercultural.

Para a Psicologia Social, a formação e identificação com o grupo nacional de origem não ocorre de maneira imposta ou pré-determinada, uma vez que os indivíduos nele inseridos não estão isolados do contato com outros grupos externos a ele (Rudmin, 2003). Contudo, situações de enfrentamento de condições adversas à socialização com o grupo de relação e à construção de redes sociais a partir das nacionalidades, especialmente no caso da migração internacional, podem ser identificadas como favoráveis à formação de comunidades como compreendidas na perspectiva da pertença psicológica (Ramos, 2009; Tajfel, 1983).

Isto se deve, principalmente, ao fato de que parte das ações sociais dos indivíduos ocorre em função de situações de interação, nas quais se considera o imaginário a respeito das expectativas dos outros com quem se interage (Tajfel & Fraser, 1979; Vial, Brescoll, Napier, Dovidio & Tyler, 2018). Estas expectativas estão relacionadas à dinâmica identitária estabelecida, uma vez que as mesmas são definidas através de estereótipos, afetos e valores, que

fundamentam o comportamento dos indivíduos em relação aos grupos (Outten, Lee, Costa-Lopes, Schmitt & Vala, 2018).

Coutinho e Oliveira (2010) discutem, por exemplo, que os imigrantes brasileiros em Portugal, ao vivenciarem dificuldades na integração e inserção social, tendem a se aproximarem de seu grupo nacional de origem. Já Burton, Garrett-Peters e Eason (2011) afirmam que a identificação e manutenção de grupos nacionais possuem impactos na saúde mental de seus membros, uma vez que estes têm de lidar com a estigmatização vinda da comunidade externa (Krumm & Corning, 2008). Gill (2010), por sua vez, argumenta que os grupos de imigrantes poloneses, embora enfrentem uma série de problemas no Reino Unido, têm se tornado uma via importante para que os indivíduos fortaleçam suas identidades e se mobilizem organizando estratégias coletivas.

A territorialidade de um grupo nacional, na concepção da Psicologia Social, atua como espaço simbólico de construção de modos de vida e de socialização coletiva (Toneli & Peruchi, 2006). A vivência de uma cultura nacional e a formação de um grupo como um fenômeno psicossocial contribui, portanto, para uma discussão no âmbito da identificação social dos indivíduos com seus pares (Govrin, 2014; Williams et al., 2014). A conformidade, a identificação e o sentido de comunidade podem ser definidos como relevantes para a percepção individual e identitária das pessoas (Prezza & Pacilli, 2002), posto que são demarcados pelo afeto, pelos valores e pelo reconhecimento de objetivos compartilhados e da pertença ao espaço comum (Bonomo, Souza, Melotti & Palmonari, 2013; Tajfel, 1982, 1983).

Desse modo, cabe ressaltar de que maneira os brasileiros compreendem seu próprio modo de relação em função de seu grupo de origem. No que se referem às vivências no interior de um grupo brasileiro, Marques e Domingues (2014) afirmam que, embora haja elementos que

caracterizam a brasilidade e a interação dos indivíduos, como o futebol, o carnaval e as novelas, é uma tarefa difícil concluir que os brasileiros sejam protagonistas de sua própria cultura nesse contexto, uma vez que destacam a complexa influência do processo de colonização e globalização.

A discussão a respeito da construção da brasilidade é ressaltada também por DaMatta (2013) ao pontuar que os estudos, por vezes, definem o Brasil e o grupo nacional brasileiro com base no que chama de mundo público, ou seja, circunscrevendo apenas o sistema social, jurídico, político e econômico. DaMatta (2013) afirma ainda que não se deve excluir o fato de que a vivência da brasilidade possui alicerce no caráter pessoal, vivenciado na rotina dos brasileiro e que, segundo o autor, produz a saudade que o faz jamais querer deixar sua casa. O sentimento saudosos é negociado socialmente no cotidiano daqueles que rememoram coletivamente suas vivências e, por esta razão, resgata elementos que relacionam os indivíduos às suas inserções e categorias sociais (Nascimento & Menando, 2005; Nascimento & Martins, 2009).

Diferentemente da cultura alemã, que considera assuntos públicos como sendo de ordem distinta de assuntos de proteção pessoal e familiar, o brasileiro é reconhecido pela energética defesa de seu grupo, o que aponta para diferenças basilares entre estas duas formas de organização na constituição dos mundos familiares e sociais (Leihäuser & Weber, 2010). Além disso, o alemão, segundo Schneider (2004) e Rozenfeld e Viana (2004), é reconhecido por características como disciplina, organização e seriedade. Atributos ligados a um sistema rigoroso e regado são associados a esta nacionalidade, traçando um perfil de caráter individual ou de atitudes vagamente coletivas, tais como disciplina, diligência, pontualidade e meticulosidade (Schneider, 2004).

Entretanto, deve-se atentar para o que afirmam Schröder e Lage (2014) e Doll (1999) ao dissertarem sobre o fato de que os brasileiros possuem um manejo cultural diferente dos alemães, especialmente devido ao contexto histórico social e econômico, bem como à sociabilidade distinta.

Estas informações vão ao encontro do que afirmam Gomes, Moraes e Helal (2015) e Flach (2012) a respeito da flexibilidade e do *jeitinho brasileiro* que, embora seja visto, muitas vezes, de forma pejorativa, favorecem a adaptabilidade do grupo em diferentes contextos e situações sociais. Autores discutem (Prado, 2016; Prado & Wachelke, 2017; Souza & Ferreira, 2016) que este *jeitinho* é visto, até mesmo, como uma forma de controle social reconhecida culturalmente, na qual os indivíduos empenham-se em criar saídas para seus problemas de maneira pessoalizada dentro e fora da vida pública. A imagem do brasileiro perseverante, determinado, que vai à luta cotidiana, supera obstáculos e que “*não desiste nunca*” (Simões, 2014), compõe este imaginário de um suposto brasileiro perseverante que persiste em seus objetivos, mesmo que isto o leve a alternativas não reconhecidas como legítimas.

Silva (2017) e Da Silva e Rocha (2018) afirmam que esta concepção do brasileiro valida e justifica a noção de meritocracia no país, onde as desigualdades sociais tornam-se naturais e a busca pelo sucesso, material ou imaterial, é vista como algo que depende unicamente do indivíduo (Cardoso, 2015; Pires, 2012). A organização social brasileira se mostra, neste sentido, como ratificadora da ascensão social por meio individual, sendo justificada pela ideia de que o Estado não se mostra presente para o amparo social (Monnerat, Senna, Schottz, Magalhães & Burlandy, 2007).

Por outro lado, Vilela-Ardenghi (2014) discute a existência do estereótipo do “paraíso”, no qual a praia brasileira e o clima tropical configuram um cenário jocoso no imaginário popular,

que constitui um espaço “tipicamente brasileiro”. Segundo Fino e Queiroz (2017), o cenário do *‘Brasil: terra do sol e do mar, das belas mulheres, do povo alegre e hospitaleiro!’* ainda se mantém como referência à cultura brasileira, podendo ser associada à ideia de liberdade vinculada ao ser brasileiro e valorizada no imaginário popular (Mira, 2017).

A análise que se faz destes elementos associados à vida dos brasileiros constitui-se como elemento integrante de sua imagem identitária (Lima, Torres & Techio, 2016; Prandi, 2000), especialmente em termos históricos e sociais, que são associados, até mesmo, a elementos de composições folclóricas que integram, reinventam e afirmam uma imagem identitária (Fehlberg & Menandro, 2011; Oliveira & Leal, 2009; Seyferth, 2002).

Em se tratando desta composição simbólica e folclórica, a brasilidade é ainda relacionada a símbolos musicais como o *samba*, que é visto como um componente comum da territorialidade e coletividade dos indivíduos (Abreu & Dantas, 2016; Gomes & Lemos, 2014). A importância da música e as manifestações musicais podem ser entendidas como produtos de processos sociais e culturais na constituição das identidades, no sentido de que esta compõe um lugar de afirmação de fala política que vai muito além da simples categorização sensorial e desfrute da liberdade em apreciar as festas e celebrações nacionais (Blacking, 2007, Coutinho, Trindade, Menandro & Menandro, 2015).

De igual maneira, as festas culturais, como o carnaval e as festas juninas, integram um cenário de celebrações simbólicas que fazem parte da história do Brasil, representando importante papel na construção da sociedade e da sociabilidade brasileiras, fortalecendo as identidades dos indivíduos (Amaral, 2003; Caetano, Missio & Deffacci, 2017; Costa, Silva, Silva & Magalhães, 2018; Santos, 2017). Embora alguns autores (De Lima Perdigão & Maranhão de Souza Leão, 2015; Cavenaghi, Siqueira Bueno & Corrêa, 2012; Farias, 2005) critiquem o cunho

mercadológico que as festas culturais brasileiras possuem na atualidade, a música e a comida, a elas vinculadas, ainda constroem espaços nos quais é possível haver socialização das experiências nacionais, próprias dos territórios de pertença (Braune & Franco, 2017; Nagamine & Barbosa, 2017; Pellerano, 2016).

Nesta perspectiva, os territórios gastronômicos que se vinculam à comunidade brasileira em Berlim podem assegurar experiências e atividades cotidianas que sustentam a manutenção da identificação com o país de origem (Contreras & Gracia, 2011; Azevedo, 2017). Entende-se que a forma como um país é simbolizado revela contornos de como este é compreendido e vivido por um grupo, ratificando valores e demonstrando a influência que também exercem sobre a percepção dos indivíduos (Archela, Gratão & Trostdorf, 2004).

De Alba (2016), por exemplo, afirma que uma das maneiras de garantir a construção identitária refere-se à identificação com os ícones mais importantes de um lugar, que estão presentes no imaginário dos indivíduos (Castro, Maciel & Maciel, 2016). A pertença ao lugar e a tudo o que este significa (Reis & Puente-Palacios, 2016; Souza & Gil, 2015; Tajfel, 1983) integra um jogo identitário, legitimado a partir do contexto de comparação estabelecido, que torna o valor emocional atribuído aos grupos ou nações mais ou menos fortalecidos (Gondim et al., 2013; Tajfel, 1978).

Com base nas informações apresentadas, depreende-se que a análise de comunidades nacionais de migrantes possui relevância acadêmica ao contribuir para a discussão teórica a respeito do fortalecimento de identidades sociais (Tajfel, 1983) e a respeito das estratégias de enfrentamento utilizadas pelos grupos minoritários frente à vinculação de estereótipos possivelmente negativos a eles associados (Burton, Garrett-Peters & Eason, 2011). O campo

social pode ser considerado, neste ínterim, por atores engajados na luta por posições sociais (Nowicka & Cieslik, 2014).

Em se tratando da relevância social, considera-se que a compreensão tradicional e costumeira da brasilidade como uma cultura da mestiçagem e da flexibilidade (Costa, 2014) demanda a atualização de um debate que viabilize uma análise das vivências do migrante brasileiro frente ao atual panorama migratório. Considerando os novos arranjos migratórios e as múltiplas culturas que engendram este fenômeno na atualidade, justifica-se a análise e debate da brasilidade em meio a um dos territórios que mais recebe imigrantes na contemporaneidade, a Alemanha (Ministério das Relações Exteriores do Brasil, 2011, 2014).

Objetivos

Objetivo geral

Considerando os pressupostos teóricos e temáticos em que se apóiam a presente proposta de investigação, o objetivo geral que norteou a realização desta tese consiste na análise dos processos identitários entre imigrantes pertencentes à comunidade brasileira em Berlim, na Alemanha.

Objetivos específicos

A fim de cumprir o objetivo geral proposto, o presente trabalho possui os seguintes objetivos específicos, que se configuram como estudos complementares:

1. Conhecer a organização social da comunidade brasileira em Berlim, a partir da discussão de suas dimensões territoriais, sociais e de relações sociais entre seus membros (Estudo 1);
2. Analisar as dimensões da identidade (dimensão cognitiva, afetiva e valorativa) que são associadas e referenciadas ao grupo brasileiro e ao grupo alemão pelos imigrantes brasileiros em Berlim (Estudo 2);
3. Investigar e discutir os processos de pertencimento associados aos grupos sociais *brasileiros* e *alemães* por crianças, filhos e filhas de imigrantes brasileiros em Berlim (Estudo 3).

Apresentação dos Estudos

A análise e discussão acerca dos processos identitários entre indivíduos pertencentes à comunidade brasileira demandam a consideração de diferentes aspectos que compõem o fenômeno (Peixoto, 2007; Ramos, 2014; Ribeiro, 2016; Siqueira, 2007; Schuler & Dias, 2014). Desse modo, o presente trabalho é constituído por três estudos, com métodos e objetivos próprios, que se complementam na tarefa de investigar os processos identitários entre imigrantes brasileiros em Berlim.

A *triangulação metodológica*, como aplicação de abordagens múltiplas, possibilitou minimizar possíveis distorções geradas em função do emprego de apenas um método de pesquisa (Günther, 2006). Haja vista o contexto social sensível abordado, a presente tese fundamenta-se na criatividade no *fazer pesquisa*, uma vez que pretendeu alcançar diferentes perspectivas de um fenômeno complexo, que possui importância para a valorização da realidade social dos sujeitos que nele estão inseridos (Veronese & Guareschi, 2005).

Devido à estrutura do presente trabalho, optou-se por não apresentar uma seção independente de Método, por entender que as estratégias metodológicas seriam mais bem detalhadas no interior de cada um dos estudos⁶. De modo geral, informa-se que, inicialmente, por meio de um primeiro estudo, realizou-se uma pesquisa exploratória (Gil, 2002; Minayo, 2006; Nicolaci-da-Costa, 2004), que objetivou conhecer a organização social da comunidade brasileira em Berlim. Utilizando-se do método etnográfico, o Estudo 1 teve como base a discussão sobre a organização geo-territorial, as vivências e as relações sociais cotidianas entre os indivíduos do grupo. A tarefa de conhecer estas dimensões espaciais e sociais do grupo migrante fundamentou-se na necessidade de apreender de que modo seus membros se localizam e interagem dentro da comunidade local. A compreensão de sua realidade costumeira, dos fluxos das relações, tem sua

⁶Foi seguida a estrutura de tese proposta pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES, conforme modelo descrito no Regimento Interno do PPGP-UFES (2018).

importância justificada na possibilidade de se caracterizar os comportamentos, os costumes e as crenças compartilhados (Angrosino, 2009; Spink, 2007).

Posteriormente, um segundo estudo possuiu o objetivo de analisar as dimensões da identidade (dimensão cognitiva, afetiva e valorativa), que são associadas e referenciadas ao grupo *brasileiro* e ao grupo *alemão* pelos imigrantes brasileiros em Berlim (Tajfel, 1982). Com o auxílio de um instrumento adaptado que integra as Evocações em Rede (Bonomo, 2010), o Questionário de Valores Psicossociais (QVP – 24) (Pereira, Camino & Costa, 2005) e utilizando-se de uma escala reduzida de sentimentos (PANAS: Watson, Clark & Tellegen, 1988), adaptada por Galinha e Pais-Ribeiro (2005), este estudo focalizou os estereótipos, valores e afetos atribuídos ao grupo de pertença e ao grupo de oposição, de modo a compreender como se configura a dinâmica identitária, a fim de manter uma autoimagem social positiva entre os indivíduos do grupo brasileiro no contexto relacional em questão (Tajfel, 1982).

Reconhecendo a importância da comparação social para a formação e categorização dos grupos sociais (Nowicka & Ryan, 2015; Tajfel, 1982), um terceiro estudo se propôs a compreender os processos de pertencimento associados aos grupos sociais *brasileiros* e *alemães* entre crianças, filhos e filhas de imigrantes brasileiros em Berlim. Neste último estudo, um instrumento com características lúdicas, voltado para crianças filhas e filhos de pais ou mães brasileiros, foi aplicado a fim de se construir *mapas mentais* que ilustrassem o modo como as crianças percebem os territórios Brasil e Berlim, bem como os membros dos dois grupos nacionais. A criação de *mapas mentais* favorece a apreensão da compreensão do sujeito, a partir de suas pertencas, a respeito de determinado ambiente (Arruda, 2009; Cruz & Arruda, 2008; Jodelet, 2013). O desenho dos mapas sugere a expressão de memórias e afetos que ultrapassam a

simples percepção espacial, podendo demarcar e compor a elaboração da identidade pelos indivíduos (Arruda, 2009).

A relevância do objeto *migração* no território europeu, principalmente devido ao advento da denominada “crise humanitária”, “crise dos refugiados” ou “crise dos imigrantes” (Dufour & Forcier, 2015; Mezzadra, 2015; Wenden, 2015), pressupõe a necessidade de um método misto de análise e tratamento dos dados, a fim de permitir uma reflexão mais abrangente em níveis psicossociais sobre a dinâmica estudada (Minayo & Sanches, 1993). A focalização na discussão a respeito dos processos identitários entre membros de uma comunidade de imigrantes, que busca vivenciar a sua cultura e recriar espaços que reproduzem e mantêm práticas simbólicas de seu país de origem, corresponde à análise de um fenômeno difuso e concernente a um grupo natural, o que ressalta sua relevância dentre a análise da estrutura e das posições sociais (Doise, 2002; Tajfel, 1983).

Análise dos Riscos

Considerando os estudos desenvolvidos, com base na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõem sobre as normas para pesquisa com seres humanos, avalia-se que a presente proposta apresentou risco mínimo aos que participaram da mesma. Informa-se, ainda, que a pesquisa está devidamente registrada junto ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Espírito Santo, tendo sido respeitados todos os procedimentos éticos, conforme legislação vigente. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo parecer de número 2.410.11.3.

Estudo 1.
Comunidade brasileira em Berlim: notas
de uma etnografia urbana

Apresentação

O primeiro estudo desta tese teve como tarefa descrever e analisar a maneira como brasileiros residentes na cidade de Berlim vivenciam a brasilidade, compondo espaços que os permitem reconstruir contextos representativos das diferentes formas de ser brasileiro no mundo (Corrêa, 2016). A escolha da cidade de Berlim para a produção dos estudos baseou-se na informação de que nesta cidade se encontra parte expressiva e crescente da comunidade brasileira na Alemanha, país que vem recebendo grandes contingentes de migrantes do Brasil nos últimos anos (MRE, 2014).

Objetivos

Este estudo teve como objetivo investigar a organização social da comunidade brasileira em Berlim, a partir da análise de suas dimensões territoriais, sociais e das relações vivenciadas entre os indivíduos.

Estratégias Metodológicas

Para a realização deste primeiro estudo, utilizou-se do método etnográfico, evidenciando um contexto urbano, o qual possibilitou apreender as formas de uso do espaço da cidade de Berlim pelos brasileiros, bem como as trocas que mantêm com outros grupos com os quais mantém relação (Buscariolli, Carneiro & Santos, 2016). A utilização do método etnográfico para realização de uma pesquisa exploratória possui o objetivo de encontrar significados sociais nos padrões de comportamentos dos membros de um grupo cultural situados em tempo e espaços definidos (Pereira, Síndic & Camino, 2013). Desse modo, este primeiro estudo pôde fornecer elementos para a discussão de como os brasileiros imigrantes em Berlim vivem a brasilidade, a partir do modo como se relacionam e experienciam os espaços urbanos.

Importante esclarecer que a etnografia urbana não se configura como uma imersão para constituição de uma vivência de um grupo exótico, isolado e confinado a algum gueto (como uma visão do senso comum tenderia a considerar) (Magnani, 2005). Ela possui, ao contrário, presença visível e participação ativa no cenário urbano, permitindo a captação da real dinâmica social estabelecida (Magnani, 2005; Rui, 2014).

A partir de visitas a estabelecimentos comerciais, educacionais e instituições culturais vinculadas ao Brasil, foram realizadas observações por meio de protocolos sistematizados, a fim de apreender as dimensões concernentes aos *espaços sociais e territoriais* comuns à comunidade, às suas *relações sociais* e aos seus *indivíduos*. Consistiu ainda como tarefa deste estudo realizar uma discussão em função da existência, funcionamento e reconhecimento dos brasileiros como uma comunidade.

Com base nesta perspectiva, os dados foram coletados tendo em vista as particularidades do grupo em análise, visando registrar suas vivências a partir de diários de campo estruturados (Jaime Junior, 2003).

Fonte dos dados, instrumentos e procedimentos de coleta dos dados

Como instrumentos de registro dos dados, foram utilizados diários de campo produzidos pela pesquisadora e arquivos audiovisuais de eventos e reuniões promovidas pela comunidade. Os diários de campo são ferramentas originárias da Antropologia Social e amplamente utilizadas nas pesquisas sociais (Moreira & Guzzo, 2014). Considerados parte expressiva do ofício do etnógrafo, os diários de campo consistem em um instrumento que tem como técnica a observação diária e direta dos comportamentos e fluxos rotineiros de um grupo social (Weber, 2009).

As anotações referentes aos encontros com os brasileiros, às atividades, reações, posturas e impressões do meio, bem como relativas às dificuldades enfrentadas (Silveira, 2007) também foram utilizadas para fins de análise. O diário de campo consistiu em um formulário sistematizado e organizado em função do cotidiano observado, que dispunha de espaços para anotações de informações referentes às pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas (Afonso, Silva, Pontes & Koller, 2015).

Ressalta-se que o modelo de diário de campo adotado foi desenvolvido com base na discussão de Beaud e Weber (2007), que sugerem a composição do formulário em duas frentes de coleta de dados. A primeira, composta das anotações referentes às informações sobre situações observadas, denomina-se *diário de ações de pesquisa* e nela constam espaços reservados às descrições, impressões e outros relatos. Já a segunda, denominada *diário de pesquisa*, é composta por anotações que se relacionam ao desenvolvimento de análises que orientarão a pesquisa como um todo, como, por exemplo, os primeiros pensamentos a respeito dos planos de análise e redação do trabalho (Beaud & Weber, 2007).

Baseando-se nas considerações teórico-metodológicas arroladas e no objetivo deste primeiro estudo, definiu-se que o diário de campo (Ver Apêndice 1) referente às ações de pesquisa, possuiria quatro frentes de anotação, a saber: I) disposição da *dimensão geo-territorial*, na qual foram inscritas informações concernentes ao espaço comum à região onde se localizam ou se encontram os membros da comunidade e na qual são consideradas as relações políticas, públicas ou econômicas que se desenvolvem no interior da comunidade; II) descrição das *relações sociais*, na qual se concebeu de que maneira os indivíduos interagem uns com os outros dentro da comunidade; e III) descrição de comportamentos *individuais*, que podem indicar de que maneira os indivíduos se posicionam frente à organização do grupo.

A coleta dos dados foi realizada entre os meses de setembro, outubro e novembro de 2016 e também durante o mês de junho de 2017, a partir da técnica de observação-participante, que consiste na imersão no grupo analisado, prevendo a participação e interação do pesquisador com o grupo (Abib, Hoppen&Hayashi, 2013; Malfitano, 2011). A fim de alcançar e imergir no cotidiano do grupo em análise, foram realizadas visitas às instituições específicas para o público brasileiro (como, por exemplo, escolas de ensino de português como língua de herança e instituições culturais), a eventos destinados à comunidade (como festas folclóricas ou típicas e eventos de divulgação cultural) e a locais de comum acesso aos brasileiros em Berlim (como estabelecimentos comerciais voltados à culinária brasileira).

Tratamento dos dados

Os dados coletados foram tratados por meio da utilização dos recursos da Análise de Conteúdo Categórica Temática (Bardin, 2002), para que fosse possível a identificação de elementos-chave na constituição do grupo e de suas rotinas. A Análise de Conteúdo Categórica Temática, segundo Bardin (2002), é realizada a partir das seguintes fases: 1) *pré-análise*, que consiste na seleção e leitura do material coletado; 2) *codificação*, fase em que se seleciona o material a fim de transformá-lo em registros que futuramente poderão ser agrupados, 3) *categorização*, na qual o pesquisador organiza os dados em conjuntos de unidades de registro significativas, e 4) *interpretação*, que se refere ao processo inferencial de análise dos dados (Gondim & Bendassoli, 2014).

De acordo com Castro, Abs e Castellá Sarriera (2011), a Análise de Conteúdo pode ainda ser realizada a partir de um procedimento de *dedução*, no qual o pesquisador dispõe da literatura como recurso de inferência natural, ou de um procedimento de *indução*, em que as categorias são criadas a partir da leitura do material coletado. Acredita-se que, neste estudo, os dados foram

categorizados a partir de *dedução*, conforme referenciação ao aporte teórico-conceitual e ao instrumento de diário de campo utilizado.

Territórios e vivências da brasilidade em Berlim

Os resultados são apresentados a partir de relatos que compõem o trabalho de visita a 13 diferentes territórios⁷ urbanos frequentados por brasileiros em Berlim.

Dentre estes relatos, apresentam-se os seguintes territórios: 1) a escola de música „*Musik Schule*”, com o projeto „*Brasilianische Musik in der City West*”⁸, espaço no qual se reúne um coral de brasileiros e alemães para cantar músicas típicas do Brasil; 2) o “Café do Brasil”, lanchonete e restaurante que serve comidas e bebidas típicas brasileiras; 3) a *T-Korbefantasie*, lanchonete e mercadinho brasileiro da mineira Maria; 4) o restaurante “Café Mori”; 5) o “Conselho de Cidadãos de Berlim”, organização vinculada ao Consulado do Brasil; 6) as atividades de um dos encontros de brasileiros promovidos pelo “Conselho de Cidadãos” no espaço do “Café Mori”; 7) a “ACIBRA”, Agência de Comunicação e Informação entre Brasil e Alemanha; 8) o “Fórum Brasil”, espaço intercultural que promove eventos, cursos, dentre outros; 9) a associação espírita kardecista “SAJA” (*Studien - und Arbeitsgruppe Joanna de Angelis*)⁹; 10) a Bilingua e.V., associação intercultural e escolinha de português para brasileirinhos; 11) o projeto de leitura para brasileirinhos na biblioteca *Philipp Schaeffer (Bundesweiter Vorlesetag in*

⁷ O termo *território* é aqui empregado tendo em vista a noção da necessidade de se possuir um espaço simbólico como condição para organização social e de matriz identitária na configuração das comunidades (Fadigas, 2007). Pensar o *território*, qualquer que seja, implica conhecer e compreender as pessoas, cultura(s), potencialidades e dinâmicas, interações sociais e eventuais situações de tensão ou conflito que aí se manifestem no âmbito das vivências dos seus habitantes migrantes e/ou naturais (Silva, Piedade, Morgado & Arau Ribeiro, 2016).

⁸ “Escola Brasileira de Música no Oeste da Cidade”,

⁹ “Grupo de trabalho e estudos ‘Joanna de Angelis’”

*der Philipp-Schaeffer-Bibliothek*¹⁰); 12) a Festa “Chega de saudade”, evento promovido por brasileiros, com artistas do Brasil e comidas típicas; e 13) a “Festa Junina”.

Além dos relatos das observações registrados em diários de campo, foram utilizados arquivos audiovisuais dos eventos e reuniões promovidas pelos brasileiros, alguns dos quais serão apresentados junto a cada um dos relatos. A partir das visitas aos estabelecimentos comerciais, educacionais e instituições culturais e religiosas vinculadas ao Brasil, foi possível conceber uma lógica de interação entre os espaços geo-territoriais e as atividades desenvolvidas pelos indivíduos brasileiros. Os dados coletados possibilitaram, além da descrição dos territórios e atividades, a apreensão de diferentes formas nas quais interagem os brasileiros nas dimensões *sociais e territoriais* comuns à comunidade. O nome território é utilizado para referir-se aos espaços relatados, pois se acredita que os mesmos atuam como mecanismos de socialização comunitária, conferindo aos indivíduos elementos para a simbolização da realidade dentro e fora do campo endogrupal, de modo a orientá-los no contexto de interação social (Bonomo, Souza, Menandro & Trindade, 2011).

Ressalta-se que os nomes dos indivíduos citados nos relatos referentes a este estudo são fictícios, uma vez que há um compromisso em se preservar o anonimato dos participantes. Importante salientar também que os relatos presentes nos resultados deste estudo serão apresentados em primeira pessoa do singular, devido à importância dada pela etnografia contemporânea à subjetividade do etnógrafo, à utilização da primeira pessoa no texto etnográfico e à colocação de considerações auto-reflexivas (Caprara & Landim, 2008). É o realismo etnográfico mais recente que explica essa importância da descrição nos textos etnográficos, dos detalhes, do cotidiano e, principalmente, das alusões ao “eu estive lá”, para que o ponto de vista

¹⁰ “Dias de leitura em todo o país na biblioteca *Phillip Schaeffer*.”

do pesquisador etnógrafo seja diferenciado do ponto de vista dos participantes da pesquisa (Uriarte, 2012).

Território 1. Escola de música: „*Musik Schule*” e o projeto „*Brasilianische Musik in der City West*”¹¹

Eu ainda estava no Brasil quando, por *Facebook*, conheci Elisabeth, maestrina e professora de música. Elisabeth, natural do Rio de Janeiro, vive fora do Brasil há 18 anos, sendo 15 destes na Alemanha. Ela se interessou pela pesquisa quando eu estava buscando voluntários na comunidade “Brasileiros em Berlim”, na rede social, para que pudessem responder a uma entrevista referente ao desenvolvimento desta tese. Ao primeiro contato, ainda virtualmente, Elisabeth me contou que regia um coral e que trabalhava com música em Berlim. Trocamos contato de e-mail e combinamos que, ao chegar à cidade, nos falaríamos para agendarmos um melhor horário para o encontro.

Passados dois dias da minha chegada à Berlim, entrei em contato com Elisabeth, que me passou a localização de onde estaria trabalhando naquela noite de quinta-feira. Coincidentemente, naquele mesmo dia, eu estava fazendo outras entrevistas para a tese, pelo mesmo bairro em que ficava a “Escola Brasileira de Música no Oeste da Cidade”, em Charlottenburg, ao norte de Berlim. Saí de uma entrevista no bairro e telefonei para Elisabeth, avisando que estava a caminho. Ela logo se prontificou em saber minha localização e disse que poderia me dar carona, pois estava passando próximo à estação onde eu me encontrava.

Fiquei aguardando um novo contato de Elisabeth em frente à estação *Messe Nord ICC*, a estação que faz conexão com a rodoviária de Berlim. Estava nublado naquele dia, mas,

¹¹ Visita realizada no dia 29 de setembro de 2016.

surpreendentemente, para um começo de outono, estava abafado. Era final de verão e o sol estava se pondo bem tarde.

Quando o telefone tocou e fui atender Elisabeth, me distrai e fui caminhando durante a conversa pela calçada da estação. Nesse momento, inesperadamente, um morador de rua, com uma garrafa de bebida na mão, começa a balbuciar algumas palavras, bem baixinho em alemão, como num sussurro, e, então, começa a me seguir pela rua. Em Berlim, a maioria dos moradores de rua aparenta estar em situação de dependência química, encontrando nas ruas o caminho mais fácil para acesso à droga, o que, segundo relatos locais, dificultaria a intervenção de órgãos da assistência social na cidade.

Alguns minutos depois, avistei Elisabeth buzinando e indicando que pararia o carro. Ao entrar e me encontrar com Elisabeth e seu marido, também brasileiro, ela me conta que o carro está lotado de objetos e instrumentos musicais para os preparativos de sua aula.

O caminho para a escola de música é muito bonito e as ruas adjacentes à escola lembram um local totalmente residencial e distante daquela Berlim cosmopolita, dos bairros mais ao centro. A escola se localiza em uma casa muito espaçosa, com jardim e três andares. A escada, que leva às dependências da escola, possui uma decoração vitoriana, com seu corrimão bem trabalhado e seus degraus em pedra brancos e extremamente limpos. Lá, além das aulas com o coral brasileiro, são lecionadas aulas de diversos instrumentos musicais, e outros ritmos.



Figura 1. Espaço interno da *Musik Schule*

A sala 102 da *Musik Schule*, onde se reúne a turma de Elisabeth, era espaçosa, com janelas grandes, algumas cadeiras, tapete marrom e um piano à disposição, ao lado esquerdo. O coral formado por brasileiros e alguns poucos alemães reúne-se todas as noites de quinta-feira e os ensaios têm como foco o aprendizado de técnicas vocais em grupo e de músicas populares do Brasil.

No Rio de Janeiro, a maestrina Elisabeth já trabalhava como musicista, tendo uma forte ligação com a ópera, o que a levou à Alemanha, país de tradição neste estilo vocal. Contudo, atualmente, seu trabalho na Alemanha dedica-se à promoção da interculturalidade deste país com o Brasil e foi assim que surgiu o projeto pedagógico de música “Brasil Ensemble Berlin”, criado pela própria Elisabeth e desenvolvido na escola.

No dia de minha visita, o ensaio do coral contava com cerca de 20 pessoas, entre homens e mulheres, brasileiros e alemães interessados pelo Brasil. Ao entrar na sala, fui convidada por Elisabeth a participar do ensaio.

Inicialmente, todos os participantes fazem alongamento corporal e aquecem a voz. Por mais que a turma seja predominantemente de brasileiros, as aulas são todas ministradas em alemão, porém, “salpicadas”, de palavras em português, uma estratégia utilizada para que todos, brasileiros e alemães, possam entender a aula. Percebo que nem todos os brasileiros ali são fluentes em alemão, mas a aula possui um ritmo tranquilo e acolhedor, o que permite pausas para explicações em português, quando necessário. A aula possui duração de 2 horas.

Naquela noite, embora os detalhes estivessem sendo explicados em alemão, não parecia que eu estava na Alemanha. O ambiente remetia ao ensaio de algum coral em alguma cidade no Brasil, onde havia alguns estrangeiros participando.

Ressalto que, dentre os brasileiros aos quais fui apresentada no coral, havia duas professoras, e também uma mãe de aluno, da chamada “*Europa Schule*¹²”, uma escola pública alemã que possui funcionamento bilíngue (português-alemão). Interessante pontuar que, por intermédio destas mesmas professoras, fui convidada para participar, posteriormente, de uma reunião de pais na escola, que aconteceria na semana seguinte. Tendo em vista os milhares de brasileiros que vivem em Berlim e a característica de grande centro que a cidade possui, este convite me foi também uma oportunidade para pensar que uma rede social mais coesa de brasileiros de fato existia.

Ao começar o ensaio do coral, Elisabeth enfatiza as entonações das palavras em português, ao explicar os ritmos das músicas, principalmente, para o grupo de 5 alemães que estavam ali. Ao som de um alegre teclado, foram cantadas músicas das típicas Festas de São João

¹² “Escola Europa”.

e também alguns sucessos da MPB. Além disso, há momentos em que a turma aquece a voz cantarolando repetidamente expressões musicais que só existem no nosso país, como “*tchurururu*”.

As conversas que surgem durante o ensaio são, basicamente, em função das tradições do Brasil. Elisabeth explica o contexto em que cada música é cantada, tendendo, inclusive, a fazer alguns paralelos entre as festas típicas do Brasil e as festas típicas da Alemanha. Falou-se bastante da festa de São João, da sua beleza, das suas cores, das suas comidas e da sua importância cultural para o Brasil, pois, no ensaio, cantaram-se músicas como a cantiga popular “cai cai balão” e “olha pro céu”, de Luiz Gonzaga, conhecidas nas festas juninas brasileiras. Os alemães presentes se interessam pelas discussões e faziam perguntas no sentido de tentar comparar a festa do Brasil com outras festas já conhecidas na Europa.

Posteriormente, no ensaio, o grupo é dividido conforme o tom de voz dos participantes e são feitas marcações do ritmo da música com expressões corporais como: bater palmas, bater os pés, balançar o corpo. A alegria em se cantar na língua nativa é notada no sorriso e entusiasmo expressados pelos brasileiros presentes. Quando se tratava de uma música mais conhecida, todos queriam cantar mais rápido e pular a parte em que a regente do coral explicava aos alemães *sílaba tônica por sílaba tônica*. Naquela semana, em específico, os participantes se preparavam para uma apresentação pública, o que os deixava nervosos, mas, ao mesmo tempo, contentes com os resultados do trabalho, que ocorria desde o início do ano.

Além das professoras de ensino infantil que se aproximaram, se interessando pela pesquisa, outra moça brasileira também se mostrou curiosa. Renata, natural do sul do Brasil, também era professora de música em sua cidade natal, mas, em Berlim, era estagiária voluntária no coral regido por Elisabeth, enquanto ainda tentava uma colocação no mercado de trabalho

berlinense. Ela e o marido mudaram-se para Berlim por conta do trabalho do mesmo, que, como muitos dos imigrantes empregados na cidade, trabalha com tecnologia de informação. A mudança de país para ambos simboliza uma vida mais segura e com maiores oportunidades. Renata também atua como voluntária na escolinha de português Bilingua, espaço dedicado à comunidade brasileira que será relato adiante.

Destaco que o coral de Elisabeth possui uma coesão no sentido de que todos buscam, através da música, algum tipo de satisfação, relaxamento ou, até mesmo, conexão com o Brasil e com compatriotas. A maioria da turma lamentava-se, inclusive, pelo fato de que Elisabeth iria ao Rio de Janeiro na semana seguinte, suspendendo os ensaios por alguns meses.

Território 2: Café do Brasil¹³

Ao chegar à famosa Praça *Platz der Luftbrücke* (por onde passa o U-Bahn 6 – Linha 6 do metrô Berlinense), me deparei com um grande cruzamento, que fica próximo ao antigo aeroporto desativado *Tempelhof* (construído na época nazista e que servia de abrigo durante a Segunda Guerra Mundial). Não é preciso nem sair da praça, onde se encontra a saída do metrô, para ver, do outro lado da rua, as cores verde e amarela. Logo ali, atravessando a *Platz der Luftbrücke*, em mais um dia cinzento e frio na capital alemã, avisto, imediatamente, as cores vivas e uma vegetação de plástico que imitam uma floresta tropical. Parecia um oásis de calor em meio à chuva fina e congelante daquele dia. O outono estava se tornando muito frio em Berlim e, por essa razão, percebo que as mesas abandonadas ao lado de fora do café eram antes, quando havia sol ou uma temperatura um pouco mais quentinha, cenário de conversas ao ar livre.

Entro no Café do Brasil e encontro um ambiente com luz baixa e bastante folhagem de plástico (no teto, nas janelas, nos cantinhos) que imitam samambaias, bananeiras e palmeiras. No

¹³ Visita realizada nos dias 02 e 11 de outubro de 2016.

ambiente, há também diversos instrumentos musicais espalhados ou pendurados nas paredes (como pandeiro, berimbau, cavaquinho, chocalho, agogô, cuíca, sanfona), além de quadros que remetem à cultura e às paisagens brasileiras.



Figura 2. Imagem da parede do café e sua decoração

Os quadros nas paredes trazem a figura de Iemanjá, de praias brasileiras, uma foto de Luiz Gonzaga, fotos de baianas vestidas tipicamente, de índios e, é claro, a bandeira do Brasil. Vejo, ainda, no teto revestido de palha, um balão verde e amarelo, que logo me remete às festas juninas. A televisão, no alto de uma das paredes, transmite shows de artistas brasileiros. Nos dias em que a televisão está desligada, se ouve um samba, um pagode, axé ou forró pelas caixas do rádio.

O Café do Brasil é um restaurante típico brasileiro que se localiza na divisa entre os bairros *Kreuzberg* e *Tempelhof*, em Berlim. O café é bastante conhecido pelos brasileiros na cidade e possui um cardápio variado de comidas típicas, que incluem os indispensáveis arroz, feijão, bife e batata frita, a famosa coxinha de frango desfiado, moqueca, peixe frito, caldos,

strogonoff, feijoada, pão de queijo, água de côco, pasteizinhos e, naturalmente, caipirinhas. No cardápio vejo, além de refrigerante de guaraná, de sucos de frutas diversas e cachaça “Velho Barreiro”, algumas cervejas alemãs.

O café, que funciona majoritariamente como restaurante, pertence a um casal binacional (um alemão, Manfred, e uma brasileira, Rose). O casal se conheceu no Brasil, ainda na década de 1990 e, após o casamento, mudou-se para a Alemanha em 1997, visitando o Brasil todos os anos. A família de Rose, natural da Bahia, ainda vive no país e ela conta, já durante a minha segunda visita ao café, a angústia que sente ao saber que um de seus irmãos havia falecido, enquanto ela não estava presente.

Na conversa com a dona do café, noto uma profunda tristeza ao dizer: “*é como se não conhecesse mais a minha família*”. Depois de muitos anos vivendo em Berlim, Rose afirma que o investimento no café foi a maneira que encontrou de ter o seu próprio Brasil, apesar de destacar que é o marido quem mais se envolve com a organização do espaço. Afirma que, quando viaja ao país, percebe que, cada vez mais, aquele lugar e aquelas pessoas que ela conhecia se modificaram, trazendo ainda mais saudade do tempo em que ainda estava lá e não percebia a mudança de forma tão abrupta. Além da perda de entes queridos, Rose salienta o distanciamento de amigos, que passam a ser desconhecidos, pois, muitos deles, se mudaram de sua cidade natal, o que dificulta a visita a todos eles quando está no país.

Estive no café em um momento em que se percebia uma reforma de sua fachada, mas, este fato não diminuiu a beleza e o aconchego do lugar. O restaurante não é muito grande e contém, no espaço interno, nove mesas e um balcão, de onde se pode ver cachaças, licores, diversos tipos de taças, xícaras e copos, e uma máquina de café. Há também o garçom (de

origem alemã e turca, mas que entende um pouquinho de português) e uma cozinheira brasileira, Diana, natural do Rio de Janeiro.

Na primeira, das duas vezes que estive no café, ao entrar no local, fui recepcionada pelo único garçom com um sorriso tímido, que passava uma feição de dúvida, esperando para saber em qual língua eu falaria. Como nós brasileiros podemos ter todos os traços físicos imagináveis, compartilhei, sem nem ao menos falar nada, da possível dúvida linguística em relação ao garçom, ali parado olhando para mim.

Resolvi arriscar pelo mais confortável, já que estávamos em território verde e amarelo, e retribui ao sorriso com um “*boa noite*”. Na mesma hora, vi o desconforto no rosto do rapaz, mas, ele se esforça e diz que entende um “*pouquito*” de português. Me apresento a ele, em português, e pergunto se os donos estavam por lá. Logo sou apresentada ao marido de Rose, Manfred, um alemão apaixonado pelo Brasil, e que fala português. Ele me conta que o café existe desde 2002 e que, além de servir como um restaurante, também é fechado para eventos brasileiros, além de aniversários e outras festas particulares. O Café do Brasil também oferece serviço de buffet das comidas típicas que possui em seu cardápio.

Manfred afirma que o café era um projeto antigo, pois a sua esposa sentia muita saudade do Brasil e ele também. Fui apresentada também à única cozinheira do restaurante, a brasileira Diana, que, naquela noite, estava bastante atarefada, mas se oferece para conversar comigo e marcamos um dia, para que ela fosse entrevistada individualmente, para um dos estudos da tese.

Quatro das nove mesas do restaurante estavam ocupadas. Percebo que, em sua maioria, a clientela daquela noite era composta por brasileiros, embora fosse possível ouvir também alemão, inglês e português de Portugal. Sento-me em uma mesa de dois lugares, no cantinho, peço um churrasquinho no espeto acompanhado de arroz, feijão, farofa e um guaraná e, enquanto

guardo meu pedido chegar, fico observando a movimentação. Logo percebo que, em uma das mesas, na qual os ocupantes falavam português brasileiro, a conversa se dá tendo como foco algumas comparações entre o Brasil e a Alemanha:

“No Brasil é tudo mais exagerado. Aqui as pessoas fazem a refeição de forma contada, é um pouquinho no prato de cada um. Não tem aquele ‘monte de coisa’ que tem no Brasil. Lá é muito importante a quantidade de na mesa.”

Percebo que, ao meu lado, em outra mesa, cinco pessoas conversam em português brasileiro sobre cirurgia de mudança de sexo e preconceito no Brasil e na Alemanha. Uma das mulheres que estava na mesa, afirma ter feito a cirurgia e comenta “*acho que aqui é diferente (em termos de preconceito), e no Brasil é mais difícil operar*”.

Continuo ali, atenta aos detalhes do lugar, quando, então, crio coragem para me aproximar de uma das mesas. Apresento-me aos que ali estavam e pergunto o que mais gostam no Café do Brasil. A caipirinha foi resposta unânime entre os cinco amigos brasileiros. Um deles se sobressai dizendo que o café é um ótimo lugar para “matar a saudade” das coisas boas que têm no Brasil. Ele continua dizendo que é apenas das coisas boas do país que sente falta. Durante a conversa nesta mesa, este mesmo rapaz destaca que a comida é uma das melhores coisas do Brasil, mas que, infelizmente, sentia tristeza ao pensar no preconceito que sofria no Rio de Janeiro, cidade onde vivia, por ser homossexual.

Outro rapaz afirma que ele e os amigos vão, de vez em quando, no café para, principalmente, comer coxinha de frango e colocar a conversa em dia. Uma das amigas, que estava sentada a sua frente, afirma que quando está ali no café falando português, comendo coxinha e tomando caipirinha, se esquece de que não está no Brasil.

Próxima à parede oposta à que eu estava, avisto outro grupo que, aparentemente, era composto por dois casais. Percebo que apenas dois dos ocupantes desta mesa falavam português brasileiro, sendo necessária, por vezes, uma explicação em alemão ou inglês. Curiosamente, me aproximo desta outra mesa e ali conheço Adriana, seu marido e um casal de amigos dela (que eram, na verdade, de Portugal). Adriana é brasileira e reside na Alemanha há quase 20 anos. Trabalha com estética e depilação em Berlim e disse que estava no café para apresentar, aos amigos portugueses, a comida brasileira. Na maior parte do tempo, percebo o esforço de Adriana e seu marido para explicar os ingredientes contidos em cada prato que chegava à sua mesa. Nota-se, também, que algumas palavras eram insuficientes para explicar as comidas e que os amigos portugueses, por vezes, se apoiavam no uso de palavras em inglês ou em alemão.

Por sua tradicional existência, frequentam o Café do Brasil muitos brasileiros que vivem em Berlim há muitos anos. Em uma de minhas visitas ao local, conheci Moacir, músico, cantor e compositor pernambucano, que vive na Alemanha há cerca de 20 anos. Moacir mudou-se para a Alemanha por conta de um casamento com uma alemã, nos anos 1990 e, hoje, embora tenha se divorciado, continua vivendo e trabalhando na cidade. Moacir está à frente da bateria de samba “Verde e Branco” que, segundo ele, atualmente, se encontra em uma fase mais retraída. Durante nossa conversa no café, enquanto tomava um suco de fruta, Moacir me contava que, durante 4 anos, a bateria fez várias apresentações em Berlim. Entre shows, *workshops* e eventos culturais, Moacir ia levando seu trabalho com uma equipe que tocava também surdo, caixa, tamborim, repique, agogô, dentre outros instrumentos que ele regia.

Segundo Moacir, a bateria já tocou também em festas no café e fazia parte dela não apenas brasileiros, mas também italianos, russos e peruanos. Segundo ele, a bateria era uma mistura de culturas. Hoje em dia, Moacir cita a dificuldade que a “Verde e Branco” tem

encontrado para se manter na ativa. Afirmado a dificuldade para juntar as pessoas e a dispersão que o grupo sofreu, Moacir ressalta: “os brasileiros não têm responsabilidade com o horário e só pensam no retorno financeiro”.



Figura 3. Flyer de divulgação da bateria disponível no Café

O Café do Brasil respira a cultura brasileira e, até mesmo nos banheiros, é possível ver cartazes de shows e exposições literárias e artísticas de brasileiros que aconteceram em Berlim. Ali, também próxima aos banheiros, se encontra uma estante com diversos papéis de propaganda, dentre elas: propaganda de salão de beleza brasileiro, centro de estética brasileiro (o de Adriana estava lá), festas brasileiras, rodas de leitura e literatura brasileira, dentre outros eventos, além de pôsteres de artistas.

Território 3: *T-Korbefantasie* (Lanchonete e mercadinho brasileiro) ¹⁴

Era uma tarde de sábado quando telefonei para uma moça que havia se voluntariado para participar do segundo estudo da tese, para agendar com ela um horário e local para entrevista. Em conversa, ela me disse: “*você quer ir à coxinha comigo?*”. Não conhecia o lugar que ela estava se referindo, mas topei de imediato. Era uma tarde fria, porém ensolarada em Berlim e almoçar uma coxinha, me pareceu uma ótima ideia.

Ao descer do ônibus e chegar à rua que me foi informada pela entrevistada, avisto de longe bandeirinhas nas cores verde e amarela, que não deixavam dúvidas da direção em que deveria seguir. Entro pela porta cinza de madeira e vejo vários produtos conhecidos da cozinha brasileira à mostra, além de um balcão com uma estufa.



Figura 4. Entrada

¹⁴ Visita realizada no dia 14 de outubro de 2016.



Figura 5. Porta bolsas

Atrás do balcão, vestida com roupas de cozinheira, estava Maria, uma moça simpática que me acolheu com um sorriso logo na entrada. Apresento-me para ela e digo que estou à espera de uma pessoa. Ela, gentilmente, me oferece o cardápio e diz que, naquele dia, tinha à disposição vários sabores de pastel de vento, caldo de cana, além de sua famosa coxinha.



Figura 6. Pastéis, caldo de cana e coxinha

Enquanto minha entrevistada não chegava, vou conversando com Maria que me conta ser natural de Minas Gerais. Ela havia se mudado para Berlim por conta de um casamento com um alemão, há cerca de 10 anos atrás. Ao se mudar, Maria conta que logo tratou de trazer os filhos de seu primeiro casamento para também morar com ela. Um deles, um jovem de 18 anos, estava trabalhando como jogador de futebol profissional em um time famoso de Berlim, motivo que dava à Maria muita alegria. Ela disse que suas filhas estudam e que fica satisfeita em poder ver seus filhos fazendo faculdade.

Maria me apresenta sua loja e afirma que possui clientes não apenas do Brasil, mas também outros latino-americanos e africanos. Ela afirma que já cozinhava no Brasil e que, quando chegou em Berlim, trabalhou para outras pessoas até conseguir abrir sua própria loja e lanchonete. Os produtos são produzidos no Brasil e Maria afirma ter vários fornecedores, além de viajar anualmente para o país.

Dentre os produtos dispostos nas suas prateleiras, é possível encontrar farinha de mandioca, paçoca, gelatina, mistura para bolo, sabão de côco, doces de goiabada, marmelada, temperos prontos típicos do Brasil, leite de côco, feijão, canjiquinha, biscoito de maizena, tapioca granulada, sucos de frutas tropicais, palmito, cachaça e muitos outros. Além dos produtos comestíveis, no mercadinho também é possível encontrar chinelos e alguns produtos de beleza do Brasil.



Figura 7. Alguns dos produtos expostos nas prateleiras do mercadinho



Figura 8. Venda de chinelos

Na conversa com Maria, ela afirma gostar muito de ter construído sua loja e poder oferecer aos brasileiros uma proximidade com o Brasil. Contudo, ao mesmo tempo, Maria afirma ter se decepcionado com alguns compatriotas. Afirma que sente que, muitas vezes, os brasileiros são desunidos, querendo “*passar a perna nos outros*”, o que a deixa desconfiada com os membros da comunidade. Em específico, ela conta a história de um jovem brasileiro, a quem ela ajudou, acolhendo-o em sua casa, quando este chegou a Berlim, mas que a enganou e tirou vantagem de sua ajuda.

Maria disse que ama seu país e que gosta muito de ajudar os brasileiros, mas que situações como esta a deixam em dúvida com relação à índole daqueles que a pedem ajuda. Mesmo assim, ela menciona que, nos fundos de sua loja, funciona um salão de uma brasileira, a Lucia. Naquela época, Lucia estava viajando e, por isso, seu salão estava fechado. Mas, Maria fez questão de me mostrar as instalações.

Atrás do balcão de Maria, via-se uma pequena escadinha com uma porta ao seu final. Ela me chama até lá e tira do bolso uma chave que nos deu acesso ao salão de Lucia. O salão era pequeno, mas logo se constatava que se tratava de um ambiente tipicamente brasileiro, principalmente, pela presença de uma rede de balanço bem ao centro. No salão também se viam, expostos em prateleiras, alguns produtos de beleza brasileiros à venda, além de biquínis. Na parede, um quadro grande não deixava dúvidas da origem da cabeleireira.



Figura 9. Espaço onde funciona o salão de beleza, aos fundos do Mercadinho

De volta ao mercadinho, encontro com minha entrevistada e, fazemos um lanche, regado a pasteis, caldo de cana, sucos e coxinhas. O mercado e lanchonete de Maria, apesar de pequeno, fazem com que a gente se sinta em um daqueles grandes mercados municipais que possuem cor, cheiro e sabor de Brasil.

Território 4. Café Mori¹⁵

O Café Mori se localiza em uma região nobre de Berlim, uma grande avenida próxima a estação *Görlitzer Bahnhof*, no bairro de *Kreuzberg*, bairro considerado um dos mais badalados da cidade. O café pertence a uma senhora brasileira, Dona Helena, que é natural de São Paulo e é descendente de japoneses. Dona Helena reside na Alemanha há 40 anos. Casada com um sírio, possui um filho, Maurício, que está à frente do Café todos os dias, junto a uma assistente.

O café Mori funciona como um restaurante típico brasileiro, mas também como cafeteria tradicional. Ao chegar, nos deparamos com uma pesada porta de madeira, que possui ao lado um quadro com informações do cardápio e uma parte da parede pintada nas cores do Brasil.



Figura 10. Porta de entrada do Café Mori

Dentre os pratos principais do café, estão a típica feijoada brasileira, servida com couve, ovo, farofa, arroz e vinagrete, porção de coxinha de frango e pão de queijo, sucos naturais de fruta, chocolates “garoto”, dentre outros. Vê-se também um freezer com bebidas de marcas originais do Brasil, como guaraná e cerveja.

¹⁵ Visita realizada nos dias 16 e 27 de outubro de 2016.



Figura 11. Feijoada servida com farofa e freezer com bebidas servidas no café

Como parte da composição do café, há uma mesa grande, ao centro, e mais algumas mesas menores espalhadas, além de um sofá mais aconchegante, tudo iluminado a uma luz baixa, ao som de música ambiente, ora alemã, ora brasileira. No ambiente, se vê muitos brasileiros, mas, também alemães. Nota-se que, diferentemente de outros cafés, o café Mori não possui garçons e os clientes fazem seus pedidos no próprio balcão ao Maurício ou à dona Helena, que já conhecem muitos dos frequentadores por nome.

Em uma das vezes que estive no Café, participei de uma das reuniões do Conselho de Cidadãos em Berlim, ligado ao Consulado Brasileiro. O contato com o Conselho é descrito a seguir.

Território 5. Conselho de cidadãos de Berlim¹⁶

Entrevista com Gisela – Conselheira

Tive a oportunidade de conhecer o Conselho de Cidadãos de Berlim a partir de documentos oficiais disponibilizados pela Embaixada Brasileira na internet. Nestes documentos, consta que o Conselho de Cidadãos está espalhado pelo mundo todo, especialmente nas grandes cidades, tendo como maior prerrogativa o apoio a brasileiros no exterior, sendo também uma espécie de porta voz de suas necessidades junto ao Consulado. Uma das conselheiras, Gisela, que vive em Berlim há 20 anos, se disponibilizou a conversar comigo sobre o trabalho no Conselho.

O Conselho é formado por brasileiros voluntários e é vinculado ao Consulado do Brasil, de modo que possui ligações com o órgão e participação em algumas reuniões com o mesmo. O presidente do Conselho de Cidadãos é sempre um funcionário do Ministério das Relações Exteriores, para o qual são feitos relatórios oficiais de maneira periódica.

Gisela informa que o contato com os brasileiros através do Conselho é de extrema importância para estes relatórios, justamente pela conexão que possui com o Governo Brasileiro, sendo, portanto, uma forma de comunicar as necessidades e reivindicações da população no exterior. Entretanto, esta conexão com o Governo, segundo ela, muitas vezes, afasta a população brasileira do Conselho, pois o mesmo passa a ter uma imagem de “elitista”, no sentido de que muitos entendem que o Conselho existe apenas como “pró-forma”, e que serve para manutenção de privilégios de uma pequena parcela de imigrantes.

A respeito da formalização com o Governo Brasileiro, Gisela afirma que, em Berlim, estima-se a existência de mais de 2000 brasileiros em situação irregular, ou indocumentados, que não se aproximam do Conselho por medo de sua ligação com as instituições governamentais. Contudo, a conselheira informa que esta ligação não se estende em nível de denúncia ou

¹⁶ Visita realizada no dia 11 de outubro de 2016.

regulamentações, mas, sim, no sentido de compreender que qualquer brasileiro no exterior que se dirigir ao Conselho, será ouvido e respeitado como tal.

O Conselho não possui um espaço físico próprio e, segundo Gisela, os conselheiros atuam de forma voluntária, não havendo qualquer fim lucrativo na organização. O trabalho dos conselheiros envolve uma função de mediação entre a população brasileira na cidade e os órgãos federais do Brasil. Desse modo, promove mensalmente um bate-papo periódico com os brasileiros, que acontece, na maioria das vezes, em algum estabelecimento ligado ao país, como o Café Mori e o Café do Brasil. A seguir, segue relato de participação em um destes encontros ocorridos no Café Mori.

Território 6. Encontro de Brasileiros promovido pelo Conselho de Cidadãos de Berlim, no Café Mori¹⁷

O Encontro daquela quinta-feira à noite possuía como tema principal “meu primeiro inverno em Berlim.” Como estávamos em meados do outono alemão, e as temperaturas começavam a cair significativamente, a reunião do Conselho possuía como objetivo dar algumas orientações sobre roupas adequadas para se aquecer e dicas de saúde, além de abrir espaço para o compartilhamento de experiências, angústias e outras “dicas de sobrevivência” por parte dos brasileiros que já estão em Berlim há mais tempo.

Importante ressaltar que o Conselho de Cidadãos envia mensagens a todos os brasileiros cadastrados por ele, informando com antecedência a realização dos encontros. Desse modo, neste encontro, em específico, havia 17 brasileiros residentes em Berlim; uns há alguns meses e outros há anos na cidade.

¹⁷ Visita realizada no dia 27 de outubro de 2016.

O grupo se reuniu na mesa principal do Café Mori, bem ao centro. Alguns tiveram de ficar nos sofás adjacentes, outras ficaram em pé mesmo. Gisela é a mediadora do encontro e começa sua fala dando boas vindas a todos, se apresentando e colocando a pauta do dia como questão.

Inicialmente, a mediadora começa a discussão sobre o tema afirmando a necessidade que os brasileiros possuem de buscar outras fontes de vitamina D durante o inverno de Berlim. Durante esta época do ano, o sol nasce muito tarde (por vezes, chegando a nascer às 8 horas manhã) e se põe muito cedo (por volta das 15:30h ou 16h). Segundo Gisela, este fato pode angustiar alguns brasileiros que, por exemplo, trabalham o dia todo e não veem a luz do sol por meses, devido ao horário do expediente começar antes do sol aparecer e terminar depois que ele se põe.

A discussão continua sobre saúde e a mediadora comenta a existência da chamada “depressão latina”, muita conhecida pelos médicos alemães que atendem brasileiros. A “depressão latina”, segundo a mediadora, é reconhecida como um estado de abatimento e desânimo por parte dos latinos que vivem em Berlim, pelo fato de terem menos contato com o sol do que costumavam ter em seus países de origem. A falta de vitamina D, que este contato com o sol produz, leva muitos brasileiros a estados considerados de fraqueza, abatimento e, até mesmo, depressivos.

A mediadora afirma ainda a importância de se sair de casa todos os dias, pois ficar em casa, sem contato com pessoas, pode ser considerado também, segundo ela, uma das causas da depressão de inverno:

“É considerado de extrema importância se alimentar de modo a suprir esta deficiência de vitamina D. É importante, por exemplo, comer carnes ricas em vitamina D. Acrescento,

ainda, a importância de ver pessoas. Devemos sempre fazer um esforço para sair de casa e conversar com as pessoas. No inverno a gente acaba ficando mais recluso e isso é muito perigoso. Aqui, como está muito frio e o sol se põe antes das 4 da tarde, a maioria das pessoas não quer sair de casa. Anotem na agenda como um compromisso diário ‘sair de casa’”.

Segundo Gisela é importante atentar-se para as dicas de roupas de inverno. “Vocês sabem o que é o ‘efeito cebola’? É a vestimenta em três camadas. Quando a gente chega aos lugares, vamos tirando essas camadas”. Ela explica que, geralmente, estas camadas são: uma camisa de algodão, um *pullover* e um casaco de inverno por cima.

Gisela destaca também a importância de se carregar peças extras na bolsa, como meias e luvas. Ela afirma que muitas meias ficam molhadas ou, de tão apertadas, congelam, literalmente, o pé. Destaca ainda a importância de se ter sapatos impermeáveis e tomar cuidado com o gelo (que se forma com a neve junto com a chuva), pois é muito perigoso e muitas pessoas caem e quebram braços e pernas. A necessidade de se abrir as janelas de casa foi uma ação destacada pela mediação. Aguentar o frio por, pelo menos, 5 minutos de janelas abertas, é importante, segundo ela, para que o ar se renove e se evite doenças.

Com a finalização da fala de Gisela, uma das participantes, uma moça com sotaque carioca, comenta: “No inverno passado, eu tive muita dor de cabeça porque me esquecia de tomar água durante o dia”. Esta fala abriu espaço para alguns burburinhos na mesa. Alguns concordavam e diziam que, durante o inverno, não se atentam para a necessidade de continuar ingerindo 2 litros de água por dia.

Outra participante comenta a existência de alguns temperos que ajudam a aquecer o organismo e a acelerar o metabolismo: “*importante lembrarmo-nos destes temperos para*

acostumar o corpo". O *curry*, muito utilizado na culinária Berlinense, por influência dos imigrantes turcos, aparece na conversa como um destes temperos.

Um dos participantes diz: *"comprem garrafas térmicas para levar bebidas quentes, durante os percursos na rua"*. Logo, uma participante faz uma ressalva: *"Eu queria alertar as mulheres que estão aqui, porque a gente toma muito chá aqui, e, alguns destes chás, cortam o efeito do anticoncepcional"*.

Outra mulher, participante da conversa, afirma ter lido que, para as mulheres, é importante proteger as costas e a barriga, como forma de melhor aquecer o corpo. Muitas das participantes cochichavam umas com as outras por nunca terem ouvido esta informação antes. Uma das mulheres mostra uma espécie de cinta que usa para proteção da barriga.

Uma senhora comenta: *"importante também tomar suco de cranberry para prevenir infecção urinária"*. Por conta do esquecimento de tomar água, os participantes concordam a necessidade desta prevenção. Neste momento, Gisela interrompe a conversa acrescentando que, ao sentarmos em bancos gelados, como nas paradas de ônibus, ficamos mais vulneráveis a este tipo de infecção.

Um homem levanta a mão e comenta: *"nós homens temos que parar de besteira e usar manteiga de cacau, hidratar a boca, porque racha tudo"*. Do outro lado da mesa, uma moça comenta: *"eu acho que a melhor coisa para os lábios é vaselina"*.

Neste momento, um jovem rapaz, que afirma estar em Berlim há 2 anos, questiona: *"e para aquecer o coração? Alguém tem dicas?"*. Os brasileiros riem e concordam que, muitas vezes, acabam fortalecendo laços com os próprios brasileiros pela dificuldade em fazer amigos alemães. *"São extremamente fechados"*, diz uma jovem sentada no sofá. Outra jovem comenta:

“Os alemães são super pontuais. Se você chegar 15 minutos antes, o alemão vai estar lá. E se você chegar atrasado 10 minutos, o alemão vai entender que você está desperdiçando 10 minutos da vida dele”.

Ao final do bate-papo, a escritora brasileira Daniela Martins falou de seu livro “Choque cultural Brasil x Alemanha”, lendo alguns trechos de suas crônicas, que ilustram esta dificuldade em “aquecer o coração”.

“Chegado do outono: [...] acho muito triste o frio. No inverno já escurece às 16h e, como já foi comprovado em pesquisas, o clima influencia muito no humor das pessoas. Por isso, em muitos países, com estações fortemente definidas, o índice de suicídio é altíssimo, pois realmente as pessoas ficam depressivas em um inverno rigoroso. [...] Ainda acho que o Brasil e a Alemanha são dois extremos. O clima é, sem sombra de dúvida, um extremo desafiador para aqueles que vêm de um país tropical. Outro dia conheci uma brasileira que disse já ter também odiado o frio, especialmente no seu primeiro ano, quando passou muito frio. O segundo ano foi menos doloroso. No terceiro ano, ela já gostou do frio e hoje, sente-se apaixonada pelo clima. Então eu me pergunto: será que precisarei de três anos para me adaptar ao clima ou ter empatia pelo inverno?” (Trecho do livro “Choque Cultural Brasil x Alemanha, de Daniela M. Schülke, páginas 60 e 61).

Território 7. Agência para Cultura e Informação Brasil-Alemanha (ACIBRA) ¹⁸

A partir das pesquisas preliminares que realizei anteriormente à coleta dos dados, a fim de encontrar informações de instituições que congregam ou atuam para o público brasileiro na cidade de Berlim, me deparei com o site¹⁹ da Agência para Cultura e Informação Brasil-Alemanha (ACIBRA). O site define que a ACIBRA:

“Além de ser uma parceira ideal para as diversas atividades e áreas da Comunicação (interna ou externa) [...] é uma fonte estratégica de *outsourcing*, podendo realizar diversos trabalhos ligados à organização e implementação de um projeto ou empreendimento no Brasil e na Alemanha”.

A partir desta busca, anotei o telefone da agência para entrar em contato assim que chegasse à cidade. Os dias foram passando e, coincidentemente, conheci Luana, uma das fundadoras da agência, durante a minha visita à escolinha Bilingua. Ela era uma das mães que me foi apresentada pelas professoras e que se interessou pela pesquisa.

Luana tem uma filha de 10 anos, Alice, que estuda português na Bilingua, e é amiga de Ana, a professora que além de dar aulas na escolinha, possui o projeto de leitura para brasileirinhos na biblioteca Philipp Schaeffer. Por telefone, Luana me passou o endereço de sua casa. Havíamos marcado um dia para que eu fosse à sua casa entrevistar a ela e à sua filha, que também participou deste trabalho, na coleta de dados para o terceiro estudo.

A casa de Luana ficava em um bairro bastante conhecido, especialmente, pela vida noturna voltada à comunidade Lgbt de Berlim. Era uma tarde de segunda-feira quando fui recebida por ela e Alice. Conversei, inicialmente com Alice e, em seguida, tomei um café com Luana que me contou sua trajetória em Berlim.

¹⁸ Visita realizada no dia 17 de outubro de 2016.

¹⁹www.acibra.de

Luana havia se mudado no começo dos anos 2000 para a cidade com seu marido, na época, também brasileiro. Juntos, eles montaram uma equipe editorial, da qual Luana era a diretora, e fundaram a revista para brasileiros “*Brazine Berlin*”. A revista possuía conteúdo voltado para brasileiros, mas suas páginas também eram traduzidas para o alemão. Com conteúdos e propagandas voltados à comunidade brasileira, a “*Brazine Berlin*” tratava de assuntos diversos como política, economia e turismo.



Figura 12. Exemplos da “*Brazine Berlin*”

Atualmente, a revista não existe mais. Porém, ao procurar pelo site da “*Brazine Berlin*” na internet, a página é, automaticamente, direcionada para o site da ACIBRA. A agência desenvolve trabalhos de consultoria e concepção de projetos e empreendimentos, como forma de atingir alemães interessados no Brasil e brasileiros residentes na Alemanha. Luana desenvolve desde as ideias visuais dos projetos até as estratégias de comunicação.

A ACIBRA dispõe também de serviços de redação, tradução e edição, desde os tempos em que a “*Brazine Berlim*” existia e conta também com serviços de impressão, designer e publicação. Segundo Luana, a agência busca parceiros através de assessorias de comunicação e marketing, além de desenvolver projetos culturais e de apoio a iniciativas binacionais. A ACIBRA já possuiu como clientes a Embaixada do Brasil em Berlim, o Ministério das Relações Exteriores (Divisão de Promoção do Audiovisual - DAV), o Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos, o Banco do Brasil, artistas plásticos brasileiros com exposições em Berlim, dentre outros.

Luana afirma que a ACIBRA almeja sempre o intercâmbio destes dois países, de ambas as culturas. Desse modo:

“Além de realizar pedidos a terceiros, a agência mantém algumas produções próprias, todas elas com um cerne cultural – e muitas delas também com uma abordagem editorial. Fazemos isso com muita energia, paixão, profissionalismo e, ainda, com a maior responsabilidade possível”. (Site oficial ACIBRA)

Território 8. Fórum Brasil²⁰

O Fórum Brasil é conhecido por ser um centro intercultural, com espaço para realização de festas, conferências, dentre outros eventos. Ao conversar com Moacir, no Café do Brasil, ele me contou que era amigo do pai de santo Luis, que gerenciava o Fórum Brasil, e me recomendou que telefonasse para ele, a fim de agendar uma visita ao local.

²⁰ Visita realizada no dia 21 de outubro de 2016.

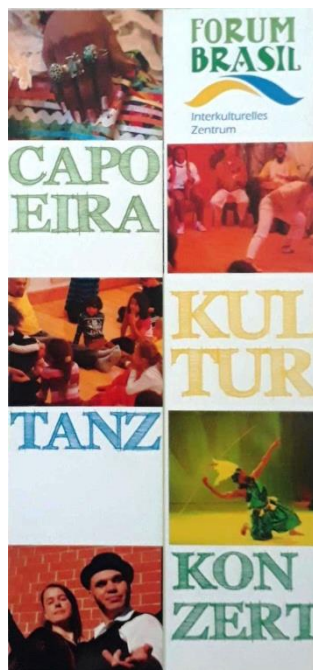


Figura 13. Cartaz de apresentação do Fórum Brasil disponível no Café do Brasil

Naquela semana, telefonei várias vezes para o telefone que consegui com Moacir e para o telefone disponibilizado no site do Fórum, mas sempre caía na caixa postal. Dias depois, após várias tentativas, consegui falar com Luis, que me disse que estava viajando pelo interior da Alemanha e, por isto, estava ausente de Berlim havia semanas. Ele me conta que viaja bastante pelo país, para que possa atender algumas das pessoas que frequentam, ou frequentavam, o seu terreiro: *“pai de santo você sabe como é, né? Uma correria danada”*.

Na conversa com Luis, ele me convidou para participar de um evento que estava programado para acontecer no fórum naquele mês. O evento foi organizado por um movimento de brasileiros chamado *“Berlin gegen den Putsch in Brasilien”* ou, em uma tradução livre, *“Berlim contra o golpe no Brasil”*. Este coletivo se reunia com o apoio do Fórum Brasil para dialogar sobre questões políticas relacionadas ao impeachment da presidente Dilma, ocorrido em 2016.



Figura 14. Movimento „Berlin gegen den Putsch in Brasilien“ em manifestação
(Foto: Reprodução Facebook)

O movimento, além de ter realizado uma manifestação pelas ruas de Berlim, estava organizando um evento com palestra de um ex-ministro do governo Lula, que estava na cidade a convite de um partido político alemão (Partido Social-Democrata da Alemanha²¹).

Chegado o dia do evento, me dirigi ao Fórum Brasil, que fica em um bairro próximo ao centro da cidade. Na rua onde se localiza o Fórum, foi possível reconhecer sua localização pela presença de alguns brasileiros à frente do prédio. Mais uma vez, encontrei membros da comunidade, os quais já havia conhecido em outras oportunidades. Dentre os cerca de 40 brasileiros presentes no evento, me encontrei com alguns que havia conhecido em visita ao Saja e na Festa da Saudade (territórios estes que serão apresentados mais a frente). Algumas destas pessoas estavam vendendo comidas típicas brasileiras no Fórum, enquanto não começava a palestra.

Ao começar a palestra, todos adentram o salão principal do Fórum que dispunha de cadeiras (que estavam todas ocupadas) e um pequeno palco. O ex-ministro do presidente Lula palestrou por cerca de uma hora e meia e trouxe temas relacionados à defesa da democracia, às

²¹ Em alemão: *Sozialdemokratische Partei Deutschlands*

eleições, ao sistema de votos, a eventos ocorridos durante o governo Dilma e de como a população brasileira em Berlim pode ser ativa na defesa de seu país de origem. Durante a palestra, algumas pessoas fizeram perguntas relacionadas ao ativismo do brasileiro no exterior, e foi debatido como a internet se tornou um meio importante para que os brasileiros, em todas as partes do mundo, estejam conectados à política do Brasil.

Já se aproximava das 22h, quando a organização do evento interrompeu a palestra para alertar sobre a necessidade de finalização. O Fórum Brasil se localiza no andar térreo de um edifício, e possui vizinhos os quais devem ser respeitados. Ao perceber que a palestra já estava se estendendo para perguntas e comentários da platéia, uma senhora que estava próxima ao palco disse: *“gostaria de aproveitar a interrupção para dizer que nós já estamos chegando perto das dez horas e temos que respeitar o horário do local aqui. Estou falando apenas para todo mundo ficar ligado”*.

A palestra retorna e o ex-ministro responde aos comentários que, naquele momento, eram relacionados à participação dos brasileiros em Berlim na política do Brasil. Foi discutida a possibilidade de se organizarem rodas de conversas e coletivos entre os próprios brasileiros, para que compartilhassem de ideias e informações sobre a questão. Então, uma lista para que as pessoas colocassem nome e contato de e-mail foi passada entre os presentes, que tinham interesse em participar do movimento.



Figura 15. Detalhes do palco, no salão principal do Fórum Brasil, onde ocorreu a palestra

Ao final da palestra, algumas pessoas ainda permaneceram no local do evento debatendo questões relacionadas à forma de se fazer democracia em diversos países e degustando as comidas à venda na cantina, que ficava logo na saída do salão principal.

Ali, encontro Luis, que havia chegado há pouco ao Fórum. Apresento-me a ele, que se mostra bastante acolhedor e me conta que o Fórum está sempre aberto para os brasileiros que desejam se reunir. Ele afirma que ali também acontecem encontros religiosos de candomblé, além da típica festa de natal dos brasileiros, que, por vezes, não possuem família em Berlim e não querem ficar sozinhos nesta data. Luis pontua que todos são bem vindos e que o Fórum Brasil se torna uma grande família em datas comemorativas.

Saio do Fórum Brasil acompanhada de pessoas que conheci no Saja, há alguns dias atrás. Elas me apresentam aos organizadores do evento e dizem que uma das senhoras, à frente da logística da palestra, vivia em Berlim há mais de 20 anos, fato este que não a afastou da política

brasileira. Eles estavam indo em direção ao metrô e, durante o trajeto, debatiam sobre a situação política do país, de modo a reafirmarem sua escolha em emigrar, ao mesmo tempo em que salientam a tristeza em ver o país de origem da forma como estava.

Território 9. Saja – Comunidade Espírita: (SAJA e.V. – *Die Studien- und Arbeitsgruppe Joanna de Angelis*)²²

O primeiro contato com a Comunidade Espírita Saja me ocorreu através de uma busca pelo *Google*. Ao planejar a coleta de dados, ainda no Brasil, fui à busca de todos os grupos que pudessem congregiar brasileiros na cidade de Berlim. Os grupos religiosos não eram o único foco, mas, acabaram me sendo sugeridos pelos próprios brasileiros em Berlim, com os quais tive contato durante a coleta de dados.

No site de buscas da internet, consegui o número de telefone do Saja e, ao chegar a Berlim, telefonei para o número encontrado, na esperança de ser atendida por um brasileiro ou por uma brasileira.

Felizmente, fui atendida por uma voz feminina calma, falando português, que se identificou como Isabel. Ao telefone, expliquei a ela o motivo de minha ligação. Ela, pacientemente escutou a minha motivação e foi bastante solícita, me informando o endereço e o melhor dia para conhecer a comunidade. Disse, inclusive, que poderia chegar mais cedo do que o horário combinado para os encontros com o público geral, pois, assim, poderia ter tempo de conversar com ela e de conhecer o espaço.

Coincidentemente, durante aqueles mesmos dias, havia marcado, por uma rede social, uma entrevista que, posteriormente, me chamou especial atenção. Esta entrevista seria realizada

²² Visita realizada no dia 18 de outubro de 2016.

para o Estudo 2 desta tese, e a voluntária, Luciana, residia em Berlim, naquela época, há mais de 20 anos.

Fui ao encontro desta participante em um café, no mesmo bairro em que se localiza o Saja, sem nem ao menos saber que esta também frequentava a mesma comunidade espírita. Durante a entrevista com Luciana, ela me contou de seu relacionamento com brasileiros em Berlim, mencionando o Saja como um espaço de acolhimento e reunião. Surpreendentemente naquela semana, em que havia também marcado com Isabel, Luciana me informou que iria palestrar no Saja, me convidando a assistir.

No dia combinado, uma terça-feira à noite, por volta de 18:30h, chovia em Berlim e o tempo estava bastante frio e escuro. Estava receosa de não encontrar o endereço correto, pois, além do tempo chuvoso e das ruas escuras da cidade, o endereço indicava uma avenida muito extensa em um dos maiores bairros ao norte de Berlim. Todavia, quando avistei o número do prédio e a placa que me foi informada por Luciana e Isabel (que também me informou coordenadas certas sobre a parada de ônibus que deveria descer), tive certeza de que estava no lugar certo. Toquei a campainha e logo, sem nem mesmo me requisitarem uma identificação ao interfone, a porta se abriu.

Entrei pela pesada porta de madeira em um corredor no térreo de um prédio residencial antigo, como os típicos de Berlim. Interessante ressaltar que, se não fosse pela placa, acharia que estava entrando na residência de alguém. Logo que entrei no corredor, avistei uma luz acesa ao fundo e ouvi algumas vozes animadas, o que não deixava dúvidas de que era ali o local.

Ao entrar, notei um pequenino hall para pendurar os casacos e uma pequena cozinha, ao lado de uma salinha de estar. Lá estavam cerca de 10 pessoas, que tomavam café, chá, comiam biscoitos e bolos, e conversavam, de forma alegre. Logo percebo, pelos traços nos rostos e pela

predominância do português, que eram todos brasileiros. Ufa! É um grande alívio saber que não irei suar frio treinando o alemão.

O local tinha quatro cômodos: uma cozinha pequenina (com cadeiras, uma mesa pequena, microondas, várias xícaras, copos e talheres dispostos em uma pia), um banheiro, uma sala de reuniões com cadeiras e um púlpito e uma pequena sala de estar, onde também ficam casacos, bolsas, dentre outros pertences.

Me apresentei e disse que estava procurando a Isabel. Uma moça jovem, muito sorridente, disse que a Isabel estava ocupada, atendendo uma pessoa, mas que poderia me ajudar. E então, de forma muito natural, fui acolhida pelas pessoas que estavam ali e se interessaram pela pesquisa, se voluntariando, inclusive, para serem entrevistadas em outro momento. Naquela noite, consegui alguns números de telefone e, até mesmo, a marcação de horário com algumas das pessoas. A conversação naquele dia, além de comentários sobre pele ressecada e sobre o tempo frio, era também sobre a organização de um aniversário. O grupo se dividia nas tarefas e fazia anotações sobre o que estava faltando.

Cerca de 20 minutos depois, Isabel aparece e, alegremente, percebe que já fui acolhida pela comunidade. Isabel se desculpa por não poder me dar atenção, pois, naquela noite, havia surgido algumas pessoas, espontaneamente, querendo conversar em particular. Isabel é responsável pela comunidade, uma líder dentro do grupo espírita Saja. Ela me explica que o Saja acolhe aqueles que precisam de qualquer tipo de ajuda e que, ao final das reuniões, havia também um momento para os que estão em “tratamento espiritual”.

Antes de a palestra principal começar, houve um estudo do evangelho em português, com um grupo pequeno, cerca de sete pessoas brasileiras. Este estudo foi mediado por Vanessa, psicóloga e membro da comunidade. Peço permissão a Vanessa para participar da reunião e ela,

prontamente, se mostra disponível para conversar e me recepciona no grupo. Na reunião, ela fala da importância de se fazer o evangelho no lar e de se purificar a casa. O grupo de brasileiros participa, dando exemplos de como a oração os ajuda no enfrentamento de dificuldades do dia a dia.

Há uma senhora que menciona a importância da oração para que esta a ajude nos conflitos diários causados pelas diferenças culturais e pelas dificuldades com a língua alemã. Outro participante coloca em questionamento no grupo a vivência na Alemanha como uma conexão de vidas passadas. Há outro homem que pede a fala para discutir os espíritos que estão naquele país, afirmando a importância de meditar e orar pela Alemanha e pelos alemães, pois foi o local que Deus os levou a viver nesta vida. A mediadora reafirma, neste momento, a importante tarefa de ler o evangelho em casa, para que o lar seja um ambiente de bons espíritos. O grupo de estudo do evangelho se encerra e é feita uma chamada geral para a palestra principal que começaria em alguns instantes.

O lugar onde está localizado o Saja é pequeno e faltam cadeiras na sala de reuniões para tantas pessoas que chegam para a palestra principal, às 19:30h. As pessoas que vão chegando e se acomodando na salinha pequena, percebem que não faço parte do grupo e me cumprimentam. Luciana, palestrante do dia, me apresenta a algumas pessoas, que sentam ao meu lado, demonstrando interesse e me perguntando sobre a pesquisa.

Conto, aproximadamente, 40 brasileiros na reunião de terça-feira, que ocorre toda em português. A apresentação do dia é feita por Luciana que fala da importância de se falar da doutrina espírita para as pessoas, pregar o evangelho. Durante a apresentação principal, os outros brasileiros não falam, mas cantam cânticos e fazem anotações. A sala lotada escuta atenta a voz de Luciana, que se mistura ao chorinho de bebê da pequena Júlia, filha de mãe e pai brasileiros.

Ao final, as pessoas que estão em tratamento espiritual ficam para a sessão mediúnica. E o grupo começa a se mobilizar para ir embora. Fico ali por mais 1 hora, observando a mobilização entre os membros da comunidade. Percebo conversas paralelas que variam entre ajuda no trabalho e caronas para ir embora.

Durante a arrumação final, Isabel me diz que o Saja recebe muitos visitantes, mas que, também, há pessoas que frequentam de maneira assídua, formando uma rede de apoio social e espiritual. Pergunto sobre as pessoas em tratamento espiritual e sou informada de que, muitos dos que ali estavam na salinha após a reunião geral, são pessoas que estão enfrentando processos de depressão ou de tristeza profunda. A saudade, o frio, a escuridão e a falta de família são, segundo Isabel, e também segundo mais duas pessoas que estavam ali na salinha ajudando na arrumação, problemas que agravam ainda mais as dificuldades dos que estão longe.

Território 10. Bilingua e.V. (*Verein für zwei Sprache*) – Associação intercultural e escolinha de português²³

Em seu *site* na internet a Bilingua e.V. denomina-se como uma organização não governamental e sem fins lucrativos, fundada por brasileiras, com sede em Berlim. Segundo a página, seu principal objetivo é oferecer a famílias multinacionais falantes do português a oportunidade de vivenciar sua cultura e língua de origem, também fora de casa, auxiliando os pais na difícil tarefa de se criar filhos bilíngues e multiculturais.

Assim sendo, a associação funciona também como uma escolinha e oferece cursos de português, música e capoeira para crianças, assim como organizando encontros, festas e outras atividades culturais. A valorização e transmissão da cultura brasileira é, segundo o sítio eletrônico, seu ponto-forte, tendo como foco principal o público infanto-juvenil.

²³Visitas realizadas nos dias 15 e 22 de outubro de 2016.

Meu primeiro contato com a Bilingua ocorreu ainda no Brasil quando, através de e-mails, pedi mais informações sobre a associação à sua diretora na época. Na troca de mensagens, me apresentei à diretora, explicando os objetivos da pesquisa e conversando sobre a possibilidade de se fazer algumas visitas ao espaço a fim de conhecer os pais e as crianças brasileiras. Com a concessão da permissão para visitar o espaço, a diretora me enviou o endereço e os dias mais propensos à visita.

Ao chegar a Berlim, tratei de estudar o mapa da cidade a fim de me orientar das possibilidades de transporte público que poderiam me levar aos locais para coleta dos dados. Anotava em um caderno todas as opções de ônibus e metrô possíveis e saía em busca dos participantes diariamente, torcendo para não errar nenhum endereço.

Por sorte, todas as ruas da cidade são muito bem sinalizadas, os ônibus e metrô possuem mapas de suas linhas em seu interior e, dificilmente, se erra algum endereço hoje em dia, ainda mais com o auxílio das tecnologias do celular. Contudo, eu errei.

Cheguei ao local onde me foi direcionado o mapa na internet e encontrei um grande galpão, com quadra e salinhas de aula, o que muito me alegrou, de imediato, por acreditar que estaria no lugar correto. Adentro o prédio logo à frente e vejo alguns cartazes nos murais, porém, todos em alemão. Encontro em uma sala com janelas de vidro, uma senhora alemã sentada e concentrada em sua tarefa diante de um computador. Peço desculpas por interrompê-la e pergunto se estou no lugar correto. Ela expressa um olhar de dúvida e afirma nunca ter ouvido falar na associação que eu estava procurando.

Retiro-me do prédio, ainda confusa, e sigo rua adentro, ainda na esperança de encontrar a Bilingua. Caminhei alguns metros pelo quarteirão e nada. Estava, de fato, no lugar errado. No

mesmo dia, enviei uma mensagem para a diretora com quem havia conversado, na tentativa de confirmar o endereço que havia conseguido. Mas, não houve resposta.

Os dias foram passando, assim como a coleta de dados para os outros estudos que compõe este trabalho, e fui conhecendo a comunidade brasileira mais a fundo. Comecei a perceber que boa parte dos entrevistados se conhecia e, então, a própria dinâmica da coleta dos dados, me levou ao local correto.

Em uma das entrevistas que realizei para o segundo estudo do trabalho, me deparei com uma voluntária na associação, que também fazia parte do coral de Elisabeth (na *Musik Schule*), que me informou a incoerência do mapa na internet. Consegui também, com outra participante do segundo estudo, o telefone da diretora e de uma das professoras que lá trabalham. Finalmente, com o endereço em mãos, achei a escola.

Telefonei para a diretora e ela me convidou para estar na escolinha no sábado seguinte. As aulas da Bilingua ocorrem nos finais de semana, para que não tenha conflito com as atividades da escola regular alemã, a qual todos os alunos frequentam. A diretora, Patrícia, ao comentar sobre o endereço do espaço, me informou, por telefone, que a Bilingua não possuía sede própria, mas que, atualmente, alugava algumas salas na *Pestalozzi-Fröbel-Haus*, uma instituição educacional, e na *Kiezoase*, associação de apoio à Pestalozzi, ambas localizadas no bairro de *Schönenberg*, em Berlim.

Era uma manhã de sábado chuvosa e fria, quando cheguei, às 07:50h, no prédio da *Pestalozzi-Fröbel-Haus* e me encontrei com Patrícia, bem à frente à pesada porta de madeira da entrada principal. Os dias entre outubro e novembro, em Berlim, costumam ser bem chuvosos e com ventania. Um tempo instável que, aos poucos, vai anunciando a aproximação do rigoroso inverno.

Logo que cheguei à Pestalozzi, reconheci a diretora pela conversa animada, em português, que estava tendo com uma mãe, que segurava seu filho no colo, ainda sonolento. Me aproximo das duas e me apresento. Patrícia me cumprimenta e diz que não estaria naquele prédio naquela manhã, mas que eu poderia acompanhar as aulas da professora Ana, que já estava dentro da sala de aula. A professora Ana, uma jornalista natural de São Paulo, estaria nas turmas “pardais” (com crianças de 03 a 05 anos) e, em seguida, naquela mesma manhã, com a turma “corujas” (com crianças de 08 a 10 anos).

A *Pestalozzi-Fröbel-Haus* é um prédio antigo, porém reformado e muito grande e espaçoso. Possui portas e janelas largas, típicas das construções europeias do século XIX, época em que foi construída e é cercada por um jardim que, naquela época do ano, estava bastante esmarrido. A sala da turma “pardais” ficava no último andar e era comprida, com carteiras dispostas em círculo, alguns desenhos pendurados em um varal na parede, vários lápis de cor à disposição em uma mesa próxima a uma das janelas, um armário contendo materiais para colagem, pintura e livros, além de um quadro de giz.



Figura 16. Pestalozzi-Fröbel-Haus

(Fonte: <https://de.wikipedia.org/wiki/Pestalozzi-Fr%C3%B6bel-Haus>)

Turma “Pardais” (03 a 05 anos)

Quando chego à sala, encontro a professora Ana, que, gentilmente, me acolhe e me apresenta à sua estagiária, a brasileira estudante de doutorado em linguística, Lina. Lina estava na Bilingua fazendo sua pesquisa sobre a aquisição do português como língua de herança e acompanhava a professora Ana há alguns meses, desde que se mudou para a Berlim para morar com o namorado alemão. A professora Ana me apresenta também à sua filha, de 10 anos, que também estuda na Bilingua, mas em outra turma. Troco algumas ideias com Ana e Lina, contando sobre o trabalho da tese, enquanto aguardávamos a chegada das crianças.

Era pouco mais de 08:30h quando as crianças iam chegando com seus pais. Algumas delas adentravam a sala conversando em português, outras em alemão. Os pais acompanham as crianças até as salas de aula e, muitos deles, conversam com a professora sobre alguma dificuldade ou sobre como havia sido aquela semana da criança, com relação ao desenvolvimento no aprendizado da língua portuguesa.

Para que eu pudesse participar das atividades de suas turmas na Bilingua, a professora Ana me apresentou aos pais e às crianças como estagiária voluntária, que estava ali, assim como Lina, para fazer uma pesquisa de doutorado e conhecer melhor o espaço e as crianças. Alguns pais e mães ficaram interessados no tema da pesquisa e pediram para saber maiores informações. Neste momento, tive a oportunidade de apresentar os objetivos do trabalho um pouco melhor, principalmente, enfatizando o terceiro estudo e conseguindo alguns contatos para participação na coleta de dados.

Naquele sábado havia, na turma “pardais”, 06 crianças - Thomas, Aline, Lisa, Bernardo, Noel, Gael - todas filhas e filhos de casais binacionais. A professora Ana inicia a aula dando um

“bom dia” bem animado às crianças. Elas respondem em seguida – “bom dia”, algumas timidamente, outras mais animadas.



Figura 17. Quadro de giz na sala da Turma “Pardais” com saudação de “Bom dia”

A aula se inicia com a professora conversando sobre o dia das crianças no Brasil, que havia acontecido há três dias. A professora questiona se as crianças sabiam desta comemoração, pois esta data não é festejada na Alemanha no mesmo dia que é no Brasil. Pergunta também se ganharam presentes, afirmando que, ao final da aula, teriam uma surpresa (ao final da aula, todas ganharam bombom). Interessante notar que cinco das seis crianças se manifestaram, afirmando que seus pais as presentearam no dia 12 de outubro, indicando um alinhamento com os objetivos da escola, de manter o português e a cultura brasileira viva dentro de casa, celebrando datas comemorativas, mesmo que estas, tradicionalmente, existam apenas no Brasil.

Uma das crianças, Thomas, de 05 anos, começa a contar como havia sido o seu dia das crianças, porém em alemão. A professora Ana, pacientemente e de forma doce, afirma: “Thomas,

aqui nós falamos português e eu não estou entendendo o que você quer me contar”. A criança sorri e logo troca o idioma. Thomas é filho de mãe brasileira e pai alemão. Nasceu na Alemanha e, na maior parte do tempo, percebo que entende o que está sendo dito na sala de aula, mas opta por responder às perguntas e conversar com os coleguinhos sempre em alemão, sendo contestado pela professora algumas vezes.

Em um segundo momento da aula, a professora pega um livro para contar uma estorinha em português. O nome da estorinha é “vamos abraçar o mundo?”. Neste momento da aula, as crianças se utilizam do tema da estorinha para discutir a importância de cuidar do meio ambiente, de ser amigo dos animais e de separar o lixo. Após a estorinha, as crianças respondem algumas perguntas sobre a mesma, aprendendo novas palavras em português, que estavam escritas no livro.

A professora escreve as novas palavras no quadro e, em seguida, solicita que as crianças digam e desenhem o que mais gostaram na estória. Para responder a esta pergunta, percebo que outras crianças, além de Thomas, misturam português e alemão em suas falas, porém não por opção, mas sim por não possuírem um vocabulário que as permitissem maior domínio da língua portuguesa.

Neste dia, uma das crianças da turma estava se despedindo de Berlim. Seu pai, brasileiro, havia sido transferido em seu trabalho para a cidade de Madri, na Espanha. Então, a professora sugere que todos façam um desenho para dar de presente ao amiguinho que estava indo embora. Há um momento de homenagem ao amiguinho, no qual a professora lê um poema para ele, e faz votos de muita felicidade na nova cidade. Nota-se que Bernardo estava tristonho com a mudança, mas a professora traz comentários positivos sobre conhecer outra cidade, fazendo perguntas às crianças sobre Madri e sobre a língua espanhola.

As crianças colam no quadro os desenhos que fizeram como presente de despedida para Bernardo. A professora analisa desenho por desenho no quadro e, logo depois, as crianças entregam ao coleguinha que estava se despedindo. Depois deste momento, as crianças seguem para a sala onde fazem o lanche.

Durante o horário de lanche, todas as crianças de todas as turmas, além dos professores e pais, vão para uma mesma sala, onde conversam e comem. Neste momento, sou apresentada às demais professoras da Bilingua, Mariane, que trabalha com bebês até os 03 anos e Sofia, que trabalha a parte cultural. As professoras se interessam pela pesquisa e perguntam se eu teria disponibilidade para participar de uma reunião pedagógica, que ocorreria no próximo sábado, com pais e professores. Agradeço pelo convite e confirmo minha participação.

Durante o momento do lanche, as professoras me mostraram também que estavam vendendo camisetas, como uma espécie de uniforme das turmas “pardais” e “corujas”, para arrecadar recursos para a associação. Como estava participando das aulas na condição de voluntária, também adquiri meu uniforme e segui para a arrumação da sala de lanche, para finalização do intervalo. Por volta das 10:30h da manhã, as crianças da Turma “Pardais” são liberadas e sigo com a professora Ana e Lucia para a sala da Turma “Corujas”.

Turma “Corujas” (08 a 10 anos)

A Turma dos “Corujas” se reunia em outra sala, também no terceiro andar da *Pestalozzi*. A sala era bastante parecida com a da Turma “Pardais”, porém percebo mais textos colados no varal da parede. A turma vai chegando, e, aos poucos, a sala fica composta de 11 crianças, entre 08 e 10 anos de idade.

A professora Ana acolhe as crianças com um “bom dia” e, antes de começar a aula, todos se levantam das carteiras e fazem exercícios de alongamento em um momento para “despertar o corpo”. Em seguida, cada criança recebeu da professora e de Lina duas folhas em branco. A orientação era para que dobrassem as folhas e fizessem uma espécie de caderninho. As crianças fazem a dobradura e guardam os papéis em suas coisas, como combinado.

A primeira conversa do dia foi sobre música clássica. A professora Ana pergunta se as crianças conhecem algum compositor de música clássica brasileira. Um silêncio toma conta da sala, quando a professora o interrompe e apresenta o nome Villa Lobos. Algumas das crianças afirmam já terem ouvido falar neste nome e são feitas comparações com os compositores de música clássica alemã.

Para continuar a conversa sobre música, a professora pergunta se alguém tocava algum instrumento musical. Surpreendentemente, cada uma das crianças foi citando os instrumentos que toca, o que, para mim, foi uma surpresa muito grande. Em uma sala de 11 crianças, todas tocavam algum instrumento e isso me pareceu admirável. Lina me explica que, na Alemanha, boa parte das crianças faz aula de música na escola regular e que, por isso, a Bilingua busca estimulá-los a conhecer canções brasileiras.

Em seguida, alunos e professora conversam sobre o dia das crianças, assim como foi feito com a turma das crianças menores. A aula segue em um tom informal de conversa, no qual as crianças vão trazendo suas experiências em suas famílias. O tema “dia das crianças” se prolonga e a professora traz para a sala de aula alguns de seus cadernos de quando era criança, no Brasil, e frequentava a escola. Os cadernos passam por todos os alunos que folheiam as páginas do caderno, admiradas por ter sido guardado pela professora desde os anos 1970.

Após este momento, a professora inicia uma discussão mais focada na gramática da língua portuguesa, lembrando com os alunos palavras no aumentativo e no diminutivo. A partir da leitura de um livro, as crianças discutem também sobre a cadeia alimentar no meio ambiente e falam das escolhas que os humanos possuem ao comer (vegetais, animais, comidas industrializadas, etc.).

Uma das crianças, durante a discussão afirma: “os animais não têm como escolher o que vão comer.” A partir desta discussão, as crianças fazem um exercício em sala: “O que mais nós, humanos, temos em nossas vidas que são ‘nossas escolhas’?”



Figura 18. Quadro de giz demonstrando o tema da discussão na Turma “Corujas”

Ao final da aula, a professora pede para que as crianças levem embora o caderninho de dobradura e façam a tarefa sobre as escolhas como um dever de casa. Por volta das 12:00h, as crianças são dispensadas e todos seguem para o andar debaixo da *Pestalozzi*. Ao final das aulas, encontro com pais e professores no jardim. As professoras reforçam o convite da reunião no próximo final de semana e se despedem.

Reunião de pais e professores

No sábado seguinte, pela manhã, retorno à *Pestalozzi* para a reunião. Estavam presentes sete pais (em sua maioria brasileiras e brasileiros, apesar da presença de uma mãe e um pai alemão), três professoras (Ana, Mariane e Jacira), além de eu e Lina, como estudantes de doutorado.

Inicialmente, uma das professoras sugere que o grupo se apresente. Todos os pais e mães falam seus nomes, o nome de seus filhos e há quanto tempo estão frequentando a Bilingua. As funcionárias se apresentam e falam de suas funções na escola, apresentando os projetos que desenvolvem, como as aulas de português e de capoeira.

Após as apresentações, a reunião começa com a professora Mariane e a professora Jacira afirmando que percebem que algumas crianças são mais passivas ao falarem português em sala de aula. Elas afirmam que as crianças entendem o que está sendo falado ou pedido em português, mas respondem em alemão. A professora Jacira atribui a esta questão o fato de que, possivelmente, as crianças não estão sendo incentivadas dentro de suas casas. Para ela, a criança entende, mas não fala português por não ser acostumada a pensar e falar na língua, em seu dia a dia.

Uma das mães pontua que a Bilingua não é lugar para a criança aprender a entender o português e que é papel dos pais estimularem os filhos a falar a língua em casa: *“Para quê vir para a Bilingua? Isso é ridículo, se você não estimula em casa”*.

A professora Mariane pontua que em algumas reuniões pedagógicas, cogitou-se a ideia de abrir uma turma de português como língua estrangeira para crianças que não falam a língua portuguesa como idioma materno, mesmo sendo filhos e filhas de brasileiros. Segundo ela, algumas famílias não estimularam as crianças desde o nascimento a falar o português, o que o faz ser, mesmo sendo a língua de seus pais, um idioma estrangeiro. A ideia do curso seria, portanto, a mesma de qualquer cursinho de língua estrangeira para falantes nativos de alemão. Contudo, é levantado também o fato de a Bilingua não ter mais salas de aula disponíveis para isso. Neste momento, uma das mães levanta a seguinte questão:

“Fico pensando no que fazer com essas crianças que não falam português em casa, pois elas não estão no mesmo nível de português que as outras. Podem estar na mesma faixa etária, idade e ano escolar, mas não estão no mesmo nível em português”.

Após o questionamento da mãe, a professora Jacira sugere que cada um dos pais e mães presentes anote em um pedaço de papel quais são as suas expectativas com relação à escola, para que fosse debatido posteriormente. A professora Jacira, pontua:

“Há um desejo dos pais de que suas crianças interajam em português, mas, veja, nós não fazemos milagres! Nós temos aula uma vez por semana. Precisamos do apoio da família. Já até conversei com um dos pais. Qual é a sua expectativa? Muitos dos pais são falantes nativos da língua portuguesa, mas não falam português dentro de casa. Nós precisamos do apoio das famílias”.

Uma mãe rebate: “*Pai e mãe brasileiros que falam alemão dentro de casa? Ai, gente, assim não dá*”, provocando risos nos presentes. Jacira continua: “*de certa forma, é um pedido de socorro aos pais neste aspecto*”. A professora Mariane complementa que a aula é de português e que os professores não irão traduzir nada para as crianças: “*é aula de português e em português. Eles vão ter que entrar no ritmo do português!*” A professora Ana ressalta, novamente, que a meta é ter a turma de português para as crianças que não falam, mas que querem aprender o idioma como uma segunda língua.

A professora Mariane relata as dificuldades que a escola tem tido para se manter ativa. Ela menciona que a escola possui apoio da DGB (*DeutscherGewerkschaftsbund* - associação comercial alemã), mas apenas para disponibilização de uma das salas e de um endereço para correspondências. A Bilingua não possui espaço físico e, dessa forma, aluga as salas que utiliza para as aulas, possuindo como endereço de correspondência, o endereço da organização DGB.

Jacira afirma que a escola tem dificuldades com o planejamento de recursos financeiros, com o espaço físico, com o aluguel, com espaço para guardar seus materiais e com o *Hausmeister* (espécie de síndico do prédio da *Pestalozzi*), pois o mesmo não permite que as crianças usem o jardim do prédio para brincar. A professora afirma que o fato de o *Hausmeister* não deixar as crianças brincarem no parquinho do prédio pode ser motivado por preconceito: “*Brasileiro é muito barulhento.*”

As professoras relataram a possibilidade de parcerias com a Embaixada e o Consulado do Brasil, mas, ao mesmo tempo, afirmam que não são instituições que se possa confiar em uma efetiva parceria, especialmente porque haviam acabado de entrar em greve naquele ano. Durante a reunião, é citado por Ana que a Bilingua conseguiu uma parceria com o banco Itaú, frente ao

projeto de literatura infanto-juvenil que o banco está fazendo no Brasil. Uma das professoras conseguiu a doação de cerca de 70 kits com 02 livros para cada criança da Bilingua.

A professora Jacira, natural de Salvador e casada com um alemão, salienta, durante a reunião, a importância da participação parental dentro da escola. Ela, além de ser professora na Bilingua, possui um filho que estuda na *NeuesTor*²⁴ (escola regular alemã, com ensino bilíngue português-alemão) e faz parte da representação de pais na escola regular de seu filho. Jacira afirma na reunião como esta participação mais ativa pode mudar a perspectiva de funcionamento do próprio colégio, sugerindo maior engajamento dos pais no planejamento e organização da Bilingua. Encerrada as considerações iniciais, abre-se o debate para a parte pedagógica.



Figura 19. Cartilha informativa da Bilingua é ilustrada com bandeiras de países falantes de português

²⁴ “Novo objetivo”

Parte pedagógica

A segunda parte da reunião se inicia com um dos pais afirmando a importância da Bilingua para que os seus filhos não percam a língua nativa de sua mãe. Apesar de falar português muito bem, Yan é alemão e sua esposa, que não estava presente, é brasileira. O casal tem dois filhos e, segundo ele, busca sempre conversar com as crianças nos dois idiomas dentro de sua casa. Este mesmo pai ressalta a importância do aprendizado conjugado da gramática e da fala.

Após a colocação do pai, a professora Ana destaca a importância da observação dos pais no processo de aprendizagem de seus filhos. Observar como está se desenvolvendo a fala, a escrita e a leitura são pontos importantes, segundo a professora, para que os pais possam saber em que aspectos seus filhos precisam de maior reforço.

Um dos pais concorda com a fala da professora e pergunta como está sendo realizada a sua nova oficina. A professora Mariane era a mais nova da equipe, dentre os funcionários da Bilingua e, por isso, alguns dos pais não conheciam ainda o seu trabalho. Mariane afirma estar trabalhando com a gramática do português a partir de trabalhos culturais sobre o folclore brasileiro e apresenta alguns dos materiais que têm levado para os alunos.

A professora Ana salienta a dificuldade da escola Bilingua em se adequar à quantidade de férias que as crianças possuem no sistema escolar alemão. Na escola regular alemã, estão previstas cerca de duas semanas de férias a cada bimestre, o que interfere no ritmo dos projetos que desenvolvem. A professora afirma que, com as crianças muito pequenas, não se consegue ter uma continuidade dos trabalhos, pois elas não conseguem acompanhar o ritmo depois das férias, sendo importante ter sempre um elemento surpresa para lhes prender a atenção. Por isso,

segundo ela, é importante que os pais sejam ativos, principalmente, neste período em que as crianças estão mais dentro de casa.

Como exemplo de atividade possível de ser realizada em casa, Ana sugere que os pais incentivem seus filhos a ouvirem música brasileira e a pensar nas palavras em português que escutam nas letras de música: *“as crianças precisam ter o gosto pelo português. Na vivência do português, não conseguimos controlar o caminho de todos, mas é importante ter o incentivo”*. Uma mãe fala da necessidade de a Bilingua ter mais deveres de casa, uma vez que as aulas acontecem apenas aos sábados, durante 1 hora e meia. Os pais e professores concordam com esta colocação e afirmam que sabem da necessidade de se ter mais tempo de aula.

A reunião se encerra com a professora Jacira agradecendo a presença de todos, e afirmando que a Bilingua investe também, além das aulas de português, em *Workshops* e aulas de artesanato.

Território 11. Projeto de leitura para brasileirinhos – Biblioteca Philipp Schaeffer (*Bundesweiter Vorlesetag in der Philipp-Schaeffer-Bibliothek*)²⁵

A experiência na Bilingua me levou também a conhecer outro projeto voltado aos brasileirinhos na cidade de Berlim. A professora Ana, que trabalha na Bilingua e que acompanhei durante minhas visitas à escolinha da associação, coordena um projeto de leitura voluntário em uma biblioteca pública da cidade.

O projeto, que ocorre mensalmente nas tardes de sexta-feira, visa aproximar as crianças brasileiras da leitura em português. Os encontros acontecem na biblioteca Philipp Schaeffer, que possui um andar todo voltado para leitura infanto-juvenil, onde se encontram, além de livros e

²⁵ Visita realizada no dia 28 de outubro de 2016.

revistas em vários idiomas, DVDs de jogos, desenhos animados e filmes, televisões, brinquedos educativos e materiais de desenho e pintura.

Por telefone, a professora Ana me enviou o endereço da biblioteca e combinamos de nos encontrar alguns minutos antes das crianças chegarem. Cheguei à estação *RosenthalerPlatz*, uma das mais conhecidas em Berlim, e fui caminhando pela longa avenida *Brunnenstraße* até encontrar o número 181, onde ficava a biblioteca.

Logo de início, estranhei a localização, por se tratar de uma entrada, como se fosse uma grande garagem, com um estacionamento de bicicletas ao fundo, o que nada me fazia lembrar a fachada de uma biblioteca convencional. Felizmente, avistei na parede ao lado, uma placa fixada, que me deu a certeza de que não estaria entrando em propriedade privada, se continuasse avançando garagem adentro.



Figura 20. Placa indicando a entrada da biblioteca Philipp Schaeffer
(fonte: <https://parkprojectberlin.com/2017/09/12/gardens-in-unexpected-places/>)

Fui adentrando pela garagem, passei por uma cancela, quando, finalmente, avistei um prédio ao fundo.



Figura 21. Entrada da Biblioteca Philipp Schaeffer
(fonte: <https://ostenuko.exblog.jp/26148666/>)

Ao entrar no prédio, me deparei com uma recepção muito bem organizada e uma placa que indicava os temas e tipos de obras que estavam alocadas em cada um dos andares da biblioteca. Aproximo-me da recepcionista, e peço informações a respeito do projeto da professora Ana. Confusa, a recepcionista diz não saber do que se tratava o projeto, mas afirma que eu poderia adentrar a biblioteca para procurar a professora.

A biblioteca era muito grande, com escadas e mais escadas. Observando o prédio pelo lado de fora, não imaginava o quão grande era o local. Fui passeando pelos andares e por inúmeras prateleiras, até que, finalmente, me deparo com uma sessão infantil, no andar subsolo da biblioteca. Lá, vejo outra recepção e, dessa vez, a recepcionista afirma conhecer a professora, mas que ela ainda não havia chegado. Fico aguardando em uma sala com mesas e cadeirinhas, até que Ana aparece com sua filha, Lorena, de 10 anos.

Ela me explica que nem todos os funcionários conhecem o projeto, mas que foi divulgado em um informativo da biblioteca há cerca de um ano atrás, com dias e horários um pouco diferentes do atual.

Bundesweiter Vorleseitag in der Philipp-Schaeffer-Bibliothek



Am Freitag, den 20.11.2015, 15.00 – 16.00 Uhr, liest [REDACTED] vom Verein *Bilingua* e.V. für Kinder in portugiesischer Sprache vor. Eine Anmeldung ist nicht erforderlich.

Jedes Jahr am dritten Freitag im November begeistert der *Bundesweite Vorleseitag* mittlerweile nahezu 83.000 Vorleserinnen und Vorleser sowie über zwei Millionen Zuhörer - eine gemeinsame Initiative von *DIE ZEIT*, *Stiftung Lesen* und *Deutsche Bahn Stiftung*.

Besuchen Sie uns doch einmal auf unserer Webseite unter www.stadtbibliothek-mitte.berlin.de oder finden Sie uns bei Facebook unter: <https://www.facebook.com/stb.mitte> und <https://www.facebook.com/hugo.jugendmedienetage>

<p>IMPRESSUM Amt für Weiterbildung und Kultur Mathilde-Jacob-Platz 1 10551 Berlin</p>	<p>Redaktion: Katrin Rosemann Tel.: 9018 24412 Katrin.Rosemann@ba-mitte.berlin.de Ditmar Sorrer Tel.: 9018 24416 Ditmar.Sorrer@ba-mitte.berlin.de</p>	<p>Newsletter bestellen/abbestellen unter: www.berlin.de/citybibliothek/newsletter/</p>
---	--	--

Figura 22. Informativo da biblioteca sobre o projeto de leitura. A faixa preta preserva o nome da participante

Naquela sexta-feira, anteriormente à chegada das crianças, a professora buscava materiais na prateleira destinada aos livros em português. Ela me mostra que a biblioteca tem várias seções dedicadas a culturas diferentes e que, inclusive, era possível dar sugestões à biblioteca de que livros poderia adquirir para compor seu acervo. Ana, então, escolhe alguns títulos e leva para a mesa onde aconteceria o encontro com as crianças.

As crianças foram chegando com seus pais e, aos poucos, foram se acomodando em uma mesa onde estava a professora, com os livros em português, papéis e lápis de cor. Naquele dia, havia 05 crianças, entre 03 e 07 anos, filhas de pais ou mães brasileiras.

A professora cumprimenta as crianças e pede para que elas escolham o livro que querem ouvir naquela tarde. O livro escolhido por elas chamava-se “o gato e o escuro” e tratava-se de

uma fábula sobre um gatinho que queria descobrir o que estava para além da fronteira da luz do dia, trazendo uma discussão sobre as aflições e encantamentos de se encarar o desconhecido.



Figura 23. A professora Ana lê para as crianças

Após a leitura, as crianças conversam sobre o que entenderam da estorinha e falam também sobre as cores. A professora as estimula a conversar entre si e pede que façam um desenho sobre o que entenderam sobre o livro. Neste momento, uma das crianças pergunta: “*quais as cores da bandeira do Brasil?*”. A professora devolve a pergunta para a turma, que responde corretamente. Duas das crianças, ao serem solicitadas a fazer o desenho, desenharam a bandeira do Brasil, sem nem mesmo ter sido esta a tarefa em específico.



Figura 24. Criança desenhando bandeira do Brasil

Ao final da atividade, algumas das crianças se afastam, explorando as prateleiras da biblioteca, enquanto as mães se aproximam e começam a conversar. Uma das mães, Beatriz, se aproxima de Ana dizendo que está angustiada pelo fato de sua filha não ter desenvolvido o português como esperava. Conta que faz de tudo para que a filha, de 03 anos, se acostume com sua língua materna, mas possui receios de ela não progredir no idioma.

Na conversa, Ana coloca sua experiência com sua filha, hoje com 10 anos, para Beatriz: *“Quando ela entrou no Kindergarten²⁶, o papai só falava alemão com ela. Só que ela era o contrário, ela tinha dificuldade com o alemão e o Sebastian ficava pensando ‘será que ela vai falar alemão?’”*. Neste momento, Lorena, interrompe e diz: *“eu falava mais português porque eu passava mais tempo em casa com a mamãe”*. A conversa segue com Ana pontuando:

“No que ela entrou no Kindergarten, bastou três semanas e essa menina já estava deslançando no alemão. Só que aí, já tinha entrado na alma o português, e com muito gosto. Mas, também porque, quando ela tinha essa idade da sua filha, entre 02 e 03

²⁶ Jardim de infância, em alemão.

aninhos, a gente já tinha um grupo de crianças. Já tinha amiguinhos e já tinham criado um laço com esses amiguinhos. Então, o português já era uma identidade”.

Apesar de o projeto ser voltado para as crianças, percebe-se que este se tornou um espaço de apoio entre as mães de brasileirinhos em Berlim. Uma das mães, presentes naquela tarde, era alemã e contava também de suas angústias e dificuldades em se criar uma criança bilíngue, assim como as mães brasileiras.

As mães seguem conversando sobre indicações de boas creches bilíngues (português-alemão) na cidade e trocam experiências boas e ruins em algumas destas instituições. Ao final da tarde, algumas mães, aproveitam a oportunidade e fazem a locação de livros e DVDs em português para seus filhos na biblioteca, enquanto outras se despedem e seguem para o andar de cima, onde fica a saída. Ao final do encontro, sigo com Ana e Lorena para a estação.

Território 12. Festa “Mash-Brazew” (“Chega de Saudade” na *Noise Fabrik Berlin*)²⁷

Tive conhecimento da popularmente conhecida festa “Chega de Saudade”, com nome oficial de “*Mash-Brazew*”, através de algumas pessoas que entrevistei para o segundo estudo que compõe esta tese. Alguns brasileiros me perguntavam: “*você está sabendo da festa brasileira do final de semana?*”. Já outros: “*você vai ao show da Karina Buhr?*”. O fato era que, notadamente, muitos dos brasileiros que encontrei estavam se programando para ir a esta festa e, logo, tratei de também aparecer por lá.

²⁷ Visita realizada no dia 14 de outubro de 2016.

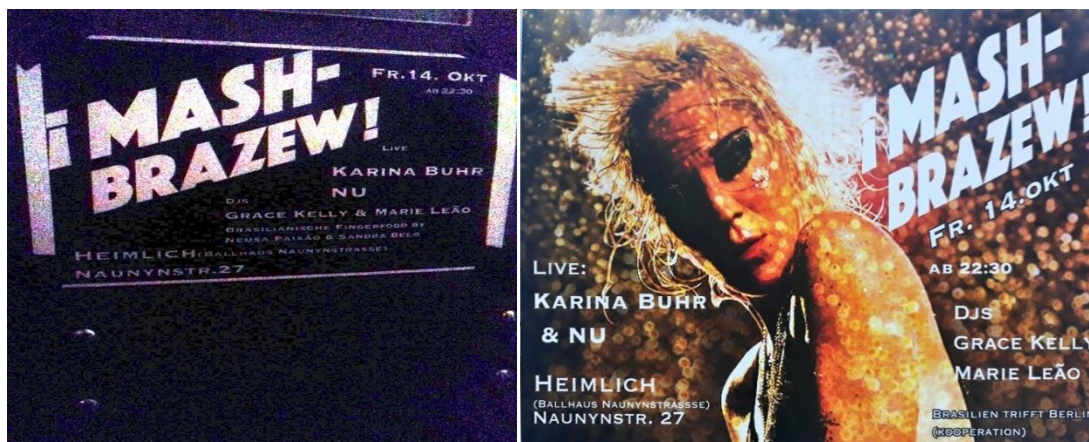


Figura 25. Cartazes de divulgação da festa disponível nas redes sociais e em estabelecimentos brasileiros

A Karina Buhr, atração principal da noite, é uma artista nascida em Salvador, mas radicada em Recife, que estava passando uma temporada em Berlim. Com forte influência dos grupos de maracatu, Karina era considerada entre os brasileiros como sendo uma cantora de manguebeat, que possuía um som diferente e experimental.

Diferentemente das tradicionais festas brasileiras embaladas pelo samba ou forró, a festa “*Mash-Brazew*” aconteceu em uma casa de eventos de Berlim, a *NoizeFabrik*, mais voltada para o público alternativo da cidade, a qual também funciona como espaço de *co-working* direcionado a músicos e produtores. O bairro de *Treptow*, onde se localiza a casa noturna, é conhecido por possuir um parque famoso, o *Treptower Park*, local onde se encontra um conhecido memorial de guerra.

No dia da festa, combinei com alguns brasileiros de nos encontrarmos lá. Curiosamente, ao pegar um ônibus para chegar ao local da festa, escuto em alto e bom tom, cerca de cinco pessoas, sentadas ao fundo, conversando em português brasileiro. Elas falavam de assuntos diversos, comentando, por vezes, das dificuldades que possuem no dia a dia, em se tratando do idioma alemão e trocavam ideias sobre tradução. A parada de ônibus para o local da festa era em

uma rua não muito movimentada e fiquei aguardando para constatar se o grupo também desceria do ônibus no mesmo local que eu.

Passados cerca de 30 minutos, escuto alguém acionar o botão de parada, que para próximo à *Naunynstraße*, rua onde se localizava o evento. Neste momento, todos os brasileiros descem do ônibus, inclusive, eu. Oportunamente, estive, durante todo o trajeto, acompanhada de uma brasileira, também natural de Vitória-ES, que havia participado do segundo estudo da tese. Ao chegarmos próximo à porta para sair, convenientemente, esta mesma pessoa conhecia alguns dos brasileiros que estavam no ônibus. Descemos juntos e fomos conversando em bom português. Percebo, em momentos como esse, que a metrópole Berlim, por vezes, pode trazer sentimentos que te fazem esquecer que não está no Brasil.

Seguimos caminhando em grupo pela escura rua que levava à *Noize Fabrik*. As risadas e conversas em português, que se ouviam de outros grupos caminhando, não deixava dúvidas de que, apesar da rua escura e quieta, estávamos indo pelo caminho certo.

Ao chegar ao local da festa, me encontro em uma bilheteria improvisada, que, se não fosse pela placa com os valores de entrada sendo cobrados em euros, me fariam esquecer facilmente que estava ainda na Alemanha. Ao entrar na *Noize Fabrik*, só se escutava português tanto nas conversações quanto na música que estava sendo tocada.

A primeira coisa que se via à frente da porta de entrada, logo após a escada, era uma farta mesa de comidas típicas do Brasil. Havia pão de queijo, bolo de aipim, paçoca e caldo de feijão bem à vista, que deixavam um cheiro de saudade no ar. Logo identifico uma longa fila para comprar os quitutes de Paula, uma das cozinheiras brasileiras mais bem faladas entre a comunidade.

Aproximo-me da moça que estava atrás da mesa de comidas e logo sou apresentada à Paula por sua filha, Marina. As duas estão há anos em Berlim e afirmam que estão sempre trabalhando com a comunidade brasileira, através de encomendas diversas. Paula me mostra seu cartão de visitas, com seu contato. Afirma que faz quitutes brasileiros para festas de aniversários, todas organizadas com seus salgadinhos fritos típicos como, coxinhas, kibes e bolinhas de queijo, além de bolo de brigadeiro e outras delícias.

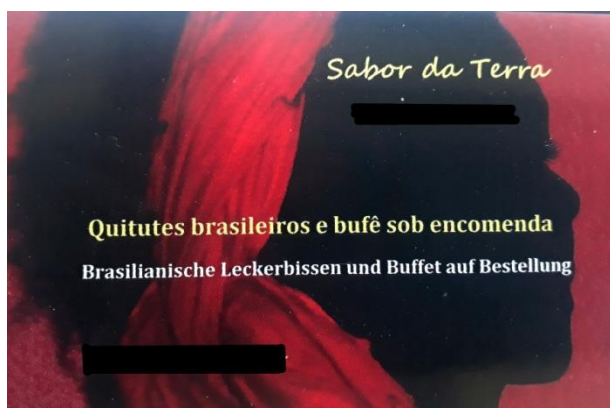


Figura 26. Cartão de visitas de Paula



Figura 27. Venda de comidas típicas
(na foto: pão de queijo, bolo de aipim, caldo de feijão – com a placa também em alemão)

No decorrer da festa, percebo poucos alemães circulando. Era possível ver alguns tentando pronunciar palavras em português em rodas de conversa animadas com os brasileiros, que eram maioria. A festa estava lotada e o idioma oficial era o português. Era notável que muitos dos que ali estavam reencontravam amigos, pois, a todo o momento, se viam pessoas se cumprimentando.

Ao fundo da festa, havia uma exposição com pinturas que retratavam a fauna e a flora brasileiras. As incríveis obras de arte harmonizavam muito bem com a luz mais escura do ambiente da festa. Ali era possível conversar com os artistas e comprar obras em tela e artesanatos.



Figura 28. Obra de arte exposta durante a festa

Com o começo do show da cantora Karina Buhr, as pessoas foram se aproximando do palco e, apesar de não saberem de cor as letras das músicas, dançaram e aplaudiram a cantora com bastante entusiasmo. Karina apresentou sua banda e contou que estava passando uma temporada na cidade. Durante a apresentação, falou de seu trabalho e dialogou de forma crítica sobre a situação política do Brasil naquele ano de 2016.



Figura 29. Cantora brasileira Karina Buhr durante sua apresentação

Território 13. Festa junina²⁸

Passados cerca de oito meses da coleta de dados realizada nos outros estabelecimentos, que se concentrou especialmente no mês de outubro de 2016, tive a oportunidade de retornar a Berlim²⁹. Foi, justamente, em junho de 2017, que tive a honra de visitar uma das festas típicas mais conhecidas dentre a comunidade brasileira em Berlim – a festa junina.

Desde o ano de 2011, a festa junina em Berlim tem se tornado tradição na cidade, agregando boa parte da comunidade brasileira, além de estrangeiros interessados na música, comida e danças típicas que são apresentadas na festa.

Com entrada franca até as 22h, a festa junina teve início em um sábado à tarde, às 13h, e durou madrugada adentro. O espaço onde ocorreu a festa, o chamado *Yaam Berlin*, corresponde a um conhecido local de eventos realizados por estrangeiros, que fica próximo à *East Side*

²⁸ Visita realizada em 24 de junho de 2017.

²⁹ Participando do Programa PDSE.

Galerie (local que concentra maior parte do que restou do Muro de Berlim). Localizado às margens do rio *Spree*, e dispondo de vários ambientes como galpões cobertos, salões de festas, e espaço aberto, o *Yaam* é bastante conhecido na cidade pelos eventos que promove.

Em, praticamente, todos os dias da semana, o *Yaam* acolhe eventos de comunidades estrangeiras. No local funciona permanentemente um espaço de cultura africana e outro de cultura chilena. Ali também acontecem reuniões de grupos nacionais para assistir a jogos de futebol de times nacionais, realizar festas e comemorar datas típicas, como no caso da festa junina.

O espaço é bastante amplo e, para adentrar a festa junina, é preciso caminhar por alguns instantes por entre outros ambientes culturais e nacionais. Vários tipos de músicas são ouvidos no *Yaam*, mas, neste dia, em específico, o som das pessoas conversando em português, era o que mais chamava a atenção de quem passava por ali.



Figura 30. Cartaz de divulgação da Festa Junina

Ao chegar à festa, logo se vê a decoração com bandeirinhas e algumas pessoas vestidas com roupas típicas. A música não para e por todo lado se veem pessoas dançando. Em uma pequena tenda, o forró pé-de-serra era escutado e um grande salão improvisado se montou em um tablado de madeira, que ficava próximo a um bar que vendia bebidas típicas, como caipirinha e quentão. Dentre brasileiros, que viravam professores e estrangeiros curiosos, a festa era tomada de musicalidade, dança e confraternização.

No espaço onde ocorria a festa, estavam dispostas grandes mesas de madeira, onde as pessoas se sentavam todas juntas, por vezes, até mesmo com desconhecidos. Contudo, ali se constituía um espaço de socialização e trocas diversas. Pessoas eram tiradas para dançar, opiniões sobre a comida eram emitidas e muitas risadas eram ouvidas.



Figura 31. Decoração com bandeirinhas.
Ao fundo vê-se o espaço onde se localizava o bar e a pista de dança de forró

As comidas ficavam dispostas em barraquinhas sinalizadas e era necessário comprar fichas previamente. Estavam sendo vendidos pratos juninos típicos como cocada, pamonha e bolo de aipim, mas também era possível comprar comidas regionais, como, por exemplo, acarajé e pão de queijo, além das bebidas.

Conversei com alguns brasileiros presentes na festa e ouvi algumas reclamações com relação à comida. Alguns diziam: “*essa coxinha não tem frango suficiente*”, outros argumentavam: “*falta recheio neste acarajé*”. Mas, era notável que as pessoas tinham altas expectativas relacionadas à comida e à sua própria regionalidade, comparando a forma de se fazer os pratos em suas cidades de origem.



Figura 32. Localização de uma das barraquinhas de comida

Na festa eram vistas muitas crianças, que corriam livremente pelo espaço aberto do *Yaam*, participando de brincadeiras, como a corrida do saco. A quadrilha típica foi realizada ao final da tarde, antes de cair uma chuva de verão em Berlim, que dispersou uma parte das pessoas que ali estavam.

Na festa junina também foi organizada a típica “barraca do beijo”. Dentre as atividades da barraca, funcionava um “correio do amor”, que enviava mensagens românticas durante a festa, bem nos moldes das festas juninas que acontecem no Brasil.



Figura 33. Barraca do Beijo

A festa junina se prolongou durante a noite com atrações nacionais de *DJs*, tocando músicas que misturavam o eletrônico com o forró. Berlim é conhecida, popularmente, por ser uma cidade em que vivem muitos artistas e produtores culturais e musicais. Por isso, nota-se a intensa presença de brasileiros que trabalham na cidade, adequando suas músicas a um estilo miscigenado que agrada tanto aos brasileiros, quanto aos estrangeiros.

Discutindo os pilares da brasilidade em Berlim

Os territórios, as atividades e os indivíduos mencionados nos relatos referentes à imersão em campo, na cidade de Berlim, compõem uma rede de relações configurando-se como uma organização comunitária para vivência da brasilidade. A partir das dimensões territoriais, políticas e de relacionamentos observadas em campo, pôde-se apreender categorias de análise que contribuem para discussão e entendimento da dinâmica comunitária brasileira na cidade de Berlim.

As categorias foram identificadas a partir da intercessão entre temas e conteúdos observados, que articulam a vivência da brasilidade como eixo comum. Estas são apresentadas na Tabela 1. Considerando o conjunto de categorias criadas, é possível verificar que alguns temas são comuns às diferentes categorias, como música, linguagem e amizade, não tendo sido criadas unidades temáticas independentes em função dessa transversalidade.

Tabela 1. *Categorias de análise da dinâmica social vivenciada na comunidade brasileira em Berlim, segundo etnografia realizada*

Categorias	Descrição das categorias	Unidades de observação e registro		
		Territorial	Atividades	Pessoas que interagem nesse espaço
Gastronomia	Evidencia os espaços nos quais se oferece comida típica brasileira, além das festas em que a gastronomia do país pode ser publicamente consumida.	<ol style="list-style-type: none"> 1) Café do Brasil; 2) Café Mori; 3) Lanchonete e Mercadinho T-<i>Korbefantasie</i>; 4) Festa da Saudade; 5) Festa Junina. 	<ol style="list-style-type: none"> 1) O Café do Brasil funciona como café, bar e restaurante. Serve comidas típicas do Brasil e funciona também como espaço para eventos; 2) O Café Mori também funciona como café, bar e restaurante. É um local no qual também funcionam, por vezes, os encontros do Conselho de Cidadãos de Berlim; 3) Promove a gastronomia brasileira servindo pratos típicos da comida de rua do Brasil, como coxinha, pastéis e caldos de cana; 4) Venda de pratos típicos como coxinhas, acarajés e caipirinhas. 	<ol style="list-style-type: none"> 1) No Café do Brasil, pode-se destacar a relação existente entre os donos do café e Moacir, que está à frente da Bateria de Escola de Samba “Verde e Branco” e é frequentador do Fórum Brasil. Tem-se ainda Diana, cozinheira que trabalha há tempos com Manfred e Rose. 2) Destacam-se, no Café Mori, de D. Helena e Maurício, as reuniões do Conselho de Cidadãos de Berlim, na qual, Gisela atua como representante e mediadora das relações entre os participantes durante os eventos; 3) A <i>T-Korbefantasie</i> atua como ponto de encontro para aqueles que querem degustar pratos brasileiros e/ou comprar alimentos. Maria e Lucia dividem o espaço para lanchonete/mercadinho e salão de beleza. 4) As interações, em termos culturais, aconteciam, principalmente, na pista de dança e durante a realização da quadrilha.
Política	Refere-se aos elementos relacionados à questão política, especialmente no que concerne à discussão sobre a conjuntura política no Brasil no ano de 2016.	<ol style="list-style-type: none"> 1) Fórum Brasil. 	<ol style="list-style-type: none"> 1) O Fórum Brasil constitui-se como um espaço no qual ocorreram debates entre a comunidade e personalidades da política brasileira. 	<ol style="list-style-type: none"> 1) As interações entre os brasileiros presentes denotavam certa preocupação com o cenário político do Brasil. A comunidade ali representada se organiza para mobilizações brasileiras em protestos nas ruas e nas redes sociais.
Espiritualidade	Integra as dimensões pelas quais as pessoas da comunidade brasileira manifestam sua crença além de confraternizarem com seus compatriotas que compartilham da mesma fé.	<ol style="list-style-type: none"> 1) Fórum Brasil; 2) SAJA. 	<ol style="list-style-type: none"> 1) O Fórum funciona como Casa de Candomblé; 2) O SAJA é uma comunidade espírita kardecista. 	<ol style="list-style-type: none"> 1) O pai de santo, Luis, é representante do Fórum. Atua oferecendo suporte aos brasileiros que frequentam a sua casa. Foi indicado por um de seus amigos, Moacir; 2) Observou-se que muitas das pessoas que estavam presentes no Fórum Brasil, em debates políticos, também frequentam a SAJA, onde Luciana, Isabel e Vanessa participam ativamente.

Categorias	Descrição das categorias	Unidades de observação e registro		
		Territorial	Atividades	Pessoas que interagem nesse espaço
Educação	São abordados os territórios, as atividades e as interações sociais que correspondem à manutenção da cultura brasileira e da língua portuguesa, como falada no Brasil e como idioma de herança.	<ol style="list-style-type: none"> 1) „Musik Schule“; 2) Escolinha de português „Bilingua“; 3) Projeto de leitura na Biblioteca 	<ol style="list-style-type: none"> 1) Aulas de canto e organização do coral com repertório de músicas brasileiras; 2) Ensino da gramática da língua portuguesa, folclore e cultura brasileira; 3) Leitura de livros infanto-juvenis em português, momento lúdico para criação de desenhos. 	<ol style="list-style-type: none"> 1) Na „Musik Schule“, interação alunos brasileiros e alemães, dentre os quais estão as professoras da “Europa Schule”, a estagiária Renata, que era também voluntária na Escolinha Bilingua e a maestrina Elisabeth. 2) Na Escolinha Bilingua, observa-se as interações entre alunos, entre alunos e professoras e entre professoras e pais de alunos, especialmente nas reuniões. Pais e mães de alunos da Bilingua estão também inseridos na escolinha <i>NeuesTor</i>. 3) Interações entre as crianças filhas de pais e mães brasileiros. A professora Ana é a coordenadora do projeto de leitura na biblioteca e professora da Bilingua. A mesma interage com pais e mães de crianças que frequentam o projeto, como Beatriz.
Cultura	Apresenta a existência de territórios, atividades e interações sociais que sustentam a vivência de eventos e festas típicas brasileiras, voltadas para os compatriotas.	<ol style="list-style-type: none"> 1) „Musik Schule“; 2) ACIBRA; 3) Lanchonete e Mercadinho T-<i>Korbefantasie</i>; 4) Festa da Saudade; 5) Festa Junina; 6) Fórum Brasil; 7) Conselho de Cidadãos de Berlim. 	<ol style="list-style-type: none"> 1) Promove a cultura do Brasil, ao cantar músicas regionais em suas apresentações; 2) Organização e implementação de projetos ou empreendimentos no Brasil e na Alemanha; 3) Promove a cultura brasileira através da venda de artigos diversos (como chinelos e cosméticos); 4) Festa organizada por brasileiros para brasileiros, com shows musicais de artistas do Brasil, e participação ativa da comunidade; 5) Festa organizada por brasileiros com quadrilha típica e forró; 6) Promove a cultura brasileira por ser um centro intercultural que permite a realização de eventos da comunidade brasileira; 7) Realiza reuniões com os membros da comunidade brasileira, apresentando diferenças culturais e fornecendo suporte aos compatriotas. Atua 	<ol style="list-style-type: none"> 1) As relações entre os brasileiros presentes permitem trocas afetivas, especialmente, com relação à memória dos membros; 2) Destaca-se que a ACIBRA é desenvolvida por Luana, amiga da professora Ana, da Escolinha Bilingua e do projeto de leitura na Biblioteca. Ambas possuem filhas, Alice e Lorena, que participam dos dois projetos; 3) A lanchonete e o mercadinho atuam como ponto de encontro para aqueles que querem comprar cosméticos brasileiros, facilitando a interação entre membros da comunidade; 4) A Festa da Saudade congregou brasileiros residentes em Berlim que interagiam entre si e eram vistos também em outros territórios, como o SAJA e o Fórum Brasil. 5) A Festa junina contou não somente com brasileiros, mas também outros estrangeiros, além de alemães; 6) Luis, pai de santo que cuida do espaço, é amigo de Moacir, brasileiro que me passou o seu contato. O Fórum abre espaço para interações em datas comemorativas. “<i>Torna-se uma família</i>”, segundo Luis;

também como porta voz das 7) necessidades da comunidade para o Consulado.

Gisela, representante do Conselho, intermedeia as relações do mesmo com os espaços nos quais são realizadas as reuniões. No presente relato, as interações ocorreram com os donos do Café Mori.

Muitos dos territórios descritos possuem a *Gastronomia* como elemento central de suas interações. A Lanchonete e Mercadinho *T-Korbefantasie*, por exemplo, funciona como referência para os brasileiros que querem relembrar o paladar de suas origens, com alimentos como “coxinha”, pastéis e caldo de cana, além de funcionar como um mercado de produtos alimentícios importados do Brasil.

“Alimentando” também suas identidades (Braune & Franco, 2017), os brasileiros em Berlim encontram-se para comer e participar de eventos nos restaurantes Café do Brasil e Café Mori. Embora seja possível a ocorrência de eventos no Café do Brasil, registrou-se neste trabalho que, no Café Mori, há espaço não apenas para degustação de pratos típicos, como também para a realização de eventos voltados à comunidade brasileira, para que a mesma se apoie e troque informações entre seus membros sobre como estar mais bem adaptado às diferenças do país estrangeiro. Coelho Neto e Freitas Boulhosa (2013) afirmam que os espaços nos quais é possível haver socialização através da comida são fundamentais na fundamentação da maneira como aprendemos a ver e a sentir nossos territórios de pertença.

Ressalta-se que, embora o termo *Gastronomia*, por vezes, refira-se a espaços como o da chamada “alta gastronomia” ou à “cozinha sofisticada”, neste estudo adotamos o que discute Pellerano (2016) ao descrever a importância da comida como fator cultural. Neste caso, analisam-se os territórios gastronômicos na comunidade brasileira em Berlim a partir de um conceito que pode ser entendido como algo que emerge nas experiências e atividades cotidianas (Pellerano, 2016).

De igual maneira, nota-se que a comunidade brasileira em Berlim engaja-se em atividades intragrupais, a partir de espaços que suscitam não apenas a confraternização a partir das festas e da comida brasileiras, mas também participando de espaços que sustentam suas

pertenças à nação brasileira, envolvendo-se nas discussões que os associam à gestão do próprio território e governo do Brasil.

Este fato, observado na categoria *Política*, pode ser um indicativo que demonstra que, apesar da decisão de emigrar do país, os brasileiros em Berlim, ainda se sentem pertencentes ao território, o que pode ser demonstrado também pela participação nas discussões políticas que implicam em fortalecimento de seu exercício de cidadania brasileira (Castells, 2018).

Lidola (2014) discute que uma das principais razões para a migração de brasileiros para Berlim é a política em associação às razões econômicas. Contudo, observa-se que os brasileiros, participantes da pesquisa, ainda possuem motivos para preocupação e comprometimento com o cenário político de seu país de origem, notadamente demonstrados pelo interesse em, embora o frio da cidade, sair de suas casas e se envolverem até tarde da noite em uma discussão sobre o assunto. Vale ressaltar que reflexões sobre iniciativas comunitárias ressaltam a importância social da cooperação local e da mobilização política – mesmo quando não se obtêm resultados práticos imediatos – para que se combata o isolamento e a desconfiança mútua, de modo a incorporar e reforçar normas e valores da própria comunidade (Putnan, 2006).

Destaca-se, ainda, que dentre as categorias observadas para vivência da brasilidade pelos brasileiros em Berlim, constata-se a *Espiritualidade*. Nesta categoria, buscou-se a integração das dimensões pelas quais as pessoas da comunidade brasileira manifestam sua crença na língua materna, além de confraternizarem com seus compatriotas através de espaços sustentados pela crença religiosa.

A religião espírita, manifestada na Comunidade Espírita Saja e o candomblé, sabido por ser expresso no espaço do Fórum Brasil, apresentam-se como pontos de análise das atividades da comunidade brasileira, dentre as outras categorias que atuam como elementos constituintes das

identidades dos indivíduos. Destaca-se que, como pontua Turner (1984), o comportamento dos indivíduos em relação aos seus grupos de pertença não representa uma única direção de influência. As identificações são estruturas cognitivas e, ao mesmo tempo, produtos sociais, sendo compartilhadas e definidas através de conteúdos socioculturais relacionados aos membros do grupo.

Bahia (2014) descreve que a religião candomblé praticada pelos brasileiros em Berlim atua como símbolo cultural importante para que estes afirmem seu grupo e sua identidade. Contudo, alguns autores (Coli, 2014; Ribeiro, 2015; Sacramento & Ribeiro, 2013) afirmam que a manifestação de religiões ligadas ao Brasil, ou Afro-Brasileiras, tem sido utilizadas como pressuposto para a criação de estereótipos que relacionam o brasileiro ao místico, diferente e exótico, fato este que se conecta não apenas à religião, mas se estende também à concepção do que vem a ser *o brasileiro*.

O brasileiro torna-se reconhecido como pertencente a um grupo associado à fé e à religião, especialmente ao se elucidar a comparação social entre brasileiros e berlinenses. Segundo o Departamento para estatística da região Berlim-Brandenburgo (*Amt für Statistik Berlin-Brandenburg*, 2016), 75% dos moradores da cidade de Berlin não possui religião.

Esta concepção pode ser entendida também como um fator que aproxima os brasileiros ainda mais aos membros de seus próprios grupos religiosos. A proximidade ao grupo pode indicar uma necessidade de apoio social, uma vez que seus membros compartilham das mesmas situações de conflito e das mesmas dificuldades relacionadas aos estereótipos a eles vinculados (Nowicka & Vertovec, 2014; Villas-Boas, Oliveira, Ramos & Montero, 2015; Tajfel, 1983).

Nessa mesma perspectiva, a existência de uma categoria que enfatize a *Educação* abre a oportunidade para uma discussão que compreende a ideia de brasilidade a partir da manutenção

da língua materna e da cultura entre os indivíduos que compõem a comunidade brasileira em Berlim. As aulas de canto no coral da *Musik Schule*, as aulas de português para crianças na escolinha Bilingua e o projeto de literatura brasileira na biblioteca são exemplos de como a vivência da língua e da cultura brasileiras constitui fator de integração dos membros da comunidade, de modo a trazer a história e sociabilidade de um grupo nacional, atuando como espaço simbólico de um coletivo (Toneli & Peruchi, 2006).

Estar em um espaço cujo propósito é a vivência da música brasileira, como, por exemplo, no coral de Elisabeth, propicia o reconhecimento de objetivos compartilhados dentro de um grupo, assim como a pertença a um espaço comum. Este fato pode ser concebido como relevante para a percepção dos indivíduos a respeito de suas próprias identidades (Bonomo, Souza, Melotti & Palmonari, 2013; Tajfel, 1982, 1983).

Assim como afirmam Caetano, Missio e Deffacci (2017), a música, neste sentido, se caracteriza como uma expressão artística que possui grande capacidade de fortalecer essas identidades, apresentando elementos relacionados ao próprio contexto cultural do grupo. A expressão musical permite, além disso, a manifestação de um imaginário afetivo que remete a um espaço comum de territorialidade e coletividade dos indivíduos (Gomes & Lemos, 2014).

Gomes e Lemos (2014) afirmam, ainda, a importância da música na constituição das identidades, no sentido de que esta compõe um lugar de afirmação de fala política que vai muito além da simples categorização sensorial, configurando-se como experiência metafísica que lida com uma ampla construção cultural e identitária. Desse modo, pode-se analisar que as manifestações musicais podem ser entendidas como produtos de processos sociais e culturais, refletindo hábitos adquiridos pelo homem como membro de um grupo ou de uma sociedade (Blacking, 2007, Coutinho, Trindade, Menandro & Menandro, 2015).

Dentro da categoria *Educação*, analisa-se também a brasilidade sendo remontada a partir das aulas de português como língua de herança na escolinha Bilingua e a sua manutenção no projeto de literatura na biblioteca Philipp Schaffer. As aulas sobre as datas comemorativas no Brasil, o folclore brasileiro e o aprendizado da gramática da língua portuguesa fundamentam um universo de sociabilidade brasileira, nestes espaços de educação.

A manutenção da língua materna, especialmente dentre a segunda geração da comunidade brasileira, pode representar o fato de que o aprendizado da língua não se mostra como uma finalidade encerrada em si mesma. Pela presença dos pais e mães brasileiros que se apresentam engajados e motivados afetivamente com o conhecimento de seus filhos da língua portuguesa, pode-se pontuar que a língua materna atua como um fator de expressão e reconhecimento social e espaço de identificação (Santana, 2012).

Conforme explica Mexias-Simon (2012), o aprendizado e manutenção de uma língua como ferramenta de sociabilidade não se configura como algo inato, mas sim como um traço cultural adquirido em função do indivíduo pertencer à determinada sociedade. Contudo, a maneira como um indivíduo estrutura sua cognição, sua visão de mundo, é interdependente à linguagem (Mexias-Simon, 2012), compondo um dos modos nos quais a cultura se objetiva, transformando também as funções psicológicas dos indivíduos (Martins & Rabatini, 2011). Tendo em vista esta reflexão, pode-se analisar que a entrada das crianças na língua materna de seus pais, pela frequência na escola e no projeto de literatura, por exemplo, pode ser fator fundamental para que as mesmas estruturam sua cognição e seus afetos, tendo como referência a cultura brasileira (Gardner, 2012, Lisiak & Nowicka, 2017, Tajfel, 1983).

Dessa forma, pode-se enfatizar a necessidade de a comunidade brasileira sustentar sua sociabilidade não somente em termos linguísticos, mas também culturais, entendendo que um

fator atrela-se ao outro. A existência de uma escolinha de português para filhas e filhos de brasileiros associa-se à manutenção da cultura do país de origem, uma vez que se sabe que cada língua existe dentro de determinada matriz cultural (Lemos, 2017).

Tendo em vista a existência de diversos espaços, na comunidade brasileira em Berlim, que se dedicam à expressão e manutenção da cultura brasileira, criou-se a categoria *Cultura* como forma de se analisar não apenas os espaços, mas, também, de se relacionar as primeiras conexões observadas entre os relacionamentos dos indivíduos pertencentes à comunidade.

Na categoria *Cultura*, além do coral musical e da agência ACIBRA, que se referem a espaços que manifestam e promovem a cultura do Brasil, destacam-se a Festa “Chega de Saudade” e a Festa Junina. Santos (2017) defende que a quadrilha junina se constitui como manifestação cultural brasileira com movimentos do centro para o rural e, posteriormente, pelo caminho inverso, adequando-se aos seus intercâmbios culturais das diferentes épocas.

A Festa Junina, embora apresente nuances que a diferem na territorialidade brasileira, constitui-se como uma das festas típicas do Brasil, que fazem parte de sua história, representando importante papel na construção da sociedade e da sociabilidade brasileiras (Amaral, 2003). Nestas festas, além do simbolismo presente, que remete à experiência comunitária religiosa, acontecem trocas culturais, sob suas diversas faces e sentidos, nas quais fundem-se, associam-se, sobrepõem-se e são reinterpretados vários aspectos culturais dos grupos envolvidos (Costa, Silva, Silva & Magalhães, 2018; Amaral, 2003).

Na festa “Chega de Saudade”, não obstante à música mais moderna e menos saudosista, constata-se também a existência de comidas típicas e popularmente conhecidas. Com isso, pode-se fazer um paralelo à categoria *Gastronomia*, uma vez que espaços como a Festa Junina e a festa da Saudade compartilham de fatores relacionados tanto à cultura quanto à comida do Brasil.

Assim como afirmam Contreras e Gracia (2011) e Azevedo (2017), a comida compreende modos de vida, costumes e memórias, o que se associa ao fato de a atividade gastronômica compor fator de diferenciação social e manifestação de um patrimônio da coletividade nas festas culturais brasileiras.

Embora diversos autores (De Lima Perdigão & Maranhão de Souza Leão, 2015; Cavenaghi, Siqueira Bueno & Corrêa, 2012; Farias, 2005) critiquem as festas juninas contemporâneas salientando o cunho mercadológico que a elas se incorporou com o passar dos anos, pode-se, ainda, observar que a comunidade brasileira em Berlim se apropria desta tradição como forma de interagir com os outros membros da comunidade e de relembrar aquilo que viveram, por vezes, há anos atrás. Através da música, da vestimenta e da gastronomia, os brasileiros buscam se socializar entre si através de elementos que os remetem à memória afetiva que guardam do Brasil (Azevedo, 2017).

Nota-se, nesta categoria, que os relacionamentos interpessoais de amizade são relevantes para a manutenção dos territórios como locais de trocas entre os membros da comunidade. Assim como indicam Costa e Garcia (2014), os relacionamentos interpessoais entre indivíduos migrantes de um mesmo país pode corresponder a um fator que aumenta as redes de novas amizades e faz com que os indivíduos sintam-se mais protegidos.

É o caso, por exemplo, da professora Ana, da Bilingua e do projeto de leitura na biblioteca, que se relaciona à Luana, criadora da ACIBRA. Embora o contexto do trabalho, ambas são mães de alunas nos dois projetos e amigas de longa data. Alice, filha de Luana e Lorena, filha de Ana são amigas “desde o ventre” e compartilham as atividades educacionais. Já na *Musik Schule*, observa-se que os relacionamentos interpessoais na comunidade alcançam

níveis profissionais nos quais, por exemplo, vê-se que a estagiária e musicista Renata, também é voluntária na escolinha Bilingua, ampliando a rede de contatos dos membros na comunidade.

Ademais, o Conselho de Cidadãos e o Fórum Brasil fazem de suas organizações culturais espaços para trocas e criação de relacionamentos entre as pessoas que contemplam a dimensão afetiva de estar na comunidade e sentir-se como parte de um todo (Ferro, 2018), de modo que Gisela e Luis tornam-se ponto de apoio aos brasileiros que passam por alguma dificuldade em Berlim. Neste sentido, ao observar as diversas funções vivenciadas nestes espaços, vê-se os territórios culturais cruzando-se com a política e com a espiritualidade.

Tendo em vista as cinco categorias propostas para análise, que se integram como eixos da brasilidade nos territórios observados, criou-se uma figura com o objetivo de ilustrar a constituição da comunidade brasileira em Berlim. A Figura 36 contempla todas as categorias discutidas, além dos indivíduos os quais se associam na relação entre territórios e atividades.

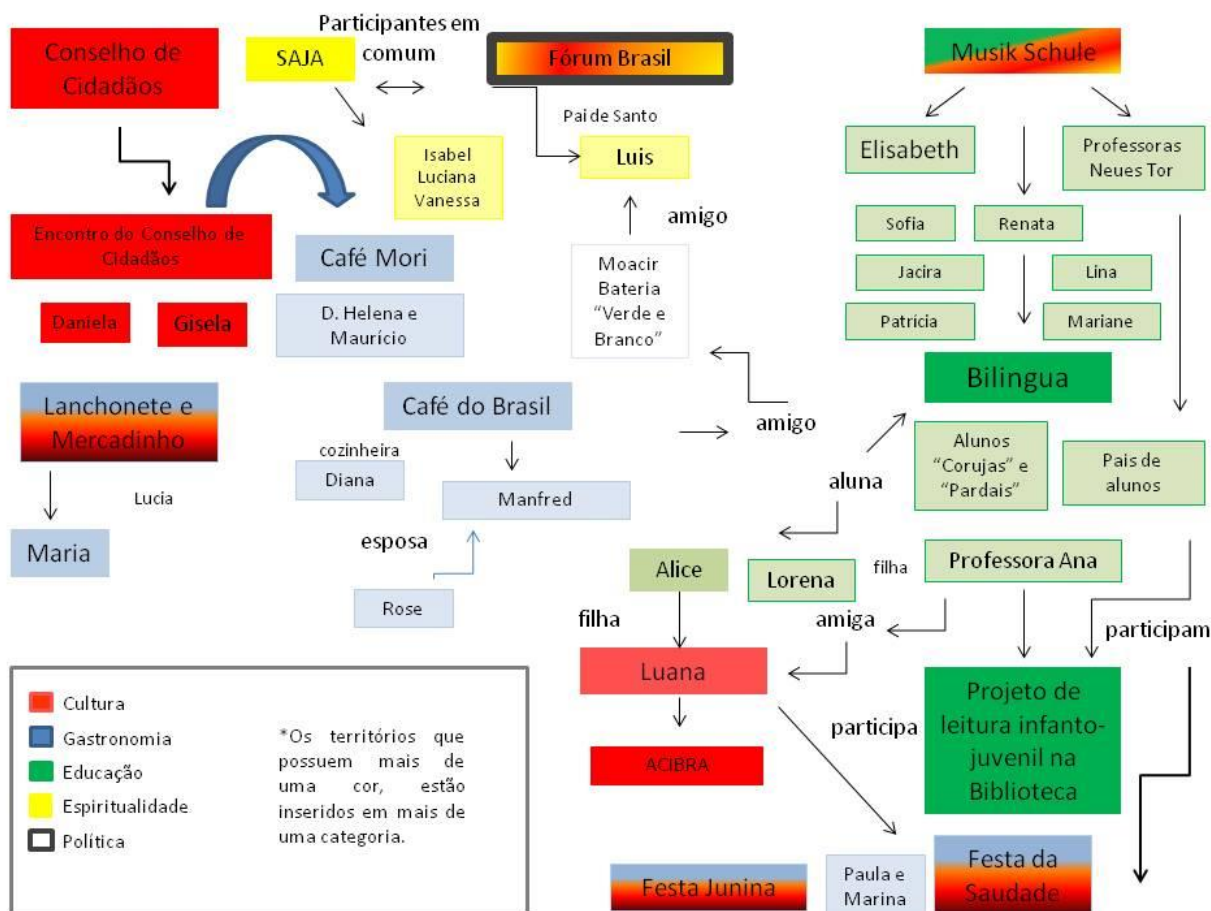


Figura 34. Esquema relacional entre as categorias e os territórios, atividades e relacionamentos entre os indivíduos

A partir dos resultados apresentados, é possível compreender que a comunidade de brasileiros em questão possui objetivos compartilhados que não se limitam a arranjos ou eventos específicos e pontuais, mas sim abrangem a vivência da brasilidade a partir da comida, da participação política, da vivência da crença e da espiritualidade, da educação passada de geração em geração e de eventos culturais que reforçam a interação entre os indivíduos, com a prática de hábitos, comportamentos e costumes nacionais. Os membros da comunidade, notadamente, despendem tempo de trabalho e organização para que as relações sociais mantenham-se ativas

em seus propósitos na comunidade, corroborando para a preservação e manutenção de suas lembranças do país de origem que são passadas de geração em geração (Gondar, 2016). A partir das experiências das pessoas envolvidas nas mais diversas atividades, os dados parecem indicar a associação da memória com resgate de vinculação afetiva aos produtos e relações sociais constituídas dentro do grupo nacional de origem (Tajfel, 1983).

Considerações Finais

Este estudo objetivou analisar a organização social da comunidade brasileira em Berlim, a partir da discussão de suas dimensões territoriais, sociais e das relações interpessoais. Ressalta-se que, a partir da observação destas dimensões, foi possível organizar os dados coletados em categorias de análise que permitiram refletir sobre os pilares que sustentam a dinâmica da comunidade brasileira em Berlim. Assim, analisou-se a dimensão da gastronomia brasileira, da cultura, da educação para manutenção desta cultura tanto entre adultos quanto entre as novas gerações, do exercício da cidadania brasileira com a participação em discussões sobre a política do Brasil, além da inserção em grupos que congregam brasileiros pela fé e religião.

A estratégia metodológica da etnografia urbana, embora permita a captação da vivência social em sua dinâmica cotidiana, possui algumas limitações. A principal delas refere-se à impossibilidade de se fazer uma descrição mais consistente e focada dos territórios pesquisados, conforme tradicionalmente se destaca nas etnografias (Pinheiro Machado, 2009), uma vez que era necessário relatar diferentes locais e interações, o que impede a imersão em apenas um território. Esta difusão da coleta de dados nos diversos territórios impossibilitou também uma apreensão mais densa dos círculos sociais e vínculos afetivos firmados dentro da comunidade.

Para maior apreensão da maneira como funciona a comunidade brasileira em Berlim, sugere-se a realização de novos estudos que possuam, além de um tempo maior em campo, o

intuito de analisar as memórias intergeracionais entre seus membros. Além disso, acredita-se ser importante a efetivação de estudos que priorizem a descrição, de forma mais solidificada, das relações interpessoais que ali se fortalecem e cooperam para a manutenção das práticas simbólicas que sustentam a existência da comunidade. Estudos que focalizem estratégias de enfrentamento podem também sugerir importantes resultados para o entendimento desta realidade.

**Estudo 2. Imigração e dimensões
identitárias entre migrantes brasileiros
em Berlim**

Apresentação

Tendo em vista que o estudo do pertencimento a categorias sociais minoritárias implica na análise do sentimento de pertença aos grupos sociais (Doise, 1989; Moscovici, 2011; Tajfel, 1983), e considerando que a função da pertença psicológica aos grupos é a de manter uma autoimagem social positiva, a discussão proposta para o segundo estudo fundamenta-se na análise das dimensões psicossociais da identidade (dimensão cognitiva, afetiva e valorativa), que são associadas e referenciadas ao grupo *brasileiro* e ao grupo *alemão*. A fim de se investigar as dimensões identitárias entre os indivíduos imigrantes da comunidade brasileira, o Estudo 2 analisa o modo como os membros do grupo posicionam-se frente aos valores, aos afetos e aos estereótipos que associam ao grupo *brasileiro*, ao grupo *alemão* e a eles mesmos (Bonomo, 2010; Pereira & Camino, 2003; Pereira, Camino & Costa, 2005; Tajfel, 1983).

Ao considerar que os sistemas de valores dos indivíduos estão entre as crenças valorativas mais importantes, fazendo parte de sua rede cognitiva que organiza a sociedade (Pereira, Camino & Costa, 2005), acredita-se ser importante mensurar e analisar esta dimensão que compõe a identidade (Tajfel, 1983). Segundo Christophe e Rimé (1997), as experiências emocionais e valorativas são constituídas também a partir da dimensão social. Ou seja, emoções, crenças e percepções são estabelecidas conforme o compartilhamento das mesmas dentro do grupo e influenciadas pelo ambiente social em que os indivíduos estão inseridos (Cárdenas et al., 2014; Duprez, Christophe, Rimé, Congrad & Antoine, 2014; Christophe & Rimé, 1997).

Os estereótipos, valores e afetos constituem, portanto, dimensões que estão na base dos processos de produção de significados a respeito dos grupos e objetos sociais (Vala, 2004). Por esta razão, é relevante que a análise das dimensões identitárias considere também a atribuição de

estereótipos, concebendo a influência dos mesmos na afiliação e compreensão dos sujeitos a respeito dos grupos e categorias sociais (Pereira & Camino, 2003).

Bonomo (2010), ao discorrer a respeito da apropriação ou rejeição do indivíduo aos estereótipos que são vinculados ao seu grupo social, afirma que os valores psicossociais relacionados aos grupos no contexto da categorização social, bem como o seu conteúdo e a participação dos sujeitos na produção de estereótipos e tomadas de posição afetiva frente ao seu grupo, constituem aspectos importantes para o estudo das dimensões identitárias. Apoiando-se em constructos da Teoria da Identidade Social, Scott (2010), Bonomo (2010), Gondim et al. (2013) e Tajfel e Fraser (1979) reiteram que o arranjo *cognitivo-afetivo-valorativo* constitui a base para os julgamentos feitos pelos indivíduos implicados no contexto de relação intergrupala, de modo a manter a autoimagem social positiva.

Objetivos

O objetivo deste estudo consiste em analisar as dimensões da identidade (dimensão cognitiva, afetiva e valorativa) que são associadas e referenciadas ao grupo brasileiro e ao grupo alemão pelos imigrantes brasileiros em Berlim. Para tanto, buscou-se a realização de tarefas que implicavam: I) na atribuição pelos participantes de um campo de estereótipos associados aos dois grupos nacionais; II) na associação de afetos pelos participantes a estes estereótipos, III) na associação de valores psicossociais aos mesmos; e, por fim, IV) na avaliação da autoatribuição desses elementos estereotípicos, afetivos e valorativos a si mesmo, por parte dos migrantes brasileiros em Berlim.

Estratégias metodológicas

Participantes

Compondo amostra por conveniência, participaram deste estudo 100 brasileiros imigrantes na cidade de Berlim, sendo³⁰ 74 mulheres e 26 homens, com idades entre 22 e 60 anos. A faixa etária das mulheres variou de 22 a 60 anos de idade (com média de 38,4 anos e desvio padrão de 9,15) e a dos homens de 34 a 41 anos de idade (com média de 35,45 anos e desvio padrão de 8,11). Em média, os participantes do sexo masculino saíram do Brasil há cerca de 7 anos (desvio padrão de 5,99) e vivem em Berlim há cerca de 6 anos (desvio padrão de 5,96). Já as participantes do sexo feminino, saíram do Brasil, em média, há 8 anos (desvio padrão de 7) e vivem em Berlim, em média, há cerca de 7,8 anos (desvio padrão de 6,4).

Sobre os planos para o futuro, 38% dos participantes afirmaram que desejam *continuar vivendo na Alemanha*, 24% informaram que desejam *viver em outro país* (que não seja nem o Brasil e nem a Alemanha) e 21% dos respondentes gostariam de *voltar a viver no Brasil*. Somaram 17% da amostra *outras resposta*, como, por exemplo: *“estou sem planos para o futuro”*, *“gostaria de viver rodando o mundo”* e *“gostaria de viver seis meses do ano no Brasil e seis meses na Alemanha”*.

Do total de 100 respondentes, 86 afirmam estar empregados na Alemanha e 14 desempregados. A respeito do estado civil, 25 alegam estar solteiros, 66 casados e 9 divorciados ou separados, conforme mostra a Figura 1.

³⁰ Informa-se que os participantes tinham liberdade para informar seu sexo ou gênero, conforme auto-identificação.

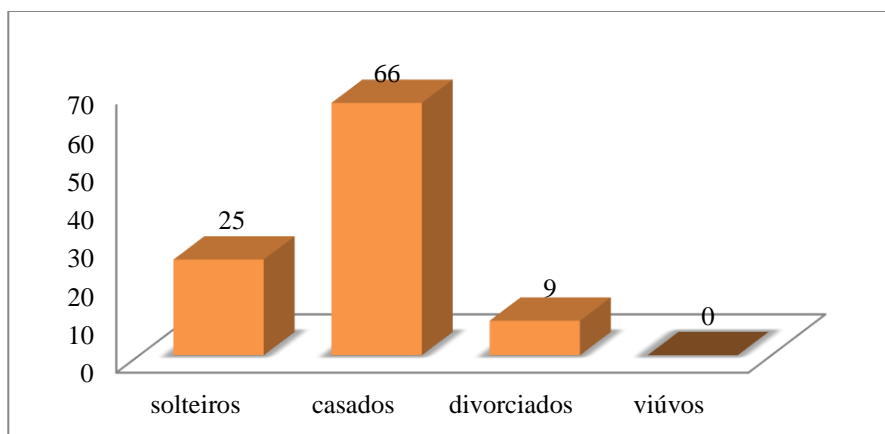


Figura 1. Gráfico referente ao estado civil dos participantes

Sobre a escolaridade (ver Figura 2), informa-se que 2 dos entrevistados possuem ensino fundamental incompleto, 6 possuem ensino médio completo, 7 possuem ensino superior incompleto e 57 possuem ensino superior completo. 28 dos participantes são pós graduados (com especialização, mestrado ou doutorado).

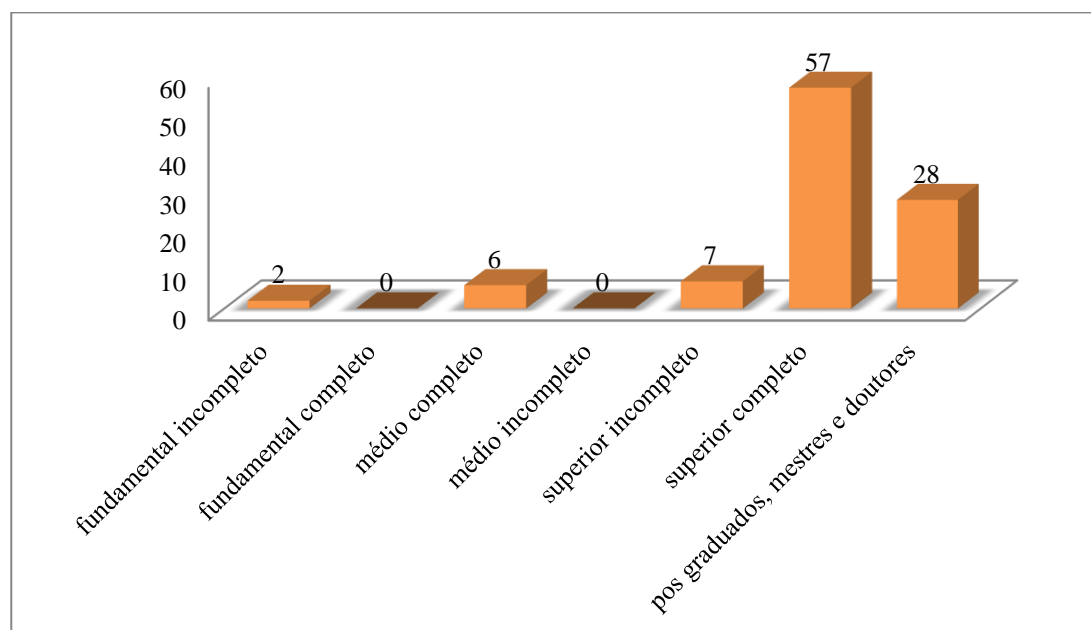


Figura 2. Gráfico referente à escolaridade dos participantes

Instrumento e procedimento de coleta dos dados

Como instrumento de coleta dos dados, foi utilizado um roteiro estruturado de entrevista, adaptado de Bonomo (2010) (Ver Apêndice 3), que permitiu a apreensão: (1) dos estereótipos atribuídos pelos participantes aos grupos sociais *brasileiros* e *alemães*; (2) dos sentimentos relacionados a estes estereótipos; e (3) dos valores psicossociais que julgavam ser associados aos grupos de referência. Além disto, o roteiro estruturado continha uma etapa na qual os indivíduos avaliavam a autoatribuição destes estereótipos, sentimentos e valores a si próprios, finalizando com uma última etapa na qual informavam se, para eles, estes mesmos atributos eram positivos ou negativos.

Em um primeiro momento, foi perguntado aos participantes quais eram os 05 elementos que vinham à cabeça quando pensavam a respeito do *brasileiro*. Em seguida, após responderem a estas primeiras questões ligadas à associação de estereótipos ao grupo, os participantes atribuíam um (01) sentimento que os remetia a cada um daqueles estereótipos mencionados e, em seguida, um (01) valor psicossocial que considerassem justificativa a cada um dos mesmos estereótipos (gerando um sistema de associação de 5 estereótipos – 5 sentimentos – 5 valores psicossociais relativo ao *brasileiro*).

Na etapa de associação de sentimentos, os participantes tiveram como referência uma lista criada por meio de uma versão reduzida da escala PANAS, de Watson, Clark e Tellegen (1988), adaptada por Galinha e Pais-Ribeiro (2005). Já os valores que foram associados referiam-se aos itens do Questionário de Valores Psicossociais (QVP 24), de Pereira, Camino e Costa (2005). Tanto a lista de sentimentos quanto a lista de valores psicossociais eram apresentadas em forma de placa, para que os indivíduos apontassem suas respostas (Ver apêndice 3). Ressalta-se que, apesar do auxílio do PANAS, para atribuição de sentimentos, e do QVP 24,

para atribuição de valores, os participantes poderiam associar outros sentimentos e valores que não estavam contemplados nas listas.

Na sequência, os respondentes foram solicitados a avaliar cada um dos itens quanto à atribuição dos elementos a si mesmos. Nesta segunda etapa do instrumento, a partir de uma escala Likert, os sujeitos responderam o quanto (de 1 a 5) julgavam atribuir aqueles estereótipos, sentimentos e valores psicossociais a si mesmos, sendo 1 – *não me identifico*, 2 – *me identifico pouco*, 3 – *me identifico razoavelmente*, 4 – *me identifico muito* e 5 – *me identifico completamente*. A última tarefa do questionário consistiu em solicitar aos participantes que realizassem uma avaliação dos itens evocados, julgando-os como sendo positivos ou negativos.

Após a tarefa ter sido concluída para o objeto *brasileiros*, os mesmos procedimentos foram realizados para o objeto *alemães*. Ao final de todo o questionário, solicitava-se aos participantes que respondessem a perguntas de cunho sócio-demográfico, que englobavam: tempo de saída do Brasil e tempo de vivência na Alemanha, escolaridade, estado civil, idade, planos para o futuro e e-mail de contato dos participantes.

Os dados foram coletados a partir da disponibilidade dos respondentes e da pesquisadora, sendo os participantes contatados previamente para montagem de um calendário de entrevistas com dias, horários e locais pré-definidos. As entrevistas aconteceram em restaurantes, cafés, lanchonetes, shopping centers, na casa dos participantes ou em seus locais de trabalho. O tempo médio para a realização das entrevistas era de 50 minutos.

Antes do início de todas as entrevistas, a concordância dos respondentes em participar da pesquisa era formalmente registrada pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Ver Apêndice 2), no qual estavam descritos os objetivos da pesquisa e os procedimentos aos quais o entrevistado foi submetido. O Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido foi assinado em duas vias e garante o anonimato dos participantes e o uso dos dados coletados apenas para fins de pesquisa.

Informa-se que os participantes foram contatados através de amostra por conveniência, via redes sociais, onde foi realizada divulgação do estudo da tese. A estratégia de *bola de neve*, em que cada respondente indica outro brasileiro migrante, também foi utilizada.

Tratamento dos dados

A partir dos dados coletados, procedeu-se a digitalização e limpeza das informações obtidas, compondo seis bancos de dados, conforme dimensão e objeto (estereótipos associados ao *brasileiro*, estereótipos associados ao *alemão*, sentimentos associados ao *brasileiro*, sentimentos associados ao *alemão*, valores psicossociais associados ao *brasileiro* e valores psicossociais associados ao *alemão*). Para apresentação dos campos afetivo, valorativo e estereotípico associados aos grupos de referência, utilizou-se os recursos da estatística descritiva, a partir de cálculos de frequência absoluta e relativa para cada elemento dos campos (Resultados apresentados na seção 1).

Em seguida, por meio do procedimento ASPAR do Programa SPAD-T (Lebart, Morineau, Becue & Haeusler, 1994), foi realizada a análise de cluster para cada dimensão (afetiva, valorativa e estereotípica), segundo cada objeto social (*brasileiro* e *alemão*), tendo sido identificados três clusters para cada análise realizada. A clusterização consiste em um agrupamento que tem por objetivo dividir as amostras em grupos (clusters, em inglês), que tenham alto grau de similaridade entre seus elementos, e alto grau de separação entre elementos de clusters diferentes (Aguiar, Santana Junior & Filho, 2018). Desse modo, foi possível localizar

cada participante do estudo em um dos três clusters, em cada dimensão associada a cada grupo social³¹ (Resultados apresentados na seção 2).

Para os dados de auto-atribuição, obtidos com o auxílio de uma escala Likert de 1 a 5 pontos, obteve-se a mediana das 5 respostas de cada participante (considerando que, para cada dimensão – objeto, o sujeito podia atribuir até 5 elementos), a fim de se obter um único valor por sujeito. A partir desse procedimento, por meio do teste qui-quadrado, comparou-se as proporções das respostas na tarefa de auto-atribuição para cada dimensão (estereótipos associados, afetos e valores), clusters e objetos analisados (Resultados apresentados na seção 3).

O teste de Kruskal-Wallis, por sua vez, avaliou a diferença dos postos médios³² entre os clusters para cada dimensão e objeto e entre as dimensões de cada cluster e objeto. Quando este teste foi estatisticamente significativo, foi utilizado o teste de comparações múltiplas³³ de Duncan. O teste de Mann-Whitney³⁴ comparou a diferença dos postos médios de cada dimensão e cluster entre os objetos *brasileiro* e *alemão*. O nível de significância adotado em todas as análises foi de 5% (Resultados apresentados na seção 4).

Para as informações sócio-demográficas, utilizou-se o cálculo de frequência absoluta, para descrição das características gerais de composição da amostra estudada.

³¹ Por exemplo, o sujeito 1, no que se refere ao *brasileiro*, localiza-se no Cluster 2 (Festeiros) da dimensão estereótipos associados, no Cluster 1 (Indignados) da dimensão afetiva e no Cluster 2 (Meritocracia) da dimensão valores psicossociais. Esse mesmo sujeito, em relação ao *alemão*, integra o Cluster 3 (Cidadãos) na dimensão estereótipos associados, o Cluster 1 (Temerosos) na dimensão afetiva e o Cluster 2 (Liberdade responsável) na dimensão valorativa.

³² Posto médio é um *rank* ou posto que cada observação lhe é atribuída. O método consiste em colocar as observações em ordem crescente, lhe dar um valor (posto) e depois utilizar a média para comparação.

³³ O teste de Kruskal-Wallis somente aponta que há, pelo menos, um par de medianas ou postos que se diferenciam; no entanto, como se quer saber qual foi a maior mediana ou posto, utilizou-se o teste de comparações múltiplas, que compara par a par de medianas.

³⁴ Quando a comparação é apenas entre duas referências, se utiliza este teste; e, quando se compara três ou mais, se utiliza o de Kruskal-Wallis.

Resultados

Considerando o objetivo deste estudo de analisar as dimensões da identidade social (dimensão cognitiva, afetiva e valorativa), associadas e referenciadas ao grupo *brasileiro* e ao grupo *alemão*, pelos imigrantes brasileiros em Berlim, os resultados são apresentados a partir das seguintes seções: Seção 1: Descrição dos campos estereotípico, afetivo e valorativo associados ao *brasileiro* e ao *alemão*; Seção 2: Clusterização dos campos estereotípico, afetivo e valorativo associados ao *brasileiro* e ao *alemão*; Seção 3: Análise dos campos afetivo, valorativo e estereotípico associados ao *brasileiro* e ao *alemão*, segundo a autoatribuição dos sujeitos; e Seção 4: Análise comparativa entre as dimensões identitárias.

Seção 1. Descrição dos campos estereotípico, afetivo e valorativo associados ao *brasileiro* e ao *alemão*

Nessa seção, são apresentados os elementos associados pelos participantes referentes às dimensões analisadas, segundo os dois grupos de referência. Destaca-se que se utilizou como frequência mínima, para os estereótipos associados ao *brasileiro* e ao *alemão*, elementos com frequência ≥ 7 , e para os afetos e os valores psicossociais frequência ≥ 10 . As avaliações dos elementos como positivos ou negativos, realizadas pelos participantes, foram utilizadas na apresentação dos elementos a fim de fornecer informações sobre o sentido atribuído por eles ao conteúdo em análise. A Tabela 1 demonstra os elementos contidos em cada uma das dimensões, com suas frequências absolutas e relativas.

A princípio, destaca-se que, na dimensão dos estereótipos positivos associados ao *brasileiro*, o elemento *alegre*, com 21.15% das respostas. Outros elementos como *acolhedor* (13.08%), *festeiro* (10.38%), *amigo* e *flexível* (ambos com 8.85% das respostas), *extrovertido*

(8.08%), *lutador* (6.54%), *família* (5.77%), *emotivo* (5.38%), *unidos* (4.23%), *sol* e *solidário* (ambos com 3.85%) foram evocados e considerados como positivos ao *brasileiro*.

Já na dimensão dos estereótipos associados ao *brasileiro*, entre os elementos avaliados de maneira negativa, destaca-se que 19.13% evocou o termo *malandragem*. Outros elementos como *barulhento* (11.30%), *desorganizado* e *desunido* (ambos com 9.57%), *acomodado* (8.70%), *inconveniente* (7.83%), *aparência*, *conservador* e *corrupto* (6.96%) e *mentiroso* (6.09%) foram evocados e também considerados como negativos em relação ao *brasileiro*.

Tabela 1. Descrição dos elementos positivos e negativos em cada dimensão, associados ao brasileiro e ao alemão

Dimensões	Brasileiro						Alemão						
	Elementos avaliados como positivos			Elementos avaliados como negativos			Elementos avaliados como positivos			Elementos avaliados como negativos			
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
Estereótipos associados	Alegre	55	21.15	Malandragem	22	19.13	Organizado	31	14.09	Frio	49	29.70	
	Acolhedor	34	13.08	Barulhento	13	11.30	Sincero	23	10.45	Inflexível	20	12.12	
	Festeiro	27	10.38	Desorganizado	11	9.57	Responsável	23	10.45	Metódico	13	7.88	
	Amigo	23	8.85	Desunido	11	9.57	Direto	20	9.09	Arrogante	13	7.88	
	Flexível	23	8.85	Acomodado	10	8.70	Pontual	16	7.27	Serio	12	7.27	
	Extrovertido	21	8.08	Inconveniente	9	7.83	Amigo	13	5.91	Chato	10	6.06	
	Lutador	17	6.54	Aparência	8	6.96	Respeitoso	12	5.45	Burocrático	10	6.06	
	Família	15	5.77	Conservador	8	6.96	Honesto	12	5.45	Preconceituoso	9	5.45	
	Emotivo	14	5.38	Corrupto	8	6.96	Competente	10	4.55	Regrado	8	4.85	
	Unidos	11	4.23	Não pontual	8	6.96	Solidário	10	4.55	Sem humor	7	4.24	
	Sol	10	3.85	Mentiroso	7	6.09	Determinado	9	4.09	Racional	7	4.24	
	Solidário	10	3.85				Pragmático	9	4.09	Grosseiro	7	4.24	
							Cidadania	8	3.64				
							Mente Aberta	8	3.64				
						Leal	8	3.64					
						Profundo	8	3.64					
Afetos	Orgulhoso	54	20.53	Irritado	38	29.23	Interessado	53	22.46	Irritado	39	25.00	
	Caloroso	49	18.63	Repulsa	30	23.08	Inspirado	42	17.80	Perturbado	27	17.31	
	Inspirado	33	12.55	Perturbado	27	20.77	Surpreendido	41	17.37	Repulsa	25	16.03	
	Entusiasmado	30	11.41	Culpado	12	9.23	Encantado	39	16.53	Assustado	22	14.10	
	Interessado	30	11.41	Nervoso	12	9.23	Determinado	22	9.32	Nervoso	18	11.54	
	Encantado	25	9.51	Amedrontado	11	8.46	Entusiasmado	21	8.90	Atormentado	15	9.62	
	Excitado	19	7.22				Orgulhoso	18	7.63	Amedrontado	10	6.41	
	Surpreendido	12	4.56										
Ativo	11	4.18											
Valores Psicossociais	Alegria	56	19.79	Irresponsabilidade	19	33.93	Responsabilidade	60	20.83	Autoridade	34	68.00	
	Fraternidade	44	15.55	Status	16	28.57	Competência	31	10.76	Status	16	32.00	
	Conforto	31	10.95	Lucro	11	19.64	Obediência	30	10.42				
	Amor	31	10.95	Desigualdade	10	17.86	Igualdade	29	10.07				
	Prazer	28	9.89				Liberdade	28	9.72				
	Liberdade	27	9.54				Realização profissional	25	8.68				
	Vida excitante	23	8.13				Fraternidade	25	8.68				
	Auto-realização	21	7.42				Conforto	19	6.60				
	Realização profissional	11	3.89				Auto-realização	17	5.90				
	Competência	11	3.89				Justiça	13	4.51				
							Alegria	11	3.82				

Na dimensão dos estereótipos associados para o alemão, o termo *organizado* aparece como elemento positivo mais citado, com 14.09%. Outros elementos como *sincero* e *responsável* (10.45%), *direto* (9.09%), *pontual* (7.27%), *amigo* (5.91%), *respeitoso* e *honesto* (ambos com 5.45%), *competente* e *solidário* (ambos com 4.55%), *determinado* e *pragmático* (ambos com

4.09%), *cidadania*, *mente aberta*, *leal* e *profundo (nas amizades)* (todos com 3.64%) aparecem como sendo positivos ao *alemão*. Na dimensão dos estereótipos associados ao *alemão*, avaliados de maneira negativa, o elemento *frio* aparece destacado com 29.70% das respostas. Outros elementos como *inflexível* (12.12%), *metódico* e *arrogante* (7.88%), *sério* (7.27%), *chato* e *burocrático* (ambos com 6.06%), *preconceituoso* (5.45%), *regrado* (4.85%), *sem humor*, *racional* e *grosseiro* (todos com 4.24%) também aparecem como estereótipos negativos associados ao *alemão*.

Na dimensão afetiva, que se refere aos sentimentos associados ao *brasileiro*, destaca-se, como positivo, o elemento *orgulhoso*, com 20.53% das respostas. Outros sentimentos positivos como *caloroso* (18.63%), *inspirado* (12.55%), *entusiasmado* e *interessado* (ambos com 11.41%), *encantado* (9.51%), *excitado* (7.22%), *surpreendido* (4.56%) e *ativo* (4.18%) aparecem associados ao *brasileiro*. Já dentre os sentimentos negativos associados ao *brasileiro*, 29.23% relataram *irritado*. Outros sentimentos negativos como *repulsa* (23.08%), *perturbado* (20.77%), *culpado* e *nervoso* (9.23%) e *amedrontado* (8.46%) são citados.

Ainda na dimensão afetiva, no que se refere ao *alemão*, evidencia-se como positivo o sentir-se *interessado*, com 22.46% das respostas. Outros sentimentos positivos também foram citados, como: *inspirado* (17.80%), *surpreendido* (17.37%), *encantado* (16.53%), *determinado* (9.32%), *entusiasmado* (8.90%), e *orgulhoso* (7.63%). Dentre os sentimentos negativos associados ao *alemão*, enfatiza-se que os respondentes sentem-se *irritados* com o *alemão*, em sua maioria, com 25% das respostas. Outros sentimentos negativos como *perturbado* (17.31%), *repulsa* (16.03%), *assustado* (14.10%), *nervoso* (11.54%), *atormentado* (9.62%) e *amedrontado* (6.41%) são sentidos pelos respondentes em relação ao *alemão*.

Por fim, na dimensão dos valores psicossociais, destaca-se a *alegria* como um valor positivo associado ao que produz os estereótipos associados ao *brasileiro*, com 19.79% das respostas. A *fraternidade* (15.55%), o *conforto* (10.95%), o *amor* (10.95%), o *prazer* (9.89%), a *liberdade* (9.54%), uma *vida excitante* (8.13%), a *auto-realização* (7.42%), a *realização profissional* e a *competência* (ambos com 3.89%) também aparecem como valores associados de maneira positiva ao *brasileiro*.

Importante mencionar que, embora não estivesse presente no QVP 24, a *falta* de alguns valores aparece de forma expressiva e associada negativamente aos brasileiros. A falta de responsabilidade (*irresponsabilidade*), por exemplo, obteve 33.93% das respostas. Além da *irresponsabilidade*, o *status* (28.57%), o *lucro* (19.64%) e a *desigualdade* (17.86%) também foram mencionados dentre os valores considerados negativos.

O valor psicossocial mais evidenciado relacionado ao *alemão* de forma positiva foi a *responsabilidade* (20.83%). Outros valores como *competência* (10.76%), *obediência* (10.42%), *igualdade* (10.07%), *liberdade* (9.72%), *realização profissional* e *fraternidade* (ambos com 8.68%), *conforto* (6.60%), *auto-realização* (5.90%), *justiça* (4.51%), *alegria* (3.82%) também foram associados. Avaliados de maneira negativa, os valores *autoridade* (68.00%) e *status* (32.00%) aparecem como mais relevantes.

Seção 2. Clusterização dos campos estereotípico, afetivo e valorativo associados ao brasileiro e ao alemão

A partir dos elementos que foram associados em cada uma das dimensões analisadas (estereótipos, afetos e valores) para cada um dos objetos, procedeu-se a análise de cluster por meio do agrupamento dos participantes em função de suas respostas. Os resultados são apresentados nas Tabelas 2, 3 e 4.

Na Tabela 2, apresenta-se o agrupamento de sujeitos para a dimensão dos estereótipos associados ao brasileiro e ao alemão. Este agrupamento originou 3 clusters para cada um dos objetos analisados. Salienta-se que, na clusterização, algumas palavras podem ser agrupadas na análise estatística, não aparecendo de maneira evidente.

Tabela 2. Clusters de sujeitos em função dos estereótipos associados

Brasileiro						Alemão					
Cluster 1 Jeitinho brasileiro 35 sujeitos		Cluster 2 Festeiro 30 sujeitos		Cluster 3 Malandro 35 sujeitos		Cluster 1 Prepotente 26 sujeitos		Cluster 2 Amigo 38 sujeitos		Cluster 3 Cidadão 36 sujeitos	
Termos	V. Test	Termos	V. Test	Termos	V. Test	Termos	V. Test	Termos	V. Test	Termos	V. Test
Acolhedor	4.57	Sol	3.77	Malandragem	3.42	Metódico	5.56	Responsável	3.82	Cidadania	3.49
Inconveniente	3.79	Desorganizado	3.40	Acomodado	3.26	Preconceituoso	4.46	Amigo	3.20	Solidário	3.25
Não pontual	3.51	Família	3.39	Mentiroso	3.20	Arrogante	4.23	Profundo	2.52	Regrado	2.66
Aparência	3.51	Barulhento	3.38	Flexível	3.19	Leal	3.33	Racional	2.20	Burocrático	2.56
		Corrupto	2.39	Conservador	2.67					Organizado	2.44
		Festeiro	2.02							Inflexível	2.03

Nota: São apresentados os elementos considerados significativos segundo critério V-test $\geq |2|$.

Dentre os clusters referentes às associações de estereótipos para brasileiro, o Cluster 1, intitulado “Jeitinho Brasileiro”, é composto por 35 dos 100 respondentes, com média de resposta de 4.9. Compõem esse cluster os termos *acolhedor* (4.57), *inconveniente* (3.79), *não pontual* (3.51) e *aparência* (3.51). O Cluster 2, intitulado “Festeiro”, é formado por 30 sujeitos, que, em média, associaram 4.8 elementos por participante. Este cluster agrupa termos como *sol* (3.77), *desorganizado* (3.40), *família* (3.39), *barulhento* (3.38), *corrupto* (2.9) e *festeiro* (2.02). Por fim, o Cluster 3, intitulado “Malandro”, constitui-se de 35 sujeitos que associaram, em média, 4.8

respostas. Neste último cluster, observa-se os termos *malandragem* (3.42), *acomodado* (3.26), *mentiroso* (3.20), *flexível* (3.19) e *conservador* (2.67).

Ainda referente ao agrupamento dos sujeitos na dimensão de estereótipos associados, obteve-se também 3 clusters para o objeto *alemão*. O Cluster 1, intitulado “Prepotente”, é formado por 26 sujeitos, os quais elencaram uma média de 4.8 respostas. Dentre estas respostas, estão termos como *metódico* (5.56), *preconceituoso* (4.46), *arrogante* (4.23) e *leal* (3.33). O Cluster 2, intitulado “Amigo”, agrupou 38 sujeitos que deram, em média, 4.9 respostas. Neste agrupamento, verifica-se termos como *responsável* (3.82), *amigo* (3.20), *profundo* (2.52) e *racional* (2.20). O último cluster, o Cluster 3, intitulado “Cidadão”, é constituído por 36 sujeitos, com média de resposta de 4.9. Neste último agrupamento encontram-se termos como *cidadania* (3.49), *solidário* (3.25), *regrado* (2.66), *burocrático* (2.56), *organizado* (2.44) e *inflexível* (2.03).

Na dimensão dos afetos associados ao *brasileiro* e ao *alemão*, apresentam-se os agrupamentos de sujeitos para cada um dos objetos analisados na Tabela 3. Os agrupamentos originaram 3 clusters para cada um dos objetos.

Tabela 3. *Clusters de sujeitos em função do campo afetivo associado*

Brasileiro						Alemão					
Cluster 1 Indignados 21 sujeitos		Cluster 2 Desconfiados 30 sujeitos		Cluster 3 Motivados 49 sujeitos		Cluster 1 Temerosos 25 sujeitos		Cluster 2 Aessos 22 sujeitos		Cluster 3 Animados 53 sujeitos	
Termos	V. Test	Termos	V. Test	Termos	V. Test	Termos	V. Test	Termos	V. Test	Termos	V. Test
Culpado	4.49	Amedrontado	4.72	Encantado	2.97	Assustado	5.86	Repulsa	7.63	Entusiasmado	2.61
Surpreendido	3.87	Interessado	4.56	Inspirado	2.97	Amedrontado	3.26			Encantado	2.53
Irritado	2.32	Caloroso	4.13	Repulsa	2.51	Atormentado	2.54			Determinado	2.31
				Orgulhoso	2.22	Surpreendido	2.39				

Nota: São apresentados os elementos considerados significativos segundo critério V-test $\geq |2|$.

Referente ao *brasileiro*, o primeiro Cluster, intitulado “Indignados”, congrega elementos como *culpado* (4.49), *surpreendido* (3.87) e *irritado* (2.32) e formou-se a partir do agrupamento de 21 sujeitos, os quais obtiveram média de resposta de 4.2. Termos como *amedrontado* (4.72), *interessado* (4.56) e *caloroso* (4.13) formam o Cluster 2, intitulado “Desconfiados”. Este

segundo cluster é composto por 30 sujeitos, com média de resposta de 4.4. Por fim, o Cluster 3, “Motivados”, com 49 sujeitos, que elencaram uma média de 4.5 respostas, é formado por termos como *encantado* (2.97), *inspirado* (2.97), *repulsa* (2.51) e *orgulhoso* (2.22).

Vinculados ao *alemão*, observou-se a formação de 3 Clusters que agrupam respostas referentes à dimensão afetiva. Respostas como *assustado* (5.86), *amedrontado* (3.26), *atormetado* (2.54) e *surpreendido* (2.39) deram origem ao Cluster 1, intitulado “Temerosos”, composto 25 sujeitos (com média de resposta de 4.4). O segundo Cluster, intitulado “Avessos”, apresenta apenas um único sentimento: *repulsa* (7.63). A formação deste cluster foi constituída por 22 sujeitos (com média de resposta de 4.2). O último Cluster originado na dimensão dos afetos para o *alemão*, intitula-se “Animados” e foi composto por 53 sujeitos, com média de respostas de 4.4. No Cluster 3, verificam-se sentimentos como *entusiasmado* (2.61), *encantado* (2.53) e *determinado* (2.31).

Para a dimensão dos valores psicossociais associados ao *brasileiro* e ao *alemão* realizou-se também um agrupamento dos sujeitos, que originou 3 Clusters para cada um dos objetos sociais em análise. Os Clusters para esta dimensão estão apresentados na Tabela 4.

Tabela 4. *Clusters de sujeitos em função dos valores psicossociais associados*

Brasileiro						Alemão					
Cluster 1 Liberdade hedonista 52 sujeitos		Cluster 2 Meritocracia 34 sujeitos		Cluster 3 Materialista vertical 14 sujeitos		Cluster 1 Materialista horizontal 26 sujeitos		Cluster 2 Liberdade responsável 64 sujeitos		Cluster 3 Bem-estar 10 sujeitos	
Termos	V. Test	Termos	V. Test	Termos	V. Test	Termos	V. Test	Termos	V. Test	Termos	V. Test
Liberdade	3.80	Desigualdade	4.25	Realização	6.41	Status	6.05	Responsabilidade	3.09	Alegria	6.30
Prazer	3.47	Competência	3.09	profissional		Conforto	4.48	Liberdade	2.14		
Vida excitante	3.22	Auto-realização	2.61	Lucro	3.06						
		Irresponsabilidade	2.09								

Nota: São apresentados os elementos considerados significativos segundo critério V-test $\geq |2|$.

A ideia de “Liberdade hedonista” deu origem ao primeiro cluster de valores psicossociais associado ao *brasileiro*. Esta ideia fundamenta-se em termos como *liberdade* (3.80), *prazer* (3.47) e *vida excitante*, que formam o agrupamento composto por 52 sujeitos (com média de resposta de 4.5). O segundo cluster para esta dimensão possui 34 sujeitos (com média de resposta de 4.2) e foi formado a partir da vinculação de valores, ou a falta destes, como *desigualdade* (4.25), *competência* (3.09), *auto-realização* (2.61) e *irresponsabilidade* (2.09). O último Cluster de sujeitos para as associações de valores psicossociais ao *brasileiro* se intitula “Materialista vertical” (por representar a legitimação de ideias que concernem à ascensão dos indivíduos na hierarquia social com base na acumulação individual de bens materiais) e possui 14 sujeitos (média de resposta de 4.3). A *realização profissional* (6.41) e o *lucro* (3.06) são valores que compõem este último cluster.

O agrupamento de sujeitos para as associações de valores ao *alemão* também originou 3 Clusters. A noção de um conjunto de valores que remetem a ideia de uma sociedade “Materialista horizontal” (por representar a ideia de que a sociedade como um todo possui acesso aos bens materiais), congregou 26 sujeitos, no primeiro cluster (com média de resposta de 4.6), cuja ideia é sustentada pela presença de valores como *status* (6.05) e *conforto* (4.48). Já o segundo Cluster, “Liberdade responsável”, foi constituído a partir das respostas de 64 sujeitos (com média de resposta de 4.4). Valores como *responsabilidade* (3.09) e *liberdade* (2.14) fundamentam a construção deste segundo grupo. O último Cluster, “Bem-estar”, configura-se a partir do agrupamento de 10 sujeitos, que associaram ao *alemão* respostas com média de 4.3 termos por participantes. Seguindo o critério do V-test, o termo que compõe este cluster é o valor *alegria* (6.30).

Seção 3. Análise dos campos afetivo, valorativo e estereotípico associados ao *brasileiro* e ao *alemão*, segundo a autoatribuição dos sujeitos

Nesta seção são apresentados os dados referentes à tarefa de autoatribuição dos sujeitos, em função do quanto se identificam com os clusters de cada uma das dimensões (estereótipos, afetos e valores), a partir da relação feita por eles com auxílio da escala Likert.

Inicialmente, observa-se que, dentre os Clusters originados para a dimensão de estereótipos associados ao *brasileiro*, houve significância estatística entre as autoatribuições³⁵ para os Clusters de “Festeiro” e “Malandro”. Ao se auto atribuírem os estereótipos relacionados a brasileiros, verifica-se que 36.67% dos sujeitos se identificam *muito* com os elementos do Cluster “Festeiro” e 34.29% se identificam *razoavelmente* com os elementos do Cluster “Malandro”.

Já dentre os Clusters originados para a dimensão de estereótipos associados ao ser *alemão*, houve significância estatística entre as autoatribuições para o Cluster “Cidadão”. Verifica-se que os sujeitos afirmam se identificarem *razoavelmente* com este Cluster (55.56%).

As demais autoatribuições foram consideradas semelhantes nos demais clusters. A Tabela 5 apresenta uma comparação entre as autoatribuições, na dimensão dos estereótipos associados ao *brasileiro* e ao *alemão*, para cada um dos Clusters.

³⁵ (1) Não me identifico, (2) me identifico pouco, (3) me identifico razoavelmente, (4) me identifico muito ou (5) me identifico completamente

Tabela 5. Comparação entre as autoatribuições associadas ao brasileiro e ao alemão em cada cluster na dimensão dos estereótipos

	Brasileiro						Alemão							
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%		
Estereótipos associados	Jeitinho Brasileiro		Festeiro		Malandro		Prepotente		Amigo		Cidadão			
	Não me identifico		1	2.86	3	10.00	3	8.57	4	15.38	2	5.26	3	8.33
	Me identifico pouco		8	22.86	2	6.67	4	11.43	8	30.77	5	13.16	1	2.78
	Me identifico razoavelmente		10	28.57	9	30.00	12	34.29	11	42.31	10	26.32	20	55.56
	Me identifico muito		10	28.57	11	36.67	11	31.43	3	11.54	10	26.32	10	27.78
Me identifico completamente		6	17.14	5	16.67	5	14.29	0	0.00	11	28.95	2	5.56	
Valor p*		0.094		0.039		0.042		0.116		0.090		< 0.001		

(*) Teste do qui-quadrado para uma amostra; (0) Não foi computado na estatística porque não houve observação

A Figura 3 ilustra as autoatribuições, em forma de gráfico, descrevendo as porcentagens em cada um dos Clusters relativos à dimensão dos estereótipos.

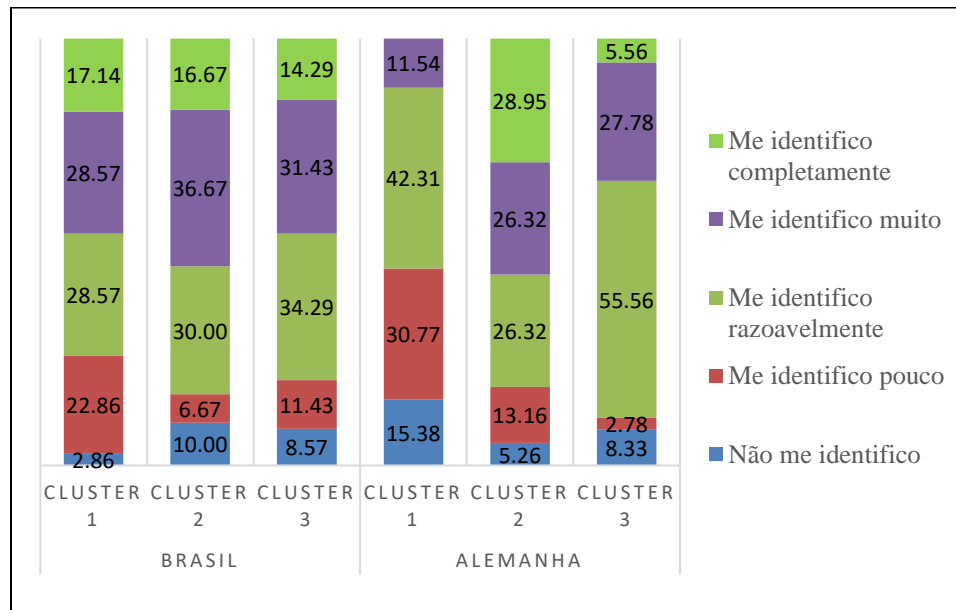


Figura 3. Descrição das autoatribuições, referentes à dimensão dos estereótipos, associadas em cada cluster³⁶ relativos ao brasileiro e ao alemão.

³⁶Clusters associados ao brasileiro na dimensão dos estereótipos: Cluster 1 – Jeitinho Brasileiro, Cluster 2 – Festeiro, Cluster 3 - Malandro. Clusters associados ao alemão na dimensão dos estereótipos: Cluster 1 – Prepotente, Cluster 2 – Amigo, Cluster 3 – Cidadão.

Na Tabela 5 e na Figura 3, nota-se que, relativo ao *brasileiro*, no Cluster 1 “Jeitinho Brasileiro”, 17.14% dos sujeitos se identificam *completamente*, 28.57% afirmam se identificar *muito* e a mesma quantidade declara se identificar *razoavelmente*. 22.86% dos sujeitos se auto identificam *pouco* e 2.86% não se identificam com este *Jeitinho*. Já o Cluster 2, “Festeiro”, obteve 16.67% dos sujeitos se auto identificando *completamente* com ele, 36.67% se identificando *muito*, 30.00% se identificando *razoavelmente*, 6.67% dos sujeitos se identificando *pouco* e 10.00% não se auto identificavam. O último Cluster para a dimensão dos estereótipos associados ao *brasileiro*, “Malandro”, congrega 14.29% dos sujeitos que se identificam *completamente* com este cluster, 31.43% que se identificam *muito*, 34.29% que se identificam *razoavelmente*, 11.43% que se identificam *pouco* e 8.57% dos sujeitos que não se identificavam.

Relativo ao *alemão* (Figura 3), o Cluster 1, “Prepotente”, congrega 11.54% dos sujeitos que se identificam *muito*, 42.31% que se identificam *razoavelmente*, 30.77% que se identificam *pouco* e 15.38% que não se identificam com essa ideia. A autoatribuição para o Cluster 2, “Amigo”, obteve 28.95% dos sujeitos que se identificavam *completamente*, 26.32% que se identificavam *muito*, 26.32% que se identificavam *razoavelmente*, 13.16% que se identificavam *pouco* e 5.26% não se identificavam. Por fim, o cluster “Cidadão” obteve 5.56% de sujeitos que se identificavam *completamente* com o mesmo, 27.78% que se identificavam *muito*, 55.56% que se identificavam *razoavelmente*. Apenas 2.78% dos sujeitos se identificavam *pouco* e 8.33% que não se identificavam com este último cluster.

Em se tratando da autoatribuição feita pelos sujeitos na dimensão afetiva, verificou-se significância estatística referente ao *brasileiro* para o Cluster “Motivados”, com o qual 30.61% dos participantes se identifica *muito*. Já referente ao *alemão*, verificou-se significância para o

Cluster “Animados”, onde 32.08% afirmam se identificarem *muito*. Importante ressaltar que 44.00% dos sujeitos consideram que se identificam *razoavelmente* com os elementos do Cluster “Temerosos” e 45.45% afirmam a mesma autoatribuição para o Cluster “Avessos”.

As demais autoatribuições foram consideradas semelhantes nos demais clusters. A Tabela 6 apresenta uma comparação entre as autoatribuições, na dimensão dos afetos associados ao *brasileiro* e ao *alemão*, para cada um dos Clusters.

Tabela 6. *Comparação entre as autoatribuições associadas ao brasileiro e ao alemão em cada cluster na dimensão afetiva*

	Brasileiro						Alemão						
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
	Indignados		Desconfiados		Motivados		Temerosos		Avessos		Animados		
Afetos	Não me identifico	3	14.29	1	3.33	2	4.08	5	20.00	5	22.73	1	1.89
	Me identifico pouco	2	9.52	3	10.00	5	10.20	2	8.00	2	9.09	8	15.09
	Me identifico razoavelmente	7	33.33	8	26.67	14	28.57	11	<u>44.00</u>	10	<u>45.45</u>	11	20.75
	Me identifico muito	4	19.05	9	30.00	15	<u>30.61</u>	4	16.00	2	9.09	17	<u>32.08</u>
	Me identifico completamente	5	23.81	9	30.00	13	26.53	3	12.00	3	13.64	16	30.19
	Valor p*	0.523		0.946		0.007		0.042		0.038		0.003	

(*) Teste do qui-quadrado para uma amostra

A Figura 4 ilustra estas autoatribuições, em forma de gráfico, descrevendo as porcentagens em cada um dos Clusters relativos à dimensão afetiva.

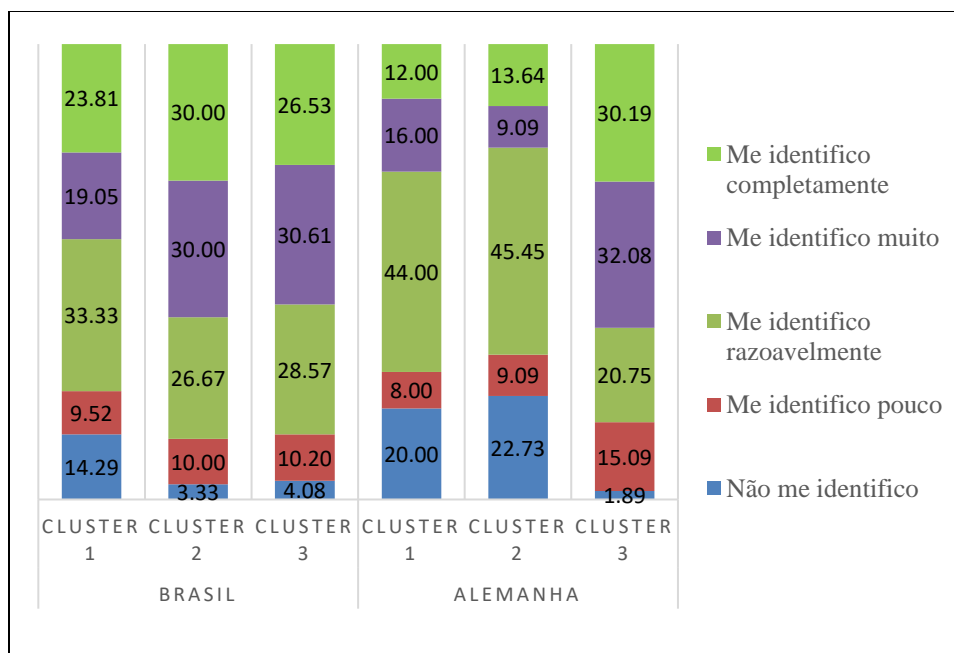


Figura 4. Descrição das autoatribuições, referentes à dimensão afetiva, associadas em cada cluster³⁷ relativos ao brasileiro e ao alemão.

Tanto na Tabela 6, quanto na Figura 4, observa-se que o cluster da dimensão afetiva “Indignados” possui 23.81% dos participantes julgando-se como *completamente* identificados com estes afetos, 19.05% dos participantes afirmam se identificar *muito*, 33.33% afirmam se identificar *razoavelmente*, 9.52% dos sujeitos se auto identificam *pouco* e 14.29% não se identificam com este Cluster afetivo. Para os afetos que formam o Cluster 2, “Desconfiados”, obteve-se 30.00 % dos sujeitos se auto identificando *completamente*, 30.00% se identificando *muito*, 26.67% se identificando *razoavelmente*, 10.00% dos sujeitos se identificando *pouco* e 3.33% não se auto identificavam. Finalmente, verifica-se que 26.53 % dos sujeitos “Motivados” se identificam *completamente* com este cluster, 30.61% que se identificam *muito*, 28.57% que se

³⁷Clusters associados ao brasileiro na dimensão afetiva: Cluster 1 – Indignados, Cluster 2 – Desconfiados, Cluster 3 – Motivados.

Clusters associados ao alemão na dimensão afetiva: Cluster 1 –Temerosos, Cluster 2 – Avessos, Cluster 3 – Animados.

identificam *razoavelmente*, 10.20% que se identificam *pouco* e 4.08% dos sujeitos não se identificavam com o último agrupamento para a dimensão afetiva vinculada ao *brasileiro*.

Ainda na dimensão dos afetos associados ao *alemão*, o Cluster 1, “Temerosos”, congrega 12.00% de sujeitos que se identificam *completamente* com o mesmo, 16.00% se identificam *muito*, 44.00% que se identificam *razoavelmente*, 8.00% que se identificam *pouco* e 20.00% dos sujeitos não se identificam. Dentre os sujeitos que associaram elementos que significaram a ideia de sentimentos “Avessos” aos *alemães*, 13.64% dos sujeitos se identificavam *completamente* com esta concepção, 9.09 se identificavam *muito*, 45.45% afirmavam se identificarem *razoavelmente*, 9.09% se identificavam *pouco* e 22.73% não se identificavam. O último Cluster para a dimensão dos afetos associados ao *alemão*, “Animados” obteve 30.19% de sujeitos que se identificavam *completamente*, 32.08% que se identificavam *muito*, 20.75% que se identificavam *razoavelmente*, 15.09% que se identificavam *pouco* e 1.89% que não se identificavam.

Por fim, na dimensão dos valores psicossociais, verifica-se significância estatística entre as autoatribuições referentes ao *brasileiro* para o Cluster de “Liberdade hedonista”, com o qual 44.23% dos sujeitos se identificam *muito*. Ressalta-se, ainda, que 61.76% dos sujeitos afirmam se identificarem *completamente* com os elementos do Cluster de valores psicossociais “Meritocracia”. Ao se auto atribuírem os valores psicossociais referentes ao *alemão*, nota-se significância para o Cluster “Materialista horizontal”, com o qual 57.69% dos sujeitos se identificam *completamente*. Além disso, salienta-se que 54.69% dos sujeitos afirmam também se identificarem *completamente* com os elementos do Cluster “Liberdade responsável”.

As demais autoatribuições foram consideradas semelhantes nos demais clusters. A Tabela 7 apresenta uma comparação entre as autoatribuições, na dimensão dos valores psicossociais associados ao *brasileiro* e ao *alemão*, para cada um dos Clusters.

Tabela 7. Comparação entre as autoatribuições associadas ao brasileiro e ao alemão em cada cluster na dimensão dos valores psicossociais

		Brasileiro						Alemão					
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Valores psicossociais	Não me identifico	0	0.00	0	0.00	0	0.00	0	0.00	0	0.00	0	0.00
	Me identifico pouco	0	0.00	1	2.94	0	0.00	0	0.00	1	1.56	0	0.00
	Me identifico razoavelmente	2	3.85	3	8.82	0	0.00	2	7.69	4	6.25	1	10.00
	Me identifico muito	23	44.23	9	26.47	6	42.86	9	34.62	24	37.50	4	40.00
	Me identifico completamente	27	51.92	21	61.76	8	57.14	15	57.69	35	54.69	5	50.00
Valor p*		< 0.001		< 0.001		0.791		0.007		< 0.001		0.391	

(*) Teste do qui-quadrado para uma amostra; (0) Não foi computado na estatística porque não houve observação

A Figura 5 ilustra estas autoatribuições, em forma de gráfico, descrevendo as porcentagens em cada um dos Clusters relativos à dimensão dos valores.

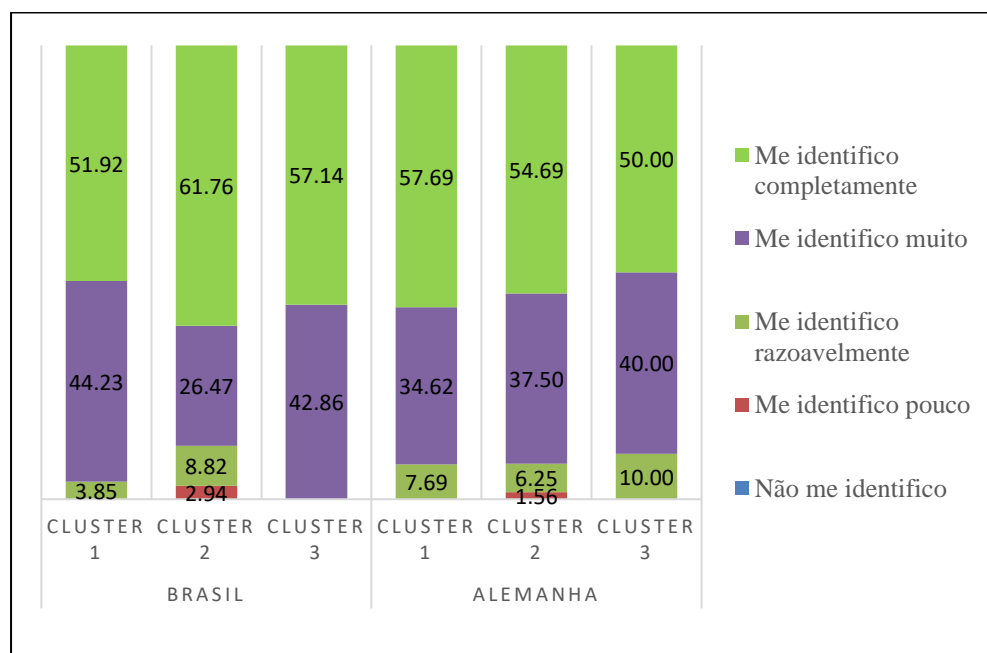


Figura 5. Descrição das autoatribuições, referentes à dimensão dos valores psicossociais, associadas em cada cluster³⁸ relativos ao brasileiro e ao alemão.

³⁸Clusters associados ao brasileiro na dimensão dos valores: Cluster 1 – Liberdade hedonista, Cluster 2 – Meritocracia, Cluster 3 – Materialista vertical.

Na Tabela 7 e na Figura 5, nota-se que, na dimensão dos valores psicossociais para o *brasileiro*, o Cluster 1 “Liberdade hedonista”, possui 51.92% dos sujeitos afirmando que se identificam *completamente* com o mesmo. Neste mesmo cluster, 41.23% afirmam identificar-se *muito* e 3.85% afirmam identificar-se *razoavelmente*. No Cluster 2, “Meritocracia”, constata-se que 61.76% dos sujeitos se auto identifica *completamente* com este agrupamento de valores, 26.76% se identifica *muito* com o mesmo, 8.82% se identifica *razoavelmente* e 2.94 % dos sujeitos se identifica *pouco*. Já o último Cluster para a dimensão dos valores associados ao *brasileiro*, “Materialista vertical”, congrega 57.14% dos sujeitos que se identificam *completamente* e 42.86% que se identificam *muito* com o agrupamento.

No tratamento dos dados, observa-se, ainda que o primeiro cluster da dimensão valorativa vinculados ao *alemão*, o Cluster 1, “Materialista horizontal”, congrega 57.69% dos sujeitos que se identificam *completamente* com o agrupamento, 34.62% que se identificam *muito* e, 7.69% que se identificam *razoavelmente*. Ainda para o objeto *alemão*, o Cluster 2, “Liberdade responsável”, possui 54.69% dos sujeitos se identificando *completamente*, 37.50% que se identificam *muito*, 6.25% que se identificam *razoavelmente*, e 1.56% se identifica *pouco*. O Cluster “Bem-estar” obteve 50.00% de sujeitos que se identificavam *completamente* com os valores ali agrupados, 40.00% que se identificavam *muito* e 10.00% que se identificavam *razoavelmente*.

Seção 4. Análise comparativa entre as dimensões identitárias

Nesta quarta e última seção de resultados são apresentados os dados referentes às comparações realizadas entre os Clusters de cada uma das dimensões (estereótipos, afetos e valores) e também entre as dimensões de cada um dos Clusters. Ao final, apresentam-se os dados de uma comparação entre os objetos *brasileiro* e *alemão* em função de cada Cluster e dimensão.

No que se refere à comparação entre os Clusters, verificou-se diferença significativa entre os postos médios para os estereótipos e afetos associados apenas ao objeto *alemão*. Assim, ao serem questionados sobre sua identificação com o grupo *alemão*, tendem³⁹ mais a se associarem como “Amigos” e “Cidadãos” do que “Prepotentes, na dimensão de estereótipos associados. Já na dimensão dos afetos, os participantes tendem a se identificarem mais com os elementos do Cluster “Animados” do que com “Temerosos” e “Avessos”. Os demais clusters foram considerados semelhantes entre si em cada dimensão (Tabela 8).

³⁹A tendência corresponde a quanto mais gente escolheu valores da escala Likert (1, 2, 3, 4 e 5) mais altos, ou seja, se identificam mais. Esta escala está agrupada como uma variável discreta ordinal; portanto, o teste fornece valores de posto maior para quem escolher identificação completa e menor para quem não se identifica.

Tabela 8. Comparação entre os clusters de cada dimensão para cada um dos objetos

		Postos médios	Postos médios	Postos médios	Valor p*
Brasileiro		Jeitinho Brasileiro	Festeiro	Malandro	
	Estereótipos associados	49.43	53.00	49.43	0.845
	Afetos	43.98	53.48	51.47	0.467
Alemão		Prepotente	Amigo	Cidadão	
	Estereótipos associados	33.23 ^a	61.22^b	51.65^b	< 0.001
	Afetos	41.44 ^a	39.20 ^a	59.46^b	0.003
		Status social	Responsabilidade	Alegria	
	Valores psicossociais	51.85	50.38	47.80	0.912

(*) Teste de Kruskal-Wallis; (ab) Letras diferenças indicam diferenças entre os postos médios (Teste de comparações múltiplas de Duncan)

A comparação entre as dimensões de cada cluster com os objetos *brasileiro* e *alemão* foi realizada a fim de se averiguar a existência de diferenças entre os postos médios de todas as dimensões. Neste sentido, constatou-se a existência destas diferenças e foi verificado que a dimensão dos afetos foi a que apresentou maiores postos médios. A Tabela 10 demonstra estes resultados, que foram obtidos por meio do Teste de Kruskal-Wallis.

Tabela 9. Comparação entre as dimensões de cada cluster com os objetos brasileiro e alemão

	Brasileiro			Alemão		
	Postos médios	Postos médios	Postos médios	Postos médios	Postos médios	Postos médios
Estereótipos associados	Jeitinho Brasileiro	Festeiro	Malandro	Prepotente	Amigo	Cidadão
	43.73 ^a	40.53 ^a	32.11 ^a	25.87 ^a	59.83 ^a	29.25 ^a
Afetos	Indignados	Desconfiados	Motivados	Temerosos	Avessos	Animados
	70.38^b	63.87^b	65.53^b	60.42^b	86.98^b	64.19^b
Valores psicossociais	Liberdade	Desigualdade	Realização profissional	Status social	Responsabilidade	Alegria
	55.34 ^a	39.21 ^a	36.86 ^a	31.54 ^a	55.67 ^a	49.50 ^a
Valor p*	0.005	< 0.001	< 0.001	< 0.001	0.001	< 0.001

(*) Teste de Kruskal-Wallis; (ab) Letras diferentes indicam diferenças entre os postos médios (Teste de comparações múltiplas de Duncan)

Desse modo, ao serem perguntados a respeito da identificação com o grupo *brasileiro*, os participantes se associam mais com os Clusters referentes à dimensão afetiva: “Indignação”, “Desconfiança” e “Motivação”. Da mesma forma, quando questionados a respeito da identificação com o grupo *alemão*, o afeto apresentou maiores postos médios, indicando maior identificação com os Clusters: “Temerosos”, “Avessos” e “Animados” (Tabela 10). Importante ressaltar que esta diferença observada na dimensão afetiva é, de certa forma, esperada, uma vez que a mesma corresponde à maneira como o indivíduo se sente frente aos demais campos associados.

A última análise comparativa entre as dimensões focalizou a comparação entre os objetos *brasileiro* e *alemão* para cada um dos clusters e cada uma das dimensões. A Tabela 11 apresenta essas análises.

Tabela 10. Comparação entre brasileiro e alemão para cada cluster e dimensão

	Brasileiro		Alemão		Valor p*
	Clusters	Postos médios	Clusters	Postos médios	
Estereótipos associados	Jeitinho Brasileiro	36.34	Prepotente	23.81	0.004
	Festeiro	44.80	Amigo	28.90	0.566
	Malandro	22.57	Cidadão	24.28	0.540
Afetos	Indignados	32.98	Temerosos	35.70	0.002
	Desconfiados	48.66	Avessos	49.95	0.828
	Motivados	24.67	Animados	29.00	0.430
Valores psicossociais	Liberdade	37.44	Status social	34.60	0.645
	Desigualdade	11.50	Responsabilidade	13.90	0.262
	Realização profissional	56.06	Alegria	47.28	0.880

(*) Teste de Mann-Whitney

Verificaram-se diferenças nos postos médios entre os grupos nacionais para os Clusters de “Jeitinho Brasileiro” na dimensão de estereótipos (associados ao *brasileiro*), e “Temerosos” na dimensão dos afetos (associados ao *alemão*). Portanto, ao serem solicitados a responderem questões sobre a identificação com os grupos, observa-se que os participantes deste estudo se identificam mais com os elementos do cluster de estereótipo para *brasileiro* “Jeitinho Brasileiro” do que com os elementos do cluster “Prepotente”, quando analisam seu processo de identificação com o grupo *alemão*. Na dimensão afetiva, verifica-se maior reconhecimento às ideias presentes no cluster “Temerosos” (referente ao *alemão*) do que no cluster afetivo “Indignados” (associado ao *brasileiro*). Informa-se que as demais comparações foram consideradas semelhantes em cada cluster, dimensão e entre os grupos.

Discussão

A partir dos resultados apresentados, entende-se ser possível discutir as dimensões da identidade (cognitiva, afetiva e valorativa), por meio do jogo identitário vivenciado pelos participantes na dinâmica de comparação social entre os dois grupos nacionais. As associações estereotípicas, afetivas e valorativas vinculadas ao *brasileiro* e ao *alemão* constituem uma discussão pautada na maneira pela qual os participantes caracterizam os membros destes dois grupos e pela forma como se identificam com os mesmos.

Destaca-se que, a partir da formação dos Clusters e da autoatribuição realizada pelos participantes, foi possível verificar que estes possuem uma significativa identificação com o *brasileiro* “Festeiro”. Na dimensão afetiva, esta identificação se mostra mais significativa com os elementos do cluster “Motivados” e, na dimensão dos valores psicossociais, os respondentes demonstram maior identificação com os elementos do cluster “Liberdade hedonista”. Por outro lado, na dinâmica identitária relacionada ao *alemão*, observou-se identificação ao estereótipo de *alemão* “Amigo” e também ao sentido de “Cidadania” que é relacionado ao grupo. Em termos afetivos, os brasileiros participantes da pesquisa identificam-se com o sentir-se “Animado” ao fazerem uma análise do grupo *alemão*, além de se identificarem também, na dimensão valorativa, com os elementos do cluster “Materialista horizontal”.

Conforme os resultados apresentados, o brasileiro “Festeiro” identifica-se com o *sol*, a *desorganização*, a *família* e com a ideia de brasileiro *barulhento*, carregando consigo atributos que fazem referência ao grupo e ao território de sua proveniência (Bahia, 2014), de modo a configurar uma imagem simbólica das práticas culturais (Flores & Gomes, 2017; Costa, 2016). Vilela-Ardenghi (2014) discute que a construção do espaço “tipicamente brasileiro”, por vezes, legitima o estereótipo do “paraíso”, no qual a praia e o clima configuram um cenário jocoso no

imaginário popular. O “*Brasil: terra do sol e do mar, das belas mulheres, do povo alegre e hospitaleiro!*” (Fino & Querioz, 2017) é ratificado pelos participantes como uma forma de valorizar o país e as pessoas que nele residem. A vivência da brasilidade, neste contexto, parece alicerçar-se no caráter da personalidade, especialmente pela questão *familiar*, que pode vir a produzir elementos de valorização do território brasileiro que, embora a *desorganização* mencionada, imprime uma avaliação positiva ao povo (DaMatta, 2013).

É importante ressaltar que a existência dos Clusters “Jeitinho Brasileiro” e “Malandro” reconhece esta mesma familiaridade e personalidade como sendo aspectos que fundamentam o comportamento social do brasileiro típico (Gomes, Moraes & Helal, 2015). O “Jeitinho Brasileiro” e o brasileiro “Malandro” são apontados como características que vão desde a *flexibilidade* e jogo de cintura positivamente valorados até à *corrupção*, *mentira* e a impertinência, avaliadas como negativas e como um processo usado para “driblar” regras e determinações, valorizando, assim, o pessoal em detrimento do coletivo (Flach, 2012; Gomes, Moraes & Helal, 2015; Motta & Alcadipani, 1999). Esta caracterização do *brasileiro* é vista, até mesmo, como uma forma de controle social reconhecida culturalmente, na qual os indivíduos tentam se apropriar de saídas para seus problemas de maneira pessoalizada dentro e fora da vida pública (Prado, 2016; Souza & Ferreira, 2016).

A identificação dos sujeitos da pesquisa com os elementos do cluster “Cidadania”, na atribuição estereotípica realizada para o grupo *alemão*, sugere uma identificação com características como *regrado*, *organizado* e *solidário*, que permite um contraste de ideias que os diferenciam da organização pautada na personalidade e na infração de regras, como se observaria no Brasil. Nota-se que, entre os participantes, há uma crença de que os alemães possuem uma cultura menos pessoalizada, ao entender assuntos públicos como sendo de ordem distinta de

assuntos de proteção pessoal e familiar, algo pelo qual o brasileiro é reconhecido (Leihäuser & Weber, 2010).

Apesar da valorização do comportamento *cidadão e regrado do ser alemão*, observa-se uma crença em estereótipos que apontam diferenças basilares no que se refere ao relacionamento interpessoal, e de amizade, entre os membros dos dois grupos. O alemão “Amigo”, *responsável e profundo nas amizades* é retratado também como “Prepotente”, o que possibilita o entendimento de que, embora se valorize o cumprimento dos direitos e deveres do cidadão e a *responsabilidade* nas relações interpessoais, há uma desvalorização do engessamento no comportamento social alemão, que o torna *metódico, arrogante* e, até mesmo, *preconceituoso* (Cluster “Prepotente”), segundo os participantes (Leihäuser & Weber, 2010, Silva, 2016).

Na autoatribuição dos participantes referente à dimensão afetiva relativa ao *brasileiro*, a relevância dada ao Cluster “Motivados” corrobora para uma aproximação de ideias presentes neste agrupamento às características simbólicas e estereotipadas que criam uma imagem do brasileiro perseverante, determinado, que vai à luta cotidiana, supera obstáculos e que “*não desiste nunca*” (Simões, 2014). Neste sentido, pode-se fazer um paralelo entre este Cluster da dimensão afetiva e o Cluster “Meritocracia”, presente na dimensão valorativa do *brasileiro*. Ao se verificar a importância da falta do valor de igualdade (*desigualdade*) e da valorização da *competência* e *autorealização*, analisa-se que os brasileiros participantes desta pesquisa consideram que a realidade social do seu país de origem legitima a superação e busca individual pela *realização profissional* e pelo *lucro*, valores estes ressaltados no Cluster “Materialismo vertical”.

Discute-se que este “Materialismo vertical” compreende que as *desigualdades* que se estabelecem entre os indivíduos no Brasil são consideradas plausíveis e que seria necessário

aprimorar as condições individuais para que se consiga uma ascensão dentro a hierarquia social (Barbosa, 1996, 2014). A meritocracia e a busca material de forma individualizada são verificadas, para o contexto do *brasileiro*, como sendo pertinentes ao esforço de cada um, a vontade de realizar, no qual as diferenças de *talentos naturais* são consideradas como vetores que levam as pessoas a terem sucesso também patrimonial (Cardoso, 2015). O Cluster “Materialismo vertical” e o Cluster “Meritocracia”, associados ao sentimento do brasileiro “Motivado” podem fortalecer esta discussão, ao demonstrarem que os participantes reconhecem a necessidade do grupo brasileiro de se afirmar individualmente em uma concorrência desigual que se institui a partir de diferenças construídas socialmente (Silva, 2017; Da Silva & Rocha, 2018).

Os outros Clusters da dimensão afetiva do *brasileiro*, “Desconfiados” e “Indignados”, podem sustentar a lógica justificadora da ação de migrar, uma vez que os participantes evidenciam estes sentimentos vistos como negativos ao analisarem a conjuntura brasileira da qual emigraram (Alves & Dayrell, 2015, Vidal, 2017). Uma comparação entre o funcionamento da sociedade brasileira e da sociedade alemã é possibilitado pelo contraste de ideias presentes nas dimensões, especialmente quando se focaliza a ideia do “Materialismo horizontal”, que associa o *alemão* à noção de *conforto* e à possibilidade da manutenção de um *status* social.

Os participantes deste estudo afirmam uma comparação social que é sustentada pelo contexto histórico, social e econômico distinto entre as nações (Schröder & Lage, 2014; Doll, 1999). Assim sendo, a comparação entre os Clusters para valores psicossociais de *alemão* e *brasileiro* expressa uma ideia que reforça a diferença social e econômica entre os dois países, que é ratificada pelos brasileiros também no Cluster “Meritocracia”. Nesta lógica, compreende-se que os participantes pontuaram ideias distintas para cada um dos grupos, realizando uma

comparação entre valores psicossociais que permitem entender que o “Materialismo horizontal” *alemão* garante uma comodidade hierárquica ao assegurar uma proteção e assistência social a todos, algo que o “Materialismo vertical” *brasileiro* não ofereceria por fortalecer a ideia do sucesso individual (Pires, 2012). Logo, a ideia do “Materialismo vertical” *brasileiro* vs. “Materialismo horizontal” *alemão* pode ser entendida a partir de uma perspectiva de responsabilidade individual em arcar com os custos da reprodução da própria vida versus a noção de que todos devem participar na provisão de bem-estar a todos os cidadãos, no qual o Estado adquire papel central (Monnerat, Senna, Schottz, Magalhães & Burlandy, 2007).

Em se tratando da comparação entre valores psicossociais que fundamentam esta dinâmica, a “Liberdade hedonista”, presente no contexto *brasileiro*, afirma a ideia de viver uma *vida excitante*, com *liberdade* e *prazer* que se diferencia da rigidez e regras, que se relacionaria ao grupo *alemão*. Esta concepção se apresenta como positiva em termos de organização social, mas negativa em termos de relacionamento interpessoal. A dinâmica social que se apresenta neste contexto ampara a discussão que prevê que os imigrantes transitam em um jogo identitário híbrido para que, a depender do contexto de comparação social estabelecido, possuam uma auto imagem social sempre positiva (Batista, Bonomo & Lucas, 2016; Macedo, 2016; Suda & Souza, 2006).

Nota-se que, na dinâmica identitária estabelecida, as identificações configuram-se como estruturas cognitivas e, ao mesmo tempo, produtos sociais, sendo compartilhadas e definidas através de estereótipos, afetos e valores, que fundamentam o comportamento dos indivíduos em relação aos grupos, não representando, portanto, uma única direção de influência (Outten, Lee, Costa-Lopes, Schmitt & Vala, 2018). Com isso, observa-se associações de dimensões estereotípicas, afetivas e valorativas que conferem a continuidade da identificação e do

sentimento de pertença ao grupo nacional e cultural de origem, mesmo valorando positivamente o grupo do país de destino (Scott, 2010).

Importante salientar que Tajfel e Fraser (1979) já afirmavam, há quatro décadas, que boa parte de nossas ações ocorre em função de situações de interação, nas quais se considera o imaginário a respeito das expectativas dos outros com quem se interage (Tajfel & Fraser, 1979; Vial, Brescoll, Napier, Dovidio & Tyler, 2018). Neste sentido, analisa-se que, mesmo demonstrando uma identificação com o grupo *alemão*, em função da associação de estereótipos e valores psicossociais majoritariamente positivos, na dimensão afetiva constata-se Clusters como “Temerosos” e “Avessos”, que sugerem também um *amedrontamento* e uma *repulsa* ao mesmo grupo.

Analisa-se que estes sentimentos negativamente valorados possam ser sustentados pela existência do Cluster de estereótipos “Prepotente”, que congrega participantes que evidenciaram um *alemão metódico, preconceituoso e arrogante*. Este afeto aversivo pode ser explicado pelo o que pontua Grant (2008), ao afirmar que a barreira do preconceito relaciona-se diretamente com a força de associação afetiva que um grupo imigrante possui em relação à nacionalidade do país de destino. A associação de estereótipos e valores positivos pode ser entendida, por vezes, como uma maneira de mascarar o preconceito (Krumm & Corning, 2008), o que pode vir a sustentar o jogo identitário que ora valoriza o *alemão* e ora se afasta dele.

Neste sentido, ao se ressaltar a dimensão afetiva dos resultados, entende-se que os dados corroboram com a premissa da Teoria da Identidade Social que afirma ser o *afeto* a dimensão mais importante da identificação social e aquela que imprime maior reconhecimento da pertença ao lugar e a tudo o que este significa (Reis & Puente-Palacios, 2016; Souza & Gil, 2015; Tajfel, 1983). Nota-se que na comparação entre as dimensões de cada cluster com os objetos *brasileiro*

e *alemão*, é possível verificar a importância dos Clusters da dimensão afetiva para os dois objetos, que imprimem diferenças e apresenta os maiores postos médios entre todos os Clusters. A verificabilidade que se possui ao se observar maior diferença entre os postos médios para os Clusters de afeto relacionado ao *brasileiro*, “Indignação”, “Desconfiança” e “Motivação”, além da relevância observada para os Clusters “Temerosos”, “Avessos” e “Animados”, associados ao *alemão*, indicam uma não neutralidade dos participantes frente aos contextos de comparação social (Alfinito & Corradi, 2011).

Embora se verifique sentimentos de ordem negativa e positiva associados aos dois grupos sociais, este reconhecimento afetivo sustenta o argumento de que os participantes deste estudo inserem-se em um jogo identitário, legitimado a partir do contexto de comparação estabelecido que torna o valor emocional atribuído a cada um dos grupos mais ou menos fortalecidos (Gondim et al., 2013; Tajfel, 1978).

Considerações Finais

O presente estudo objetivou analisar as dimensões da identidade social (dimensão cognitiva, afetiva e valorativa) no contexto das referências grupais *brasileiro* e *alemão*, entreimigrantes brasileiros em Berlim. Discutiu-se que, para os participantes, as dimensões da identidade integram uma dinâmica que, a depender do contexto de comparação social estabelecido, transita entre o favoritismo de estereótipos, afetos e valores psicossociais associados ao grupo *brasileiro* e ao grupo *alemão*.

Sobre os limites do presente estudo, reconhece-se o tamanho reduzido da amostra para que sejam possíveis estudos mais amplos, que permitam uma coleta de dados com critério de saturação-exaustão dos elementos relacionados aos grupos. Com isto, reconhecem-se também os

limites encontrados no que se refere a não utilização de roteiro de entrevista com questões abertas para que os participantes tivessem a possibilidade de explorar outras vivências relacionadas à brasilidade, o que poderia fornecer mais dados de contexto à análise das dimensões estudadas⁴⁰.

Sugere-se a elaboração de novas pesquisas na área que possam focalizar a dinâmica identitária a partir de análises a respeito da organização social dos dois territórios, enfatizando questões relacionadas ao imaginário dos indivíduos sobre os dois grupos nacionais. Além disso, considera-se pertinente a realização de estudos que possam destacar as relações interpessoais entre *brasileiros e brasileiros* e entre *brasileiros e alemães*, evidenciando as vivências interculturais, a fim de fortalecer a discussão sobre as redes sociais de apoio e as políticas de integração que favorecem a permanência dos indivíduos em território estrangeiro.

⁴⁰ Durante a fase de elaboração deste estudo - que contou com a colaboração de estatísticos do Laboratório de Estatística da UFES, coordenado pela Profa Eliana Zandonade -, duas considerações foram feitas: (1) necessidade de ampliar a amostra, proposta no projeto de pesquisa; e (2) inclusão de um questionário com questões abertas, a fim de contextualizar melhor as informações coletadas especificamente no segundo estudo da tese. Contudo, em função do tempo limitado que a pesquisadora ficaria na cidade de Berlim (com recursos financeiros rigorosamente planejados para garantir a coleta dos dados dos três estudos da tese), optou-se por um instrumento mais objetivo, também por entender que o primeiro estudo (de natureza etnográfica) forneceria com maior profundidade os dados de contexto. Sobre a primeira questão (tamanho da amostra), a pesquisadora procedeu a coleta dos dados com todos os sujeitos que teve acesso durante o tempo em que ficou em campo, tendo atingido o número mínimo proposto.

Estudo 3.

**Aquarela do Brasil: mapas mentais entre
filhos de imigrantes brasileiros em Berlim**

Apresentação

O último estudo desenvolvido teve como objetivo analisar os processos de pertencimento associados aos grupos sociais *brasileiros e alemães* por crianças, filhos e filhas de imigrantes brasileiros em Berlim. Para tanto, utilizou-se a estratégia de criação de *mapas mentais* a fim de conhecer e analisar os elementos associados a cada um dos grupos de referência (Arruda, 2009; Buzan, 2005; Jodelet, 2013). Acredita-se que o acesso às imagens elaboradas pelas crianças contribua para a análise da dimensão espontânea e afetiva, expressa de forma individualizada, fortalecendo a possibilidade de se investigar sobre como estes elementos podem orientar as identidades que se constituem no interior do grupo social estudado (Medina Filho, 2013).

A criação dos *mapas mentais* pelas crianças pôde, ainda, viabilizar a análise do processo de formação do grupo brasileiro como grupo social e das representações espaciais dos lugares de referência (Cruz, Aragão, Gonçalves & Arruda, 2011; Jodelet, 2013). A compreensão a respeito do seu próprio grupo frente aos outros grupos sociais, segundo a Teoria da Identidade Social, representa o reconhecimento dos indivíduos de sua pertença ao grupo e de como a mesma orienta a construção de uma autoimagem social positiva, em função do contexto e da relação intergrupala estabelecida (Hogg & Abrams, 1998; Tajfel, 1983).

Estratégias Metodológicas

Participantes

Participaram deste estudo 12 crianças (7 do sexo feminino e 5 do sexo masculino), filhas de mães e/ou pais imigrantes brasileiros em Berlim. Das 12 crianças participantes, 09 eram filhas de casais binacionais (sendo 8 casais compostos por mulheres brasileiras e homens alemães e 1 casal composto com homem brasileiro e mulher alemã). Dentre os pais das crianças, apenas 01 mãe brasileira e 01 pai brasileiro eram provenientes da região nordeste do Brasil. Dos 9 casais

binacionais, 8 se conheceram no Brasil. Informa-se que todas as crianças são filhas de pais e mães com ensino superior completo.

Como critério de seleção das crianças participantes, estipulou-se a faixa etária entre 06 e 12 anos ($M=09$; $DP=1,9$). O critério de idade baseou-se no fato de que a partir dos 06 anos a criança teria melhor compreensão da linguagem (Papalia & Feldman, 2004) e maior capacidade de autocategorização (França & Monteiro, 2002), podendo delimitar maior importância aos processos de formação identitária “entre duas nações” (De Lassus & Silhouette-Dercourt, 2017). Informa-se que as crianças estavam vivendo em território alemão por, pelo menos, três anos. Na Tabela 1, são fornecidas informações sócio-demográficas sobre os participantes do estudo.

Tabela 1. *Caracterização geral dos participantes*

Nome fictício	Idade	Sexo	Residência em Berlim	Nacionalidade dos pais
Lisa	06 anos	F	Há 06 anos	Mãe: Alemã Pai: Brasileiro
Matheus	06 anos	M	Há 06 anos	Mãe: Brasileira Pai: Brasileiro
Rebeca	07 anos	F	Há 07 anos	Mãe: Brasileira Pai: Alemão
Liam	09 anos	M	Há 04 anos	Mãe: Brasileira Pai: Alemão
Samuel	09 anos	M	Há 05 anos	Mãe: Brasileira Pai: Alemão
Davi	10 anos	M	Há 05 anos	Mãe: Brasileira Pai: Brasileiro
Isabela	10 anos	F	Há 03 anos	Mãe: Brasileira Pai: Alemão
Lorena	10 anos	F	Há 10 anos	Mãe: Brasileira Pai: Alemão
Maria	10 anos	F	Há 10 anos	Mãe: Brasileira Pai: Brasileiro
Mariana	10 anos	F	Há 04 anos	Mãe: Brasileira Pai: Alemão
Vitória	11 anos	F	Há 04 anos	Mãe: Brasileira Pai: Alemão
Felipe	12 anos	M	Há 03 anos	Mãe: Brasileira Pai: Alemão

Dos 12 participantes, 8 viveram parte da infância no Brasil e 4 nasceram em Berlim. Apenas uma criança possui mãe alemã, e três têm pai e mãe brasileiros, estando os demais genitores em contexto de casamento binacional (Alemanha-Brasil).

Instrumento e procedimento de coleta dos dados

Os dados foram coletados de forma presencial na cidade de Berlim (na casa da própria família, na biblioteca pública ou em restaurantes locais), entre os meses de setembro e novembro de 2016. As entrevistas foram agendadas com antecedência, de acordo com a disponibilidade dos participantes, de seus pais e/ou responsáveis e da pesquisadora.

Os responsáveis pelas crianças foram apresentados ao Termo de Autorização para entrevista e ao Termo de Assentimento (Ver Apêndices 4 e 5), nos quais podiam encontrar informações a respeito do sigilo quanto à identidade de cada respondente, bem como dos fins de utilização dos dados coletados.

Para coleta dos dados e realização dos desenhos que originaram os *mapas mentais associados aos territórios de referência*, utilizou-se de um roteiro de entrevista com características lúdicas (Ver Apêndice 6), que possuía três momentos. Em uma primeira etapa, foi explicado às crianças o objetivo das tarefas propostas e realizado o convite para que pudessem manifestar a concordância ou não em participar do estudo. Em seguida, foi oferecido a elas folhas de papel em branco, giz de cera, canetinha e lápis de cor, solicitando que fizessem os desenhos, a partir de algumas perguntas (ver Tabela 2), respeitando sempre a conclusão de uma atividade para início de outra. Posteriormente, as crianças foram convidadas a responderem questões exploratórias a respeito dos desenhos que fizeram, e, por fim, em um terceiro momento, pediu-se que as crianças elaborassem uma estorinha envolvendo os dois países (Brasil e Alemanha). As entrevistas foram realizadas dentro de um tempo médio de 45 minutos.

Tabela 2. Instrumento e procedimentos de coleta dos dados

	Elaboração dos desenhos	dos Narrativas sobre os desenhos	Criação da estória
Lugar em que vive	(1a) Como é o lugar em que você vive? Vamos	(1b) Como é o lugar em que você vive? Me fale sobre o que você	

	desenhá-lo?	desenhou. Como é sua vida aqui? O que você faz? Como são as pessoas daqui?	
Brasil	(2a) Vamos desenhar o Brasil?	(2b) E o que tem no desenho que você fez do Brasil? Como é o Brasil? Como você acha que é a vida no Brasil?	
Brasileiro	(3a) E um brasileiro, vamos desenhá-lo também?	(3b) Quem é essa pessoa brasileira que você desenhou? O que ela faz? Como ela é?	
Brasil/Alemanha			Elaboração de uma estorinha envolvendo o Brasil e a Alemanha

Com a permissão dos pais e/ou responsáveis, as respostas referentes às duas últimas etapas foram gravadas em mídia eletrônica e, posteriormente, transcritas. Ressalta-se que, em algumas das entrevistas, foram necessários ajustes linguísticos, traduzindo algumas frases e palavras da língua portuguesa para a língua alemã, para que as crianças pudessem se expressar melhor ao explicarem seus desenhos. A pesquisadora possuía domínio para atender às variações do uso linguístico por parte de algumas crianças.

O desenho e a contação de histórias caracterizam-se como instrumento para análise de fenômenos psicológicos em crianças, que além de permitir a representação gráfica dos pensamentos e sentimentos infantis, constituem-se como maneira de comunicação em pesquisas e intervenções (Loss-Sant'ana & Barbosa, 2017). Ao desenhar, a criança pode comunicar seus sentimentos, ideias e valores, expressando o que está vivendo e idealizando naquele momento (Castro & Gobetti, 2018).

Tratamento dos dados

Os dados dos *mapas mentais* foram tratados a partir da Análise de Conteúdo Categorical-Temática (Bardin, 2002), a fim de identificar e descrever os elementos constitutivos dos desenhos elaborados pelas crianças. A análise consistiu-se em uma apreciação individual de cada um dos mapas (Lima & Manini, 2016), com o propósito de se identificar similaridades a partir da

apreensão dos elementos comuns associados a cada um dos objetos de referência (Debom & Moreira, 2016).

Com a apreensão e recorte destes elementos comuns, realizou-se a categorização, dando títulos explicativos para cada um dos agrupamentos formados. Após o tratamento dos dados por categoria, tendo como base cada objeto de referência, procedeu-se a uma comparação entre as categorias criadas referentes ao lugar em que a criança vive (a cidade de Berlim) e o Brasil.

Os dados textuais coletados tanto na etapa a respeito das narrativas sobre os desenhos quanto na criação das estórias foram tratados também através da Análise de Conteúdo (Bardin, 2002). Entretanto, nesta fase do tratamento, considerou-se uma linha de procedimentos realizados, inicialmente, por: 1) pré-análise do material textual, que consistia na leitura do material e reflexões sobre possíveis hipóteses, 2) codificação, explorando as ausências e presenças de elementos explicativos, 3) categorização, que considerou os recortes semânticos e o sentido de coesão do material, e 4) interpretação em função de unidades de registro feitas na categorização e dos elementos agrupados (Castro, Abs & Castellá Sarriera, 2011; Lemos, Gouveia & Alves, 2014).

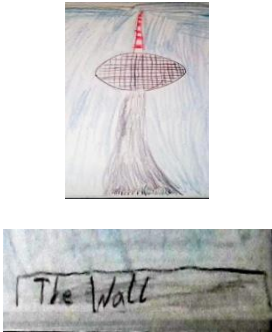
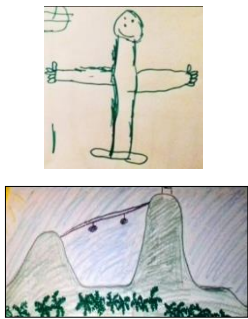
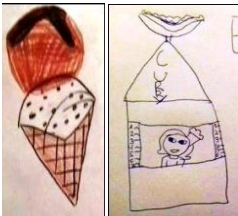
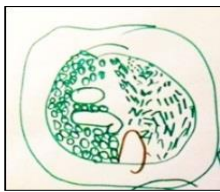

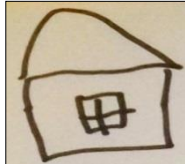


Resultados

Os resultados são apresentados por meio de três seções referentes aos universos explorados: (1) territórios e pertencas, em que são abordados os desenhos e narrativas sobre o Brasil e o lugar em que a criança vive (cidade de Berlim); (2) retratos do brasileiro, com as imagens associadas ao brasileiro típico pelas crianças; e (3) Narrativas sobre o Brasil e a Alemanha: uma viagem entre os dois territórios, em que são apresentadas as estórias elaboradas pelas crianças.

1). *Territórios e pertencas*

Os resultados da seção *territórios e pertencas* são descritos tendo em vista seis categorias temáticas, criadas a partir dos recortes semânticos sobre os objetos explorados nas entrevistas, conforme Tabela 3.

Tabela 3. Dimensões retratadas pelas crianças associadas aos territórios Brasil e Berlim

Categorias	Lugar em que a criança vive (Berlim)			Brasil		
	Elementos dos desenhos	Exemplos de desenhos	Exemplos de narrativas	Elementos dos desenhos	Exemplos de desenhos	Exemplos de narrativas
Pontos turísticos	Portão de Brandemburgo Torre de Televisão, Muro de Berlim		“A Torre de TV é o lugar mais legal daqui” (Matheus, 06 anos).	Cristo Redentor, Pão de Açúcar		“Aqui tem a praia e o Pão de Açúcar” (Felipe, 12 anos).
Comida	Sorvete, Maçã, Curry Wurst		“Humm... eu gosto muito de tomar sorvete aqui. Porque no Brasil é mais picolé” (Isabela, 10 anos).	Feijoada		“Pegue uma feijoada, pegue uma coxinha. Quebre a coxinha, como se fosse pedacinhos, e coloque a feijoada como se fosse tempero” (Davi, 10 anos).
Casa	Minha casa		“O que eu mais gosto daqui é a minha casa” (Lisa, 06 anos).	Casa da avó		“Casa da vovó” (Matheus, 06 anos).
Natureza	Neve, árvore, lagoa, sol pequeno (frio)		“Eu gosto muito da neve. No Brasil não tem, né?! [...] Eu gosto muito de neve. É gelado, mas, é neve. Dá para eskiar, andar de trenó, é muito legal (Isabela, 10 anos).	Praia, mar, areia, coqueiro bananeira, papagaio, tucano, sol grande (calor)		“No Brasil é mais legal porque sempre você pode andar para a água. Sempre, quando você quer. Todos os dias. E aqui, fica frio. Aí não dá. No Brasil, dá para nadar e eu adoro” (Liam, 09 anos).

						
Pessoas	Pessoas rabugentas, pessoas diferentes/loucas		“Alemães xingam muito, falam muitas palavras negativas, reclamam muito” (Vitória, 11 anos).	Pessoas unidas/amigas, pessoas roubando, pessoas da família		“E aqui tem o lado ruim [...] as pessoas roubando as outras. É, tem muita coisa ruim no Brasil, mas eu quis mostrar o lado ruim e o lado bom. Aqui tem as pessoas todas juntas e aqui as pessoas separadas, fazendo mal umas às outras” (Lorena, 10 anos).
Outros	Metrô		“Gosto de andar de metrô, de <i>S-Bahn</i> ⁴¹ , de coisas sem ser carro. Eu não gosto de andar de carro. Não adianta, sabe? Tem muito engarrafamento” (Felipe, 12 anos). “Aqui você fica mais independente porque você pode sair sozinho sem mãe e pai. Tipo, eu vou para a ginástica sozinha de <i>S-Bahn</i> ” (Vitória, 11 anos).	Coração, quadro com foto da família		“Esse mega coração é porque as pessoas no Brasil são muito legais, gentis com qualquer um. Quero dizer, só se eles não estão cheios de drogas. Se não, são super legais. E aí tem outro que eu fiz um quadro e escrevi embaixo ‘família’. Porque o que me falta muito aqui na Alemanha é a minha família” (Isabela, 10 anos).

⁴¹ *S-Bahn* corresponde à abreviação de *Straßen Bahn*, ou metrô de superfície. É uma das três modalidades de metrô que existem na capital alemã. Este tipo de transporte opera de maneira integrada às outras linhas de metrô e também às linhas de ônibus.

A categoria *pontos turísticos* foi criada a partir de elementos que representam os lugares que as crianças desenharam como sendo mais representativos em cada um dos territórios. Nesta categoria, no que se refere à Berlim, as crianças destacam pontos como o *Portão de Brandemburgo*, construído no século XVII e considerado símbolo da Europa e da Alemanha, a *Torre de Televisão*, inaugurada em 1969 pelo governo da então Alemanha Oriental, e o *Muro de Berlim*, símbolo da Guerra Fria. As crianças apontam os pontos turísticos da cidade de Berlim como sendo objetos que chamam a sua atenção: “*A Torre de TV é o lugar mais legal daqui*” (Matheus, 06 anos). Mariana, de 10 anos, ao explicar seu desenho da cidade em que vive, salienta o Muro de Berlim e seu contexto histórico: “*Aqui é o Muro de Berlim e aqui são os acontecimentos. Em 1939, a Segunda Guerra Mundial começou e, em 1945, ela acabou*”. No que se refere ao Brasil, os pontos turísticos foram representados pelo *Cristo Redentor* e pelo *Pão de Açúcar*, ambos na cidade do Rio de Janeiro: “*tem um Cristo Redentor e tem um pão. Sabe aquele pão de açúcar? Aquela montanha? Então, daí foi o que eu fiz*” (Davi, 10 anos). Os pontos turísticos no Brasil são também retratados, assim como desenhos de Berlim, como uma paisagem de fundo, que compõem um cenário com outros elementos em foco.

Outra categoria criada a partir dos elementos presentes nos desenhos das crianças refere-se à *comida*. Esta categoria ilustra alguns pratos típicos do Brasil e de Berlim, com os quais as crianças fazem algumas comparações. O *sorvete* aparece como sendo, para uma das crianças, algo especialmente diferente na Alemanha: “*Humm... eu gosto muito de tomar sorvete aqui. Porque no Brasil é mais picolé*” (Lorena, 10 anos). Uma das crianças, Lisa, de 6 anos, ressalta a *maçã*, fruta típica do território alemão, como fruta existente dentre as comidas de sua casa. Por fim, nesta categoria, vemos desenhado por Maria, de 10 anos, também um prato típico da cidade e país alemão, a *curry wurst* - uma espécie de salsicha alemã temperada com molho de *curry*. A

curry wurst é ilustrada como comumente é encontrada em Berlim, sendo vendida em quiosques ou pequenas lanchonetes de rua pela cidade. Ressalta-se que, embora presentes nos desenhos sobre Berlim, as comidas típicas alemãs aparecem como elementos que compõem um cenário. Ainda nesta categoria, dentre os desenhos sobre o Brasil, destaca-se o de Davi, de 10 anos, filho de pai e mãe brasileiros. Em seu desenho, ele enfatizou a *feijoada* como prato importante e sinônimo de união social: “Um homem foi para a Alemanha com uma nova comida lá. A comida se chamava ‘feijoada’! Ele deu esta comida para todo mundo e todo mundo ficou feliz”.

Na terceira categoria, denominada *casa*, as crianças desenharam elementos que fazem referência aos lares nos dois países. Nos desenhos sobre Berlim, nota-se a presença de um elemento identificado como *casa*, o qual Lisa, de 06 anos, referencia como sendo *minha casa*. O desenho é feito em detalhes, enfatizando que este é o lugar mais importante da cidade para ela. Dentro da casa, observa-se, além de móveis e comida, uma bandeira da Alemanha no jardim. Importante mencionar que esta criança é a única que possui uma mãe alemã e um pai brasileiro. Todas as outras possuem os dois genitores de nacionalidade brasileira ou apenas a mãe brasileira e pai alemão.

Já nos desenhos sobre o Brasil, Matheus, também de 06 anos, ilustra o que chama de *casa da vovó*, onde faz referência às férias que passa no Brasil. Ressalta-se que as crianças entrevistadas fazem diferenciação entre aquilo que chamam de *minha casa*, nos desenhos sobre Berlim, e a *casa da vovó*, no Brasil. Nota-se que nenhuma das crianças entrevistadas fez referência à ideia de seu próprio lar em desenhos sobre o Brasil.

Na categoria *natureza*, estão concentrados elementos que fazem referência às paisagens, à fauna, à flora e ao clima dos dois territórios. O clima frio da cidade de Berlim é ilustrado pela presença da neve e do *sol*, descrito como *pequeno*. Em contraposição, nos desenhos sobre o

Brasil, observa-se a presença de um *sol* descrito como *grande*, além de elementos que demonstram *praias, areia e mar*. Assim como Liam, de 09 anos, cuja fala está descrita na Tabela 3, Lisa percebe os dois territórios enfatizando, especialmente, a diferenciação climática:

“Isso aqui é *Hitze* (calor) e isso aqui é não *Hitze* (calor). Isso é menos *Hitze* (apontando para o desenho de Berlin). Isso é MUITO *Hitze* (apontando para o desenho do Brasil). *Wenn die ‘Sol’ grosse ist é muito Hitze (Quando o sol é grande, é muito calor). Wenn die ‘Sol’ kleine ist é pouco Hitze (Quando o sol é pequeno, é pouco calor). Die beste im Brasilien ich weiss es nicht...* [o melhor do Brasil, eu não sei]... hmm... Tudo! E o mar!”
(Lisa, 06 anos).

A vegetação no Brasil e na Alemanha também é ilustrada pelas crianças. Contudo, embora seja retratada uma árvore em um desenho que ilustra a cidade de Berlim, ressalta-se que, nos desenhos sobre o Brasil, há maior diversidade de árvores, que pode ser vista, por exemplo, nos elementos *bananeira e coqueiro*: “*Aqui tem um coqueiro e bananeira*” (Matheus, 06 anos). Animais também são desenhados pelas crianças em suas imagens sobre o Brasil, elementos estes que, nos desenhos sobre Berlim, não aparecem. “[*Aqui tem*] *um papagaio e um tucano*” (Rebeca, 07 anos).

Em seus desenhos sobre Berlim e sobre o Brasil, as crianças evidenciaram pessoas nos dois territórios, enfatizando seus modos de se comportar. Assim, criou-se a quinta categoria denominada *pessoas*, que apresenta elementos que permitem identificar diferenciações entre os membros dos dois grupos nacionais. Associados aos alemães, fazem referência a *pessoas rabugentas e pessoas diferentes/loucas*, e aos brasileiros destacam a ideia de *pessoas unidas/amigas, pessoas roubando e pessoas da família*.

Do total de crianças participantes, cinco destacam as pessoas da cidade de Berlim como sendo importantes em seus desenhos. Para o elemento *peessoas rabugentas*, observaram-se descrições que caracterizam os alemães como pessoas que estão sempre reclamando, xingando e estressadas - “[os alemães] são rabugentos! Não todos, mas, a maioria. Por causa de várias coisas, eles brigam com a gente, estão sempre estressados. Eles colocam o stress deles nas outras pessoas” (Isabela, 10 anos). Durante a entrevista, ao explicar o seu desenho sobre a cidade de Berlim, Vitória, de 11 anos, comenta: “eu gostaria que os alemães ‘aprendem’ mais com os brasileiros, a serem mais amorosos. Prefiro como é no Brasil. As pessoas lá são mais amorosas, sei lá. Aqui é menos”.

O comportamento alemão também aparece associado à ideia de serem organizados e planejam suas rotinas: “algumas [peessoas alemãs] são perfeitas. Hoje tem que ser isso, amanhã tem que ser aquilo. Depois de amanhã é isso, na segunda é isso...” (Liam, 09 anos). Ainda sobre características alemãs, Lorena comenta: “Eu acho que elas são muito sérias. Mas, nem todas. Mas, eu acho que muitos são muito tímidos”. Já Isabela faz uma comparação: “colocam o stress nos outros. Por isso que eu acho que no Brasil eles são bem mais controlados no mau humor e bem mais legais”.

Samuel, de 09 anos, por sua vez, embora avalie as pessoas de Berlim como boas, afirma que os alemães, “no metrô, fedem um pouquinho”. Dentre os elementos *peessoas diferentes e loucas*, para o contexto berlinense, as crianças evidenciaram a diversidade da cidade grande, que agrega não apenas imigrantes brasileiros, mas também pessoas de todo o mundo, que expressam culturas e modos de viver diferentes. Maria, de 10 anos, explica: “tem pessoas de todos os tipos, e dá pra ver”. Referindo-se aos outros estrangeiros, Vitória também comenta: “tem muito gringo. Muitas pessoas de cultura diferente, loucas”.

Embora a comparação majoritariamente negativa, é possível identificar nas falas de algumas das crianças, elementos que também valorizam o grupo alemão. Um exemplo desta situação está na entrevista de Felipe, que enfatiza que os alemães são pessoas bastante solidárias:

“As pessoas aqui são muito legais. Uma vez eu fui atropelado. Aí, as pessoas me ajudaram, me ajudaram muito, chamaram ambulância. Eles [os alemães] são muito bons em ajudar, sabe? Me deram cobertor e tudo. Me ajudaram muito. Da outra vez, quando eu caí com a bicicleta, ralei o cotovelo inteiro, aí o pessoal chegou, me limpou.” (Luca, 12 anos)

Já nos desenhos a respeito do Brasil, notam-se diferenças quando as crianças explicam o que as pessoas no Brasil fazem ou quando apresentam suas avaliações sobre as características mais salientes nas pessoas brasileiras. Por exemplo, no elemento *pessoas unidas/amigas* observa-se a ideia de união dos brasileiros demonstrada como algo positivo: “*eu gosto mais dessa parte aqui. Da natureza e de todo mundo ser amigo. Conhecer muitas pessoas, muitos amigos. Eu também tenho muitos amigos lá [no Brasil]*” (Lorena, 10 anos).

As crianças enfatizam, ainda, o fato de considerarem o brasileiro como sendo mais aberto e caloroso do que o alemão:

“Lá as pessoas são muito mais abertas. Eu acho que elas são, às vezes, até mais legais. É claro que aqui as pessoas também são legais, mas eu acho que no Brasil eles são mais abertos. Eles dançam, eles cantam, eles falam, falam alto, são mais abertos assim. Não têm vergonha de muita coisa. Porque, aqui na Alemanha, tem muita gente que tem vergonha de muita coisa” (Mariana, 10 anos).

Contudo, no elemento *pessoas roubando*, verifica-se um contraponto. Embora as crianças avaliem o Brasil como um lugar de pessoas amigas, estas o consideram também como lugar perigoso, inseguro, avaliando-o a partir de uma perspectiva negativa:

“[...] E aqui tem o lado ruim. Tipo, as pessoas roubando as outras. É. Tem muita coisa ruim no Brasil, mas eu quis mostrar o lado ruim e o lado bom. Aqui tem as pessoas todas juntas e aqui as pessoas separadas, fazendo mal umas as outras” (Lorena, 10 anos);

“O Brasil é bom porque tem bastante amigos e ruim porque, nossa, tem muito assaltante. Você pode ser assaltado a qualquer hora [...] Eu acho que o Brasil é muito legal, tem pessoas muito legais e também tem pessoas chatas. Tem ladrões, é a parte ruim” (Davi, 10 anos).

Ainda inserido na categoria *pessoas*, o item *pessoas da família* retrata a relevância que os familiares, que ainda estão no Brasil, possuem para as crianças filhas de brasileiros em Berlim. Um exemplo está na fala de Mariana, de 10 anos. Ela, assim como a menina Lorena, afirma a vinculação familiar como uma conexão ao Brasil: “*Eu gosto [do Brasil] porque lá a minha família é ‘muito mais grande’ do que aqui. Aqui eu não tenho primo. Lá eu tenho muito mais primos e primas.*” De igual modo, Lorena, ao explicar o seu desenho, pontua:

“Aqui na Alemanha eu não tenho tantas pessoas da família. Eles não são aqui muito juntos com a família. E, lá no Brasil, eu ficava com minha família, eu ‘visitava ela’. Eu tinha mais contato com ela e era muito maior” (Lorena, 10 anos).

Alguns dos elementos desenhados pelas crianças durante as entrevistas não foram incluídos em categorias específicas devido às suas singularidades. Por esta razão, a categoria *outros* foi criada com o objetivo de contemplar e explorar estes elementos.

Dentre os elementos pertencentes à categoria *outros*, têm-se o metrô de Berlim, considerado pelas crianças como uma vantagem da cidade. Segundo as crianças entrevistadas, o metrô, e o transporte público de Berlim, as concedem liberdade para ir e vir sem a presença dos pais, conferindo-as mais autonomia e independência. Além disso, a dependência do carro particular no Brasil foi citada pelas crianças como uma das desvantagens de se viver no país.





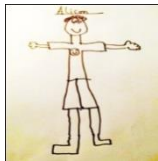



Nos desenhos sobre o Brasil, Isabela ilustrou um coração, indicando afeto pelas pessoas gentis e pela sua família que lá reside. Apesar de também fazer ressalvas e comentários negativos a respeito do povo brasileiro, como “*quando estão cheios de droga*”, a criança afirma pontos positivos em relação aos mesmos, enfatizando a saudade que sente dos familiares.





Os brasileiros também são retratados a partir da segunda tarefa, com a elaboração de imagens sobre o brasileiro típico pelas crianças, conforme seção 2.

2). *Retratos do brasileiro*

Nesta segunda seção apresentam-se os resultados dos desenhos sobre os retratos do brasileiro, com as imagens associadas ao “brasileiro típico” feitas pelas crianças. Nesta seção, pode-se ter uma concepção daquilo que as crianças consideram como mais representativo dos membros do grupo do Brasil. A Tabela 4 apresenta as categorias criadas a partir do conteúdo elaborado nessa tarefa.

Tabela 4. *Imagens do brasileiro típico, segundo as crianças*

Categorias	Subcategorias e elementos retratados	Desenhos	Narrativas sobre os desenhos	Desenhos	Narrativas sobre os desenhos
Mulher brasileira	<p>Atividades que desenvolve: cozinheira e sambista;</p> <p>Características pessoais: amorosa, religiosa, amiga, feliz, alegre e bonita;</p> <p>Relação familiar: mãe e tia;</p> <p>Hobbies e lazer: gosta de pintar, cantar, dançar, de capoeira e de ir à praia;</p> <p>Referência étnico-racial: negra, cabelos lisos.</p> <p>Estilo de roupa: calça jeans, tênis e jaqueta.</p>		<p>“É uma negra. Eu não consegui fazer ela muito bem negra, mas ela está sambando. Eu sempre penso no samba, quando eu penso no brasileiro. Ela vive lá e é feliz e dança bastante, canta, tem muitos amigos” (Lorena, 10 anos).</p>		<p>“Eu acho que ela sabe cozinhar bem. Ela tem muitas crianças e ela é bem amorosa. Ela é... não sei explicar. Ela é... eu acho que ela tem uma religião” (Vitória, 11 anos).</p>
			<p>“É minha tia. Ela gosta de pintar, ela gosta de cantar, ela gosta de capoeira e ela gosta da praia também” (Samuel, 9 anos).</p>		<p>“Essa é a menina que estou apaixonado [...]. Ela mora onde eu nasci. Ela tem cabelo marrom liso. Eu acho ela bonita. No dia que eu encontrei com ela, ela estava de calça jeans, tênis, que eu não lembro a cor, e uma jaqueta rosa” (Davi, 10 anos).</p>
Homem brasileiro	<p>Atividades que desenvolve: vendedor de bananas, jogador de futebol e jogador de vôlei;</p> <p>Características pessoais: legal;</p> <p>Relação familiar: pai;</p> <p>Hobbies e lazer: gosta de fazer mágica, de ir à praia, de ir ao “projeto Tamar”, de subir em árvores e de torcer por futebol.</p> <p>Referência étnico-racial: olhos escuros, cabelos cacheados, índio;</p> <p>Estilo de roupa: chinelo, camisa curta, calça ou bermuda.</p>		<p>“É o Alisson, do vôlei. Ele ganhou medalha de ouro” (Felipe, 12 anos).</p>		<p>“É o meu papai, com barba assim. Ele é muito legal! Ele gosta de ‘mágica fazer’. Aqui ele está com o Nick! Esse que é meu cachorro e é muito meu amigo” (Lisa, 06 anos).</p>
			<p>“Quando eu vejo um brasileiro ‘brasileiro’, normalmente, eles têm uma calça ou short, chinelos, sempre, camisa curta. Os olhos mais para marrons, olho escuro. Mas, eu pintei com olho claro, porque eu nasci com olho claro. Esse chapéu é muito típico para mim. [...] pintei cabelo cacheado porque eu acho que cacheado combina muito</p>		<p>“Ele é vendedor de banana” (Rebeca, 07 anos).</p>

			com brasileiro” Ele acorda, toma café da manhã, típico brasileiro. Aí ele sai para ir à praia surfar. Depois ele faz um passeio pelo jardim botânico, se diverte. Talvez ele vai dançar samba”. (Isabela, 10 anos).		
			“Ele gosta de jogar futebol, ir para praia e ir para o projeto Tamar” (Matheus, 06 anos).		“Ele torce pelo Brasil. Gosta de ir para o estádio e ver os jogos. E ele deve estar triste por causa do 7x1” (Mariana, 10 anos).
			“[esse índio] é gentil. Ele não fala palavrão. Ele adora comer. Brasileiro adora comer carne. E ele adora comer pão de queijo, pão de batata e todos os tipos do Brasil” (Liam, 09 anos).		
Estilo de vida	Pessoas livres e povo solto.		“Este aqui está mostrando como, no Brasil, é um povo solto [...] Elas são livres porque elas compraram uma casa em um lugar onde se pode ter tudo. É um lugar, como se estivesse acima das nuvens. Porque elas são livres. Ninguém fica falando para elas não usarem saias com calças” (Maria, 10 anos).		

Em linhas gerais, três categorias foram elaboradas a fim de orientar o processo de análise dos personagens criados pelas crianças, a saber: *mulher brasileira*, *homem brasileiro* e *estilo de vida* dos brasileiros. No que concerne aos desenhos em que se retratou a mulher brasileira e o homem brasileiro, foram identificadas subcategorias que fazem referência a atividades desenvolvidas, características pessoais, relação familiar, hobbies e lazer e estilo de roupa dos brasileiros, bem como menção a características étnico-raciais.

A partir dos elementos desenhados, foi solicitado às crianças entrevistadas que imaginassem uma vida para estas pessoas. Desse modo, as crianças relataram comportamentos, costumes e práticas sociais que consideravam típicas daqueles brasileiros que elas retrataram. Com isso, foi possibilitada análise que contemplava as compreensões das crianças sobre elementos apontados como prototípicos do grupo do Brasil.

As categorias *mulher brasileira* e *homem brasileiro* são compostas por onze dos doze desenhos feitos. Nestes desenhos, foi possível identificar subcategorias que são compostas a partir por elementos que as crianças consideram como sendo típicas dos brasileiros no que se refere a: *atividades que desenvolve*, *características pessoais*, *relação familiar*, *hobbies e lazer*, *referencia étnico-racial* e *estilo de roupa*.

Na primeira subcategoria, *atividades que desenvolve*, observa-se que, para a *mulher brasileira*, as crianças destacam atividades como *cozinheira* e *sambista*, evidenciando o apreço pela música e dotes culinários: “Eu acho que ela sabe cozinhar bem” (Vitória, 11 anos). Já para o *homem brasileiro*, verifica-se a associação de atividades como ser *vendedor de bananas*, *jogador de futebol* e *jogador de vôlei*: “É o Alisson, do vôlei. Ele ganhou medalha de ouro” (Felipe, 12 anos).

Ainda compondo os personagens desenhados pelas crianças, nota-se a valorização de determinadas *características pessoais*. Nesta subcategoria, foram agrupados elementos que qualificam a mulher do Brasil como amorosa, religiosa, amiga, feliz, alegre e bonita - “[...] Ela vive lá e é feliz e dança bastante, canta, tem muitos amigos” (Lorena, 10 anos). Por outro lado, dentre os desenhos a respeito do *homem brasileiro*, apenas um corresponde a esta subcategoria: o desenho da menina Lisa, de 06 anos: “Ele é muito legal!” (Lisa, 06 anos).

Dentre os atributos relacionando ao brasileiro típico, as crianças também destacaram suas *relações familiares*, subcategoria esta que engloba elementos evidenciados pelas crianças que remetem às relações familiares das mesmas. Para a *mulher brasileira*, os elementos presentes nesta subcategoria são *mãe* e *tia*. Vitória, de 11 anos, explica o seu desenho afirmando que a personagem que desenhou “[...] tem muitas crianças e é bem amorosa” (Vitória, 11 anos). Nos desenhos que destacaram o *homem brasileiro*, a menina Lisa, também retratou um personagem de sua família, indicando que o personagem que desenhou é o seu próprio pai: “É o meu papai, com barba assim.”.

A quarta subcategoria associada à *mulher* e ao *homem brasileiros* chama-se *hobbies e lazer* e compõe-se de elementos como *gosta de pintar, cantar, dançar, de capoeira e de ir à praia*, para a *mulher brasileira*. O desenho do menino Samuel, de 09 anos, destaca estes hobbies: “É minha tia. Ela gosta de pintar, ela gosta de cantar, ela gosta de capoeira e ela gosta da praia também.”. Em contrapartida, os *hobbies e lazer* associados ao *homem brasileiro* enfatizam atributos como *gosta de fazer magia, de ir à praia, de ir ao “projeto Tamar”, de subir em árvores, gosta de surfar, de samba e de torcer por futebol*. Matheus, de 06 anos, afirma que o *homem brasileiro* que desenhou “gosta de jogar futebol, ir para praia e ir para o projeto Tamar.”.

A *referência étnico-racial* também foi enfatizada pelas crianças em seus desenhos. À *mulher brasileira*, as crianças atribuem referências como *negra* e *cabelos lisos*. A criança Lorena, de 10 anos, explica o seu desenho da seguinte forma: “É uma negra. Eu não consegui fazer ela muito bem negra, mas ela está sambando.” (Lorena, 10 anos). Esta subcategoria também foi retratada nos desenhos que compõem o *homem brasileiro*. Nestes se verifica a atribuição de *olhos escuros*, *cabelos cacheados*, além da imagem de um *índio* associada.

A última subcategoria *estilo de roupa* para a *mulher brasileira* destaca um desenho que representa uma criança. Neste desenho, o participante Davi, de 10 anos, evidencia, principalmente, a vestimenta da pessoa que desenhou: “No dia que eu encontrei com ela, ela estava de calça jeans, tênis, que eu não lembro a cor, e uma jaqueta rosa” (Davi, 10 anos). Esta personagem do menino Davi ganha detalhes especiais por ser “a menina que está apaixonado”.

Esta mesma última subcategoria foi também observada para *homem brasileiro*, para o qual as crianças associaram itens como *chinelo*, *camisa curta*, *calça* ou *bermuda*. Isabela, de 10 anos, exemplifica esta associação: “quando eu vejo um brasileiro ‘brasileiro’, normalmente, eles têm uma calça ou short, chinelos, sempre, camisa curta” (Isabela, 10 anos).

Por fim, na categoria *estilo de vida*, a menina Maria apresenta uma imagem de pessoas brasileiras que, segundo ela, são livres porque fazem o que querem, sem serem julgadas por isso. Maria interpreta os brasileiros como sendo pessoas livres de julgamento, fazendo um contraponto com o controle alemão. Embora destaque as vantagens em ser “mais livre”, Maria também avalia a vida no Brasil como sendo difícil, caso não se tenha dinheiro:

“Porque eu amo e tal o Brasil, mas, para morar, eu não consigo. Porque eu iria me mudar para lá se eu tivesse uma escola pública boa. Porque a minha escola é pública, mas ela tem, vamos dizer, três parquinhos” (Maria, 10 anos).

Após a tarefa dos desenhos sobre os brasileiros típicos, as crianças foram convidadas a criarem uma estorinha que relacionasse o Brasil e a Alemanha. A seção *Narrativas sobre o Brasil e a Alemanha: uma viagem entre os dois territórios* apresenta estas estórias.

3). Narrativas sobre o Brasil e a Alemanha: uma viagem entre os dois territórios

As estórias criadas pelas crianças se alternavam em narrativas contadas em terceira pessoa e em primeira pessoa. São narrativas que envolvem os dois territórios, com diferentes cenários, personagens e posições das crianças no que se refere ao enredo criado.

A partir do tratamento da categorização temática das estórias, foi possível observar alguns eixos que compõem as narrativas, conforme a Tabela 5. Ressalta-se que 3 crianças não quiseram participar dessa etapa, totalizando 09 narrativas elaboradas, apresentadas, na íntegra, no Apêndice 7.

Tabela 5. *Contação de estórias sobre o Brasil e a Alemanha entre as crianças*

Enredo das estórias	Personagens das estórias	Temáticas associadas à trama	Referência aos territórios	Referência à família	Referência à si	Fragmento da estória
Dois brasileiros levam a novidade da coxinha e da feijoada para a Alemanha, gerando felicidade em todos.	Dois homens (sem identificação específica), provavelmente brasileiros por serem os portadores da novidade da culinária brasileira.	Comida brasileira; Festa de aniversário; Felicidade associada a elementos da brasilidade.	Alemanha como espaço que recebe a novidade da comida brasileira.			“Aprenda isso: Coxinha faz você feliz. Mas, principalmente, feijoada” (Davi, 10 anos).
A mãe da criança liga para sua mãe no Brasil para dar a notícia de que está grávida. A avó brasileira viaja para Berlim, sem saber falar alemão, e conhece a neta recém-nascida. No momento do encontro, a mãe está dando salsichão para o bebê comer.	Mãe da criança; Avó brasileira da criança; A própria criança.	Comida alemã (salsichão); Nascimento da criança; Visita da avó brasileira em Berlim; Língua alemã (dificuldade para falar a língua).	Alemanha como referência à própria casa onde se dá o encontro da avó com a sua família, para conhecê-la após o nascimento.	A narrativa refere-se à relação avó-mãe-criança.	O centro da narrativa é o nascimento da própria criança como momento de encontro com a avó brasileira.	“‘Oi, mãe, blábláblá, vou ganhar um bebê’. Daí, minha vovó fala assim: ‘ah, a gente vai para aí amanhã’. E eles vieram, e minha mãe já estava comigo” (Lorena, 10 anos).
O pai da criança, que é alemão, vai ao Brasil para passar uma temporada estudando na USP, onde conhece sua mãe, brasileira, e se apaixona por ela. O casal casa e engravida da criança que conta a estória. A partir de então, a família vive algumas idas e vindas entre o Brasil e a Alemanha.	Pai da criança; Mãe da criança e A própria criança.	Casamento binacional; Nascimento da criança; Migração entre Brasil e Alemanha.	Brasil como local onde os pais da criança se conhecem, se casam e sua mãe engravida. Alemanha como lugar para onde a criança e sua família se mudam.	A narrativa refere-se à relação dos pais da criança.	A criança cita o seu nascimento, após o casamento dos pais.	“Ele foi para São Paulo e conheceu a minha mãe. Aí ele estudou na USP e aí eles se apaixonaram. Eles casaram, me ganharam. E aí eu fiquei 05 anos lá” (Mariana, 10 anos)
Um menino brasileiro, pobre, do Rio de Janeiro, vence uma corrida de rua e ganha, como premiação, uma viagem e uma casa na Alemanha. O menino se	Um menino brasileiro pobre e do Rio de Janeiro.	Corrida de rua; Pobreza no Brasil; Migração para Berlim; Língua alemã (envolvimento em curso de idiomas).	Brasil como local de vivência da personagem principal. Alemanha como local de migração, do qual			“E ganhou uma viagem para a Alemanha. Ganhou lá uma casa. Aí, ele começou a testar os caminhos, começou a conhecer

<p>muda para Berlim e gosta muito da nova cidade, envolvendo-se em cursos de idiomas e vivendo na cidade até a vida adulta.</p>		<p>o menino da trama gosta bastante.</p>	<p>tudo, como era Berlim e gostou” (Felipe, 12 anos).</p>		
<p>A criança nasce no Brasil e seu pai, alemão, vai até lá para buscá-la, juntamente com sua mãe. A mãe da criança irá viajar para o Brasil por três semanas. A criança e o pai ficaram em Berlim comendo, dormindo e passeando.</p>	<p>A própria criança; Mãe da criança; Pai da criança.</p>	<p>Nascimento da criança; Migração para Berlim; Viagem ao Brasil; Passeio com o pai.</p>	<p>Brasil como local onde a criança nasceu e para onde sua mãe irá viajar. Alemanha como local de referência onde a família vive atualmente.</p>	<p>A narrativa refere-se à relação pai-mãe-criança. A criança cita seu nascimento, sua migração para Berlim e vivência na cidade.</p>	<p>“Aí meu pai foi ao Brasil e me levou, com minha mãe junto, para Berlim. Agora eu estou com 09 anos e no maio ou abril minha mãe vai para o Brasil. [...] Três semanas em Brasil. E vem de volta. Eu e meu pai vamos ficar aqui, comendo e dormindo” (Samuel, 09 anos).</p>
<p>Uma garota alemã vai ao Brasil e se surpreende com a forma mais desorganizada de fazer as coisas no trabalho. Da mesma forma, um garoto brasileiro vai à Alemanha e percebe que não pode sempre se atrasar para o trabalho.</p>	<p>Uma garota alemã no Brasil e um garoto brasileiro na Alemanha.</p>	<p>Organização e pontualidade alemã; Desorganização e não pontualidade brasileira; Migração para Berlim.</p>	<p>Brasil como um local onde as tarefas não são feitas de maneira organizada e pontual. Alemanha como um local onde as tarefas possuem organização e pontualidade.</p>	<p>“E, quando ela olhava para os brasileiros, a mesa dos outros não estava tão organizada quanto a dela. [...] E, ela ficou mais de um ano lá. Ela foi se acostumando um pouco mais com o pessoal do Brasil e percebeu que não tem que ser tudo perfeito” (Isabela, 10 anos).</p>	
<p>Um homem estava na Alemanha e não gostava dos palavrões que as pessoas falavam. Foi para o Rio de Janeiro e também se deparou com palavrões,</p>	<p>Um homem que viajou à Alemanha e ao Brasil.</p>	<p>Palavrões ditos nos dois países.</p>	<p>Alemanha como local onde se fala muito palavrão; Brasil como local onde também se fala muito palavrão, mas</p>	<p>“Era uma vez um cara que adorava a Alemanha. Mas, aí ele não gostou porque aqui estava todo mundo falando palavrão. Aí</p>	

mas, pelo menos, no Rio de Janeiro se pode ir à praia.	onde também há praia.	ele tentou ir para o Rio. Mas, lá também falam. Mas, ele achou mais legal o Brasil porque dá para entrar na água quando você quer” (Liam, 09 anos).			
Uma mulher brasileira é impossibilitada de ir para a Alemanha, por ter menos dinheiro. Mas, embora tenha pouco dinheiro, a moça possui amigos e convive com pessoas mais abertas.	Uma mulher brasileira com pouco dinheiro e muitos amigos	Impossibilidade de sair do país por pouca renda.	Brasil como local de gente aberta, amiga e com pouco dinheiro. Alemanha como local muito legal.	“Porque ela mora numa casa ‘tipo’ menor. Tem um pouquinho menos de dinheiro. Mas, tem amigos. Porque lá, sei lá, as pessoas são mais assim... mais abertas, eu acho. E eu acho que se ele viesse para a Alemanha, ela acharia muito legal” (Vitória, 11 anos).	
Avó da criança vai a Berlim e se embarça com a língua alemã.	Avó brasileira da criança.	Língua alemã (dificuldade para falar a língua).	Alemanha como referência à própria casa, onde se dá o encontro da avó com a sua família.	A narrativa refere-se à relação avó-criança.	“É uma estorinha em quadrinhos muito engraçada. O título da estória em quadrinhos é ‘Vovós não aprendem alemão’” (Maria, 10 anos).

Os dados das narrativas apresentam enredos que integram estórias imaginadas, estórias de suas famílias e estórias que retratam a realidade brasileira pela perspectiva das crianças. Das 09 estórias analisadas, 04 apresentam personagens da própria família da criança e 05 personagens imaginados como, por exemplo, *homens que levam coxinha e feijoada para Alemanha, um menino pobre do Rio de Janeiro, um brasileiro não pontual e uma alemã organizada, e uma mulher brasileira com pouco dinheiro e muitos amigos.*

Em relação às temáticas associadas às tramas, identificam-se eixos comuns que aparecem em mais de uma estória. O primeiro deles refere-se à *comida*, elemento que também aparece nos desenhos feitos pelas crianças nas tarefas anteriores. Um exemplo deste elemento pode ser encontrado na estória de Lorena, que o relaciona a estereótipos associados ao país alemão, ao criar um enredo na qual sua família pensava que sua mãe, ao mudar para a Alemanha, a alimentava apenas com *salsichão*. Já o menino Davi afirma que a *feijoada*, além da *coxinha*, são comidas brasileiras que fazem as pessoas “ficarem felizes”.

A visita de *familiares do Brasil*, especialmente de avós, também aparece como temática comum às tramas. As avós são retratadas nas estórias como estando de passagem na cidade de Berlim, porém sempre associadas à *dificuldade para falar a língua alemã*, conteúdo que aparece em 03 das 09 estórias.

A *migração do Brasil para a Alemanha* também aparece como temática comum em 03 das 09 estórias. Neste eixo, as crianças contam estórias que se referem às suas próprias migrações, por conta do casamento binacional de seus pais. Além disso, incluem estórias de pessoas imaginadas, como brasileiros típicos, que foram para a Alemanha e perceberam as diferenças culturais entre os dois países.

Além dos temas comuns às tramas das histórias, observa-se também similaridades na forma como os dois países são retratados. Em 02 histórias, a Alemanha aparece como local de visitação da família brasileira, além de ser citada, especialmente, por conta de casamento binacional de seus pais: “Aí meu pai foi ao Brasil e me levou, com minha mãe junto, para Berlim” (Samuel, 09 anos).

“[...] O meu pai... ele estava no Brasil, porque ele queria conhecer lá. Estava viajando. [...] Não...fiquei 02 anos lá. Aí nós fomos para Stuttgart e voltamos. Lá eu tinha uma casa. Mas, eu voltei quando tinha 04 anos, fiquei 1 ano lá. E voltei de novo. Agora a família está em Berlim” (Mariana, 10 anos).

A *referência à família* aparece em 03 histórias, destacando a relação dos pais das crianças e as avós que as visitam. Já ao fazerem *referência a si*, 03 crianças recriam as histórias de seus nascimentos no Brasil ou na Alemanha, destacando também a *migração do Brasil para a Alemanha* como tópico de suas próprias histórias de vida.

Discussão

Os elementos constituintes dos *mapas mentais* elaborados apresentam especificidades que podem demonstrar o modo como se organizam comparativamente os dois territórios e grupos nacionais, a partir dos objetos, informações e imagens que representam os dois países para as crianças participantes do estudo (De Alba, 2016). Acredita-se que a forma como um lugar é simbolizado pode revelar peculiaridades de como este é compreendido e vivido, ratificando valores e demonstrando a influência que também exercem sobre a percepção dos indivíduos (Archela, Gratão & Trostdorf, 2004).

A partir dos dados apresentados nas três seções deste estudo, foi possível observar eixos que sustentam esta forma de simbolizar os dois territórios. Na primeira seção *Territórios e Pertencças*, por exemplo, destacam-se categorias de análise como *pontos turísticos, comida, casa, natureza e pessoas* dos dois países, esta última sendo complementada e aprofundada pela segunda seção, na qual as crianças retrataram *imagens do brasileiro típico*. Nestas imagens foi possível observar a conformidade com os dados da primeira seção, a partir da equivalência de elementos que retratam os brasileiros como *pessoas amigas, amorosas, alegres e família*. O elemento *família* e a referência à *comida* brasileira fazem parte de todas as seções do estudo, possuindo relevância especial na seção 3 das *Narrativas sobre o Brasil e a Alemanha*. Além destes dois eixos em comum, a seção 3 também integra o estudo a partir de eixos como *dificuldades com a língua e migração do Brasil para Alemanha*, finalizando o conjunto de dados de modo a possibilitar a discussão a respeito da compreensão das crianças, filhas de brasileiros, sobre os dois territórios.

Inicialmente, destaca-se a importância dos *pontos turísticos* e fatos históricos como algo que delinea os contornos da cidade e as possíveis fronteiras de transição entre as duas nações (Nowicka, 2017). Neste sentido, considera-se importante resgatar o que afirma De Alba (2016), ao discutir que uma das maneiras de assegurar a construção identitária refere-se à expressão de ideias sobre os lugares e seus ícones mais importantes, como os seus pontos turísticos. O conceito e a forma como as crianças representam os lugares pode possibilitar a valorização do que é particular, específico e singular, para elas, gerando a possibilidade de reafirmação de suas histórias de vida, memória familiar, grupo social e cultura (Leite, 2012).

Na categoria *comida*, nota-se que a presença de comidas típicas nos desenhos pode simbolizar a maneira pela qual o entendimento a respeito do alimento constrói iconicamente uma

referência ao Brasil e à Alemanha. A apropriação de elementos gastronômicos é, assim como pontuam Nagamine e Barbosa (2017), representativa de uma coletividade e, possivelmente, demarca códigos sociais. Salienta-se que, diferentemente dos pratos típicos alemães (como a *curry wurst* e o *salsichão*), a feijoada aparece relacionada à união e felicidade do povo, podendo simbolizar, como afirmam Castro, Maciel e Maciel (2016), a apropriação de valores culturais presentes no imaginário dos indivíduos. Entendendo que a tradição gastronômica está ligada a processos identitários de conhecimento e reconhecimento cultural (Nagamine & Barbosa, 2017), a presença deste elemento de maneira destacada, e de sua avaliação positiva, pode indicar uma possível identificação com os costumes do Brasil.

Na categoria *casa*, embora teóricos como Bauman (2005) afirmem a existência de incongruências e fluidez perante as identidades de imigrantes ou pessoas influenciadas por mais de uma cultura, algumas crianças fazem delimitação daquilo que consideram seu espaço na cidade de Berlim - a sua casa. Estudos como o de Miranda (2009) e Tedesco (2017) afirmam que, muitos imigrantes, embora se sintam “em casa” em diferentes lugares, nunca possuem este sentimento de modo pleno, especialmente tendo em vista os contatos com diversas culturas e nações. Neste sentido, os desenhos e recortes desta categoria podem indicar a possibilidade de existência deste sentimento de maneira circunscrita na cidade de Berlim, principalmente por se tratarem de crianças das quais algumas nasceram no território de migração de seus pais e outras foram para este território ainda muito pequenas.

Lisa e Matheus foram os únicos a citarem o espaço de uma casa como sendo relevante em seus desenhos. Mas, vale ressaltar que Lisa foi a única criança que destacou a *sua* casa, em seu desenho sobre Berlim. Ela é também a única criança que possui mãe alemã (e pai brasileiro) e a única criança que fazia frases inteiras em alemão durante as entrevistas. Neste sentido, é

importante evidenciar que o processo identitário também se constitui a partir da linguagem, sendo um critério de identificação nacional (Mexias-Simon, 2012). Desse modo, é possível considerar, ainda, as nuances do bilinguismo como fator que define a familiaridade com a cultura (Souza, 2016).

Já na categoria *pessoas*, a comparação entre os membros dos dois grupos nacionais apresenta, majoritariamente, uma avaliação negativa às pessoas da cidade de Berlim, em paralelo à avaliação positiva às pessoas do Brasil, podendo indicar uma possível valorização e identificação afetivamente construída a partir da pertença, influência e herança avaliativa de seus próprios pais, membros do grupo brasileiro (Sene, 2017; Tajfel, 1983).

Realizando-se uma análise dos desenhos das crianças e das explicações sobre as imagens produzidas, nota-se que as crianças tendem a ressaltar, nas pessoas alemãs, características estereotipadas negativamente como *rabugentas*, *loucas* e até *perfeitas* (indicando um modo metódico, engessado e negativo). Assim como discute Schneider (2004), o “alemão típico” é geralmente associado a determinados atributos que se ancoram em traços do caráter individual ou em atitudes vagamente coletivas, tais como disciplina, diligência, meticulosidade e pontualidade – elementos estes que compõem também as *personagens* das histórias criadas pelas crianças na última etapa das entrevistas.

Nesta mesma categoria, as crianças indicam características positivas com relação aos brasileiros, classificando-os como pessoas *amigas*, *unidas* e mais afetivas do que os alemães, embora, nas *narrativas sobre o Brasil e a Alemanha*, indiquem também a *desorganização* e a *não pontualidade* do brasileiro. Acredita-se que a afetividade e liberdade associadas ao grupo brasileiro possam ser relacionadas também a um reconhecimento dos genitores das crianças de sua própria memória e cultura (Leite, 2012). Diante disto, entende-se que o afeto e valorização

que as crianças possuem por seus pais possam corroborar para uma identificação também com esta cultura, que lhes é por eles rememorada (Sá, 2007).

No que se refere a um possível reconhecimento e estima pela cultura brasileira de seus genitores, pode-se pressupor que as crianças valorizem, principalmente, a ideia de liberdade associada ao ser brasileiro (Mira, 2017) em detrimento da comparação feita com a disciplina, organização e seriedade alemã (Rozenfeld & Viana, 2004). Ressalta-se neste ponto um paralelo possível entre a categoria *estilo de vida* (presente nos desenhos sobre o brasileiro típico) e o item *pessoas rabugentas* (presente nos desenhos sobre Berlim - dentro da categoria *pessoas*), pois as crianças demonstram uma compreensão de que o excesso de disciplina, seriedade e organização torna as pessoas mal-humoradas.

A análise dos elementos permite uma comparação entre o modo de ser na Alemanha e no Brasil, segundo a visão das crianças. Assim como identificado por Schneider (2004), as crianças filhas de imigrantes brasileiros tendem a representar o alemão com um comportamento mais contido e sério. Esta perspectiva sobre o modo de ser alemão pode ser vista pelas crianças como uma forma mais ríspida e que se contrapõe ao *estilo de vida* brasileiro, com mais liberdade (Mira, 2017). A valorização da ideia de liberdade dos brasileiros pode ser entendida como algo positivo pelas crianças, podendo, até mesmo contribuir para a construção de uma autoimagem também positiva, ao sentir-se associadas a essa cultura (Hogg & Abrams, 1998; Tajfel, 1983).

A ideia de liberdade também aparece associada ao *alemão*, uma vez que as crianças julgam a cidade de Berlim como sendo mais segura, o que as confere mais independência ao, por exemplo, andarem de transporte público sozinhas. Desse modo, nota-se que o tipo de liberdade associada ao alemão é uma liberdade vinculada à mobilidade, e não à possibilidade de se fazer o que quiser, como no caso dos desenhos sobre o brasileiro típico. Embora a liberdade das pessoas

apareça como uma questão positiva ao *estilo de vida* de *ser brasileiro*, o item negativo *pessoas roubando*, também associado ao grupo, é observado na categoria *pessoas*, indicando que a mobilidade no Brasil é limitada. Este fato pode ser compreendido com base na possível necessidade de orientar o comportamento social (Sawaia, 2017) dos imigrantes, pais destas crianças, justificando a emigração do Brasil (tido como inseguro) para a Alemanha (considerada segura).

Neste contexto, nota-se que as crianças rejeitam características que consideram negativas, para que se diferenciem daquilo que não gostariam que fosse associado a elas, indicando um esforço para se auto afirmarem positivamente (Nascimento & Souza, 2017). Além disso, a rejeição de comportamentos considerados negativos na avaliação das crianças a respeito do grupo social brasileiro, pode indicar uma necessidade em se obter as melhores características dos dois grupos nacionais, com o objetivo de se diferenciar daquilo que não as favorece socialmente (Tajfel, 1983; Torres, Camargo & Bousfield, 2016).

Na tarefa que solicitava a exploração do desenho sobre o *brasileiro típico*, constata-se que as crianças consideram, mais uma vez, seus familiares brasileiros como referências para descrever o grupo social. Esta conjuntura pode ser mais um indicativo de apego afetivo importante para a compreensão de seus próprios processos de identificação (Bonomo, Cardoso, Faria, Brasil & Souza, 2017).

A imagem do *samba*, da *capoeira*, da *religiosidade*, do *jogador* e *torcedor de futebol*, além do *jogador de vôlei* (nos desenhos sobre o brasileiro típico) e *esportista* (nas estórias) aparecem nas tarefas desempenhadas pelas crianças, como estereótipos que demarcam a ideia sobre a formação de uma imagem prototípica do grupo nacional brasileiro (Oliveira & Leal, 2009). Acredita-se que a incorporação, pelas crianças filhas de brasileiros, destes elementos

como itens característicos do grupo nacional pode ser considerada como associação às práticas e símbolos de referência, que são tidos, por vezes, como composições folclóricas que integram, reinventam e afirmam uma imagem identitária (Fehlberg & Menandro, 2011; Seyferth, 2002).

A análise que se faz destes elementos associados à vida dos brasileiros constitui-se como elemento integrante de sua imagem identitária (Lima, Torres & Techio, 2016; Prandi, 2000), especialmente em termos históricos e sociais, perpetuados de maneira coletiva por gerações (Sá, 2007).

Pensar o conceito de identidade nacional envolve, neste sentido, a adesão a uma comunidade imaginada, sendo o processo identitário associado a crenças nacionalistas (Leite, Ferreira, Batista, Estramiana & Torres, 2018). Segundo Abreu e Dantas (2016), a música popular, por exemplo, é uma das mais significativas representações do Brasil e da cultura brasileira, apesar de não haver unanimidade quanto a sua definição e caracterização. Considera-se importante, no entanto, ressaltar que a associação entre mulher brasileira negra à dança e ao samba, demonstrada pelas crianças, pode se constituir como reflexo do discurso hegemônico e estereotipado europeu, que sexualiza a mulher brasileira, sobretudo a mulher negra (Braga, 2017; Piscitelli, 2007).

Os desenhos das *pessoas brasileiras*, feitos pelas crianças, também podem ser considerados como produtos da reprodução de ideias majoritárias sobre a categoria, especialmente, se considerado o contexto de vivência em território estrangeiro. Pereira, Torres e Almeida (2003) enfatizam que as relações intergrupais e a identificação com os grupos sociais são definidas não apenas a partir de elementos pessoais dos indivíduos, mas, também a partir daquilo é que considerado hegemônico. Dessa forma, embora haja uma variabilidade na representação do próprio grupo (Bonomo, Melotti & Pivetti, 2017; Tajfel, 1983), as crianças

partilham também do pensamento dominante, estruturado a partir de representações ideológicas que circulam na sociedade (Seate, Ma, Chien & Mastro, 2018).

Este processo pode ser sustentado pelo argumento apresentado por Nowicka (2017) ao conceituar que ideias, informações e imagens expressadas sobre os grupos nacionais podem indicar de que maneira os indivíduos representam as fronteiras de transição entre os dois países. Compreende-se também que os desenhos realizados pelas crianças podem representar a necessidade de possuir um encadeamento lógico de ideias sobre os grupos, em um esforço de tentar construir suas pertencas sociais em meio às duas culturas e heranças familiares (Oliveira, 2013).

A partir da apresentação dos *mapas mentais* das crianças sobre os grupos sociais, considera-se importante destacar, ainda, o que afirmam Sarriera, Pizzinato e Meneses (2005), ao discutirem a migração como um projeto familiar. Segundo demonstram os autores, há uma maior facilidade de engajamento quando os filhos chegam mais novos ao país de acolhida.

É importante destacar, no entanto, que, possivelmente, a identificação com grupo social brasileiro pode ocorrer a partir de uma apropriação daquilo que os pais destas crianças transmitem, uma vez que as mesmas não dispõem de vivências prolongadas no Brasil, como os seus genitores (Abreu & Dinola, 2017; Brandão, 1984). Entendendo ser a identidade social um constructo também apoiado no reconhecimento cognitivo da pertença social (Tajfel, 1983), pode-se fazer uma análise na qual se entende o processo identitário destas crianças como um resgate à memória identitária de seus pais, e da própria comunidade de brasileiros com a qual convive em Berlim (Khan, 2016). A preservação do sistema de valores, a cognição e o afeto, este último observado de forma mais veemente nos dados, contribuem à compreensão da dinâmica de

construção identitária orientada, por estereótipos e imagens que o grupo brasileiro constrói de si mesmo (Gondar, 2016).

Considerações Finais

A partir da análise dos *mapas mentais* criados pelas crianças, filhas de imigrantes brasileiros em Berlim, foi possível refletir sobre seus processos identitários no contexto da migração internacional, envolvendo os territórios de origem e de destino - Brasil e Berlim/Alemanha. O reconhecimento da pertença à família brasileira e a manifestação de atributos considerados, majoritariamente, como positivos a este grupo em comparação com o grupo dos alemães, remete a esperada identificação com a família de origem, processo esse apoiado na valorização da brasilidade. No entanto, vale ressaltar que esta vivência da brasilidade pelas crianças, a partir do resgate de elementos culturais, nacionais e, até mesmo, familiares, pode ser um indicativo de um possível conhecimento folclórico passado de geração em geração para a manutenção da imagem da comunidade brasileira em Berlim e das heranças culturais dos genitores.

Partindo do pressuposto de que estudos a respeito de filhos de imigrantes trazem questões que se associam a um panorama geral sobre o fenômeno emigratório brasileiro, entende-se que este estudo possui limitações no que se refere ao número de participantes e aos recortes realizados para a construção dos instrumentos de coleta de dados. Reconhece-se que estes recortes focalizavam apenas questões relacionadas aos desenhos e histórias aqui evidenciadas, não abrangendo outras questões relacionadas à transitoriedade cultural, como, por exemplo, à inserção no bilinguismo. Desse modo, considera-se ser necessária a realização de outros estudos que focalizem aspectos relacionados à transição destas crianças dentre a binacionalidade, como no ambiente escolar e nas dificuldades com os dois idiomas, tendo em vista que a inserção

cultural possui papel fundamental no processo de identificação dos indivíduos. Estudos como estes podem ser importantes para compreender possíveis problemas de integração na sociedade acolhedora e também na sociedade brasileira.

Salienta-se ser importante valorizar a bagagem cultural dos filhos de imigrantes, uma vez que negligenciar sua experiência pode resultar em uma inobservância dos problemas e desafios enfrentados por eles e suas famílias no cotidiano. Este conhecimento pode ser fundamental para a formulação de políticas públicas mais adequadas para esta população, visando maior acolhimento e inclusão.

Discussão Integrada

A presente tese de Doutorado constituiu-se a partir da proposição de análise dos processos de identidade entre brasileiros imigrantes na cidade de Berlim, na Alemanha, proposta que resgatou os pressupostos da Teoria da Identidade Social, criada por Henri Tajfel (1982, 1983). Tendo em vista a complexa rede de conceitos que organizam os estudos em *identidade*, a presente tese fundamentou-se na realização de três estudos exploratórios, que juntos integram a tarefa de analisar os processos identitários no contexto da migração internacional.

Seguindo estratégias metodológicas diferentes e integradas a partir da perspectiva da *triangulação metodológica*, a seguinte estrutura de trabalho foi desenvolvida:

- (1) Em um primeiro estudo, objetivou-se investigar a organização social da comunidade brasileira em Berlim, a partir da análise de suas dimensões territoriais, sociais e das relações vivenciadas entre os indivíduos;
- (2) Um segundo estudo focalizou a análise das dimensões da identidade social (dimensão cognitiva, afetiva e valorativa), associadas e referenciadas ao grupo *brasileiro* e ao grupo *alemão* pelos imigrantes brasileiros em Berlim;
- (3) E um terceiro estudo visou à análise dos processos de pertencimento associados aos grupos sociais *brasileiros* e *alemães* por crianças, filhas de imigrantes brasileiros em Berlim.

Os resultados encontrados nos três estudos realizados proporcionaram o entendimento de diferentes processos interdependentes, que tecem a vivência da brasilidade e a composição da identidade dos brasileiros em Berlim. A busca por uma autoimagem social positiva (Tajfel, 1983), conforme os princípios da Teoria da Identidade Social, rege um jogo identitário que maneja diferentes recursos para se fortalecer, como demonstrado nos Estudos realizados.

No primeiro estudo desta tese, observou-se o esforço da comunidade brasileira em Berlim para reconstruir práticas simbólicas, que rememoram contextos nacionais e criam a possibilidade de se ter apoio social (Massey, 1994; Massey, Arango, Hugo, Kouaouci, Pellegrino & Taylor, 1997). As categorias *cultura, gastronomia, educação, espiritualidade e política*, além de outros temas transversais como as relações de amizade, a música brasileira e a língua portuguesa, configuram um esquema de relações dentro do próprio grupo e que permitem a preservação e a manutenção de suas lembranças do país de origem, que são transmitidas de geração em geração (Gondar, 2016).

A análise das dimensões da identidade referenciadas na relação de comparação social entre os grupos *brasileiro e alemão*, no Estudo 2, permitiram a discussão do modo como os imigrantes brasileiros visualizam os membros dos dois grupos nacionais em termos *cognitivos, afetivos* e de *valores associados*. Entendendo que as identificações são produtos sociais definidos através de estereótipos, afetos e valores psicossociais, que fundamentam o comportamento dos indivíduos em relação aos grupos (Outten, Lee, Costa-Lopes, Schmitt & Vala, 2018), este estudo demonstrou como a dimensão *afetiva* torna-se expressivamente saliente para a manutenção da pertença ao grupo social de origem, de maneira positiva, apesar do reconhecimento dos *status* das diferentes posições sociais (Silva, 2017; Da Silva, 2018).

Os *mapas mentais* dos filhos de imigrantes brasileiros reproduzem algumas das estratégias buscadas por seus pais para a positivação da autoimagem social positiva do grupo de origem. No Estudo 3, a possibilidade de reafirmação das histórias de vida, memória familiar e memória intergrupar (Leite, 2012) indicaram uma possível valorização e identificação afetivamente construída a partir da herança avaliativa dos membros adultos do grupo brasileiro (Sene, 2017; Tajfel, 1983).

É sabido que entre as justificativas para a emigração encontra-se o reconhecimento de um território nacional brasileiro desgastado por crises políticas e econômicas (Alvez & Dayrell, 2015; Vidal, 2017), que instituem desigualdades sociais e dificultam a ascensão dos indivíduos a posições sociais mais bem valoradas e com mais recursos materiais (Barbosa, 1996, 2014; Brzozowski, 2012). A emigração pode tornar-se, portanto, orientada pelo desejo de se alcançar uma melhora nos padrões de vida, em função da possibilidade de se obter recursos que favoreçam a imagem dos imigrantes perante a estrutura social (Tajfel, 1983).

Ao chegar ao território de destino, contudo, nota-se que os imigrantes se deparam com um relacionamento intergrupal dificultado pelas diferenças culturais percebidas no grupo *alemão* (Schneider, 2004) e por relações de preconceito estabelecidas no contexto da sociedade local (Grant, 2008; Guerra, 2002; Fernandes-Jesus, Ribeiro, Ferreira, Cicognani & Menezes, 2011). Neste sentido, entende-se ser pertinente a realização de uma análise integrada dos processos de identidade entre os imigrantes, a partir dos diferentes pontos de vista apresentados pelos participantes dentre os *níveis de análise* em Psicologia Social. Neste caso, preconiza-se por uma apresentação da constituição das ações sociais dos indivíduos para que se analise, posteriormente, o sistema de crenças e representações ideológicas que as fundamentam.

Desse modo, a *nível intraindividual*, verifica-se que os indivíduos imigrantes organizam suas experiências no território de destino a partir do ensejo de se alcançar melhores recursos materiais, padrões de vida e bem-estar social (Alvez & Dayrell, 2015). Entretanto, embora orientados pela crença na legitimação do sistema, que justifica as desigualdades sociais, nota-se que os indivíduos se percebem frente à impossibilidade de ascender dentre as categorias sociais (Doise, 2002; Tajfel, 1983). Ratifica-se, portanto, que as ações sociais são balizadas pelo processo que exige um esforço para que sua própria identidade seja valorizada diante da diferenciação

entre categorias e da estratégia hegemônica para manutenção das posições sociais verticalizadas (Fernandes, 2000; Guareschi, Roso & Amon, 2016; Vala & Costa-Lopes, 2016).

A tática de efetuar uma transição para outro grupo com maior *status* social (Hogg & Abrams, 1998) ratifica, portanto, a crença *individual* de que o sistema social é legítimo, justo, porém instável, o que caracteriza o fato de os sujeitos sustentarem a ideia de uma possível ação de *mobilidade social* ao emigrarem (Diniz, Souza, Carrieri & Barreto, 2013; Santos & Amâncio, 2014; Tajfel, 1983). No entanto, ao chegar a Berlim, o imigrante brasileiro relata esbarrar em dificuldades de integração, em dificuldades linguísticas e em dificuldades de relacionamento interpessoal.

Estas dificuldades são observadas, especialmente, nos resultados a respeito da concepção que os indivíduos possuem dos alemães (demonstradas no Estudo 2) e nos resultados dos *mapas mentais* elaborados pelas crianças (Estudo 3). A ideia do alemão *sério, prepotente e rabugento* organiza diferenças culturais e demonstra relações sociais complexas, distantes e não acolhedoras no contexto da sociedade local (Grant, 2008; Guerra, 2002; Fernandes-Jesus, Ribeiro, Ferreira, Cicognani & Menezes, 2011). Estes entraves, possivelmente, direcionam o imigrante a uma tentativa, no interior da comunidade brasileira, de conter o processo de comparação social e vivenciar sua própria cultura (vivências descritas, especialmente, no Estudo 1).

A *nível interindividual*, as explicações a respeito das interações entre indivíduos, típicas das dinâmicas sociais, demonstradas, especialmente, nos Estudos 1 e 3 desta tese, pressupõem a necessidade de afirmar práticas culturais a partir da convivência entre os membros do grupo e suas famílias (Abreu & Dinola, 2017; Brandão, 1984; Khan, 2016; Nascimento & Menandro, 2005; Sá, 2007). Os dados indicam que os relacionamentos, a nível interpessoal, remetem, em

termos afetivos, às relações mais próximas da brasilidade (Costa & Garcia, 2016). Estas relações entre os indivíduos se mostram comprometidas com a manutenção de sua cultura, fortalecendo e apoiando instituições que a promovem no exterior (Castells, 2018; McIlwaine, Cock & Linneker, 2011).

Esta constatação integra explicações já a *nível intergrupala*, por entender que as ações sociais dos indivíduos, e o pertencimento aos grupos, ocorrem em função de situações de interação, nas quais se considera o imaginário a respeito das expectativas dos outros com quem se interage (Tajfel & Fraser, 1979; Vial, Brescoll, Napier, Dovidio & Tyler, 2018). Acredita-se que, pelo conflito e dificuldades observadas, e a partir da constatação da impossibilidade de se pertencer ao grupo social do país de destino, o indivíduo migrante crie novas estratégias com o intuito de não permitir o esmaecimento e marginalização de sua própria identidade (Tajfel, 1983).

É neste contexto que se verifica a criação do *sentido de comunidade* como estratégia para a expressão identitária (Prezza & Pacilli, 2002). O sentido de comunidade brasileira, demonstrado, principalmente, pelas categorias de análise do Estudo 1, demarcam valores do grupo nacional de origem pelo reconhecimento de objetivos compartilhados e da pertença ao espaço comum (Bonomo, Souza, Melotti & Palmonari, 2013; Tajfel, 1982, 1983). O investimento na comunidade e construção de um apoio social entre os indivíduos fundamenta-se nas normas e nos valores do país de origem (Nowicka & Vertovec, 2014; Putnan, 2006; Villas-Boas, Oliveira, Ramos & Montero, 2015; Tajfel, 1983), permitindo o fortalecimento da sociabilidade do grupo nacional (Toneli & Peruchi, 2006).

As práticas *culturais, gastronômicas, educacionais, espirituais e políticas*, no interior da vivência cotidiana do grupo brasileiro em Berlim, permitem o compartilhamento de memórias e

fortalecem a dimensão *afetiva*, possibilitando aos indivíduos o sentimento de fazer parte de um todo e de se sentirem mais protegidos de possíveis relações intergrupais conflituosas (Ferro, 2018). É possível que isso favoreça o engajamento dos indivíduos da comunidade na preservação de seu sistema de valores e crenças, perpetuando suas memórias para outras gerações (Bahia, 2014; Costa, 2016; Flores & Gomes, 2017; Gondar, 2016), fato este observado tanto no Estudo 1 como no Estudo 3.

Analisa-se que, a partir dos dados dos três estudos desenvolvidos, e considerando que a categorização social é o processo pelo qual se criam estereótipos sobre os mais diferentes objetos sociais (Tajfel, 1983), considera-se que há saliência nos significados atribuídos na relação intergrupar estabelecida. Entende-se que o contexto aqui analisado corresponde a uma análise do encontro entre membros de uma categoria com membros de outra categoria social (Doise, 1985), o que reforça o processo de diferenciação social (Doise, 1989).

Tendo isto em vista, pode-se analisar esta *diferenciação categorial* também à esfera da experiência afetiva dos indivíduos (Jodelet, 2013). Logo, a *nível societal*, observa-se que o sistema de crenças, avaliações, representações e normas sociais, bem como as produções culturais e ideológicas que interferem no comportamento dos migrantes, criam *diferenciações sociais* (Almeida, 2009; Doise, 1986, 2002; Sawaia, 2017), referenciadas pela hierarquia entre povos e nações. A possibilidade do alcance dos recursos facilitados no território alemão, na ação de emigrar, pode passar a ser um projeto estratégico para ressignificar sua imagem social frente à hierarquia social vigente (Vidal, 2017).

O cenário de crise e desigualdades sociais vivenciado pelos indivíduos no Brasil é acentuado pelo contraste da *dimensão valorativa* atribuída ao seu próprio grupo de origem e à categoria da sociedade europeia de destino (Doise, 1985). O *bem-estar social*, o *conforto*, a ideia

do amparo estatal, de *igualdade*, *competência* e da possibilidade de se possuir recursos materiais de forma mais igualitária (*materialismo horizontal*) compõem ideias legitimadas hegemonicamente a respeito da Alemanha e dos alemães (Garcia, 2013; Soares & Rodrigues, 2005). Pela disputa travada pela manutenção das hierarquias de ordem social (Pereira, Camino & Costa, 2005), o indivíduo brasileiro imigrante se vê implicado e influenciado pelo pensamento dominante, organizado a partir de representações ideológicas que circulam na sociedade sobre o Brasil, tido como *desigual*, e sobre os países europeus, vistos como ‘mais desenvolvidos’ (Pereira, Torres & Almeida, 2003; Seate, Ma, Chien & Mastro, 2018).

Neste ínterim, a crença na legitimação do sistema social vigente e na meritocracia, evidenciada no Estudo 2, por exemplo, sustentam uma lógica na qual o imigrante brasileiro deve buscar um *jeitinho* para alcançar posições mais valorizadas socialmente (Doise, 1985). Logo, há o reconhecimento de um sistema de crenças que entende ser a migração uma possível saída para a inserção em grupos mais valorizados na hierarquia social (Batista, Ciscon-Evangelista & Tesche, 2011; Costa, 2009).

De posse desta discussão a respeito dos *níveis de análise*, pode-se fazer um paralelo que resgata o panorama geral desta tese, seguindo explicações de ordem psicossocial. Desse modo, resgata-se também a ideia de que se percebe que os brasileiros entrevistados para os estudos que compõem esta tese destacam a validação da noção de *meritocracia* no país de origem, onde as desigualdades sociais tornam-se naturais e a busca pelo sucesso, material ou imaterial, é vista como algo que depende unicamente do indivíduo que emigra (Cardoso, 2015; Pires, 2012; Silva, 2017; Da Silva, 2018).

Como discutido a *nível societal*, a justificativa emigratória parece estar fundamentada na crítica ao Estado Brasileiro, sendo a visão de ausência de amparo social ratificadora da

legitimação da ascensão social vetorizada por meio meritocrático e individual no Brasil (Monnerat, Senna, Schottz, Magalhães & Burlandy, 2007). A ideia de *não desistir nunca*, explanada no Estudo 2, fundamenta esta lógica pautada na meritocracia, que faz com que os brasileiros legitimem as desigualdades sociais, criando estratégias que a fortaleçam (Simões, 2014) e busquem, assim, maior acesso aos recursos do capitalismo. Schröder e Lage (2014) ao dissertarem sobre o fato de que os brasileiros possuem um manejo cultural diferente dos alemães, ressaltam estas diferenças também na aquisição de recursos, ao pontuarem que a sociedade alemã possui maior intervenção e amparo estatal, o que minimizaria as desigualdades sociais.

Logo, defende-se que, embora a transição entre os dois países e culturas seja delimitada pela necessidade da busca de sucesso econômico e material, nota-se que o processo migratório dos brasileiros esbarra na impossibilidade de *mobilidade social*, especialmente, demarcada pela diferenciação entre as categorias e pela dimensão *afetiva* do pertencimento identitário. Ao diferenciar os brasileiros *alegres, amorosos e acolhedores*, qualificando o contato interpessoal e as relações sociais com os alemães como *engessadas* (Leihäuser & Weber, 2010), os brasileiros constatarem fatores negativos relacionados à dimensão *afetiva* deste grupo, o que, de certa forma, torna-se um ganho identitário por pertencer ao grupo brasileiro, frente à comparação social *Brasil vs. Alemanha*.

Com base nesta conjuntura, argumenta-se que, na tentativa de se possuir tanto um ganho material, como um ganho *afetivo* nas relações sociais, os processos identitários entre os brasileiros imigrantes entrevistados é sustentado por um sistema de referenciação identitária diferente, que transita entre os grupos sociais em termos de busca material e em termos afetivos (Macedo, 2016; Suda & Souza, 2006). Embora a migração pelo desejo de “bem-estar material”, e a fim de manter uma positivação em diversos contextos de comparação social, os brasileiros

resgatam aquilo que consideram como sendo ganho identitário dentro da comunidade, como as relações de amizade e a convivência com os compatriotas, em detrimento das relações *autoritárias, engessadas e metódicas*, que destacam no povo alemão.

Faz-se aqui uma analogia à tão sofrida partida de futebol entre Brasil e Alemanha no ano de 2014, em uma semifinal de Copa do Mundo, na qual o ganho alemão de 7 x 1 ainda marca a história de relação entre estes dois países. Paralelamente, é possível também traçar uma analogia com o experimento das matrizes de Henri Tajfel (1983), quando o mesmo demonstrou que os indivíduos participantes do estudo não objetivavam a simples busca por recompensas, mas sim a máxima diferenciação possível em favor do próprio grupo, também em uma relação opositiva de 7 x 1.

No experimento das matrizes de Tajfel (1983), os sujeitos possuíam a tarefa de atribuir valores ao seu grupo (*in-group*) e a outro grupo (*out-group*), considerando valores estipulados em uma matriz numérica. As estratégias possíveis nesta tarefa concebiam a alternativa de fornecer *lucro máximo comum* (de modo que todos os grupos pudessem receber, em dinheiro, a maior quantia numérica possível), *lucro máximo para os membros do próprio grupo* (no qual se favorecia o próprio grupo), *honestidade* (a partir da ideia do que seria melhor e mais justo a ambos os grupos) e *diferença máxima* a favor do próprio grupo (concebendo a abdicação das maiores vantagens possibilitadas pela alternativa anterior). Tajfel (1983) percebeu que, embora o lucro máximo tenha aparecido como relevante nos resultados encontrados, este não era tão importante para os sujeitos como a diferença máxima em favor do próprio grupo. Esta diferença máxima era ilustrada por uma matriz numérica, que concedia o valor 7 para o próprio grupo e o valor 1 para o outro grupo.

Neste sentido, a analogia que se faz refere-se ao fato de o brasileiro buscar um ganho identitário, ou seja, buscar relações que sejam favoráveis à sua posição de pertença social (conforme Figura 1⁴²). Importante ressaltar que esta máxima diferenciação do outro refere-se tanto aos brasileiros que vivem no Brasil, quanto aos alemães.

Na Figura 1, é possível observar o modo como o brasileiro imigrante em Berlim se esforça para manter a sua autoimagem social mais positiva. Nesta Figura, destacam-se o eixo *Materialismo* - que justificaria a migração a partir das representações ideológicas sobre a estruturação entre povos e países -, e o eixo das *relações sociais e afetivas*, dimensão mais importante da identidade. A ideia da busca *material verticalizada* (meritocrática, frente à hierarquia e às *desigualdades* sociais), vivenciada no território brasileiro, e a busca *material horizontalizada* (com amparo estatal, e maior *igualdade*), vivenciada no território alemão, compõem o eixo *Materialismo*. Em contrapartida, consideram-se no eixo das *Relações sociais e afetivas* os seguintes polos opostos: *relações sociais e afetivas frias*, demarcadas pelas características atribuídas aos alemães; e *relações sociais e afetivas quentes*, atribuídas aos brasileiros.

⁴²Os valores atribuídos na constituição dos eixos (7 x 1) não possuem qualquer fundamentação estatística, sendo apenas representativos de uma simbologia de diferenciação de status, conforme resultado da Copa do Mundo em 2014 e experimento realizado por Tajfel, na década de 1970.

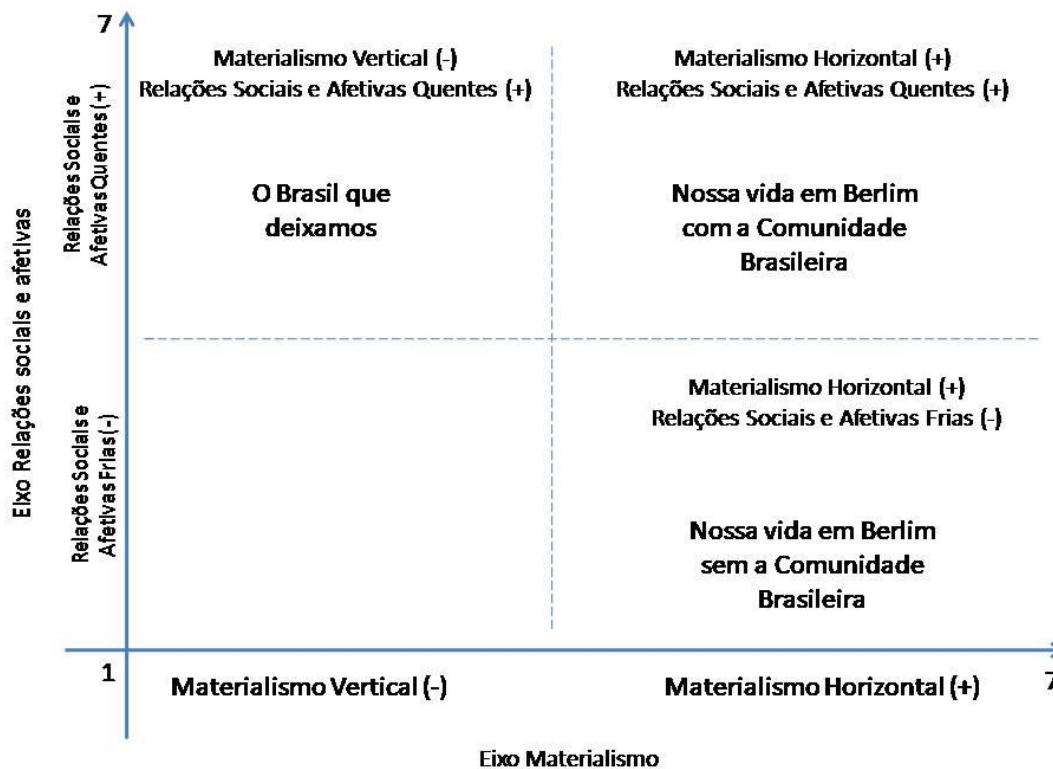


Figura 1. Esquema síntese do jogo identitário

O esquema síntese do jogo identitário (Figura 1) demonstra o sistema de referência gerenciado pelos brasileiros em Berlim a fim de constituir um ganho identitário na esfera dos recursos materiais e simbólicos e das relações sociais e afetivas, que, a partir dos dados dos estudos, integram a análise psicossocial da ação migratória.

No primeiro quadrante (superior esquerdo), “O Brasil que deixamos”, visualiza-se uma possibilidade do jogo identitário, ao se considerar o contexto do Brasil deixado pelos indivíduos. Neste quadrante, nota-se que o ganho material é avaliado pelos participantes como negativo no território de origem, em função da desigualdade, verticalização para ascensão social e ideia de meritocracia vivida no Brasil, embora se veja um ganho nas relações sociais e afetivas,

consideradas como *quentes*. Logo, neste primeiro contexto de visualização referente à dinâmica do Brasil que os imigrantes deixaram, se vê apenas o eixo de *relações sociais e afetivas* como sendo mais positivo, diante da comparação e diferenciação social, porém para o sucesso *material*, nota-se uma avaliação mais negativa, com uma composição 7 - 1, conforme metáfora anteriormente detalhada.

A demanda pela proteção social se mostra visível no quadrante inferior direito (“Nossa vida em Berlim sem a comunidade Brasileira”), o qual ilustra uma possibilidade da vivência migratória a partir da ideia que os participantes fornecem sobre as relações sociais com os *alemães*. Nesta situação, embora haja a crença de um ganho material possibilitado pela migração, há também uma perda afetiva, ao se considerar as *relações sociais e afetivas frias* no contexto *alemão*, sem a existência da comunidade brasileira (1 – 7).

Ao se iniciar pelo país de origem, observa-se esta busca em manter a autoimagem social positiva, quando os indivíduos avaliam a meritocracia como legítima frente às desigualdades sociais (Simões, 2014), panorama este que também refletiria a manutenção dos privilégios sociais em camadas específicas da sociedade. A atribuição estereotípica feita pelos brasileiros ao seu próprio grupo nacional parece afirmar a ideia de que as desigualdades sociais são frutos das diferenças individuais entre os sujeitos (Cardoso, 2015), imprimindo a lógica de que para que isto seja dirimido, o indivíduo deve buscar alternativas individualmente (Da Silva & Rocha, 2018). O fluxo migratório e o fluxo do capital se alinham nesta perspectiva, embora seja sabido que, a depender do contexto de comparação, os indivíduos continuam em posições sociais minoritárias. Em um contexto de comparação social com os indivíduos que não emigraram, talvez seja possível se alcançar uma posição social, em termos *materiais*, mais favorável. No entanto, a mesma se torna impossibilitada ao se comparar com os membros do país de destino e,

ainda, ao se pleitear o estabelecimento de relações sociais entre eles. Esta impossibilidade justificaria a necessidade de voltar-se para o grupo do país de origem em termos *afetivos*, condição esta já discutida e fortalecida também em função das práticas culturais simbólicas efetuadas - tendo em vista a saudade e o resgate de elementos que vinculem os indivíduos às suas origens culturais (Nascimento & Menando, 2005; Nascimento & Martins, 2009).

No quadrante superior direito, “Nossa vida em Berlim com a comunidade Brasileira”, observa-se a localização da *comunidade brasileira em Berlim*, no sentido da análise que se faz nesta tese. Nesta representação visual, verifica-se que a migração oportuniza, na avaliação dos participantes, um ganho *material*, uma vez que as diferenças econômicas são definidas a partir do fluxo do capital, que institui posição social mais favorável ao país de destino (Barbosa, 1996, 2014; Brzozowski, 2012; Fazito & Rios-Neto, 2008).

Com base nos dados apresentados nos estudos que compõe a presente tese, observa-se que no eixo das *relações sociais e afetivas*, os brasileiros avaliam, a *nível interpessoal*, a relação com os membros do grupo alemão como negativas, o que os redireciona para o fortalecimento das relações para dentro da comunidade brasileira. A fim de manter uma autoimagem social positiva também na *dimensão afetiva*, a configuração comunitária dos brasileiros passa a ter os contornos das mesmas relações sociais vivenciadas no Brasil e avaliadas como positivas por eles, para que se tenha também um ganho nas *relações sociais e afetivas* (com ganho 7 – 7).

Visualiza-se, neste caso, que embora as representações ideológicas produzidas socialmente regulem as posições sociais e as relações intergrupais (Doise, 1982), os brasileiros dentro da vivência comunitária criam estratégias para que haja continuidade dos elementos simbólicos da cultura brasileira e dos relacionamentos interpessoais entre compatriotas (Costa & Garcia, 2014). Pela transmissão intergeracional de significados salientes à configuração

identitária da comunidade (Estudos 1 e 3), observa-se, por exemplo, um esforço *cognitivo* e *afetivo* para que o grupo não se esmaça perante à comparação social (Tajfel, 1983).

Na dinâmica identitária no interior da comunidade opera uma projeção da continuidade do grupo verificada não apenas pelo empenho na transmissão intergeracional, mas também pelo esforço dos indivíduos em frear a comparação social, no sentido de referenciar suas relações sociais e afetivas dentro do espaço simbólico de vivência da brasilidade (Govrin, 2014; Williams et al., 2014). As ideias de Tajfel (1981, 1983) a respeito da identidade social indicam, assim como nos dados, que quanto maior for o *status* do grupo de relação na comparação social estabelecida, maior é também a necessidade dos membros de um grupo minoritário de se esforçarem para que o seu grupo de pertença se mantenha positivamente valorado.

O ganho *afetivo* aparece, portanto, em um contexto de possível *guetização*, no sentido psicológico, no qual os indivíduos, tendo em vista a hostilidade do contato com os membros do grupo de relação, constroem uma proteção social afetiva possibilitada na vivência comunitária (Borges & Martins, 2004, Silva, 2012). A diferenciação categorial que se apresenta neste contexto implica diferenciações em todas as dimensões identitárias (cognitiva, afetiva e valorativa) relacionando, portanto, ações individuais com as avaliações realizadas na relação a nível *intergrupar* e, de modo integrado, *societal* (Doise, 1985, 1989, 2002).

A posição social minoritária dos brasileiros em Berlim parece estabelecer um conflito identitário, uma vez que a estruturação social se impõe a partir daquilo que os imigrantes tinham como expectativa e a partir das relações sociais insatisfatórias que se estabeleceram no território de destino. Por esta razão, a configuração da comunidade como um espaço simbólico de reconstrução da brasilidade pode obedecer à necessidade de preservar o grupo, considerando a sua posição social perante a ideologia hegemônica vigente (Camino, 1996; Doise, 1993; Pereira,

Camino & Costa, 2005). Dessa forma, constitui-se a *comunidade brasileira em Berlim*, uma vez que a estruturação de sistemas de valores e crenças dominantes insere os imigrantes em um contexto de disputas de poder, travadas pela manutenção de hierarquias de ordem social pela sociedade local (Doise, 1985; Pereira, Camino & Costa, 2005), ao mesmo tempo em que oferece proteção social e afetiva.

Embora a crença na meritocracia e na possibilidade de ascensão dentre as categorias sociais (*mobilidade social*) possa ser o que mobiliza os indivíduos migrantes na ação de emigrar (Diniz, Souza, Carrieri & Barreto, 2013; Santos & Amâncio, 2014; Tajfel, 1983), observa-se que, no contexto analisado, os participantes se deparam com conflitos intergrupais em função das relações sociais *frias* e dos preconceitos enfrentados, ao chegar ao país de destino. Neste sentido, verifica-se que há um esforço do grupo brasileiro, para preservar sua continuidade, necessitando ressignificar os estereótipos de cunho negativo a ele atribuídos, e – redirecionando, portanto, o seu comportamento para uma possível ação de *mudança social*, pautada na coletividade (Bonomo & Souza, 2013; Tajfel, 1983).

A existência da *comunidade brasileira em Berlim* caracteriza-se por ser uma ação coletiva de um grupo nacional, em que, diante de uma situação de tensão social manifesta-se a crença de que não seja possível ascender dentre as categorias sociais, sendo impossibilitado o deslocamento para um grupo com *status* social superior (Prado, 2002; Tajfel, 1983). A criação de um espaço simbólico de vivência da brasilidade pode representar, neste contexto, uma tentativa de se evitar o contato intergrupais, o que, possivelmente, demonstra a crença em um *sistema inflexível* (Huayhua, 2007; Tajfel, 1983).

A existência do *sentido de comunidade* se relaciona ao contexto social enfrentado pelos brasileiros que os *força* a se posicionarem perante a diferenciação entre os grupos por meio da

criatividade social (Tajfel, 1984), especialmente, ao se conceber que os indivíduos realizam um esforço para se auto afirmarem positivamente (Nascimento & Souza, 2017). Portanto, assim como afirma Tajfel (1983), a estrutura de crenças dos brasileiros entrevistados pôde desenvolver-se criativamente em função dos conflitos diretos entre os grupos - condição esta que imprime nos indivíduos a necessidade de estruturar o seu meio social de maneira impenetrável (Tajfel, 1983).

Assim sendo, a partir do objetivo geral de se realizar uma análise dos processos identitários entre os brasileiros em Berlim, questão que orientou o desenvolvimento da presente tese, analisa-se que os participantes: (1) organizam-se de maneira comunitária a partir de práticas simbólicas que resgatam a brasilidade, configurando um esquema de relações dentro do próprio grupo para preservar e manter suas lembranças; (2) possuem a dimensão *afetiva* como saliente para a manutenção da pertença ao grupo social de origem, de maneira positiva, apesar de reconhecerem os *status* das diferentes posições sociais; e (3) reafirmam a memória intergrupala nas relações com seus filhos, os quais reproduzem algumas das estratégias buscadas por seus pais para a positivação da autoimagem social positiva do grupo de origem.

Diante desta configuração, analisa-se que os processos identitários entre os migrantes brasileiros em Berlim é vivenciado, inicialmente, devido a expectativas geradas por meio de *representações ideológicas* que regem o fluxo dos padrões e da desejabilidade social; reconfigurando-se, posteriormente, a partir da necessidade de proteção social que se faz saliente diante da impossibilidade de ascender dentre as categorias sociais. Dessa forma, o processo identitário entre os indivíduos fortalece-se na criatividade social que, por meio da *comunidade*, ressignifica os estereótipos que os posiciona em situação de minoria, possibilitando a redefinição de valores sociais, um status modificado e uma identidade social positiva.

Considerações Finais

Os estudos discutidos nesta tese permitiram elaborar uma análise a respeito do posicionamento dos indivíduos frente à categorização e à comparação entre os grupos, cujos processos podem fornecer elementos que justifiquem suas pertencas na dinâmica identitária (Tajfel, 1982, 1983). A análise apresentada oferece fundamentação para discussões a respeito do esforço do imigrante para constituir sua autoimagem social de maneira positiva. A relação intergrupala conflituosa mostra-se como pressuposto para que os indivíduos se voltem para o próprio grupo, de modo a buscar estratégias para proteção social ou identitária.

Entendendo que, dentre os pressupostos da teoria de Tajfel (1982, 1983), as demarcações identitárias são favorecidas a partir do levantamento das diferenças sociais, nos estudos realizados, estas diferenças são exploradas, especialmente, por se constatar o distanciamento entre *brasileiros e alemães*, em termos de relações sociais e afetivas. Logo, considerando que o contato intergrupo permite a quebra de barreiras do preconceito, acredita-se na necessidade de um rearranjo de políticas públicas e sociais para esta população no exterior, para que o conflito não seja ainda mais inflamado frente a situações de crise econômica, política e humanitária.

Em linhas gerais, compreende-se que a presente tese apresenta limitações no que se refere ao reduzido tempo em campo para coleta dos dados, o que implicou na necessidade de se adequar ao contexto realístico, diminuindo também o número de participantes. Além das limitações em campo, reconhecem-se as limitações da escolha pelo território específico da cidade de Berlim, que pode acabar por retratar uma realidade insuficiente frente à complexidade das relações entre *brasileiros e alemães*.

O presente trabalho pode fornecer contribuições à área de Psicologia ao possibilitar avanços teóricos no estudo das *identidades sociais*, tendo em vista a tarefa de análise, por exemplo, das dimensões que as constituem. O estudo da dinâmica identitária contribui para uma

discussão sobre o conjunto de ações sociais dos indivíduos migrantes e sobre o modo como são fundamentadas a partir das representações ideológicas que circulam na sociedade. Este trabalho pôde também contribuir para expansão a respeito dos conhecimentos que se possui em relação às comunidades de brasileiros no exterior, temática importante para o entendimento da vivência da *brasilidade* em diferentes contextos sociais.

Neste sentido, sugere-se a realização de novos estudos na área que enfatizem outros contextos nacionais nos quais se formam comunidades de brasileiros, compreendendo as relações sociais que se estabelecem e enfatizando o sistema de crenças vigente na estruturação social.

Referências Bibliográficas

- Abib, G., Hoppen, N., & Hayashi, P. (2013). Observação participante em estudos de administração da informação no Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, 53(6), 604-616.
- Abreu, R., & Dinola, S. (2017). Desafios da patrimonialização do imaterial no caso da prática performativa do "jongo". *ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 4(7), 33-48.
- Afonso, T., Silva, S. S. C., Pontes, F. A. R., & Koller, S. H. (2015). O uso do diário de campo na inserção ecológica em uma família de uma comunidade ribeirinha amazônica. *Psicologia & Sociedade*, 27(1), 131-141.
- Aguiar, P., Santana Júnior, C., & Bastos Filho, C. (2018). Aplicação de Algoritmos de Clusterização em uma Base de Dados de Reservas de Hotéis. *Revista De Engenharia e Pesquisa Aplicada*, 3(3), 01-10.
- Alfinito, S., & Corradi, A. A. (2011). Contato intergrupual: conflito realístico, privação relativa e equidade. In C. V. Torres, & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 262-286). Porto Alegre: Artmed.
- Almeida, A. M. O. (2009). Abordagem societal das representações sociais. *Sociedade e Estado*, 24(3), 713-737.
- Alves, M., & Dayrell, J. (2015). Transnacionalismo, juventude rural e a busca de reconhecimento. *Educação E Pesquisa*, 41(spe), 1455-1471.
- Amaral, R. (2003). Festas católicas brasileiras e os milagres do povo. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 3(1), 187-205.
- Amt für Statistik Berlin-Brandenburg (2016). [Statistischer Bericht Einwohnerinnen und Einwohner im Land Berlin am 30. Juni 2016](#). Abgerufen am 8. November 2016.

- Disponível em: <https://www.statistik-berlin-brandenburg.de/webapi/jsf/tableView/tableView.xhtml>. Acesso em 21 de abril de 2019.
- Anderson, B. (2008). *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Angrosino, M. (2009). *Etnografia e observação participante*. (Artmed Editora, Trad.). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Archela, R. S., Gratão, L. H., & Trostdorf, M. A. S. (2004). O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. *Geografia* 13(1),127-141.
- Arruda, A. (2009). Teoria das representações sociais e ciências sociais: trânsito e atravessamentos. *Sociedade e Estado*, 24(3), 739-766.
- Azevedo, E. (2017). Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos. *Sociologias*, 19(44), 276-307.
- Banco Mundial (2017). Banco Mundial lança relatório que analisa a eficiência e equidade do gasto público no Brasil. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2017/11/21/brazil-new-world-bank-report-analyzes-efficiency-equality-public-expenditure>. Acesso em 15 de abril de 2019.
- Bahia, J. (2014). Under the Berlim sky. Candomblé on German shores. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 11(2), 327-370.
- Barbosa, L. (2014). Meritocracia e sociedade brasileira. *Revista de Administração de Empresas*, 54(1), 80-85.
- Bardin, L. (2002). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Edições 70, Livraria Martins Fontes (Obra original publicada em 1977).

- Barros, A. R. (2019). *As raízes das desigualdades regionais no Brasil*. Rio de Janeiro: Alta Books.
- Batista, R. R., Ciscon-Evangelista, M. R., & Tesche, B. (2011). Brasileiros na Alemanha: um estudo da identidade social de imigrantes através de fóruns online. *Brazilian Cultural Studies*, 2(1), 70-85.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. C. A. Medeiros (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Blacking, J. (2007). Música, cultura e experiência. *Cadernos de Campo*, 1(16), 01-304.
- Brandão, C. R. (1984). *O que folclore*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Beaud, S., & Weber, F. (2007). *Guia para a pesquisa de campo. Como produzir e analisar dados etnográficos* (S. J. Almeida & H. C. Nardi, Trans.). Petrópolis: Vozes.
- Berlin Brandenburg Landsredaktion (2014). *Daten und Fakten*. Disponível em: https://www.berlin-brandenburg.de/daten-fakten/regionalmonitoring/index_rm.php. Acesso em 19 de julho de 2017.
- Bonomo, M. (2010). *Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário: campo de antinomias*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES. 468 f.
- Bonomo, M., & Souza, L. (2013). Representações hegemônicas e polêmicas no contexto identitário rural. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 31(2), 402-418.
- Bonomo, M., Souza, L., Melotti, G., & Palmonari, A. (2013). Princípios organizadores das representações de rural e cidade. *Revista Sociedade e Estado*, 28(1), 91-118.

- Bonomo, M., Cardoso, G. K. A., Faria, J. M. G., Brasil, J. A., & Souza, L. (2017). Os eternos estrangeiros: contato, campo afetivo e representações sociais de ciganos entre não ciganos da grande Vitória/ES. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 12(3), 01-19.
- Bonomo, M., Melotti, G., & Pivetti, M. (2017). Representações Sociais de Mulher Cigana entre População Não-Cigana Brasileira e Italiana: Ancoragem Psicológica e Social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33(1), 01-10.
- Borges, H., & Martins, A. (2004). Migração e sofrimento psíquico do trabalhador da construção civil: uma leitura psicanalítica. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 14(1), 129-146.
- Braune, R., & Franco, S. C. (2017). *O que é gastronomia*. Tatuapé: editora brasiliense.
- Brown, R. (1978). Divided we fall: an analysis of relations between sections of a factory workforce. In H. Tajfel (Ed.), *Differentiation between social groups* (pp. 395-429). London: Academic Press Inc.
- Buscariolli, B., Carneiro, A. T., & Santos, E. (2016). Artistas de rua: trabalhadores ou pedintes?. *Cadernos MetrÓpole*, 18(37), 879-898.
- Brzozowski, J. (2012). Migração internacional e desenvolvimento econômico. *Estudos Avançados*, 26(75), 137-156.
- Burton, L. M., Garrett-Peters, R., & Eason, J. M. (2011). Morality, identity, and mental health in rural ghettos. *Social Disparities in Health and Health Care*, 1(1), 91-110.
- Buzan, T. (2005). *Mapas mentais e sua elaboração: um sistema definitivo de pensamento que transformará a sua vida* (L. E. Calloni & C. M. Wosgrau, Trads.). São Paulo: Cultrix.
- Caetano, J. E. B., Missio, E. J., & Deffacci, F. A. (2017). Fronteira, música e identidade cultural. *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 3(ed especial), artigo 519.

- Camino, L. (1996). Uma abordagem psicossociológica no estudo do comportamento político. *Psicologia e Sociedade*, 8(01), 16-42.
- Capitão, C. G., & Heloani, J. R. (2007). A identidade como grupo, o grupo como identidade. *Aletheia*, 1(26), 50-61.
- Caprara, A., & Landim, L.P. (2008). Ethnography: its uses, potentials and limits within health research. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 12(25), 363-76.
- Cárdenas, M., Páez, D., Rimé, B., Bilbao, A., & Asún, D. (2014). Personal emotions, emotional climate, social sharing, beliefs, and values among people affected and unaffected by past political violence. *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, 20(4), 452-464.
- Cardoso, C. (2015). Meritocracia e acesso ao ensino superior no Brasil e na França : faces da desigualdade? Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. 131f.
- Carlos, S. A. (2013). O processo grupal. In M. N. Strey et al. (Orgs.), *Psicologia social contemporânea: livro-texto* (pp. 199-206). Petrópolis: Vozes.
- Castro, T. G., Abs, D., & Castellá Sarriera, J. (2011). Análise de conteúdo em pesquisas de Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(4), 814-825.
- Castellá Sarriera, J., Pizzinato, J. A. O., & Meneses, Aspectos psicossociais da imigração familiar na Grande Porto Alegre (2005) Jorge Adolfo Pontifícia, María Piedad Rangel Meneses - Estudos de Psicologia 2005, 10(1), 5-13.
- Castells, M. (2018). *O poder da identidade. A Era da informação: economia, sociedade e cultura*. (Volume II). São Paulo: Paz e Terra.
- Cavenaghi, A., & Siqueira Bueno, M., & Nascimento Corrêa, R. (2012). Festa e Turismo: Por uma Relação Possível. *Rosa dos Ventos*, 4 (4), 587-598.

- Chiu, C., & Hong, Y. (2006). *Social Psychology of Culture*. New York: Routledge.
- Christophe, V., & Rimé, B. (1997). Exposure to the social sharing of emotion: Emotional impact, listener responses and secondary social sharing. *European Journal of Social Psychology*, 27(1), 37–54.
- Coelho Neto, E., & de Freitas Boulhosa, R. (2013). Comunicação, comida e território: a capacidade distintiva da gastronomia na reputação de cidades brasileiras. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, 20 (2), 521-539.
- Coli, J. (2014). Fabricação e promoção da brasilidade: arte e questões nacionais. *Perspective [En línea]*, 2(sem número), (sem paginação). Recuperado em 13 de junho de 2016 de: <http://perspective.revues.org/5541>.
- Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde*. Dispõe das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 12 de dezembro de 2012. Recuperado em 29 de outubro de 2015 de: <http://conselho.saude.gov.br/aliany/2012/Reso466.pdf>
- Contreras, J., & Gracia, M. (2011). *Alimentação, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Corrêa, R. S. (2016). *A construção da brasilidade: uma análise cultural midiática do programa “Esquenta” - TV Globo*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.
- Costa, W. S. (2009). *Na procura do país irmão, o encontro com o primo distante: significados atribuídos à experiência de imigração por mulheres brasileiras no Distrito do Porto*. Tese de Doutorado, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

- Costa, S. (2014). O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. *Sociedade e Estado*, 29(3), 823-839.
- Costa, M. H. B. (2016). Paisagens urbanas e lugares utópicos no cinema brasileiro. XIV Coloquio Internacional de Geocrítica Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro Barcelona, 2-7 de mayo de 2016.
- Costa, I. F. S., Silva, R. S. G., Silva, R. C. R., & Magalhães, A. L. (2018). Planejamento e Organização de Eventos - estudo de caso da festa de São João de Queluz/SP. *Revista H-Tec Humanidades e Tecnologia*, 2(2), 06-25.
- Coutinho, M. P. L., & Oliveira, M. X. (2010). Tendências comportamentais frente à saúde de imigrantes brasileiros em Portugal. *Psicologia & Sociedade*, 22(3), 548-557.
- Coutinho, S. M. S., Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S., & Menandro, P. (2015). Sonoridades da vida conjugal registradas em versos de canções brasileiras produzidas entre 1940 e 1960. *Estudos de Psicologia*, 32 (3), 461-473.
- Cuche, D. (2002). A noção de cultura nas Ciências Sociais. Bauru: EDUSC.
- Cruz, A. C. D., & Arruda, A. (2008). Por um estudo do ausente: a ausência como objetivação da alteridade em mapas mentais do Brasil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8(3), 789-806.
- Cruz, A. C. D., Aragão, C. O. M., Gonçalves, L. P. V., & Arruda, A. (2011). Construindo uma história brasileira: o passado do Brasil para universitários brasileiros. *Temas em Psicologia*, 19(1), 149-161.
- DaMatta, R. (2013). Recordações de como me deparei com e tentei compreender o espaço por meio de uma sociologia. *Tempo Social*, 25(2), 35-48.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para psicologia*. Porto Alegre: Artmed.

- Darieva, T. (2005). *Russkij Berlin. Migranten und Medien in Berlin und London*. Münster: Lit Verlag Münster.
- Da Silva, P. K., & Rocha, A. A. (2018). Meta-representação: um olhar sobre a sociedade meritocrática na série Black Mirror. *Revista Unifamma*, 17(2), 1-17.
- De Alba, M. (2010). Sentido del lugar y memoria urbana: envejecer en el Centro Histórico de la Ciudad de México. *Alteridades*, 20(39), 41-55.
- De Lima Perdigão, J., & Maranhão de Souza Leão, A. (2015). Dos costumes ao espetáculo: a transformação da festa junina campinense em “o maior São João do mundo”. *Caderno Virtual de Turismo*, 15 (1), 52-68.
- Departamento de Estatística de Berlin - *Statistik Berlin-Brandenburg*. (2015). Disponível em: <https://www.statistik-berlin-brandenburg.de/statistiken/inhalt-statistiken.asp>. Acesso em 18 de julho de 2017.
- Deschamps, J. C. (1984). The social psychology of intergroup relations and categorical differentiation. In H. Tajfel (Ed.), *The social dimension* (pp. 541-560). Cambridge: Cambridge University Press.
- Deschamps, J. C., & Lemaine, G. (2004). Je ne suis pas raciste, mais...racisme masqué dans les pays de l'Union Européenne. *Psychologie & Société*, 7, 139-170.
- Diniz, A. P. R., Souza, M. M. P., Carrieri, A. P., & Barreto, R. O. (2013). Ser garçom não é somente carregar bandeja: estratégias discursivo-identitárias de garçons. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 695-705.
- Doise, W. (1976). *L'articulation psychosociologique et les relations entre groups*. Bruxelas: De Boeck.
- Doise, W. (1982). *L'explication en psychologie sociale*. Paris: PUF.

- Doise, W. (1985). Las relaciones entre grupos. In S. Moscovici (Ed.), *Psicologia social I*. D. Rosenbaum (Trad.). Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Doise, W. (1986). *Levels of explanation in social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Doise, W. (1989). *Groups and individuals: explanations in social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Doise, W. (1993). Debating social representations. In G. M. Breakwell, & D. V. Canter (Eds.), *Empirical Approaches to Social Representations* (pp. 157-170). Oxford: Clarendon Press.
- Doise, W. (2002). Da Psicologia Social à Psicologia Societal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 27-35.
- Doll, J. (1999). Satisfação de vida entre homens e mulheres idosos no Brasil e na Alemanha. *Cadernos Pagu*, 1(13), 109-159.
- Dufour, F. G., & Forcier, M. (2015). Immigration, néoconservatisme et néolibéralisme après la crise de 2008: le nouveau régime de citoyenneté canadien à la lumière des trajectoires européennes. *Revue Interventions Economiques*, 52(1), 01-20.
- Duprez, C., Christophe, V., Rimé, B., Congrad, A., & Antoine, P. (2014). Motives for the social sharing of an emotional experience. *Journal of Social and Personal Relationships*, 1, 1-31.
- Enciclopédia Britânica (2016). Berlin Wall. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Berlin-Wall>. Acesso em 22 de abril de 2019.
- Engel, H. (1993). Die Denkmäler- und Landschaftslandschaft der Mitte Berlins. In Helmut, Engel & Wolfgang, Ribbe (Orgs). *Hauptstadt Berlin – Wohin mit der Mitte?*. (pp. 81-87). Berlin: Akademia Verlag GmbH.

- Farias, E. (2005). Faces de uma festa-espetáculo: redes e diversidades na montagem do ciclo junino em Caruaru. *Sociedade e Cultura*, 8 (1), 7-28.
- Fazito, D., & Rios-Neto, E. L. G. (2008). Emigração internacional de brasileiros para os Estados Unidos: as redes sociais e o papel de intermediação nos deslocamentos exercido pelas agências de turismo. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 25(2), 305-323.
- Ferro, A. R. (2018). Viver em Little Portugal: discursos sobre identidade entre emigrantes portugueses residentes em Londres. *Observatório de Emigração*, 4(1), 01-20.
- Fehlberg, J., & Menandro, P. R. M. (2011). Terra, família e trabalho entre descendentes de pomeranos no Espírito Santo. *Barbaroi*, (34), 80-100.
- Field, A. (2009). Descobrimo a estatística usando o SPSS. Porto Alegre: Artmed.
- Fino, P., & Queiroz, O. (2017). O uso dos estereótipos turísticos durante o regime militar brasileiro. *Dos Algarves: a multidisciplinary e-Journal*, 30, 97-111.
- Fiske, S. T., & Taylor, S. E. (2013). *Social cognition: from brains to culture*. London: Sage Publications.
- Flach, L. (2012). O jeitinho brasileiro: analisando suas características e influências nas práticas organizacionais. *Revista Gestão & Planejamento*, 12(3), 499-514.
- Flores, N. M., & Gomes, I. M. A. (2017). Os espaços do Eu e do Outro: a tematização da desigualdade social no documentário brasileiro “Um lugar ao sol”. *Revista Digital de Cinema Documentário*, 1(21), 114-132.
- François, E. (2010). As novas relações entre memória e História após a queda do Muro de Berlim. *Revista Memória em Rede*, 2(2), 01-13.

- Galinha, I. C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II - Estudo psicométrico. *Análise Psicológica*, 23(2), 219-227.
- Garcia, R. A. (2013). Estimativas dos emigrantes internacionais do Brasil entre 1995 e 2000: uma aplicação do método das razões intercensitárias de sobrevivência. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 30(1), 99-123.
- Gil, C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (5ª Ed.). São Paulo: Atlas.
- Gill, N. (2010). Pathologies of migrant place-making: the case of Polish migrants to the UK. *Environment and Planning*, 42(5), 1157 – 1173.
- Gomes, M. A., & Lemos, R. L. (2014). O papel da música na construção da identidade. *Intersemiose*, 3(5), 199-209.
- Gomes, D. C., Moraes, A. F. G., & Helal, H. (2015). Faces da cultura e do jeitinho brasileiro: uma análise dos filmes o auto da compadecida e saneamento básico. *Holos*, 31(6), 502-519.
- Gondar, J. O. (2016). Cinco proposições sobre memória social. *Morpheus (UNIRIO. Online)*, 9(1), 19-40.
- Gondim, S. M. G., Techio, E. M., Paranhos, J., Moreira, T., Brantes, C., Bonifácio Sobrinho, J., & Santana, V. (2013). Imigração e Trabalho: Um estudo sobre identidade social, emoções e discriminação contra estrangeiros. *Psicologia em Pesquisa*, 7(2), 151-163.
- Gondim, S. M. G., & Bendassoli, P. F. (2014). Uma crítica da utilização da Análise de Conteúdo qualitativa em Psicologia. *Psicologia em Estudo*, 19(2), 191-199.
- Govrin, A. (2014). From ethics of care to psychology of care: reconnecting ethics of care to contemporary moral psychology. *Front Psychology*, 1(5), 1-26.

- Gruner-Domić, S. (2005). *Latinas in Deutschland. Eine ethnologische Studie zu Migration, Fremdheit und Identität*. Münster: Waxmann Verlag GmbH.
- Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 201-210.
- Guareschi, P. A., Roso, A., & Amon, D. (2016). A atualidade das teorias críticas e a revitalização da categoria analítica “ideologia” na Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 552-561.
- Haddad, S., & Siqueira, F. (2015). Analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil. *Revista Brasileira de Alfabetização*, 2(1), 88-110.
- Hibarino, D. A., & Kawachi, G. J. (2014). Trânsitos, afirmações e negações sobre a identidade japonesa no Brasil. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 53(2), 299-319.
- Hogg, M. A., & Abrams, D. (1998). *Social identifications*. London: Routledge.
- Hogg, M. A. (2013). Intergroup relations. In J. DeLamter, & A. Ward (Eds.), *Handbooks of sociology and social research* (pp. 533-561). Dordrecht: Springer NetherlandsSpringer Netherlands
- Holanda, S. B. (1995) *Raízes do Brasil*. (20ª Ed.). Local: Editora.
- Huayhua, G. L. (2007). *Primeira e segunda geração de jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos em São Paulo: um estudo psicossocial de identidade e aculturação*. Doutorado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- International Organization for Migration. (2011). *Migration and the economics crisis in the European Union: Implications for Policy*. Regional Mission to Belgium, Luxembourg.
- Recuperado em 28 de outubro de 2014 de http://publications.iom.int/bookstore/free/Migration_and_the_Economic_Crisis.pdf

- Jaime Junior, P. (2003). Pesquisa em organizações: por uma abordagem etnográfica. *Civitas*, 3(2), 435-456.
- Jodelet, D. (2013). Les inscriptions spatiales des conflits de mémoire. *Psicologia e Saber Social*, 2(1), 05-16.
- Khan, S. (2016). As cores da investigação em Portugal: África, identidade e memória. *Configurações – Revista de Sociologia*, 17(1), 43-56.
- Krumm, A. J., & Corning, A. F. (2008). Who believes us when we try to conceal our prejudices? The effectiveness of moral credentials with in-groups versus out-groups. *The Journal Of Social Psychology*, 148(6), 689-709.
- Lane, S. T. M. (2006). *O que é Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Lanz, S. (2013). The perpetual act of becoming a True Metropolis. In Bernt, Matthias; Grell, Britta; & Holm, Andrej (Eds.). *The Berlin reader. A compendium on urban change and activism*. (pp. 207-222). Bielefeld: Verlag Bielefeld.
- Lebart, L., Morineau, A., Bécue, M., & Haeusler, L. (1994). *SPAD-T - Manuel de l'utilisateur*. Saint-Mondé, France: Cisia - Centre International de statistique et d'informatique appliquées.
- Lemos, I. L., Gouveia, R. C., & Alves, L. R. G. (2014). As representações sociais de violência dos usuários de jogos eletrônicos. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 7(2), 199-207.
- Lemos, M. J. C. (2017). *Desenvolvimento de competências socioculturais na aula de língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Nova de Lisboa.

- Leihäuser, T., & Weber, S. (2010). Ética, moral e política na visão de professores brasileiros e alemães. *Estudos de Sociologia*, 1(16), 87-108.
- Leite, C. M. C (2012). *O lugar e construção da identidade: os significados construídos por professores de geografia do ensino fundamental*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação. 222 f.
- Leite, E. L., Ferreira, A. S. S., Batista, J. R. M., Estramiana, J. L. A., & Torres, A. R. R. (2018). Nacionalismo, Patriotismo e Essencialismo na Construção da Identidade Nacional Brasileira. *Trends in Psychology*, 26(4), 2063-2075.
- Lemos, M. J. C. (2017). Desenvolvimento de competências socioculturais na aula de língua estrangeira. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Nova de Lisboa.
- Lidola, M. (2011). Appropriating "die Brazilianerin". Negotiating belonging and unbelonging in everyday practice in Berlin. *Zeitschrift für Ethnologie*, 136(2), 379-400.
- Lidola, M. (2014). Negotiating integration in Berlin's waxing studios: Brazilian migrants' gendered appropriation of urban consumer spaces and 'ethnic' entrepreneurship. *Journal of Contemporary History*, 49(1), 228-251.
- Lima, M. E. O., Torres, A. R. R., & Techio, E. M. (2016). Introdução. In M. E. O. Lima, A. R. R. Torres, & E. M. Techio (Eds.), *Identidade nacional e representações do Brasil: Abordagens integrativas* (pp. 21-26). São Paulo, SP: Scortecci.
- Lisiak, A., & Nowicka, M. (2017). Tacit differences, ethnicity and neoliberalism: Polish migrant mothers in German cities. *Gender, Place & Culture*, 25(6), 899-915.
- Macedo, I. (2016). Os jovens e o cinema português: a (des) colonização do imaginário? *Comunicação e Sociedade*, 29(271), 1-18.

- Machado, I. J. R. (2015). Brasileiros no exterior e cidadania (1980-2005). *Tomo, 1*(26), 211-245.
- Maciel, N., & Ventura, T. (2017). O Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados: a evolução das bases socioeconômicas e territoriais (1994-2014). *Opinião Pública, 23*(1), 96-125.
- Magnani, J. G. C.. (2005). Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social, 17*(2), 173-205.
- Malfitano, A. P. S. (2011). Experiências de pesquisa: entre escolhas metodológicas e percursos individuais. *Saúde e Sociedade, 20*(2), 314-324.
- Marques, C. B. C., & Domingues, E. (2014). A identidade nacional brasileira em teses e dissertações: uma revisão bibliográfica. *Revista Psicologia Política, 14*(31), 465-480.
- Martins, L. M.; Rabatini, V. G. (2011). A concepção de cultura em Vigotski: contribuições para a educação escolar. *Revista Psicologia Política, 11*(22), 345-358.
- Mazza, D. (2015). O direito humano à mobilidade: dois textos e dois contextos. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 23*(44), 237-257.
- Medina Filho, A. L. (2013). Importância das imagens na metodologia de pesquisa em psicologia social. *Psicologia & Sociedade, 25*(2), 263-271.
- Menegazzo, E. (2008). Eleições Brasileiras na Alemanha: limites da comunicação e da prática política transnacional. *Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu, MG, Brasil.*
- Mezzadra, S. (2015). Multiplicação das fronteiras e das práticas de mobilidade. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 23*(44), 11-30.
- Minayo, M. C. S., & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública, 9*(3), 239-262.

Minayo, M. C. S. (2006). *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. (8ª Ed.). São Paulo: Hucitec-Abrasco.

Ministério das Relações Exteriores. (2011). *Brasileiros no Mundo – Estimativas*. Recuperado em 26 de outubro de 2015 de: <http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/BRMundo/pt-br/file/Brasileiros%20no%20Mundo%202011%20-%20Estimativas%20-%20Terceira%20Edi%C3%A7%C3%A3o%20-%20v2.pdf>.

Ministério das Relações Exteriores (2014). *Estimativas das comunidades brasileiras no mundo*. Recuperado em 26 de outubro de 2015 de: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/estimativas-populacionais-brasileiras-mundo-2014/Estimativas-RCN2014.pdf>.

Ministério das Relações Exteriores (2016). *Estimativas das comunidades brasileiras no mundo*. Recuperado em 07 de abril de 2019 de: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/Estimativas%20RCN%202015%20-%20Atualizado.pdf>

Mira, M. C. (2017). Do recalque ao realce: o enegrecimento da cultura popular brasileira e o jogo político das identidades. *Revista Pós Ciências Sociais*, 14 (28), 19-40.

Miranda, J. (2009). *Mulheres imigrantes em Portugal: memórias, dificuldades de integração e projectos de vida*. Lisboa: Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural.

Monnerat, G. L., Senna, M. C. M., Schottz, V., Magalhães, R., & Burlandy L. (2007). Do direito incondicional à condicionalidade do direito: as contrapartidas do Programa Bolsa Família. *Ciência e Saúde Coletiva*, 12(6), 1453-1462.

- Moreira, A. P. G., & Guzzo, R. S. L. (2014). O psicólogo na escola: um trabalho invisível? *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 7(1), 42-52.
- Moscovici, S. (2011). *A Psicologia das minorias ativas*. Grupo de leitura “Ideologia, Comunicação e Representações Sociais”. Petrópolis: Vozes.
- Motta, F. C. P., & Alcadipani, R. (1999). Jeitinho brasileiro, controle social e competição. *Revista de Administração de Empresas*, 39(1), 6-12.
- Müller, B. (1996). *Ausländer im Osten Deutschlands. Das Biespiel Rostock*. Köln: ISP.
- Nagamine, R. V. K., & Barbosa, O. A. (2017) Homossexualidade, religião e direitos: a controvérsia sobre o Estatuto da Família no Brasil. *Sociedade e Cultura*, 20(2), 214-239.
- Nascimento, A. R., & Menandro, P. R. (2005). Memória social e saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 8, 5-19.
- Nascimento, T. G., & Souza, L. C. (2017). Escala Trifatorial da Identidade Social (ETIS): Evidências de sua Adequação Psicométrica. *Psico-USF*, 22 (2), 217-234.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2004). Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. *Psicologia: Teoria & Pesquisa*, 20(2), 165-174.
- Norenzayan, A., & Atran, S. (2004). Cognitive and emotional processes in the cultural transmission of natural and nonnatural beliefs. In M. Schaller, & C. S. Crandall (Eds.), *The Psychological Foundations of Culture* (pp. 149-170). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Nowicka, M., & Cieslik, A. (2014). Beyond methodological nationalism in insider research with migrants. *Migration studies*, 2(1), 01-15.

- Nowicka, M. (2014). Erfolgsnarrationen polnischer MigrantInnen in Großbritannien oder: Wie Scheitern unsichtbar wird. In J. René, & L. Antonia (Eds.), *Scheitern – Ein Desiderat der Moderne?* (pp. 143-165). Wiesbaden: Springer.
- Nowicka, M., & Ryan, L. (2015). Beyond insiders and outsiders in migration research: rejecting a priori commonalities. Introduction to the fqs thematic section on "researcher, migrant, woman: methodological implications of multiple positionalities in migration studies". *Forum Qualitative Sozialforschung*, 16(2), 01-18.
- Nowicka, M. (2017): "I don't mean to sound racist but ..." Transforming racism in transnational Europe, *Ethnic and Racial Studies*. *Ethnic and Racial Studies*, 41(5), 824-841.
- Oliveira, J. P., & Leal, L. A. P. (2009). *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil*. Salvador : EDUFBA.
- Oliveira D. C. (2013). Construção e transformação das representações sociais da aids e implicações para os cuidados de saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 01-10.
- Outten, H. R., Lee, T., Costa-Lopes, R., Schmitt, M. T., & Vala, J. (2018). Majority Group Members' Negative Reactions to Future Demographic Shifts Depend on the Perceived Legitimacy of Their Status: Findings from the United States and Portugal. *Frontiers in Psychology*, 9(79), 01-15.
- Patarra, N. L. (2006). Migrações Internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estudos Avançados*, 20(57), 07 – 24.
- Pellerano, J. (2016). Gastronomia É Cultura? Entendendo a proposta de incluir a Gastronomia na Lei Rouanet, no Brasil, por meio da Análise do Discurso. *Razón y Palabra*, 20 (94), 307-318.

- Peixoto, J. (2007). Tráfico, contrabando e imigração irregular: os novos contornos da imigração brasileira em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 1(53), 71-90.
- Pereira, C. R., & Camino, L. (2003). Representações sociais, envolvimento nos Direitos Humanos e ideologia política em estudantes universitários de João Pessoa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 447-460.
- Pereira, C., Torres, A. R. R., & Almeida, S. T. (2003). Um Estudo do Preconceito na Perspectiva das Representações Sociais: Análise da Influência de um Discurso Justificador da Discriminação no Preconceito Racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 95-107.
- Pereira, C., Camino, L., & Costa, J. B. (2005). Um estudo sobre a integração dos níveis de análise dos sistemas de valores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 16-25.
- Pereira, C. R., Sindic, D., & Camino, L. (2013). Metodologia de pesquisa em Psicologia Social. In L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.), *Psicologia Social: Temas e Teorias* (pp.109-186). Brasília: TechnoPolitik Editora.
- Pereira, I. F. S., Spyrides, M H. C., & Andrade, L. M. B. (2016). Estudo nutricional de idosos no Brasil: uma abordagem múltipla. *Cadernos de Saúde Pública*, 32(5),178-814.
- Piana, M. C. (2009). *A construção do perfil do assistente social no cenário educacional*. São Paulo: Editora UNESP.
- Pinheiro Machado, R. (2009). *Made in China: produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- Pires, A. F. (2012). Responsabilidade do estado no combate à corrupção. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 97f.

- Piscitelli, A. (2007). Brasileira na indústria transnacional do sexo. *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*. Recuperado em 20 de janeiro de 2016 de: <http://nuevomundo.revues.org/3744>.
- Prado, M. A. M. (2002). Da mobilidade social à constituição da identidade política: reflexões em torno dos aspectos psicossociais das ações coletivas. *Psicologia em Revista*, 8(11), 59-71.
- Prado, A. M. (2016). O jeitinho brasileiro: uma revisão bibliográfica. *Horizonte Científico*, 10(1), 01-22.
- Prandi, R. (2000). De africano à afro-brasileiro: etnia, identidade e religião. *REVISTA USP*, São Paulo, n.46, p. 52-65.
- Prezza, M., & Pacilli, M. G. (2002). Il senso di comunità. In M. Prezza, & M. Santinello (Orgs.), *Conoscere la comunità: l'analisi degli ambienti di vita quotidiana* (pp. 161-192). Bologna: Mulino.
- Putnan, R. D. (2006). *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Luiz Alberto Monjardim (Trad.). Rio de Janeiro: Editora FVG.
- Ramos, N. (2009). Saúde, migração e direitos humanos. *Mudanças: Psicologia da Saúde*, 17(1), 01-11.
- Ramos, N. (2014). Migração, tráfico de pessoas e trabalho doméstico. *Revista de Políticas Públicas*, 18(2), 425-438.
- Reis, D. P., & Puente-Palacios, K. E. (2016). Identidade com equipes de trabalho: Teoria e medida. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 21(2), 167-178.
- Ribeiro, M. S. (2013). Por uma biografia das coisas: a vida social da marca Havaianas e a invenção da brasilidade. *Etnográfica*, 17(2), 341-367.
- Ribeiro, D. (2015). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (3ª Ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

- Ribeiro, C. A. C. (2016). A política migratória estadunidense para jovens e crianças latino-americanas. *Revista Direitos, Trabalho e Política Social*, 2(2), 43-68.
- Rozenfeld, C., & Viana, N. (2011). Desestranhamento em relação ao alemão na aprendizagem do idioma: um processo de aproximação ao "outro" sob a perspectiva da competência intercultural. *Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germanísticos*, 17(1), 259 - 288.
- Rudmin, F. W. (2003). Critical history of the acculturation psychology of assimilation, separation, integration, and marginalization. *Review of General Psychology*, 7(1), 03-37.
- Rui, T. (2014). Usos da “Luz” e da “cracolândia”: etnografia de práticas espaciais. *Saúde e Sociedade*, 23(1), 91-104.
- Sá, C. P. (2007). Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 290-295.
- Sacramento, O., & Ribeiro, F. B. (2013). Trópicos sensuais: a construção do Brasil como geografia desejada. *Revista Bagoas*, 7(10), 215-232.
- Salatini, R. (2010). A discriminação negativa: cidadãos ou autóctones? *Sociedade e Estado*, 25(3), 603-607.
- Santana, J. D. (2012). Língua, cultura e identidade: a língua portuguesa como espaço simbólico de identificação no documentário: Língua - vidas em português. Língua - vidas em português. *Linha D'Água*, 25(1), 47-66.
- Santos, M. H., & Amâncio, L. (2014). Percepção de justiça, discriminação e sexismo. *Psicologia*, 28(1), 63-76.

- Santos, L. A. (2017). *Quadrilha junina e políticas culturais: aspectos históricos e simbólicos para a manutenção de uma manifestação cultural brasileira*. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Produção e Política Cultural. Universidade Federal do Pampa.
- Sawaia, B. (1999). *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes.
- Scott, P. (2010). Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade. *Sociedade e Estado*, 25(2), 251-284.
- Schöder, U. A., & Lage, C. V. (2014). Estratégias de polidez em momentos de dissensão: análise de uma interação entre estudantes brasileiros e alemães. *Revista de Estudos Linguísticos*, 22(1), 153-179.
- Schneider, J. (2004). Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações sobre a etnografia da identidade nacional. *Mana*, 10(1), 97-129.
- Schuler, F. M. G., & Dias, C. M. S. B. (2014). Entre o sonho e a realidade: migração de brasileiras para a Suíça. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(2), 25-31.
- Sene, L. S. (2017). *Objetivos e materialidade do ensino de português como língua de acolhimento: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada. Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Universidade de Brasília.
- Seyferth, G. (2002). Estudo sobre reelaboração e segmentação da identidade étnica. *Cadernos Ceru*, 2(13), 09-36.
- Shaw, L. (2011). Afro-Brazilian popular culture in Paris in 1922: Transatlantic dialogues and the racialized performance of Brazilian national identity. *Atlantic Studies*, 8(4), 393-409.

- Silva, S. (2012). Bolivianos em São Paulo: dinâmica cultural e processos identitários. In R. Baeninger (Org.). *Imigração boliviana no Brasil*. (pp. 19-34). Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp.
- Silva, C. F. (2016). A contribuição da cultura afrodescendente para o samba como parte da identidade musical brasileira. *Vozes, Pretérito & Devir*, 6(3). Dossiê Temático: História, África e Africanidades.
- Silva, A. M. C., Piedade, A. F., Morgado, M., & Arau Ribeiro, M. C. (2016). *Mediação intercultural e território. Entre Iguais e Diferentes: a Mediação Intercultural*. Atas das I Jornadas da Rede de Ensino Superior para a Mediação Intercultural Alto Comissariado para as Migrações, I.P.
- Silva, M. (2017). Cotas raciais na universidade brasileira e a ideologia da meritocracia *Revista Diálogo Educacional*, 17(54), 1207-1221.
- Silveira, E. S. (2007). História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. *MÉTIS: história & cultura*, 6(12), 35-44.
- Siqueira, S. (2007). O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos - Debates*, Recuperado em 27 de maio de 2016 de: <https://nuevomundo.revues.org/5973?lang=es#text>.
- Soares, W., & Rodrigues, R. N. (2005). Redes sociais e conexões prováveis entre migrações: internas e emigração internacional de brasileiros. *São Paulo em Perspectiva*, 19(3), 64-76.
- Souza, D., & Gil, A. (2015). A Importância da Identidade Regional na Configuração de Clusters Turísticos. *Revista Turismo em Análise*, 26(2), 475-492.

- Souza, M. C. F., & Ferreira, G. N. (2016). Análise do conceito de “jeitinho brasileiro” como mecanismo de proveito e suas desvantagens sociais. *Revista Saberes Universitários*, 1(2), 47-64.
- Speltini, G., & Palmonari, A. (1999). *I gruppi sociali*. Bologna: Il Mulino.
- Spink, M. J. (2007). Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 7-14.
- Suda, J. R.; Souza, L. (2006). Identidade social em movimento: a comunidade japonesa na Grande Vitória (ES). *Psicologia & Sociedade*, 18(2), 72-80.
- Tajfel, H. (1972). La catégorisation sociale. In S. Moscovici (Ed.), *Introduction à 276a Psychologie Sociale* (Vol. I) (pp. 272-302). Paris: Larousse Université.
- Tajfel, H. (1978). Interindividual behaviour and intergroup behaviour. In H. Tajfel (Ed.), *Differentiation between social groups - studies in the social psychology of intergroup relations* (pp. 27-60). London: European Association of Experimental Social Psychology by Academic Press.
- Tajfel, H. (1978). Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations. New York: academic.
- Tajfel, H., & Fraser, C. (1979). *Introducing social psychology*. [P. L. Barbieri, P. Paolis, L. Pombeni & C. Robotti (Trads.)], Bologna: Società editrice il Mulino.
- Tajfel, H. (1982). Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança. In A. F. Barroso, B. M. Silva, J. Vala, B. M. Monteiro, & M. H. Castro (Orgs.), *Mudança social e psicologia social* (pp. 13-24). Lisboa: Livros horizonte.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais II*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Tajfel, H. (1984). Interindividual behaviour and intergroup behavior. In H. Tajfel (Ed.), *Differentiation between social groups* (pp. 27-60). London: Academic Press.
- Tedesco, J. C. (2017). Ser imigrante e empreendedor: lógicas e sentidos. Aspectos da imigração brasileira na Itália. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, 22(1), 213-243.
- Trancoso, A. E. R., & Oliveira, A. A. S. (2014). Produção social, histórica e cultural do conceito de juventudes heterogêneas potencializa ações políticas. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 137-147.
- Toneli, M. J. F., & Perucchi, J. (2006). Territorialidade homoerótica: apontamentos para os estudos de genérico. *Psicologia & Sociedade*, 18(3), 39-47.
- Torres, T. L., Camargo, B. V., & Bousfield, A. B. S. (2016). Estereótipos sociais do idoso para diferentes grupos etários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(1), 209-218.
- Turner, J. C. (1984). Social identification and psychological group formation. In H. Tajfel (Ed.), *The social dimension* (pp. 518-537). Cambridge: Cambridge University Press.
- Tscheschner, D. (1993). Der „Ideenwettbewerb zur sozialistischen Umgestaltung des Zentrums der Hauptstadt der Deutschen Demokratischen Republik, Berlin“. In Helmut, Engel & Wolfgang, Ribbe (Orgs). *Hauptstadt Berlin – Wohin mit der Mitte?*. (pp. 201-220). Berlin: Akademia Verlag GmbH.
- United Nations – Department of Economics and Social Affairs (2013). *International Migration 2013*. Recuperado em 26 de outubro de 2015 de: <http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/wallchart/docs/wallchart2013.pdf>
- Uriarte, U. M. (2012). O que é fazer etnografia para os antropólogos. *Ponto Urbe - Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, 11(1), 01-23.

- Vala, J. (2004). Representações sociais: para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia Social* (569-602). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vasconcelos, M. F. F., Zago, L. F., Machado, D. O., & Ross, C. R. (2011). Os limbos felizes da não-identidade: tensões e implicações. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, *11*(3), 1217-1264.
- Veronese, M. V., & Guareschi, P. (2005). Possibilidades solidárias e emancipatórias do trabalho: campo fértil para a prática da Psicologia Social Crítica. *Psicologia & Sociedade*, *17*(2), 58-69.
- Vial, A. C., Brescoll, V. L., Napier, J. L., Dovidio, J. F., & Tyler, T. R. (2018). Differential support for female supervisors among men and women. *The Journal Of Applied Psychology*, *103*(2), 215–227.
- Vidal, M. O. (2017). Migração e remessas Espanha/América Latina- Brasil: implicações, vantagens e desvantagens. In J. C. Becerril, B. J. Arce, & E. S. Forero (Orgs.), *Migración Internacional: Voces del Sur*, (pp. 113- 127). Secretaría de Investigación y Estudios Avanzados Centro de Investigación y Estudios Avanzados de la Población Cuerpo Académico Migración Interna e Internacional: Universidad Autónoma del Estado de México.
- Vilela-Ardenghi, A. C. N. C. (2014). Minha terra tem palmeiras: aspectos discursivos da construção de um espaço tipicamente brasileiro. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos e Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. 225f.

- Villas-Boas, S., Oliveira, A. L., Ramos, N., & Montero, I. (2015). Conhecimento da comunidade local para a elaboração e implementação de programas intergeracionais. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 32(1), 189-197.
- Vogel, D. (1996). Flüchtlingspolitik als tragische Wahlhandlung. In H. Galler, G. Steinmann, & G. Wagner (Eds.), *Acta demographica 1994-1996* (pp. 69-81). Heidelberg: Physica.
- Watson, D., Clark, L., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: the PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1070.
- Weber, F. (2009). A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? *Horizontes Antropológicos*, 15(32), 157-170. Weber, Ursula. (2002). Der Polenmarkt in Berlin: zur Rekonstruktion eines kulturellen kontakts in Prozße der politischen Transformation Mittel – und Osteuropas. Neuried: Ars Una Verlagsgesellschaft mbH.
- Wenden, C. W. (2015). Une nouvelle donne migratoire. *Politique Étrangère*, 01(3), 95-106.
- Williams, J., Bolland, K. A., Hooper, L., Church, W., Tomek, S., & Bolland, J. (2014). Say it loud: the Obama effect and racial/ethnic identification of adolescents. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 24(7), 858-868.

Apêndices

APÊNDICE 1

Modelo de Diário de Campo - Estudo 1

DIÁRIO DE AÇÕES DE PESQUISA

Dimensão geo-territorial

Espaço/ Evento social	Localização/ Endereço	Descritores do ambiente (O que há nele? Quem o frequenta? O que se discute?)	Funcionalidade do local	Mapa

Relações Sociais

Local/Data	Pessoas envolvidas (número e identificação)	Descrição da atividade/situação	Relatos	Impressões

Indivíduos

Local/Data	Pessoas envolvidas (número e identificação)	Descrição de comportamentos e atitudes	Enunciação de falas	Impressões

Diário de pesquisa

Situação	Anotações referentes aos planos de análise e redação

APÊNDICE 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Estudo 2



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.) (Em 2 vias, firmado por cada participante e pelo responsável)

Eu, _____, tendo sido convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa “Comunidade brasileira em Berlim: análise dos processos identitários entre imigrantes”, recebi da pesquisadora Roberta Rangel Batista, responsável pela pesquisa, sob orientação da Professora Dra Mariana Bonomo, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), as seguintes informações que me fizeram entender, sem dificuldades e sem dúvidas, os seguintes aspectos:

- Que o estudo tem como objetivo analisar os processos identitários entre imigrantes pertencentes à comunidade brasileira em Berlim, na Alemanha.
 - Que os resultados desta pesquisa gerarão benefícios, tais como: 1) A ampliação do corpo de conhecimento que se tem produzido sobre a população brasileira emigrante e suas formas de organização, visto que este é um tema pouco explorado em pesquisas em Psicologia e com crescentes demandas de investigação; 2) Gerar subsídios para a reflexão das políticas públicas produzidas para o *brasileiro emigrante* e para a comunidade brasileira no exterior; 3) Expandir e suscitar maior interesse da academia na investigação dessa categoria social.
 - Que a participação nesse estudo não prevê nenhum risco para mim, porém se for constatado algum risco ou dano à minha pessoa, minha participação será encerrada e a pesquisadora me dará apoio psicológico e o que mais for necessário para a recuperação do meu bem-estar.
 - Que esse estudo começará em janeiro de 2017 e terminará em julho de 2017.
- Que eu participarei da etapa de coleta de dados, através da entrevista.
- Que o estudo será feito a partir de entrevistas baseadas em um roteiro estruturado, realizadas individualmente com cada participante, sendo a minha entrevista gravada com minha autorização a partir do final da leitura deste termo.
 - Que serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo e que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando dele e poderei retirar esse consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
 - Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa e que a divulgação dessas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.
 - Que os resultados dessa pesquisa poderão ser publicados em revistas científicas, com o objetivo de gerar novos conhecimentos para a capacitação de profissionais e que, nesta divulgação, a minha identificação não será possível.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa

Universidade Federal do Espírito Santo, Depto de Psicologia Social e do Desenvolvimento. Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, CEP 29075-210, Vitória – ES

Telefones para contato: 4009-2505 (institucional) e +5527 998075546 (Roberta Rangel Batista)

Divulgação dos resultados: roberta.ufes2012@gmail.com

Assinatura do voluntário	Roberta Rangel Batista Pesquisadora
--------------------------	--

APÊNDICE 3

Instrumento do Estudo 2

Procedimento de aplicação

Os procedimentos descritos, a seguir, serão integralmente aplicados considerando, primeiramente, o objeto *Brasileiros*, e, depois de concluídos os três momentos de investigação previstos, será procedida a associação em rede também para o objeto *Alemães*. Na sequência, serão solicitadas ao participante informações de natureza sócio-demográfica.

Primeiro momento: I Atribuição de estereótipos, sentimentos (afetos) e valores aos grupos

- 1) Inicialmente, os participantes serão solicitados a associar 05 elementos que vêm à cabeça quando escutam a palavra *brasileiros*. (Dimensão a: Atribuição de *estereótipos*)
- 2) Em seguida, serão solicitados a associar cada um destes 05 elementos elencados anteriormente a um *sentimento*. Para esta associação, será utilizada como referência a listagem de sentimentos PANAS reduzida e adaptada (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005), disposta em uma placa que será entregue ao entrevistado. (Dimensão b: Atribuição de *sentimentos/afeto*)
- 3) Após a associação de sentimentos, os sujeitos serão convidados a associar um valor que consideram como justificativa para os 05 elementos mencionados na primeira dimensão (Dimensão a: atribuição de *estereótipos*). O Questionário de Valores Psicossociais (QVP – 24) será utilizado como referência para as respostas relativas aos valores associados aos objetos (Dimensão c: Atribuição de *valores psicossociais*)

Segundo momento: II Escala Likert para atribuição a si mesmo (a)

- 1) Com o auxílio de uma escala Likert (com valores de 01 a 05), os indivíduos irão, inicialmente, julgar o quanto consideram que os 05 *estereótipos* elencados na primeira questão (Dimensão a), relacionam-se a eles (as) mesmos (as).
- 2) Posteriormente, com o auxílio da mesma escala, indicarão o quanto atribuem a si mesmos (as) os *sentimentos* elencados na segunda questão do primeiro momento (Dimensão b).
- 3) Depois, atribuirão, ainda com a escala de 01 a 05 pontos, o quanto consideram a si mesmos (as) os *valores* que relacionaram na terceira questão (Dimensão c) do primeiro momento.

Terceiro momento: III Atribuição de avaliação (+ ou -)

- 1) Inicialmente, em um terceiro momento, os indivíduos serão solicitados a atribuir polaridade positiva (+) ou negativa (-) aos *estereótipos* elencados na primeira questão do primeiro momento (dimensão a).
- 2) Em seguida, atribuirão polaridade (+) ou (-) aos *sentimentos* que elencaram na segunda questão do primeiro momento e (dimensão b).
- 3) Por fim, dirão se consideram (+) ou (-) os *valores* que elencaram na terceira questão do primeiro momento (dimensão c).

Evocações em Rede (adaptado de Bonomo, 2010)

Objeto: Brasileiros

I Atribuição de estereótipos, sentimentos (afetos) e valores ao grupo			II Escala Likert para atribuição a si mesmo (a)			III Atribuição de avaliação (+ ou -)		
a). O que te vem à cabeça quando eu falo <i>brasileiro</i> ?	b). O que você sente ao pensar nisso? (Ver Lista de sentimentos)	c). Qual destes valores você acha que produz isso? (Ver QVP 24)	a). Em uma escala de 1 a 5, quanto destas características você atribui a você mesmo (a)?	b). Em uma escala de 1 a 5, quanto desse sentimento você atribui a si mesmo (a)?	c1). Em uma escala de 1 a 5, quanto destes valores você atribui a si mesmo (a)?	a). Você considera estas características como positivas (+) ou negativas (-)?	b). Você considera estes sentimentos como positivos (+) ou negativos (-)?	c). Você considera estes valores como positivos (+) ou negativos (-)?
a1). _____ _____	b1). _____ _____	c1). _____ _____	a1). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	b1). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	c1). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	a1). (+) (-)	b1). (+) (-)	c1). (+) (-)
a2). _____ _____	b2). _____ _____	c2). _____ _____	a2). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	b2). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	c2). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	a2). (+) (-)	b2). (+) (-)	c2). (+) (-)
a3). _____ _____	b3). _____ _____	c3). _____ _____	a3). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	b3). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	c3). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	a3). (+) (-)	b3). (+) (-)	c3). (+) (-)
a4). _____ _____	b4). _____ _____	c4). _____ _____	a4). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	b4). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	c4). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	a4). (+) (-)	b4). (+) (-)	c4). (+) (-)
a5). _____ _____	b5). _____ _____	c5). _____ _____	a5). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	b5). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	c5). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	a5). (+) (-)	b5). (+) (-)	c5). (+) (-)

Objeto: Alemães

I Atribuição de estereótipos, sentimentos (afetos) e valores ao grupo			II Escala Likert para atribuição a si mesmo (a)			III Atribuição de avaliação (+ ou -)		
a). O que te vem à cabeça quando eu falo <i>alemão</i> ?	b). O que você sente ao pensar nisso? (Ver Lista de sentimentos)	c). Qual destes valores você acha que produz isso? (Ver QVP 24)	a). Em uma escala de 1 a 5, quanto destas características você atribui a você mesmo (a)?	b). Em uma escala de 1 a 5, quanto desse sentimento você atribui a si mesmo (a)?	c1). Em uma escala de 1 a 5, quanto destes valores você atribui a si mesmo (a)?	a). Você considera estas características como positivas (+) ou negativas (-)?	b). Você considera estes sentimentos como positivos (+) ou negativos (-)?	c). Você considera estes valores como positivos (+) ou negativos (-)?
a1). _____ _____	b1). _____ _____	c1). _____ _____	a1). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	b1). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	c1). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	a1). (+) (-)	b1). (+) (-)	c1). (+) (-)
a2). _____ _____	b2). _____ _____	c2). _____ _____	a2). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	b2). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	c2). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	a2). (+) (-)	b2). (+) (-)	c2). (+) (-)
a3). _____ _____	b3). _____ _____	c3). _____ _____	a3). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	b3). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	c3). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	a3). (+) (-)	b3). (+) (-)	c3). (+) (-)
a4). _____ _____	b4). _____ _____	c4). _____ _____	a4). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	b4). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	c4). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	a4). (+) (-)	b4). (+) (-)	c4). (+) (-)
a5). _____ _____	b5). _____ _____	c5). _____ _____	a5). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	b5). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	c5). • 1 • 2 • 3 • 4 • 5	a5). (+) (-)	b5). (+) (-)	c5). (+) (-)

Listagem de sentimentos - (PANAS: Watson, Clarke & Tellegen, 1988), versão em português reduzida adaptada por Galinha & Ribeiro (2005)

<input type="checkbox"/> Interessado (a)	<input type="checkbox"/> Culpado (a)	<input type="checkbox"/> Orgulhoso (a)	<input type="checkbox"/> Nervoso (a)
<input type="checkbox"/> Perturbado (a)	<input type="checkbox"/> Caloroso (a)	<input type="checkbox"/> Irritado (a)	<input type="checkbox"/> Determinado (a)
<input type="checkbox"/> Excitado (a)	<input type="checkbox"/> Assustado (a)	<input type="checkbox"/> Encantado (a)	<input type="checkbox"/> Trêmulo (a)
<input type="checkbox"/> Atormentado (a)	<input type="checkbox"/> Entusiasmado (a)	<input type="checkbox"/> Remorso	<input type="checkbox"/> Ativo (a)
<input type="checkbox"/> Surpreendido (a)	<input type="checkbox"/> Repulsa	<input type="checkbox"/> Inspirado (a)	<input type="checkbox"/> Amedrontado (a)

Questionário de Valores Psicossociais (QVP 24) (Pereira, Camino & Costa, 2004)

<input type="checkbox"/> Alegria	<input type="checkbox"/> Igualdade	<input type="checkbox"/> Religiosidade
<input type="checkbox"/> Amor	<input type="checkbox"/> Liberdade	<input type="checkbox"/> Riqueza
<input type="checkbox"/> Auto realização	<input type="checkbox"/> Lucro	<input type="checkbox"/> Salvação da alma
<input type="checkbox"/> Autoridade	<input type="checkbox"/> Justiça	<input type="checkbox"/> Sensualidade
<input type="checkbox"/> Competência	<input type="checkbox"/> Obediência	<input type="checkbox"/> Sexualidade
<input type="checkbox"/> Conforto	<input type="checkbox"/> Prazer	<input type="checkbox"/> Status
<input type="checkbox"/> Dedicção ao trabalho	<input type="checkbox"/> Realização profissional	<input type="checkbox"/> Temor a Deus
<input type="checkbox"/> Fraternidade	<input type="checkbox"/> Responsabilidade	<input type="checkbox"/> Uma vida excitante

Caracterização do participante

- 1) Há quanto tempo você saiu do Brasil? ____
- 2) Há quanto tempo você reside na Alemanha? ____
- 3) Sua atual condição é de:
 - Imigração (me fixei na Alemanha)
 - Imigração temporária (vou retornar em breve ao Brasil)
 - Outros (Especifique): _____
- 4) No futuro você:
 - Gostaria de voltar a viver no Brasil.
 - Quer viver aqui de maneira permanente.
 - Quer viver em outro país, que não o Brasil.
 - Outro (Especifique): _____
- 5) Qual é a sua profissão? _____

- 6) Você está empregado neste momento?
- Sim
 - Não
- 7) Qual é a sua idade: _____
- 8) Sexo:
- Feminino
 - Masculino
 - Outro _____
- 9) Qual é o seu estado civil? _____
- 10) Qual é a sua escolaridade? _____
- 11) E-mail para contato: _____

Em caso de dúvidas entre em contato: roberta.ufes2012@gmail.com
Sua colaboração foi essencial para a realização desta pesquisa.

Muito obrigada por sua participação!

APÊNDICE 4
Termo de Assentimento para crianças entrevistadas - Estudo 3



Termo de Assentimento
 (Em 2 vias, firmado pela pesquisadora e pela criança convidada)

Convido você a participar de uma pesquisa, meu nome é **Roberta Rangel Batista** e eu sou psicóloga. Estou aqui para conversar com você sobre suas ideias a respeito de como é viver aqui em Berlim.

Título da pesquisa: “Comunidade brasileira em Berlim: análise dos processos identitários entre imigrantes”

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Bonomo.

- I. **Informações sobre os procedimentos:** Você irá responder algumas perguntas a respeito do que você pensa do Brasil e a respeito do que você pensa da Alemanha. Primeiro, você vai responder às perguntas desenhando e, em seguida, nós vamos conversar sobre os seus desenhos.
- II. **Qual é a importância da pesquisa?** Com essa pesquisa, nós pretendemos compreender como você percebe o Brasil e a Alemanha. Nós estamos tentando entender como os brasileirinhos se sentem vivendo aqui.
- III. **Quais são os seus direitos?** Você pode aceitar ou não participar da pesquisa; se você escolher não participar, não tem problema, tudo continuará como antes. Você também pode perguntar sobre qualquer tema relativo à pesquisa, nós estamos aqui para responder a todas as suas dúvidas.
- IV. **Quais são os riscos e os benefícios de participar desta pesquisa?** A pesquisa apresenta riscos mínimos a você, pois fazer você se lembrar de algumas emoções poderá gerar algum desconforto. Mas, assim que nós percebermos qualquer mudança na forma como você está se sentindo, nós iremos parar a atividade para podermos conversar.
- V. **Outras dúvidas:** Durante a pesquisa, tudo que você disser será mantido em segredo e para apresentação da pesquisa utilizaremos outros nomes para que ninguém possa te reconhecer.

Consentimento: Você concorda em participar da pesquisa? () Sim () Não

Caso você concorde, preciso que você assine seu nome completando a frase abaixo:

Eu _____ concordo em participar da pesquisa e receberei uma das duas folhas que assinei.

Berlim, Alemanha ____ de _____ de 2016.

Prof. Dra. Mariana Bonomo Orientadora	Roberta Rangel Batista Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia PPGP / UFES
--	--

APÊNDICE 5

Termo de Autorização para os responsáveis legais das crianças entrevistadas - Estudo 3



Termo de Autorização

(Em 2 vias, firmado pela pesquisadora e pelo responsável)

Eu, _____, CPF/RG/Passaporte: _____

responsável legal por _____, que foi convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa “Comunidade brasileira em Berlim: análise dos processos identitários entre imigrantes”, recebi da pesquisadora Roberta Rangel Batista, responsável pela pesquisa, sob orientação da Professora Dra Mariana Bonomo, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), as seguintes informações que me fizeram entender, sem dificuldades e sem dúvidas, os seguintes aspectos:

- Que o estudo tem como objetivo analisar os processos identitários entre imigrantes pertencentes à comunidade brasileira em Berlim, na Alemanha.
- Que os resultados desta pesquisa gerarão benefícios, tais como: 1) A ampliação do corpo de conhecimento que se tem produzido sobre a população brasileira emigrante e suas formas de organização, visto que este é um tema pouco explorado em pesquisas em Psicologia e com crescentes demandas de investigação; 2) Gerar subsídios para a reflexão das políticas públicas produzidas para o *brasileiro emigrante* e para a comunidade brasileira no exterior; 3) Expandir e suscitar maior interesse da academia na investigação dessa categoria social.
- Que a participação nesse estudo não prevê nenhum risco para mim, porém se for constatado algum risco ou dano à minha pessoa, minha participação será encerrada e a pesquisadora me dará apoio psicológico e o que mais for necessário para a recuperação do meu bem-estar.
- Que esse estudo começará em janeiro de 2017 e terminará em julho de 2017.
- Que eu participei da etapa de coleta de dados, através da entrevista.
- Que o estudo será feito a partir de entrevistas baseadas em um roteiro estruturado, realizadas individualmente com cada participante, sendo a minha entrevista gravada com minha autorização a partir do final da leitura deste termo.
- Que serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo e que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando dele e poderei retirar esse consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa e que a divulgação dessas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.
- Que os resultados dessa pesquisa poderão ser publicados em revistas científicas, com o objetivo de gerar novos conhecimentos para a capacitação de profissionais e que, nesta divulgação, a minha identificação não será possível.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa

Universidade Federal do Espírito Santo, Depto de Psicologia Social e do Desenvolvimento. Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, CEP 29075-210, Vitória – ES

Telefones para contato: 4009-2505 (institucional) e +5527 998075546 (Roberta Rangel Batista)

Divulgação dos resultados: roberta.ufes2012@gmail.com

Assinatura do (a) responsável	Roberta Rangel Batista Pesquisadora
-------------------------------	--

APÊNDICE 6

Criação das *mapas mentais* – Estudo 3

Início da entrevista: “Vamos brincar de desenhar?”

Temos aqui vários lápis de cor e papel. A tarefa será a de desenhar as respostas das perguntas que serão feitas. Vamos lá?!

Primeiro momento: “Desenhando lá e cá”

- 1) Primeira tarefa: Vamos desenhar o mundo?
- 2) Segunda tarefa: E agora, como seria o lugar em que você vive? Vamos desenhá-lo?
- 3) Terceira tarefa: Vamos desenhar o Brasil?
- 4) Quarta tarefa: E um brasileiro, vamos desenhá-lo também?

Segundo momento: “Conhecendo os desenhos”

- 5) O que tem nesse mundo que você desenhou? Me fale sobre ele...
- 6) Como é o lugar em que você vive? Me fale sobre o que você desenhou... Como é sua vida aqui? O que você faz? Como são as pessoas daqui?
- 7) E o que tem no desenho que você fez do Brasil? Como é o Brasil? Como você acha que é a vida no Brasil?
- 8) Quem é essa pessoa brasileira que você desenhou? O que ela faz? Como ela é?

Terceiro momento: “Estória integrada entre os dois territórios”

- 9) Vamos criar uma estorinha sobre o lugar em que você vive e o Brasil? (pedir para a criança escrever ou gravar a estória contata).

APÊNDICE 7

Estorinhas na íntegra – Estudo 3

Estorinha 1 - Davi

-Um homem foi para a Alemanha com uma nova comida lá. A comida se chamava “feijoada”! Ele deu está comida para todo mundo e todo mundo ficou feliz. Aí, depois, veio um outro homem e este outro homem entregou “coxinha” e ninguém mais gostou de feijoada. Ninguém mais gastou dinheiro. Em todo aniversário era sempre coxinha, coxinha, coxinha. Coxinha faz todo mundo feliz. Aprenda isso: Coxinha faz você feliz. Mas, principalmente, feijoada.

Estorinha 2 - Lorena

-Bom, eu ganhei um prêmio aqui na Alemanha, porque eu participei de um concurso que tinha que escrever estorinhas. Várias crianças participaram e tinham que escrever estorinhas sobre o Brasil. Sobre a nossa família, da relação com a nossa família do Brasil, como é que a gente se sente separados. Como é que a gente achava que era antes, quando os nossos pais nem viviam aqui, essas coisas. Daí eu fiz uma estória que se chama “o salsichão”. A minha mãe quando ainda estava grávida, eu pensei: “como será que era ela grávida?”. Daí, eu pensei nela primeiro ligando para a minha vovó falando: “oi, mãe, blábláblá, vou ganhar um bebê”. Daí, minha vovó fala assim: “ah, a gente vai para aí amanhã”. E eles vieram, e minha mãe já estava comigo. Ela tinha me ganhado na mesma noite. Eles chegaram e perguntaram meio em alemão, meio em inglês, e ninguém entendia nada: “Onde está a Cristina?”. Aí, eles foram no quarto e estava eu lá com a minha mãe a minha mãe estava enfiando um salsichão na minha boca. É uma estória muito engraçada.

-rs

-Essa é sobre a minha família. Mas, sobre o Brasil e a Alemanha, eu acho que... eu gosto... eu não sei qual que eu gosto mais. Eu não gosto de nenhum. Eu acho que eu gostaria de ir morar no Brasil. Acho que seria uma boa experiência, mas, em uma cidade pequena. Eu acho que eu seria bem feliz também com a minha família lá do Brasil. E minha mãe também seria muito feliz lá, mesmo que fosse só por um tempo. Mas, eu sentiria muita saudade da Alemanha também. Eu acho que para viver para sempre não. Acho que eu não iria conseguir viver para sempre no Brasil.

Estorinha 3 - Mariana

O meu pai... ele estava no Brasil, porque ele queria conhecer lá. Estava viajando. E ele foi para São Paulo e conheceu a minha mãe. Não... Aí ele estudou na USP e aí eles se apaixonaram. Eles casaram, me ganharam. E aí eu fiquei 05 anos lá. Não...fiquei 02 anos lá. Aí nós fomos para Stuttgart e voltamos. Lá eu tinha uma casa. Mas, eu voltei quando tinha 04 anos, fiquei 1 ano lá. E voltei de novo. Agora a família está em Berlin. Fim!

Estorinha 4 - Felipe

-Hm... vou pensar um pouquinho...Tá... Era uma vez um menino, que morava no Rio. Ele era pobre e, na rua, ele viu que tinha um concurso de corrida, uma corrida. Aí ele se inscreveu e ficou treinando, sabe? Ficou treinando em um campo. Aí, quando chegou no dia da corrida. Ele estava perdendo, mas pegou velocidade e ganhou a corrida. E ganhou uma viagem para a Alemanha. Ganhou lá uma casa.

-Aqui na Alemanha?

-Unhum. Aí, ele começou a testar os caminhos, começou a conhecer tudo, como era Berlin e gostou. Começou a aprender alemão. Entrou em um curso de alemão. Entrou em uma escola aqui que fala português e alemão.... e ele foi crescendo e virou adulto. Acabou.

Estorinha 5 - Samuel

-Eu nasci da barriga da minha mãe. Cortaram a barriga e eu saí. Aí eu estava em casa, com 2 ou 3 anos, e a gente teve um cachorro que se chama Lua. E outro que se chama Guapo. E um cachorro gritou com o outro. Ficou machucando os outros. E o cachorro morreu...como é que se diz... não porque estavam machucando, mas porque estava muito velha.

-E aí?

-Aí meu pai foi ao Brasil e me levou, com minha mãe junto, para Berlin. Agora eu estou com 9 anos e no maio ou abril minha mãe vai para o Brasil. 3...3...eu esqueci como chama “Wochen”

-3 semanas?

-Isso. Três semanas em Brasil. E vem de volta. Eu e meu pai vamos ficar aqui, comendo e dormindo. E quando minha mãe chegar de novo, eu e meu pai estaremos na Ost See. Lá a gente vê o vento muito forte e consegue também voar. Por causa disso que eu queria ir com meu pai lá. E vou ficar dois dias, ou duas semanas lá.

Estorinha 6 - Isabela

-Era uma vez... sobre duas garotas. Na verdade, um garoto e uma garota. Eles não eram irmãos. A garota era da Alemanha e o garoto era do Brasil. Eles já eram adultos, mas, não tinham casado ou coisas assim. E a garota foi estudar no Brasil. Porque ela queria aprender outra língua para poder se comunicar melhor. Quando ela chegou no Brasil, ela era sempre a primeira, chegava em

ponto, tudo era organizado. E, quando ela olhava para os brasileiros, a mesa dos outros não estava tão organizada quanto a dela. Tipo, papel bem no lugarzinho, era a mesa dela. E a mesa dos outros tinham os papéis assim...Não que tenha que ser tudo em um lugar, tudo bem certo. E, ela ficou mais de um ano lá. Ela foi se acostumando um pouco mais com o pessoal do Brasil e percebeu que não tem que ser tudo perfeito. E, claro que a mesa dela ainda era arrumada, mas, ela não chegava mais todo dia exatamente em ponto, ou 1 ou 2 minutos atrasada. Então, ela sabia que podia só respirar, que a vida vai estar lá. E o garoto era do Brasil. Era do jeito que ele era. Quando ele ainda estava no Brasil, ele sempre chegava 15 minutos...um pouquinho, no trabalho. Não atrasado, mas, um pouquinho depois. Tudo bem, ele vai lá, chega no trabalho, conversa, aí começa a trabalhar e fala com os amigos dele. Típico brasileiro. Mas, aí, ele decidiu ir para a Alemanha. Aí, ele arrumou um trabalho aqui e percebeu que não dá para ele...como os alemães dizem... Na verdade, não é só como os alemães dizem..Mas, que tem que chegar mais em ponto. Ele tentava. Mas, é claro que ele chegava, às vezes, 5 minutos um pouquinho atrasado. Mas, ele se esforçava e sabia que não tem que. Tem que tentar, se esforçar ao máximo para saber a cultura dos outros...sei lá o que. Claro que ele tem que ficar do jeito dele, não precisa se mudar. Só que ele tem que saber que também tem outro jeito de fazer. Não é só tudo ‘respirar, seguir em frente e ver o que vai acontecer’. É claro que você tem que ver o que vai acontecer, mas, também tem que querer o que vai acontecer. É.

Estorinha 7 - Liam

Sim. Era uma vez um cara que adorava a Alemanha. Mas, aí ele não gostou porque aqui estava todo mundo falando palavrão. Aí ele tentou ir para o Rio. Mas, lá também falam. Mas, ele achou mais legal o Brasil porque dá para entrar na água quando você quer. Fim. Sim.

Estorinha 8 – Vitória

-Ixi...Nossa...Acho que tenho que pensar. (alguns segundos depois). Sei lá, eu gostaria que os alemães “aprendem” mais com os brasileiros, a serem mais amorosos. Sei lá, eles são mais legais. E queria que os brasileiros aprendessem a ser mais sinceros e certos. E o governo também.

-Se você pudesse fazer uma estória para essa moça que é brasileira e veio para a Alemanha, como é que seria?

-Nossa! Eu não sei nem se ela conseguiria. Porque ela mora numa casa “tipo” menor. Tem um pouquinho menos de dinheiro. Mas, tem amigos. Porque lá, sei lá, as pessoas são mais assim...mais abertas, eu acho. E eu acho que se ele viesse para a Alemanha, ela acharia muito legal.

Estorinha 9 – Maria

-Eu queria que você me contasse uma estória que tivesse o Brasil e a Alemanha.

-Eu já criei uma.

-Então me conta?

- É uma estorinha em quadrinhos muito engraçada (pega outro papel e começa a desenhar os quadrinhos). O título da estória em quadrinhos é “Vovós não aprendem alemão”.

(pausa para fazer o desenho dos quadrinhos)

-Terminei!

-Então me conta essa estorinha. Estou curiosa.

-Então, é porque a minha avó ela sempre fala dRei (significa “três” em alemão ênfase no R), duai, dRei, duai...

-Como se fosse inglês?

-Sim. Aqui estou eu e minha mãe. A vovó vem. Aqui ela está no avião e daí CHEGOU! Aí eu estou aqui e falo 'eins, zwei', aí ela 'ins, tivis'. E eu drei, ela dRei. E eu drei, ela dRei. E eu drei, ela dRei... passa duas semanas e eu "DREI" e ela 'dRei, duai'. Aí no final eu DREI, DREI, DREI e ela drei, drei, drei.

-Então ela conseguiu?

-Sim. Depois de duas semanas. Quando consegue, vai embora.

Obs. Rebeca, Lisa e Matheus (crianças mais novas da amostra) não se sentiram a vontade para esta etapa.